

Fidélis Dalcin Barbosa

VACARIA DOS PINHAIS



*Escola Superior de Teologia S. Lourenço
Universidade de Caxias do Sul*



Fidélis Dalcin Barbosa

FONTES DE INFORMAÇÃO

As informações para a composição da presente História do Município de Vacaria foram colhidas em numerosas obras, especialmente em “No Planalto” de Manuel Duarte, “Rainha do Planalto” de José Fernandes de Oliveira, Relatórios de diversos Prefeitos, sobretudo do Dr. Sátiro Dorneles de Oliveira Filho e Luís Schüller, “O Capuchinho Frei Gentil” de Frei Alberto W. Stawinski, “Comunidades Indígenas Brasileiras, Polonesas e Italianas” de Bernardin D’Apremont e Bruno de Gillonnay, “Antropologia Visual da migração Italiana” de Rovílio Costa, “Criteriologia” de Frei Pacífico de Bellevaux, “Viagem no Tempo e no Espaço” de Cassiano Ricardo, “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, “Anuário da Província do Rio Grande do Sul”, Almanaque Laemmert, jornais: A Pátria, Concórdia, O Imparcial, O Liberal, O Republicano, O Tempo, O Martello, A Rua do Vinagre, Revista dos Rodeios, Correio do Povo e, especialmente, Correio Vacariense.

Fidélis Dalcin Barbosa

Vacaria dos Pinhais



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Fidélis Dalcin Barbosa

Vacaria dos Pinhais

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, História. -Porto Alegre: Edições EST, 1978.
248p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/01/2014

Capa: Igreja Catedral de Vacaria, 1944.

Contra capa: Praça Central de Vacaria, 1944.

B238vBarbosa, Fidélis Dalcin, 1915-

Vacaria dos Pinhais [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.

E-book (formato PDF).

ISBN978-85-8326-060-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Rio Grande do Sul – História. 2. Vacaria (RS) – História. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

SOU VACARIANO	10
ORIGEM DO NOME	12
PRIMEIROS POVOADORES	15
FUNDAÇÃO DA CIDADE	19
CAMPOS DE VACARIA	25
A EPOPEIA DAS TROPAS	29
AS PRIMEIRAS FAZENDAS	32
A PARÓQUIA	35
TRONCO ILUSTRE	40
criação do município	42
DATA MUNICIPAL DE VACARIA	46
ÚLTIMO ASSALTO DOS COROADOS	48
VACARIA NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA	53
A VARÍOLA	55
REVOLUÇÃO DE 1893	58
HABITANTES DA SEDE EM 1900	61
A CATEDRAL	75
A DIOCESE	80
.....	86
GOVERNO MUNICIPAL	86
LAVOURAS DE OUTRORA	92
A REVOLUÇÃO DE 1923	95
OS CAPUCHINHOS EM VACARIA	100
PADRE FREI PACÍFICO	104
PADRE FREI EFRÉM	106
PECUÁRIA	108
TRANSPORTE	118
ENSINO	123
IMPRENSA	131
SAÚDE	146
SUPERFÍCIE	150
POPULAÇÃO	151
DADOS GEOGRÁFICOS	154
ESCRAVOS	156
COMÉRCIO	157
HOTÉIS	160
AGÊNCIAS BANCÁRIAS	162
INDÚSTRIA	165
AGRICULTURA	170
FRUTICULTURA	173
ESPORTE	175
IMIGRAÇÃO ITALIANA	180
SEMINÁRIO DIOCESANO	187
TRADICIONALISMO E RODEIO INTERNACIONAL	188



A PONTO DO SOCORRO	198
A COMARCA	202
EXÉRCITO EM VACARIA	204
ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO DORNELLES FILHO.....	209
GOVERNO MUNICIPAL EM 1978.....	212
NEVADAS	215
FESTAS E TRADIÇÕES	217
VESTUÁRIO	221
A CASA DO FAZENDEIRO	228
ALIMENTAÇÃO	231
FUNERAIS	234
RIO DO FRADE	236
GRANDE PRÊMIO DA LOTERIA ESPORTIVA	239
COXILHA GRANDE - SÃO PEDRO – 6º DISTRITO	241
ESTEIRA - CAPELA DA LUZ – 8º DISTRITO.....	246
FAZENDA DA ESTRELA - 10º DISTRITO.....	248
SEGREDO - 9º DISTRITO	252
IPÊ - 4º DISTRITO	259
SÃO MANUEL - 3º DISTRITO.....	266
MUITOS CAPÕES – 7º DISTRITO.....	271
REFUGIADO – 5º DISTRITO	277
SÃO PAULO - 11º DISTRITO.....	279
ITUIM - 2º <i>DISTRITO</i>	280
SERVIÇO PÚBLICO	281
FINANÇAS	286
VIDA SOCIAL.....	287
CASSIANO RICARDO EM VACARIA.....	290
VULTOS VACARIANOS.....	293
criação da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira	297
CAPELA DE SÃO BERNARDO.....	298
ÍNDICE DAS FIGURAS.....	301



SOU VACARIANO

Eu vim de São Paulo. Vim de Laguna, de Portugal, do Arquipélago dos Açores. Vim de Minas Gerais, do Rio de Janeiro. Vim de outros recantos.

Vim abrindo caminho pelo sertão agreste e bruto, galgando montanhas, vadeando rios caudalosos, enfrentando as setas do índio guaianá, do botocudo, do coroadado, do caingangue. Por mais de um século resisti audacioso à pertinaz perseguição dos primitivos donos dos Campos de Vacaria.

Para minha defesa, levantei meu primeiro rancho no topo da coxilha, ponto de vigia contra a agressividade indígena.

Aqui cheguei, para me estabelecer nos sertões do Planalto, quando o sol da civilização principiava a despontar nos horizontes do Continente de São Pedro.

Nos tormentosos primórdios de minha implantação, como uma bênção do céu a Virgem Nossa Senhora da Oliveira me apareceu milagrosamente. Entronizei então sua linda imagem em modesta ermida, numa prece a implorar proteção sobre minha família e meus campos.

Mas a minha celestial Padroeira merecia um trono mais digno. Então, pera por pedra, levantei-lhe um templo soberbo, do mais subido valor artístico, autêntico orgulho de um vacariano.

Fui abençoado. Como dádiva de Deus, encontrei aqui, nesta amplidão da campina sem fim, imensos rebanhos, providencialmente introduzidos outrora pelos Padres das Missões.

Domestiquei e aquerenciei estes rebanhos e tornei-me criador de gado. Ao longo do caminho da serra, aberto por Francisco de Sousa e Faria e Cristóvão Pereira de Abreu, escrevi a epopeia das tropas, arrostando todos os perigos, em demanda de Sorocaba.

Por longos anos, toquei o rosário da tropa de cargueiros rumo do litoral, transpondo a truculenta Serra dos Aparados e, mais tarde, a Serra das Antas, em busca de Torres, de Conceição do Arroio, de Santo Antônio da Patrulha, de São Leopoldo, de Taquara do Mundo Novo...

Minha fazenda, perdida no descampado, tornou-se aos poucos uma pequena cidade, de portas abertas, dia e noite, para

quantos demandassem as distâncias.

Meus campos eram virgens, enfeitados de capões e restingas de altos pinheiros gemedores. Campos abertos, onde meu gado se entreverava com o gado do vizinho, na maior liberdade, fraternalmente.

Montado no meu pingo, cortava a campina deserta, imensa, pontilhada de reses a pastar, emoldurada ao longe por altivos pinheiros. Ah! os pinheiros da minha Vacaria dos Pinhais, que ofertavam, generosamente, a madeira para a construção do meu rancho! Pinheiros que no inverno atapetavam o solo de frutos para engordar o meu porco e a minha vaca.

Ao entardecer, quando o sol acendia uma fogueira por trás do pinhalão, como eu me enternecia ouvindo o canto da perdiz, o canto da seriema que enchia de nostalgia infinita a vastidão da campinaí.

Já noite, chegava eu então na primeira fazenda. Fosse embora desconhecido o seu proprietário, eu era sempre recebido com festa, sorrisos e abraços, tornando-me alvo da mais carinhosa hospitalidade.

Hoje é diferente. A bela paisagem de pastagem nativa desapareceu, para dar lugar à lavoura de trigo ou de soja. O velho pinhal tombou e com ele desapareceu a beleza que engalanava os horizontes, nos confins da fazenda.

Ah! os insultos do progresso, que acabaram com os encantos da Vacaria dos Pinhais!...



ORIGEM DO NOME

VACARIA, em castelhano baqueria, era nome dado a grandes extensões de campos naturais, onde os missionários jesuítas das Reduções e dos Sete Povos das Missões colocavam seus rebanhos, para se criarem soltos, alçados, formando reservas para as suas estâncias.

A Vacaria do Mar, situada entre a Lagoa dos Patos e os rios Jacuí e Negro, havia sido pilhada por espanhóis e portugueses. Para fugir à sanha predatória destes conquistadores, o superior provincial dos jesuítas, Pe. Lauro Nunes, em 1702, resolveu criar a Vacaria dos Pinhais, numa região que parecia inacessível a espanhóis e portugueses.

Era uma vasta região privilegiada, fortemente cercada por fronteiras naturais: ao Levante, a gigantesca muralha dos Aparados; ao Norte, o caudaloso rio Pelotas; ao Sul, o profundo rio das Antas; e, ao Poente, a imensa floresta mais tarde denominada Mato Português e Mato Castelhana. Região de incomparáveis belezas, de verdes campos ondulados, com abundantes matas e capões, quase sempre dominados pelo altivo pinheiro-araucária.

Os missionários conheciam a região há cerca de meio século, quando principiavam a catequese entre os índios. Percorrera-a o Pe. Cristóvão de Mendonza, mais tarde assassinado pelos próprios indígenas, no dia 26 de abril de 1635, na localidade hoje conhecida por Água Azul, em Santa Lúcia do Piaí, município de Caxias do Sul.

O Pe. Roque Gonzales, que também visitara a região, assim descreve, em seu relatório, os encantos que acabava de descobrir: “Planícies se estendem a perder de vista, descortinando paisagens variadíssimas e rasgando horizontes de dilatada amplidão; alternam com vales risonhos, enquanto lá no alto das serras negreja o verde-escuro pinhal, de copas arredondadas, imponentes no seu silêncio quase religioso, à luz abafada, onde erguem os braços ao céu, como que em súplica muda, mil candelabros gigantes, formados pelas esguias e possantes araucárias” (Teschauer).

Em 1692, os jesuítas haviam levantado nos Campos de Vacaria



marcos de pedra com a legenda “S.J.1692”. Um desses marcos encontra-se no museu da Prefeitura Municipal de Vacaria.

Em 1713, segundo Teschauer, os índios das Missões abriam picada através do Mato Português e do Mato Castelhana, penetrando na região do Planalto com 80 mil cabeças de gado vacum, com que iniciaram seus domínios pastoris.

Cristóvão Pereira de Abreu assim se refere ao fato: “Penetraram em campos mui dilatados, que vão confinar com uma grande Serra, em uma grande distância que se mete de por meio com as terras das aldeias dos Padres da Companhia, a qual Serra faz uma quebrada com matos mui espessos, e é por onde os ditos Padres, há poucos anos, com muito trabalho e força de braço e machado, abriram caminho para passar os primeiros gados” (Rev. do Inst. Hist. Bras. vol 69, pág. 268).

Segundo Teschauer, em 1718 danosa incursão portuguesa aniquilava os rebanhos desta região, provocando violenta reação missionária.

Francisco de Sousa e Faria, em 1727-1729, abrindo o caminho das tropas, a Estrada dos Conventos, por ordem do Governador de São Paulo, D. Antônio da Silva Caldeira Pimentel, encontrou nas rotas muitas cruzeiras (Lucas Boiteux). Nos Campos de Vacaria, descobriu uma grande cruz de madeira, com o seguinte leiteiro: “Maries 16-12-1727 pipe capítulo Marcos Omopo”. Substituiu então o leiteiro por estas palavras: “INRI — Viva el Rei de Portugal”.

A propósito destas incursões, referem as crônicas jesuíticas: “Entraram os portugueses abrindo caminhos, saqueando as vacarias, deixando um marco com este leiteiro: “Viva el Rei de Portugal”. A dez de julho de 1729, pelo mesmo caminho, tiraram milhares de cabeças de gado, cavalos e mulas”.

Conforme outros historiadores, o vicentino Manuel Dias da Silva, em 1735, teria ele penetrado nos Campos de Vacaria, onde abateu uma pesada cruz de pedra, com os seguintes dizeres: “Viva el Rei de Espanha, senhor destas campanhas”. Teria ele então levantado outra cruz com estas palavras: “Viva o mui alto e poderoso Rei de Portugal, D.João V, Senhor dos domínios deste sertão de Vacaria”.

Manuel Duarte (“No Planalto” pág. 14) é de opinião de que as mangueiras do interior de Bom Jesus, proximidades dos Aparados, foram construídas pelos jesuítas e seus índios. São mangueirões de dois metros de espessura e três de alto. A mangueira da

fazenda do Silveira era conhecida por "Mangueira dos Tapes". A segunda está localizada na antiga fazenda dos Ausentes e a terceira no Capão Grande.



Figura 1VACARIA na década de 1930, vendo-se à direita a casa de Mário Manso e a Prefeitura velha.

PRIMEIROS POVOADORES

A Estrada dos Conventos, também conhecida por Estrada das Tropas, Estrada da Serra, aberta por Francisco de Sousa e Faria, entre 1727 e 1729, ligando a região dos Campos de Vacaria e Lages a Curitiba e São Paulo, através da serra, e o caminho aberto por Cristóvão Pereira de Abreu, entre 1731 e 1732, propiciaram a vinda dos primeiros povoadores do sertão de Vacaria.

A fim de zelar pelo bom estado dos animais, à beira da estrada formaram-se estabelecimentos, onde eram dispensados cuidados ao gado. Assim teve início o povoamento efetivo dos Campos de Vacaria, logo após a fundação do forte Jesus-Maria-José, em Rio Grande, quando, em 1737, era fundado o futuro Estado do Rio Grande do Sul. Vacaria nasceu, pois, com o Rio Grande do Sul. Vacaria é a Porteira do Rio Grande no tempo e no espaço.

A primeira estrada, procedente do litoral, junto à barra do Araranguá, no Morro dos Conventos, galgava a serra dos Aparados pela Serra da Pedra e penetrava nos campos do Planalto, nas cabeceiras do rio Pelotas. A segunda, partindo de Viamão, cruzava o atual município de Santo Antônio da Patrulha, subia o arroio Rolante, transpunha o rio das Antas no Passo do Matemático (nome dado ao Pe. Diogo Soares, matemático a serviço do Rei), em Bom Jesus, e passava o rio Pelotas junto à confluência do rio dos Touros, no conhecido Passo de Santa Vitória, para onde, mais tarde, em 26-10-1780, o governador Xavier da Veiga transferiu da costa do rio Caveiras o Registro, Coletoria e Destacamento Militar, aos quais competia arrecadar o tributo das tropas e garantir a segurança contra os insultos dos índios.

Os dois referidos caminhos, destinados primitivamente ao comércio de gado, levaram para os Campos de Vacaria os seus primeiros povoadores, procedentes da Laguna, de São Paulo, os quais, vencendo rijamente a cruel hostilidade dos índios Guaianás, fundaram as primeiras fazendas.

A concessão das primeiras sesmarias ocorreu em 1752, na pessoa de Cristóvão Pereira de Abreu, Francisco de Sousa e Faria e Pedro da Silva Chaves. Este era lisboeta, homem de maus antecedentes, que a princípio havia se estabelecido em Lages,



passando após para os Campos de Vacaria, onde adquiriu fortuna e influência, com que fazia guerra sem trégua a Correia Pinto, fundador de Lages.

Por morte do coronel Cristóvão Pereira de Abreu, um morador do Riode Janeiro, João Batista Feijó, arrematou, em hasta pública, a sesmaria concedida ao pioneiro dos tropeiros.

Em 1738, por André Ribeiro Coutinho, foram concedidas sesmarias a José Ferreira Chaves, João da Silva Sousa e Manuel Alves, os quais, entretanto, abrindo mão, deixaram que fossem arrematadas, por estarem os donatários ausentes. Surgiu daí o nome de Ausentes, que ainda hoje se conserva como sede de um distrito de Bom Jesus, junto aos Aparados.

Em 1777, vindo de São Paulo, transitou pela Estrada do Sertão, cruzando o Passo de Santa Vitória, um corpo de exército, composto de seis mil homens, que se dirigiam para as fronteiras do Sul. Em sua passagem extorquiam tudo dos primeiros moradores de Lages e Vacaria (Enciclopédia dos Municípios).

Entretanto, os índios Guaianás não cessavam de obstaculizar enormemente os colonizadores do Planalto. A primeira leva de povoadores, em 1740, foi quase toda exterminada pela ferocidade indígena.

Conforme documento oficial, o capitão Joaquim José Pereira, proprietário de imensos latifúndios e grande séquito de escravos, praticara, em 1779, enorme mortandade entre os gentios, obrigando-os a recuar para a serra do rio das Antas.

Segundo carta do capitão Antônio Correia Pinto, os índios fizeram muitas mortes e grande estrago nas fazendas dos fundos de Vacaria, “e comeste temor se tem despovoado, e ajuntando um pequeno Corpo daqueles moradores, e dando neles mataram 78, e os que escaparam se reforçaram com maior número, e voltaram a darem em outras fazendas, que já tinham despovoado.

Em consequência — prossegue Correia Pinto — precariamente seguros e na iminência de outro insulto, os advenas recém posseiros venderam habitações e posses e rumaram a outras paragens, retrocedendo uns e avançando outros”.

Em seguida, os fazendeiros que moravam nas vizinhanças da serra do rio das Antas, nos atuais distritos de São Manuel, Vila Ipê e Segredo, continuaram a ser incomodados pelos bugres.

Os ataques destes contra os povoadores dos Campos de

Vacaria prolongaram-se por mais de um século. O último assalto ocorreu em 1851 e vem narrado em outro capítulo deste livro.

Data de 1780 a vinda de nova leva de migrantes, agora mais bem aparelhados, mais dispostos a enfrentar resolutamente o agressivo gentio.

Em 1785, havia 24 ocupantes de terras com títulos legais, e 64 eram ocupantes sem nenhum título, que aos poucos foi sendo adquirido. Umadas primeiras estâncias, que ainda conserva seu primitivo nome, é a de Nossa Senhora do Socorro, medindo três léguas de comprimento por uma e meia de largura, a qual teve por primeiro ocupante José de Campos Bandemburgo, que a legalizou em 1770, por despacho confirmado pelo Governador da Província José Marcelino de Figueiredo.

Clara Jorge da Silva, filha única de José de Campos Bandemburgo, casou com o lagunense Manuel Rodrigues de Jesus, considerado o Patriarca de Vacaria, do qual descende quase toda a primitiva população vacariense: Rodrigues, Vieira, Borges, Duarte, Domingues, Moraes, Pereira, Xavier, Siqueira, Soares, Pinto, Teles de Sousa, Ribeiro, Teixeira, Almeida, Fernandes, Carneiro, Ferreira...

Segundo o pesquisador José Fernandes de Oliveira, em seu livro "Rainha do Planalto", são considerados troncos pioneiros da população de Vacaria seis famílias:

José de Campos Bandemburgo e Maria do Rego Melo,
Manuel Rodrigues de Jesus e Clara Jorge da Silva,
Antônio Borges Vieira e Teresa Rodrigues de Jesus,
Manuel de Sousa Duarte e Maria Rodrigues de Jesus,
Antônio Manuel Velho e Ignácia de Jesus Velho,
Ignácio Fernandes dos Reis e Páscoa Fernandes de Oliveira.

No referido livro do professor José Fernandes de Oliveira, figura a genealogia completa destes seis troncos.





Figura 2 VACARIA em 1917, vendo-se a Praça da Matriz fechada por cerca de arame para impedir entrada de animais.

FUNDAÇÃO DA CIDADE

É certo que em 1740 já havia moradores espalhados pelos Campos de Vacaria. Contudo, não existia ainda um aglomerado de habitações que pudesse servir de berço a uma futura cidade. Um acontecimento extraordinário apresentou-se então, naquele tempo em que, em meio à hostilidade do índio, continuavam a afluir novos bandeirantes.

Foi no dia 8 de setembro de ano impreciso, por volta de 1750. No centro do Planalto nordestino, na sesmaria mais tarde cedida a Manuel Rodrigues de Jesus, no local situado na coxilha entre os arroios Uruguaizinho e Carazinho, procedia-se à habitual queima do campo. O posseiro, de nome desconhecido, ao cair da tarde, observou que o campo havia queimado a contento, com exclusão de umas touceiras de capim que o fogo havia poupado.

Ao aproximar-se do local, para saber por que a grama não havia queimado ali, viu, com surpresa, sobre uma pedra, uma pequena e linda imagem da Santíssima Virgem, trazendo no pedestal os dizeres “Nossa Senhora da Oliveira”, que é invocação de origem portuguesa.

Imediatamente, a imagem é levada para a casa daquele camponês. Diante dela, a família, com grande emoção, rezou o terço, invocando a proteção da Virgem Maria sobre o povo e os Campos de Vacaria.

Espalhada a notícia do admirável achado, surge entre os poucos moradores da redondeza a ideia da ereção de uma ermida, na coxilha, junto ao local da aparição da imagem. Foi então construída uma capelinha de paredes de barro e coberta de capim.

À hora do Angelus, os moradores reuniam-se junto à capela para orar à sua Padroeira, Nossa Senhora da Oliveira, cuja imagem aparecera tão providencialmente, em favor daquele povo que vinha de lançar os alicerces da futura cidade de Vacaria.

Diz a lenda, recolhida pelo escritor vacariano Manuel Duarte, que, chegando um dia de Viçosa um sacerdote e vendo aquela artística imagem em tão pobre ermida, resolve, contra a vontade dos moradores das vizinhanças, levá-la para uma igreja mais condizente, onde deveria ser entronizada. De nada valeram os protestos dos devotos, que chorando viram partir a linda imagem



de sua Padroeira.

No dia seguinte, entretanto, qual não foi o espanto e alegria do posseiro do campo, ao ver que a imagem se encontrava em seu lugar, na humilde ermida.

Infelizmente, a sua alegria durou pouco, porque de tarde reapareceu o padre forasteiro, queixando-se de que de noite lhe haviam furtado a imagem. E, sem importar-se com os novos protestos dos devotos, resgata a imagem, fugindo com ela, rumo de Viamão.

Diz a lenda que o fato se repetiu e pela segunda vez o padre retornou para levar a imagem. Desta vez, ele tomou cuidado de guardá-la dentro de uma canastra. Vai que, na serra do rio das Antas, o cavalo em que o padre ia montado, roda provocando a fratura de uma perna ao cavaleiro. Mas não foi este o maior pesar do sacerdote. O pior é que a imagem, durante a queda, havia desaparecido outra vez.

Mais tarde, já curado, o sacerdote retorna ao local da ermida, onde, como esperava, encontra a imagem. Convencido então tratar-se de um milagre, promete o ministro de Deus providenciar ao sentido de que fosse enviado um padre para atender aquele povo tão devoto de Nossa Senhora e construir uma igreja à Padroeira dos Campos de Vacaria, Nossa Senhora da Oliveira.

Efetivamente, anos depois, em 21 de março de 1761, era oficialmente ereta uma capela curada, que foi inaugurada em 21 de dezembro daquele ano, ficando sob a jurisdição da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, então distrito de Laguna. Em 20-10-1805, a ereção foi confirmada por Alvará.

Ficou sendo conhecida por “Capela do Continente de Viamão”, “Capelada Serra” e “Capela do Distrito dos Pinhais”.

Em 1768, a capela curada foi elevada à categoria de freguesia, com a posse do primeiro pároco, na pessoa do Pe. Dr. João da Costa Barros.

Esta igreja, de madeira, serviu de matriz até 1870, quando foi construída outra maior, sob contrato do carpinteiro José Santana, em local em que mais tarde foi construída a Casa Inca e hoje a Rádio Esmeralda.

Era de madeira de lei, com paredes duplas. Possuía lindo altar com esculturas de madeira, do mesmo estilo das igrejas de

Porto Alegre, conformenos relata o historiador José Fernandes de Oliveira.

Esta igreja serviu de matriz até 30-08-1919, quando então as imagens foram transladadas para a cripta do novo templo, ainda em construção, afutura Catedral de Pedra.

Em 1840, o proprietário do campo, Manuel Rodrigues de Jesus, passou para a filha Inácia Rodrigues de Jesus, casada com Francisco Borges Vieira. Este casal, certamente a pedido do primeiro proprietário, fez doação a Nossa Senhora da Oliveira de toda a antiga área urbana de Vacaria. D. Inácia e seus filhos, por escritura de 4 de fevereiro de 1854, confirmaram solenemente adoação incompleta.

Logo após a ereção da primeira capela, a humilde ermida de barro, espalhou-se a notícia de que todas as pessoas que a visitavam orando a Nossa Senhora da Oliveira, sentiam alívio dos seus males físicos e morais.

O local tornou-se então um ponto de romaria de devotos, para os quais foram sendo construídos ranchos de barro, cobertos de capim, ao redor da capelinha. Aos poucos, alguns moradores vieram fixar residência, ao redor da capela, dando assim início à fundação do povoado. Numerosos ex-votos conservados ao pé da imagem nesta capela e na futura, confirmam a notícia de graças alcançadas pelos devotos.

O povoado cresceu muito lentamente. Em 1851, logo após a criação do município, um estudioso identificado apenas pelas iniciais I.P.S.A, escreveu extenso artigo no Almanak do Rio Grande do Sul. Lemos nesse artigo:

“A vila de Vacaria é pequena, contando um quadrado de casas malconstruídas, possui nos arredores alguns ranchos, poucas e pequenas chácaras, que bem atestam o atraso da localidade. O templo, que é ereto numa casa particular, é dedicado a Nossa Senhora da Oliveira.”

Mais adiante, o mesmo articulista, referindo-se à freguesia de Lagoa Vermelha, distrito de Vacaria, escreve: “Lagoa Vermelha começou a povoar-se há três anos e já excede a vila de Vacaria”.

Em 1900, a vila contava com 140 casas e 631 habitantes, conforme se lê na obra “Rainha do Planalto” de José Fernandes de Oliveira, trazendo um interessante croquis e a relação completa de casas com o nome dos respectivos moradores. Trabalho de alto



valor histórico, que adiante reproduzimos.



Figura 3 José Maria da Fontoura Brito veio de Uruguaiana para Vacaria em 1881, tronco da numerosa família Fontoura Brito. A família Fontoura Brito conta com 16 gerações.



Figura 4 Major Daniel Ribeiro Martins, esteve na Guerra do Paraguai e teve cartório em Vacaria. Tronco da numerosa família Martins, de Vacaria.





Figura 5 Dr. Homero Guerreiro, filho de Sérgio Pilar Guerreiro, ao receber das mãos de Solano Borges a direção da Imprensa do Estado no governo do Cel. Euclides Triches, em 1965. Homero Guerreiro, vacariano, é um dos diretores do Jornal do Comércio, de Porto Alegre.



Figura 630.07.1970 - Bodas de Ouro de Teodoro de Sousa Duarte Sobrinho e Celina Lourenço Duarte, ambos de excelente saúde em 1978. Filhos: Dr. Dakir Lourenço Duarte, médico, Dr. Volmir, médico; Walday, fazendeiro do 4º Distrito, Ereni, casada com Petrônio Schüller, gerente do Banco do Brasil em S. Lourenço do Sul; Enilda, casada com o Dr. Otávio Silveira dos Santos,

CAMPOS DE VACARIA

Os tropeiros paulistas, que abriram caminho através do Planalto delimitado pelos rios Pelotas e das Antas, identificavam a região pelo nome de Campos de Vacaria. Estes abrangiam todo o território atualmente ocupado pelos municípios de Vacaria, Bom Jesus, Esmeralda, Lagoa Vermelha, Barracão e São José do Ouro.

Entre Lagoa Vermelha e o Mato Português, já nas proximidades da cidade, corre para o Uruguai o rio Passo Fundo, hoje mais conhecido por rio Passinho Fundo. A região oeste deste rio era denominada pelos tropeiros de Campos do Passo Fundo.

Para as bandas do nascente, os Campos de Vacaria tinham por limite o gigantesco antemural dos Aparados, da Serra Geral, ciclópica muralha natural, que chega a atingir, no seu ponto culminante, no pico do Realengo, no distrito de Silveira, em Bom Jesus, a altitude 1.500 metros.

O terreno dos Campos de Vacaria pertence à formação triásica. É ondulado e percorrido sempre pela Coxilha Grande, divisor das águas dos rios Pelotas e das Antas.

O Planalto dos Campos de Vacaria, sem ser montanhoso, apresenta uma infinidade de elevações, com vales e várzeas, oferecendo um aspecto pitoresco, realçado por numerosos capões e restingas, enquanto as encostas dos dois rios se revestem de densa mata. Em toda a região, está presente o vulto soberbo do pinheiro-araucária, que embeleza soberanamente os Campos de Vacaria dos Pinhais.

O referido estudioso, que em 1851 visitou os Campos de Vacaria, assim os descreve, quando matas e campinas não haviam ainda sido maltratadas pelos insultos do progresso:

“Os campos de Vacaria são mui ricos, vastos, pitorescos e amenos; oferecem dilatadíssima vista por serem menos simiosos que os da Serra (São Francisco de Paula), apresentam ao viajante risonhos horizontes e calma paisagem. No meio da campina imensa destacam-se capões de todas as grandezas, quase sempre compostos de pinheiro.

São escassos os banhados, à exceção de um ou outro tremedal ou atoladoiro, nos quais mesmo assim encontram-se



passos de fácil trânsito. Atrês léguas de distância da Serra das Antas e a uma do Pelotas, e do MatoPortuguês para o centro do distrito, vão rareando os capões, que só se avistam de longe em longe, como para não privar as campinas de seu precioso ornamento e assim continuam até às proximidades das serras do Pelotas e Uruguai, a cuja distância de três léguas, também pouco mais ou menos, tornam a multiplicar-se progressivamente, até cerrarem-se em matas compactas que bordam as mesmas serras de um e outro lado do Pontão (Barracão), isto é, do oriente para o ocidente.

Nessas campinas é que pode extasiar-se o homem verdadeiramente apreciador dos primores da natureza; nelas encontram-se caponetes, de cujo coração realçam simetricamente elevados um ou outro pinheiro, semelhante a perspectiva de suas cúpulas e ramificações paralelamente horizontais colunas com pedestais e capitéis.

Outras vezes já pela dilatação da vista e já pela harmoniosa variedade com que se espalham tais caponetes, desenvolve-se diante dos olhos o mais suave e delicioso panorama da natureza, o que bem sensivelmente toca o homem no fundo da alma”.

Os campos de Vacaria, à chegada dos primeiros povoadores, eram habitados pelos índios Guaianás (Coroados ou Caingangues), e, nas proximidades da Serra dos Aparados, pelos Botocudos.

A luta entre os colonizadores e o indígena forma um capítulo heroico da História de Vacaria. É incalculável o número de vítimas desta longa e feroz batalha.

Os pioneiros, que se aventuraram a enfrentar o mistério do sertão de Vacaria dos Pinhais, sofreram incriveis sacrifícios, privações e miséria, vivendo exclusivamente do gado. Era a idade do couro. Tudo era fabricado de couro: caixas, arcas, cestas, sacos, canastras, canoas (pelotas), toldos de carretas, redes, lastros de camas e até caixões mortuários. Todos os antigos ranchos eram de couro (J. Fernandes de Oliveira).

A princípio, o gado vacum era abatido no campo, para se aproveitar apenas o couro e o sebo. Depois começou a ser exportado a pé, inaugurando a soberba epopeia das tropas. Dos



Campos de Vacaria, dos Campos de Passo Fundo, de toda a região Missioneira e mesmo da Argentina, milhões decabeças de gado, milhões de mulas, cruzaram pelo Passo de Santa Vitória.

Foi em 1819 que o tropeiro paulista João de Barros abriu o caminho entre Cruz Alta e Vacaria, cruzando pela região dos Campos de Passo Fundo, Mato Castelhano, Campo do Meio e Mato Português. A nova estrada proporcionou a fixação de novos colonizadores na região da atual Lagoa Vermelha, cuja fundação por volta de 1845, se deve ao tropeiro capitão José Ferreira Bueno.

Desejando encurtar caminho entre a região das Missões e São Paulo, sem passar por Santa Vitória, em Vacaria, o Marquês de Alegrete, removido para São Paulo, concebeu o plano da abertura de outro caminho. Coube ao Conde de Palma esta tarefa, organizando uma expedição de 60 homens, sob chefia de Antônio da Rocha Loures, tendo na vanguarda o tenente Atanagildo Pinto Martins:

Partindo de Palmas, atravessaram o sertão de Campos Novos, de onde penetraram no Rio Grande pelo Pontão, nome dado à região do atual município de Barracão em virtude de um pontão de serra que avançava campo adentro. Era a famosa Reserva do Barracão, uma das maiores florestas de pinheiro-araucária do Estado, hoje destruída.

Em 1849, o governo da Província criou o posto de controle para fiscalização, com uma coletoria de cobrança de impostos. O barracão então construído no Pontão para abrigar os soldados, encarregados da fiscalização e da cobrança dos impostos, deu origem ao nome do atual município de Barracão, último reduto dos Campos de Vacaria.

Em 1859, era fundada a Colônia Militar de Caseiros, na entrada do Mato Português, hoje distrito de Lagoa Vermelha. Anos após, era aberta a Estrada Rio Branco, passando por São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Feliz, cruzando os atuais municípios de Caxias do Sul e São Marcos, atravessando o rio das Antas no atual distrito de Criúva, junto do distrito do Korff, em Vacaria, onde em 15-2-1907 foi inaugurada uma ponte metálica, de 128 metros de comprimento, 22 de altura e 4 de largura. Era a primeira ponte sobre o rio das Antas, até hoje em boa conservação.

A Estrada Rio Branco, cruzando por Vacaria, tornou-se importante para a economia da região. A sua abertura veio



proporcionar aos criadores dos Campos de Vacaria nova oportunidade de comércio. O gado começou a ser transportado para São Leopoldo, Taquara do Mundo Novo, Porto Alegre, mais tarde, para Caxias do Sul, Feliz, São Sebastião do Caí.



Figura 7 CAÇADA DE PERDIÇÕES – 1938 – Vacaria foi durante muitos anos o paraíso dos caçadores. Da esquerda: Tenente Karan, Carlos Leonardelli (de Caxias do Sul), João Issler e João Leonardelli. Naquele tempo, codorna era passarinho. Só se caçava perdiz, isto é, perdigão.



Figura 8 CAÇADA DE VEADOS em 1920, realizada na Fazenda do Cel. Libório Rodrigues, Aparecem: Gustavo Rodrigues da Costa (sentado), sogro do Dr. André Carrazzoni, Cel. Virgílio Rodrigues (tomando chimarrão); Lucas Borges (1º da Esquerda), Subdelegado da

A EPOPEIA DAS TROPAS

A estrada de Viamão a São Paulo passando pelos Campos de Vacaria cruzando o rio Pelotas no Passo de Santa Vitória, era conhecida por Caminhode Sorocaba. Primitivamente cruzava por Lages, Curitiba, Campo Largo e São José dos Pinhais. Com a abertura da estrada da Mata, do Rio Negro para o Sul, as próprias tropas, abreviando caminho, seguiam da Lapa ao rio Registro.

A abertura dessa estrada fez surgir as povoações de Itararé, Santa Cruz (Ponta Grossa), Palmeira, Campo Largo e outras.

A partir de 1730, o comércio de compra e venda de animais em Sorocaba tornou-se efetivo e regular. Segundo Aluísio de Azevedo, o movimento da feira foi: de 1724 a 1726, mil cavalos por ano; de 1731 a 1750, 2.000 cavalos por ano; de 1780 a 1800, 10.000 muas por ano; de 1800 a 1820, 20 mil muas por ano; de 1826 a 1845, 30 mil por ano; de 1845 a 1855, 50 mil muas; de 1855 a 1860, dez mil muas por ano.

A epopeia das tropas é assim descrita por F.L. Abreu de Medeiros: “A vida de tropeiro é, sem dúvida, a mais cheia de sobressaltos, de inquietações e sofrimentos. Romper sertões extensos, só habitados por indígenas e feras bravias; penetrar até os mais recônditos lugares do Rio Grande, e, se necessário, transpor os limites da Província; ir até os castelhanos em busca da melhor fazenda e de negócio mais vantajoso; voltar debaixo de rigoroso sol e copiosas chuvas, com uma tropa de quinhentas, oitocentas ou mil bestas; correr a extensão dos campos, entranhar-se pelas espessas matas após aqueles animais que fogem da ronda, que se extraviam continuamente, e que, por um pequeno descuido, se entreveram com tropas de outros donos; atravessar com grande risco de vida os rios caudalosos que cortam as estradas; comer ao romper do dia e à noite o mal cozido feijão de caldeirão e ovelho churrasco, saboreando também o infalível e proverbial mate-chimarrão; ver-se obrigado por falta de barraca, ou por impossibilidade de armá-la, dormir ao relento, sem outro teto mais que a abóbada celeste, estendido à beirade um arroio, sobre um chão duro, apenas forrado da xerga e da carona, repassados de



suor do matungo lerdo e cansado, tendo por travesseiro o lombilho, único arrimo que se conhece por esses despovoados para amparar acabeça e um pobre corpo alquebrado pelas fadigas do dia.

Nos meses de abril e maio começam a concorrer à Feira de Sorocaba, de um lado, os compradores, e de outro, os vendedores, com suas bestas em número mais ou menos de 40 a 50 mil, que dão o resultado de dois a três mil contos de réis.

As tropas são conservadas nas vizinhanças da cidade, em camposreúnos ou de aluguel e rondadas pelos camaradas até serem vendidas ou então seguirem o seu destino, ou então até voltarem para as invernadas por falta de compradores, a esperarem a feira seguinte...

Os animais comprados são entregues ao comprador após o pagamento de novos impostos e direitos provinciais no Registro de Sorocaba. O tráfego de muares entre o extremo-sul e as regiões do centro, em pouco tempo se constituiu uma das maiores fontes de renda da Província de São Paulo”.

Saint-Hilaire escreve: “Grande parte dos animais muares da feira é trazida da Província do Rio Grande. Essas tropas, manadas de bestas bravas, põem-se em marcha nos meses de setembro e outubro, época em que os pastos começam a reverdecer. Alguns negociantes fazem suas tropas viajar continuamente, chegando nos meses de janeiro, fevereiro e março. Outros deixam-nas se refazerem um ano inteiro nas proximidades de Lages, Santa Catarina. Os negociantes de Minas compram em Sorocaba suas mulas e as conduzem ao seu país, onde fazem amansá-las. Há anos que vêm 30 mil mulas do Rio Grande. Esse comércio proporcionava ao governo somas consideráveis. Em 1820 pagavam-se 3\$500 por mula vinda do Sul. Dessa importância 1\$000 pertencentes à Província do Rio Grande, deveriam ser pagos no Registro de Santa Vitória, margens do rio Pelotas, na divisa da Capitania. Para facilitar o comércio permitia-se que tudo fosse pago em Sorocaba. Em Santa Vitória, dava-se aos negociantes permissão de passagem, recebendo estes uma guia em que se achavam registrados o número e natureza dos animais, mediante entrega de obrigações, tiradas em duplicatas, do valor do imposto...”

Vacaria colaborou com o comércio das feiras de Sorocaba durante mais de um século, prestando relevantes serviços. O transporte de

tropas de mulas para São Paulo foi intenso durante todo o século passado, prolongando-se até a década de 1930, quando o advento do automóvel e do caminhão foi aos poucos acabando com o comércio de mulas.

Numerosos criadores dos Campos de Vacaria escreveram a epopeia das tropas, com sacrifício de vidas, vencendo mil obstáculos inerentes à dura profissão de tropeiros.



Figura 9 Nos rios de Vacaria havia outrora abundância de peixes. Aqui uma pescaria no rio Saltinho, realizada em 17-01-1926, por Adeodato Martins Paim e Otávio Rodrigues Paim.



AS PRIMEIRAS FAZENDAS

Quem nos descreve a penetração dos primeiros colonizadores e a formação das primeiras fazendas nos Campos de Vacaria, é o escritor Manuel Duarte, descendente das famílias pioneiras que imigraram para os sertões do Planalto nordestino.

Em 1758, divulgam-se os relatos das missões dos desbravadores Faria e Sousa e Cristóvão Pereira de Abreu. A notícia da existência de imensa região reúna, de excelentes pastagens naturais, povoada de gadaria sem dono, acende a cobiça da população de Laguna e grande parte da Província de São Paulo, que então compreendia o atual Estado do Paraná.

Forma-se então uma corrente migratória de gigantescas proporções, disposta a enfrentar o mistério do sertão, numa epopeia semelhante à que, um século mais tarde, escreveriam os imigrantes alemães e italianos em nosso Estado.

Em poucos anos, o extremo oriental de Vacaria dos Pinhais era ocupado pelos primeiros possesores latifundiários. Lentamente, vão sendo colonizados também os campos à jusante dos rios Pelotas e das Antas e, mais tarde, as bandas do poente, através da amplidão das campinas desconhecidas e incultas.

Famílias inteiras, parentes, vizinhos e amigos, com seu séquito de escravos, partem em caravana, dispostos a enfrentar todas as adversidades do imprevisto.

No Passo de Santa Vitória, transpõem um rio caudaloso e desconhecido, o qual por ser atravessado em canoas de couro, chamadas *pelotas*, receberá este nome, dado pelos bandeirantes. Os animais passam a nado, enquanto as pessoas e pertences cruzam o rio embarcados.

Galgam a serra, deslumbrados diante da majestade dos soberbos pinheirais. De repente dão com o esplendor da campina, que se rasga a perder de vista. São campos belíssimos, pontilhados aqui e acolá de manadas de gado vacum e cavalos, sem dono e alçado. Numerosos capões airosos, dominados soberanamente pela poesia sem fim dos pinheiros, realça o espetáculo, que se abre em flor num poema estonteante.

Vão andando. Param de quando em quando. Acampam. A



alimentação, se for na época do pinhão, não preocupa, e não preocupa em qualquer tempodo ano, diante de tanta rês e manadas de veados, pastando por perto, a tirode espingarda.

Depois de andarem algum tempo escolhem o sesmo que mais lhesagrade, cercado ao longe por negra restinga, quelhes servirá de divisa.

Muitas famílias já foram exterminadas pelos índios Guaianás e Botocudos, donos absolutos destes descampados. Por isso, acampam no alto deuma coxilha. Armam a barraca e aos poucos constroem o primeiro rancho.

A golpes de machado, derrubam um pinheiro. Formam pranchões comseu tronco e constroem a primeira casinha, erguida a cavaleiro da coxilha deonde se pode avistar de longe um possível ataque dos selvagens.

Acerca deste costume de construir as primitivas casas no alto de umacoxilha, diz Manuel Duarte que ainda hoje se encontram vestígios destasvelhas taperas no cume de elevações de terreno, em meio ao descampado.

Passada a época das incursões e assaltos dos índios Guaianás, Coroados, Botocudos e Caingangues, a sede da fazenda, a casa do estancieiro,desceu para junto de um capão, onde houvesse bastante aguada.

A família do irmão, a família do parente, do compadre, do vizinho, seucompanheiro de jornada e seu vizinho de outrora em Laguna ou São Paulo,será agora o morador limítrofe.

Amigavelmente traçam as divisas da nova propriedade. Em geral é umacidente natural, uma sanga, um arroio, um banhado, uma pequena cordilheira...

Cada colonizador vai tornar-se possessor de um sesmo de grandesproporções, centenas de hectares, um belo latifúndio.

Agora é preciso iniciar a vida. Prender e domesticar o gado bravio, semdono, “animais do vento”. Aquerenciá-lo na área expropriada. Marcá-lo.Defender o rebanho dos assaltos do tigre, então abundante em todos os Campos de Vacaria.

Após o povoamento preliminar, isto é, desbravamento da terra, a repulsa do índio, a eliminação das feras, o amanho dos campos, a formação dosrebanhos, o povoador podia requerer a concessão da sesmaria.

Com exceção do trabalho agrícola, praticado desde o

berço, a nova lida do campo, da pecuária, vai mudar agora os costumes dos pioneiros de Vacaria dos Pinhais. Agora é necessário aprender a arte de laçar, de domar, marcar, castrar, tirar leite, fabricar o queijo e, depois, iniciar a epopeia da vida de tropeiro, a fim de comercializar os rebanhos.

Além disso, com o andar do tempo, o estancieiro vai tomar conta de um pedaço de serra, onde levanta um paiol, em que possa residir durante o tempo da produção agrícola. A lavoura de mato pode ser nos fundos de sua propriedade. Outras vezes, o estancieiro vai tomar posse de uma extensão de serra bem longe de sua fazenda. Numerosos latifundiários haviam ocupado ilegalmente a posse de extensões de mata ao longo da serra do rio das Antas e do Rio Pelotas. Estes latifúndios foram mais tarde adquiridos pelos imigrantes italianos. Assim aconteceu nos atuais distritos de Segredo, Vila Ipê, como no atual município de São José do Ouro e outros.



A PARÓQUIA

A capela curada de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria, inaugurada no dia 21 de dezembro de 1761, pertencente à freguesia de Viamão, passou à jurisdição da freguesia de Santo Antônio da Patrulha em 8 de outubro de 1763, por ocasião da criação desta.

A freguesia de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria foi criada por Portaria do Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antônio do Desterro, em 20 de dezembro de 1768. Pela mesma Portaria, o Bispo declarava que os paroquianos de Vacaria já tinham de esmolas, para a construção da Igreja Matriz, a importância de 600\$000, bem como a promessa da compra dos paramentos e da imagem da padroeira e ainda o pagamento de uma cêngrua anual de 130\$000. Para cuidar da construção da Matriz e das demais despesas, ficou obrigado o capitão Antônio Pinto Carneiro.

Nesse mesmo ano, foi nomeado o primeiro Vigário, Pe. João da Costa Barros, ficando também sob sua jurisdição a freguesia de São Francisco de Paula de Cima da Serra, que fora criada em 4 de setembro de 1756, mas ainda não estava provida de pároco. O Vigário de Vacaria continuou atendendo a freguesia de Cima da Serra até 1 de janeiro de 1822, quando a sede da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira foi transferida para a de São Francisco de Paula, até outubro de 1830.

Até 1845 não existia outra igreja ou capela nos Campos de Vacaria. Nesse ano, foi inaugurada a capela de São Paulo da Lagoa Vermelha, seguida da ereção da capela do Pontão (Barracão) em 1849. A capela da Colônia Militar de Caseiros, fundada em 1859, possuía capelão próprio. Na década de 1880, foi criada a Capela da Luz.

Criada a freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha em 1857 e com a posse de seu primeiro pároco, Pe. Bernardo Barbosa de Andrade Pinto Brandão, no ano seguinte, a área territorial da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira começou a restringir, para ir diminuindo em seguida com a criação das paróquias de Bom Jesus (1919), Esmeralda (1940), e outras. Em 1959 foi criada a paróquia de Nossa Senhora de Fátima, com sede na cidade, no bairro do mesmo nome, confiada aos Padres Capuchinhos.

A Paróquia de Nossa Senhora da Oliveira esteve a cargo do clero diocesano desde a sua fundação até o ano de 1903, quando foi entregue aos Padres Capuchinhos, que a administraram até abril de 1967, retornando então ao clero secular.

Eis a relação dos párocos de Nossa Senhora da Oliveira desde a sua fundação até o presente ano de 1978:

Pe. João da Costa Barros (1769 - 1770); Pe. José Barbosa de Lima (1772 - 1774); Pe. José Antônio de Andrade (1775); Pe. José da Fonseca Valente (1780); Pe. João Ferreira Rodrigues (1782); Pe. Ignácio Melo Machado (1782 - 1788); Pe. Ignácio Alves Machado (1789 - 1793); Pe. Duarte Mendes de Sampaio (1794); Pe. Francisco dos Santos (1795 - 1803); Pe. José Antônio Gomes (1806 - 1811); Pe. Marcelino Carvalho da Mota (1812 - 1826); Pe. Antônio Reis Duarte Ribas (1826 - 1828); Pe. Marcelino José dos Santos (1830 - 1831); Pe. João de Oliveira Lima (1837); Pe. Cândido Lúcio de Almeida (1844 - 1848); Pe. João Soares Ferreira (1848 - alguns meses); Pe. Cândido Lúcio de Almeida (1849); Pe. João Antônio de Carvalho (1848 - 1852); Pe. Antônio de Moraes Branco (1852 - 1856); Pe. Francisco de Santalsabel (1857); Pe. Antonio da Rocha Pinto (1858); Pe. Manuel Joaquim Fortes (1859); Pe. Antônio da Rocha Pinto (1860 - 1862); Pe. Manuel Carlos Aires de Carvalho (1863 - 1866); Pe. José Bilbao (1866 - 1867); Pe. Manuel Carlos Aires de Carvalho (1867 - 1870); Pe. Barnabé Correia da Câmara (1870 - 1871); Pe. Nicolau Maria Berardi (1872 - 1873); Pe. João José de San Martin (1873); Pe. José Ciciriello (1874 - 1875); Pe. Miguel Zito (1878 - 1888); Pe. João Francisco Alves (1888 - 1892); Pe. Augusto Finotti (1897); Pe. Mário Deluy (1897 - 1903); Pe. José Freysse (cooperador) (1901 - 1903); Pe. Frei Alfredo de St. Jean d'Arves (1903 - 1906); Pe. Frei Teófilo de Villard (1906 - 1910); Pe. Frei Pacífico de Bellevaux (1910 - 1920); Pe. Efrém de Bellevaux (1920 - 1928); Pe. Frei Pacífico de Bellevaux (1929 - 1937); Pe. Frei Daniel de Vilas Boas (1937 - 1942); Pe. Frei Ângelo de Alfredo Chaves (1943 - 1946); Pe. Frei Fidélis de Garibaldi (1946 - seis meses); Pe. Frei Ambrósio de Antônio Prado (1946 agosto a fevereiro de 1947); Pe. Frei Afonso de Caxias (1947); Pe. Frei Mateus de Alfredo Chaves (1948 - 1956); Pe. Frei Lauro de Cacique Doble (1956 - 4-3-1967); Pe. Guido Pereira de Castro (1967 - 1968); Pe. Caetano Caon (1969 - 1972); Pe. Luiz Lovatel (1972 - de janeiro a setembro); Pe. Carlos

Steffens (1972 – 1975); Pe. Olímpio Pagnoncelli (1975 – 1977); Pe. Caetano Caon (de janeiro de 1978).

Além destes, numerosos Sacerdotes Capuchinhos trabalharam na Paróquia da Catedral como Vigários-Cooperadores. Entre outros: Pe. Frei Antônio de Caxias (década de 1920); Pe. Frei Melchior, um santo religioso que aqui veio a falecer, tendo em seu nome sido dada a uma rua da cidade; Pe. Frei Lino Gollo; Pe. Frei José Pozzebon; Pe. Frei Alfredo Salton; Pe. Frei Cosme Gradaschi; Pe. Frei Jacinto Ferri; Pe. Frei Huberto Mattana; Pe. Frei Aquilino Balotin; Pe. Frei Nestor Ferronato; Pe. Frei Artêmio Sopelsa; Pe. Frei Lucas Bassani; Pe. Frei Ivo Rossetti.



Figura 10 Pe. CAETANO S. BORGES CAON, Cura da Paróquia da Catedral, que dirige auxiliado pelos Padres Olímpio Pagnoncelli, Evaldo Petry, Ignácio Dalcin e Valdir Begnini.





Figura 111898 — Fotografia histórica da I Comunhão realizada em Vacaria, pelo Vigário Pe. Mário Deluy. Da esquerda: Frank Bias dos Santos, Manuel Fontoura de Brito, José Fernandes de Oliveira, Romualdo Alves Paim, Ziegler...



Figura 12Fraternidade da Ordem Terceira de Vacaria, junto a Dom Frei Cândido Júlio Bampi, 1º Bispo Prelado de Vacaria



Figura 13 Congresso Eucarístico de Vacaria (1947), vendo-se o Arcebispo Dom Vicente Scherer (hoje cardeal) junto ao trono do Santíssimo Sacramento.

TRONCO ILUSTRE

Uma das mais antigas comunas do Rio Grande do Sul, fundada dois anos após a chegada dos primeiros povoadores do primitivo Continente de São Pedro do Rio Grande, afamada pela excelência de seus campos e pelos encantos naturais, Vacaria foi desde o princípio motivo de atração.

Homens ilustres de outras terras gaúchas aqui vieram fixar residência, tomando-se tronco de numerosas e ilustres famílias. Entre estes, destacam-se o Coronel José Luís Teixeira e o major Daniel Ribeiro Martins, natural de Taquara e herói da Guerra do Paraguai. D. Matilde Meireles Martins, esposadeste, acompanhou como enfermeira durante a campanha contra Solano Lopes, tendo sido em Vacaria uma das primeiras professoras.

José Luís Teixeira, que, segundo seu neto capitão José Borges Teixeira, descende do herói farroupilha José Teixeira Nunes, era natural de Cachoeira do Sul, então pertencente a Rio Pardo. Forte criador de cavalos, veio, um dia, ainda solteiro, a Vacaria, acompanhado por uma comitiva de peões, tocando uma tropa de belos animais.

Chegou na estância de Francisco Borges Vieira, onde se achava a passeio João Borges Vieira e sua família. Encontravam-se na ocasião as duas famílias reunidas à sombra do frondoso umbu, entretidas numa alegre festinha, declamando versos e cantando ao som da viola.

José Luís Teixeira, que era bom violeiro, pediu licença e entrou na festa, tocando e declamando versos. Estes versos ele oferecia a Rosa, filha de João Borges Vieira, a prenda que mais lhe chamou atenção. Por fim, os versos acabaram numa bela declaração de amor.

Surgiu, assim, tão pitorescamente, o casamento de José Luís Teixeira com Rosa Borges Vieira, tornando-se tronco da grande família Borges Vieira Teixeira. O casal teve dez filhos.

José Luís Teixeira foi nomeado coronel Comandante da Guarda Nacional de Vacaria, então distrito de Santo Antônio da Patrulha, tendo ainda sob suas ordens o distrito de Cima da Serra

(São Francisco de Paula).

A família Borges Teixeira construiu fausta mansão no local mais tarde ocupado pela casa do Dr. Elias Saadi. Era um vasto casarão de paredes de pedra, tendo no pátio um grande umbu e nos fundos um belo pomar e lavoura, restando ainda hoje algumas nogueiras. O local é atravessado hoje pela rua Silveira Martins.

Nesta mansão, o coronel José Luís Teixeira construiu a primeira escola de Vacaria, tendo como professor Luís Augusto Branco.

Era ainda a mansão um centro de festas onde se reunia a fina flor da mocidade masculina, expandindo-se em torneios de poesias populares, ao som da viola. Entre estes jovens, distinguiram-se Sinfrônio Barreto do Amaral, Joaquim Afonso Luís Teixeira, Libório Antônio Rodrigues, Salustiano Lima e outros.

A festa acabava quase sempre num alegre fandango e, não raro, em carreiras e cavalhadas. Dançavam a meia canha, a tirana e outros sapateios da época. Vestiam o chiripa, ceroulas de crivo e jaquetas presas com aguias, ao passo que as damas e prendas usavam vestidos com largos babadoes e laços de fita no cabelo.

Por vezes, o velho solar abria as portas para grandes solenidades, a que assistiam os elementos mais representativos de todo o Nordeste gaúcho.

(José Fernandes de Oliveira).

Não podemos omitir, no rol dos patriarcas de Vacaria, a figura da Mãe Borges — D. Maria Borges Vieira, filha de Manuel Borges Vieira e Gabriela Correia de Almeida. Era também conhecida por Mãezinha, porque enviuvando seu pai, assumiu ela os pesados cargos da casa, auxiliada por algumas escravas. Quatro irmãos ficaram entregues aos seus cuidados de mãe.

Em 27 de agosto de 1848, casou com José Fernandes da Fonseca, viúvo, filho de Inácio Fernandes da Fonseca e Maria Leme de Sousa. Tiveram 4 filhos, mas só se criaram dez, a saber: Estêvão Fernandes da Fonseca, casado com Elisa Xavier da Fonseca; Luís Fernandes da Fonseca, casado, em primeiras núpcias com Maria da Oliveira Bueno e, a seguir, com Carmisina Fernandes da Cunha; Porcínia Fernandes da Fonseca, casada com Manuel Antônio dos Santos; Virgolina Fernandes da Fonseca,



casada com João Fuastino de Oliveira; Clarinda Fernandes da Fonseca, casada com Herculano Borges da Silva Costa; Maria Fernandes da Fonseca, casada com José Vieira de Camargo e em segundas núpcias com Manuel Alves Pereira; Maria José Fernandes da Fonseca, casada com Quintino de Moraes Borges; Emília Fernandes da Fonseca, casada com José Xavier da Fonseca; Belizária Fernandes da Fonseca, casada com Pio Comes Machado e Mafalda Fernandes da Fonseca, casada com José de Moraes Borges.

Tendo enviuvado em 16-8-1875, com quarenta e poucos anos, consagrou-se de corpo e alma aos cuidados da família e administração de seus bens. Anualmente reunia todos os filhos e suas famílias na sua Fazenda de São Paulino, onde fazia uma espécie de retiro espiritual, a fim de manter sempre vivo o espírito cristão, o amor e o carinho “que recebi de meus pais”.

Aos netinhos ensinava além da religião, alguns conhecimentos da história da região, falando dos primeiros colonizadores do sertão de Vacaria. Promovia festas em sua casa, como fiel conservadora das tradições locais. Embora não tivesse frequentado escola, que não havia, era inteligente e relatava fatos com precisão e clareza admiráveis. Sobreviveu a todos os irmãos, vindo a falecer a 9 de março de 1914 (J.F. de Oliveira).

CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO

A aparição da imagem de Nossa Senhora da Oliveira e a ereção de uma ermida deram início à formação de um pequeno povoado, que foi prosperando lentamente. Em 1961, levantava-se uma capela votiva, sujeita à Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viamão.

Em 20-12-1768, era criada a freguesia pelo Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antônio do Desterro, sendo empossado o primeiro pároco na pessoa do Pe. João da Costa Barros. Com a criação dos primeiros municípios, a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria ficou pertencendo a Santo Antônio da Patrulha como Distrito da Serra. A agência coletora da Fazenda, no Registro do Passo de Santa Vitória, encontrava-se sob o comando do



alferes Manuel Vás Pinto.

Finalmente, pela Lei Provincial nº 185, de 22 de outubro de 1850, Vacaria foi elevada à categoria de vila, tornando-se município. No dia 10 de setembro de 1851, achando-se presente o Presidente da Câmara do município de Santo Antônio da Patrulha, vereador Manuel Joaquim de Carvalho Neto, e o seu secretário. João Pereira de Sousa, foi empossada a primeira Câmara de Vereadores eleitos, assim constituída:

Padre João Antônio de Carvalho; Tenente Coronel José Luís Teixeira; Estêvão Malaquias Pais de Figueiredo; José Joaquim Ferreira; Antônio Francisco Rodrigues; Miguel Joaquim de Carvalho e Mâncio Ivo da Fonseca.

A seguir foi convidado o Pe. João Antônio de Carvalho, o vereador mais votado, para prestar juramento, como Presidente da Câmara, recaído a nomeação do Secretário na pessoa de José Joaquim de França; fiscal, Francisco Rodrigues Barbosa, e Porteiro e Contínuo, Antônio Félix do Sacramento. Ordenou-se que se remetesse cópia deste auto ao Sr. Presidente da Província.

O novo município tinha por limites: Pelo lado do município de Santo Antônio da Patrulha, pelo rio das Antas; pelo lado da Província de Santa Catarina, pelo rio Pelotas, e na divisa com Laguna, pelos Aparados; e pelo lado do município de Cruz Alta, pelo Mato Português, ficando a vila pertencendo à Comarca de São Borja.

Em 16 de janeiro de 1857, a Lei nº 337 removeu a sede da vila para a Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha, anexando Vacaria à Comarca de Porto Alegre.

Ignora-se o motivo dessa transferência, talvez ocasionada pelo rápido desenvolvimento da Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha, a qual, conforme vimos, em 1851 “começou a povoar-se há três anos e já excede a vila de Vacaria”, que “é pequena, contando um quadrado de casas malconstruídas, que bem atestam o atraso da localidade”.

O fato originou sério conflito entre os dois povoados. No dia 27 de abril daquele ano de 1857, o suplente de Delegado de Polícia de Lagoa Vermelha, João Pereira de Almeida, indo a Vacaria para dar audiência, foi atacado de emboscada por 20 homens armados, que o perseguiram longamente, deixando-o ferido.



Para apaziguar os ânimos, o Governo Provincial enviou uma força delinha sob o comando do Bacharel Miguel de Castro Mascarenhas, Juiz deDireito substituto. Foram processados 16 vacarianos envolvidos, quatro dosquais já estavam presos.

Visto como prosseguissem os desentendimentos, o Governo, por Lei nº 391, de 26 de novembro de 1857, acabou por extinguir o município, passandoas duas freguesias a pertencer novamente ao município de Santo Antônio daPatrulha.

Entretanto, o castigo atingiu mais duramente Vacaria, porque em 12 deabril de 1876, a Lei nº 1.018 criava o município de Lagoa Vermelha, abrangendo em seu território toda a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira deVacaria, ficando o novo município sob a jurisdição da Comarca de PassoFundo.

Por fim, com a Lei nº 115, de 1º de abril de 1878, a sede do municípiopassou definitivamente a Vacaria, ficando extinto o de Lagoa Vermelha, quepassou a distrito daquele, até 10 de maio de 1881, quando a Lei nº 1.309 tornou a emancipar Lagoa Vermelha.

A 7 de maio de 1878, pela Lei nº 141, Vacaria desanexava-se da Comarca de Passo Fundo, passando à jurisdição de Porto Alegre. No mês deoutubro do mesmo ano, era instalada a Comarca de Vacaria, tendo comoprimeiro Juiz de Direito, na qualidade de Juiz Municipal, ainda vago, otenente coronel Manuel Batista Pereira Bueno.



Figura 14LIBÓRIO MARIANO PIMENTEL, filho de João Mariano Pimentel Filho, que fora raptado pelos índios em 1851. O Cel. Libório Pimentel, nascido em 1887, foi Prefeito de Lagoa Vermelha durante dez anos. Reside na mesma cidade.



DATA MUNICIPAL DE VACARIA

Apesar de ter sido celebrado festivamente em 1950 o centenário da criação do município, pairava ainda dúvida acerca da verdadeira data municipal de Vacaria.

Em vista disso, o Prefeito Dr. Marcos Palombini dirigiu ofício ao Conselho Estadual de Cultura, solicitando esclarecimentos. O Presidente, historiador Arthur Ferreira Filho, em 11 de abril de 1975, confirmou a data de 22 de outubro de 1850 do centenário da fundação do município de Vacaria.

Eis, em resumo, a resposta do Presidente do Conselho Estadual de Cultura: “Vacaria foi declarado município pela Lei 185, de 22 de outubro de 1850, com sede na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira.

Uma lei de 16 de janeiro de 1857 transferiu a sede para a freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha, mas a 26 de novembro do mesmo ano, outra lei extinguiu o município anexando o território de ambas as freguesias ao município de Santo Antônio da Patrulha.

Restabelecido o município de Vacaria em 1878, deveria contar em 1950, não cem anos de efetivo exercício de sua autonomia, mas tão somente 79 anos.

O que, em 1950, completava efetivamente um século, era a Lei que criou o município, a 22 de outubro de 1950.

As interrupções no exercício de sua edilidade não apagam a significação da data de 22 de outubro, que é, de fato e de direito, a *Data Municipal de Vacaria*.

O que foi comemorado em 1950 não foi, nem podia ser, cem anos de exercício administrativo, contados ano a ano, mês a mês. O que se comemorou com toda a oportunidade foi a efeméride, um século da *data* em que o município foi emancipado.

A 22 de outubro de 1850, aconteceu a *fato histórico* da criação do município. Foi o centenário dessa *fato histórico* que se comemorou em 1950.

Este fato não foi anulado, em sua significação histórica, pela Lei que extinguiu o município em 1857; apenas seus efeitos foram suspensos por algum tempo, e afinal, restabelecidos em 1878.

Constou ao tempo ter alguém apresentado a ideia extravagante comemorar o centenário do município em 1971, quando então contaria cem anos corridos.

Ora, a comemoração do centenário, em 1971, faria supor que o ato da emancipação tivesse ocorrido cem anos antes, isto é, em 1871, o que evidentemente não aconteceu.

A data de 1871 não se relaciona, de modo algum, com a emancipação do município de Vacaria e sua comemoração seria um despatório inexplicável.

A data de 1878, embora relacionada com a história de Vacaria, jamais poderia ser comemorada como a de sua criação, pois se a contássemos, a partir dessa data, que faríamos de sete anos decorridos entre 1850 e 1857?

O município de Vacaria só tem uma data de fundação: 22 de outubro de 1850. A outra, 1878, foi o restabelecimento de sua autonomia interrompida.

O fato histórico é inapagável. O que se pode fazer é cessar seus efeitos, transitória ou definitivamente. Apagar não.

Vejam alguns exemplos, apenas para ilustrar a afirmativa.

A Capela curada de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria foi criada a 20 de março de 1761. Pouco tempo depois, em 1768, foi elevada à freguesia.

Posteriormente, durante algum tempo, foi transferida para São Francisco de Paula de Cima da Serra, onde ficaram os livros de assentamentos.

Entretanto, se os católicos vacarianos entenderem de comemorar a data inicial de sua atual Diocese, terão que se lembrar de 20 de março de 1761. Não pode ser outra.

Ilustrativo também é o exemplo que nos oferece um país muito relacionado com o nosso.

Portugal conta sua independência, como nação desmembrada do reino de Leon, da vitória militar de Ourique, se não me falha a memória, ocorrida a 25 de julho de 1139. E todas as vezes que se comemora mais um centenário, o faz muito corretamente, sem levar em conta os 60 anos que teve a sua independência perdida, sob a dominação espanhola.

O que se comemora é a data que marca o fato histórico, não o tempo decorrido”.



Figura 15Dr. Luís de Freitas e Castro, Juiz de Direito nas décadas de 1910 - 1920

ÚLTIMO ASSALTO DOS COROADOS

O último assalto dos índios coroados a fazendas ocorreu no dia 5 de setembro de 1851, na localidade do Turvo, hoje distrito de André da Rocha, do vizinho município de Lagoa Vermelha. Nesta cidade ainda vive, nonagenário, com admirável saúde e lucidez de espírito, o coronel Libório Pimentel, ex-prefeito daquele município e filho de João Mariano Pimentel Filho, que fora raptado pelos indígenas naquela oportunidade.

A Câmara de Vereadores de Vacaria, um mês após o triste acontecimento, dirigiu ofício ao Presidente da Província, Marechal Conde de Caxias, relatando o fato. Por ser um documento de grande valor histórico, transcrevemos na íntegra o que a Câmara relatou:

“A Câmara de Vereadores desta vila de Nossa Senhora da Oliveira, de Vacaria, passa a levar ao conhecimento de V.Exa. os sucessos que têm ocorrido desde o dia 5 do mês próximo passado, relativamente aos indignos bugres selvagens que infestam as matas deste município.

No dia 5 do mês passado, saiu um pequeno número de bugres do matodenominado Turvo e bateram às casas de João Mariano Pimentel e Bernardino Fialho de Vargas. Na primeira mataram um irmão do dono da casa, um filho, um sobrinho e duas escravas. Carregaram com três filhas e três filhos e uma escrava do



dito Pimentel, sendo duas filhas já moças. Roubaram toda a casa e quebraram tudo.

Na segunda, mataram a um primo do dono da casa e fizeram os mesmos estragos que na primeira, e na retirada para o mato foram aonde estavam cinco homens fabricando erva-mate e todos os mataram, com semelhante procedimento.

Seguiu o tenente coronel José Luís Teixeira, comandante da Guarda Nacional, e mais outras pessoas ao lugar do acontecimento. Ele ordenou de entrar uma partilha de gente a perseguir os bugres e resgatar as famílias. Edali, dirigindo-se costa abaixo, em distância de doze léguas, mais ou menos, no lugar denominado Pontão.

Fez entrar uma força pelos fundos do campo de Felipe José de Sousa, abateram uma porção de bugres, que ali há muito tempo existiam alojados. Isto em consequência da participação que o dito tenente coronel teve sobre o movimento dos bugres no lugar.

E ao amanhecer do dia 19 do mês próximo passado, foram batidos ditos bugres duas léguas serra a dentro, porém, escaparam quase todos os grandes só morreram crianças e mulheres ou três bugres grandes.

Da gente que entrou pelo Turvo, ao fim de dez dias, saíram sem nadapoder obter. E, refazendo-se de mantimentos e mais gente, tornaram a fazer a segunda entrada. E, felizmente, ao cabo de cinco dias, conseguiram resgatar aquela infeliz família, e saíram do mato com toda a gente, no dia 6 decorrente, sendo ferido levemente um guarda nacional, em consequência do muito que perseguiram em todo o mato os bugres nossa gente.

Morreram cinco indígenas, sendo uma mulher, três homens e foi agarrado um pequeno, que se acha em casa de Joaquim de Paulo e Silva. As moças, filhas de João Mariano, contam que os bugres que as carregaram de casa eram sete e um negro fugido, e que desde o dia em que esses bugres as carregaram de casa de seus pais, até o dia em que foram resgatadas, que aqueles bugres nunca se juntaram com os outros e nem se afastaram para parte nenhuma e só trataram de se escaparem com elas, procurando o rumo do lado do rio das Antas, sobre os campos dos Ilhéus, para, sem dúvida, se reunirem a alguma força, que para aquele lado existe, e que eles diziam que voltavam a vir buscar outras famílias.



O resultado de serem mal batidos os bugres do Pontão tem sido bastante funesto, porque existindo ali um grande número de bugres e escapando-se quase todos, ficaram todos os moradores daquela costa expostos a serem vítimas qualquer hora da vingança dos selvagens. E, por isso, estão todos os moradores abandonando suas fazendas, ficando desta sorte despovoada uma grande parte deste município, o que bastante atrasa os interesses da Província, por serem aqueles moradores quase todos estancieiros e criadores, e pessoas que anualmente exportam tropas de gado, muitas para fora da Província.

Estes são, Exmo. Sr., os fatos que têm ocorrido neste município relativamente aos bugres. E que esta Câmara espera que V.Exa. dará a necessária providência a fim de melhorar a sorte deste município.

Deus guarde V.Exa.

Passo de Câmara Municipal de Vacaria em sessão da ordem do dia 16 de setembro de 1851. (ass.) João Antônio de Carvalho, Theodoro de Sousa Duarte, Miguel Joaquim de Camargo, Inocêncio José de Sousa, Manoel Ferreira Bueno e Estêvão Paes de Figueiredo”.

A respeito do rapto da família de João Mariano Pimentel, de que fala o documento acima, o historiador José Fernandes de Oliveira faz um relato minucioso, que muito esclarece o ocorrido. Eis em resumo o que diz o livro “Rainha do Planalto” do dito pesquisador:

João Mariano Pimentel, com sua esposa Bárbara Borges Vieira e os filhos: Marcos, Manuel, Perpétua, Francisca, João, Antônio e Núncia e mais o irmão Serafim, viviam felizes em sua próspera e vasta estância, uma das mais recuadas da sede do município, proximidades da atual localidade do Laranjal, distrito de André da Rocha, município de Lagoa Vermelha. João Mariano, um dos principais tropeiros da região, negociava com mulas, que transportava para as feiras de Sorocaba.

No dia 5 de setembro de 1851, quando João Mariano se encontrava à serviço de sua profissão no longínquo município de Uruguaiana, os índios Coroados, chefiados por um negro foragido de São Francisco de Paula, bateram na fazenda, por volta das dez horas da manhã. A flechada mataram dois filhos e dois peões, que estavam encurralando uma manada de mulas.

A seguir, os indígenas tentam entrar em casa, sendo, no entanto, impedidos por D.Bárbara. Serafim, seu cunhado, que trabalhava na carpintaria, saiu para auxiliar a pobre mulher na defesa da casa, quando é também atingido por violentas flechadas.

Arrombando uma janela, os índios entram em casa e atiram com tudo pelo chão. Não respeitam nenhuma dependência. No quarto do casal, havia um surrão com moedas de ouro. Despejam as moedas, para só aproveitar o recipiente, esvaziando ainda colchões, travesseiros e o mais que lhes pudesse servir de recipiente, para levar talheres, facas, machados, comestíveis... Não levaram as moedas de ouro, certamente por ignorar-lhes o valor, pois o negro não havia entrado em casa, tendo ficado de vigia na cabeça de uma tronqueira.

Feito isto, fugiram, levando consigo duas mocinhas e dois garotos, o mais novo de apenas três anos de idade. D.Bárbara nada mais pode fazer, pois caíra desfalecida.

Recobrando os sentidos, viu-se sozinha diante daquela incrível tragédia. Recomendando-se a Deus, parte rumo da casa do seu cunhado José Nunes, casado com sua irmã Donaciana Borges Vieira, a duas léguas de distância. Lá na casa do cunhado encontrava-se a filha Núncia, de apenas dois anos de idade.

Um mensageiro partiu a cavalo rumo de Uruguaiana, a avisar João Mariano. Enquanto isso, os vacarianos, numa impressionante solidariedade, formando um pequeno batalhão, chefiado pelo coronel José Luís Teixeira, comandante da Guarda Nacional, vão em busca dos índios, a fim de resgatar os cativos.

Depois de longa tentativa inútil, é convidado o chefe dos índios coroados, Cacique Doble. Este cacique, por estar em briga com os coroados do rio das Antas, prontificou-se a orientar os passos do batalhão de resgate.

Os bugres encontravam-se acampados junto à barra do rio Carreiro, local que foi então batizado por Passo de Santa Bárbara, em homenagem à santa Padroeira da família de João Mariano e D.Bárbara. O nome ainda hoje se conserva na estrada que liga Bento Gonçalves a Guaporé.

Acampados nas imediações, os componentes da turma de resgate aguardam o clarear do dia para avançar. Foi um reencontro sangrento. Mas dos atacantes só saiu ferido Manuel Borges Vieira e seu filho Jeremias Borges Vieira. Os índios que não pereceram

fugiram abandonando as vítimas,todos são e salvos, após quatro meses de cativoiro.

Cumprindo promessas feitas, a família esteve na sede do município,fazendo procissões, oferecendo missas e preces. Além disso, em ação degraças, doaram uma internada nas proximidades do rio Turvo. O terreno,que ficou sendo conhecido por Potreiro de Nossa Senhora, foi vendido por ocasião da construção da atual Catedral, revertendo o produto da venda nocusteio das obras.





Figura 16 INCÊNDIO DA RUA DO VINAGRE, no dia 10 de março de 1920, que destruiu quase toda a rua Ramiro Barcelos, mais conhecida por Rua do Vinagre, porque era naquela rua só que se conseguia vinagre, no armazém de Antônio Boamar. Vinagre somente apareceu em Vacaria, constituindo uma espécie de calçamento, preferido pela elite da sociedade e pelos namorados. As principais casas comerciais estavam estabelecidas naquela rua.

VACARIA NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Com a criação dos primeiros municípios rio-grandenses, em 7-10-1809, Vacaria passou a pertencer a Santo Antônio da Patrulha,

Os Campos de Vacaria, cortados pela Estrada das Tropas,



entre Viamão-Lages-Curitiba, foram desde os primórdios de sua colonização o caminho obrigatório de tropeiros e soldados. O Passo de Santa Vitória tornou-se um dos pontos estratégicos mais movimentados de todo o Rio Grande do Sul.

Com a posterior abertura (1819) pelo tropeiro paulista João de Barros, através dos campos pela Coxilha Grande, para o Mato Português, o Mato Castelhano, Passo Fundo, Cruz Alta e região missioneira, Vacaria ficou sendo importante entroncamento de caminhos, batidos por milhares de tropeiros, que prosseguiram explorando uma das maiores riquezas do Brasil — o gado sem dono das campinas gaúchas, riqueza que apareceu como por artes demagia, acendendo a cobiça de quase todo o Brasil.

Além da contribuição que Vacaria deu para as guerras contra os castelhanos, os seus campos e os seus habitantes foram envolvidos pela longa sangrenta Revolução Farroupilha (1835-1845).

Em 31 de outubro de 1837, Vacaria foi acampamento das colunas do valeroso chefe do exército imperial Major Cândido Alano.

Às margens do Pelotas, feriu-se o memorável combate de Santa Vitória (14-12-1838), num reencontro com uns quinhentos legalistas do Brigadeiro Xavier da Cunha, que pereceu no local, tendo sido o seu corpo encontrado dois dias após, junto com mais cinco afogados no rio Pelotas. Neste combate tiveram participação decisiva o coronel Joaquim Teixeira Nunes e José Garibaldi. Anita Garibaldi, embora não tomasse parte na luta, foi uma enfermeira incansável, de extraordinária abnegação.

Davi Canabarro, Bento Gonçalves e outros chefes do Exército Farroupilha cruzaram várias vezes os Campos de Vacaria, assim como o coronel Antônio de Melo Albuquerque e o marechal francês Pedro Labatut, ambos a serviço das forças imperiais.

Foi aqui, às margens do Pelotas, que Davi Canabarro proferiu a célebre expressão “boi de botas”, referindo-se aos lageanos, que com incrível disposição, desatolaram sua artilharia das barrancas do rio.

Anita Garibaldi, após a célebre tragédia da Serra das Antas (1840), que por milagre salvou da morte o seu primogênito de poucos meses, nascido em Mostardas (16-9-1840), passou por Vacaria rumo de Passo Fundo. Conta Garibaldi, em suas memórias,



que atravessando os Campos de Vacaria, saiu-lhe ao encontro pedindo socorro uma pobre mulher, em estado miserável, que acabava de fugir do cativeiro dos índios Coroados.

Diz ainda Garibaldi que as forças revolucionárias abasteciam-se aqui de gado para seu alimento e de cavalos e mulas a fim de prosseguir na sua campanha, que durou dez longos anos, com sacrifícios inauditos, em atos de bravura sem igual, no dizer de Athur Ferreira Filho, “a mais importante das guerras civis sul-americanas pela sua longa duração, pela beleza de seus ideais e pelo valor de seus campeões”.

A Revolução Farroupilha desencadeou nos Campos de Vacaria uma série de furações que assolaram as fazendas, desfalcando-as de homens e decabeças de gado, promovendo enorme atraso na marcha do seu desenvolvimento demográfico e econômico.



Figura 17 Vacaria: Vista da Praça Gal. Daltro Filho recém construída pelo Prefeito Dorneles Filho - 1939.

A VARÍOLA

No livro "Rainha do Planalto", do professor José Fernandes

de Oliveira, vamos colher dados acerca do terrível surto de varíola, que durante os meses de julho, agosto e setembro de 1888, reduziu à metade a população da vila, então de aproximadamente 400 habitantes. A mortalidade foi tão elevada que o cemitério da vila, localizado no local da atual Praça da Bandeira, foi aumentado em dobro, sendo os cadáveres sepultados em vala comum.

O jovem tropeiro João Ferreira Borges, atravessando a zona colonial alemã, pernitoou em casa de um freguês que se encontrava acamado, vítima de varíola. Ignorando o teor de gravidade da doença do seu anfitrião, o tropeiro não usou de precaução, tendo mesmo recebido de suas mãos um dinheiro, em pagamento do negócio realizado. Retornou para Vacaria contaminado pela varíola, que com rapidez transmitiu aos familiares e conterrâneos.

Jovem estimado, filho de tradicional família da terra, João Ferreira Borges recebia tantas visitas, que se tornou necessário armar barracas para abrigar a todos. Vindo a falecer, foi velado na casa do capitão Valeriano de Siqueira Borges. O funeral foi concorridíssimo.

Como a moléstia era desconhecida, a ninguém causava temor. A falta de precaução, que a contagiosa enfermidade exige, provocou uma verdadeira calamidade. Uma hecatombe. Dizimou a população da vila e alastrou-se pelas fazendas. Pessoas houve que pereceram à beira de uma fonte de água, onde iam mitigar a terrível sede, provocada pelo mal.

Conta-se que Olivério Camargo, dado por morto, foi levado ao cemitério. Ao ser jogado na vala, ouviu-se um gemido. Recolhido ao hospital, restabeleceu-se, só vindo a falecer passados mais de 50 anos, em 1944.

D. Carlota Machado, tendo falecido à noite, foi logo transportada ao cemitério e mal coberta por terra. No dia seguinte, os coveiros a encontraram com os braços levantados, fora da terra, evidenciando ter sido sepultada com vida.

O único médico da vila, o Dr. João Batista Galvão de Moura Lacerda, foi então incansável, aplicando vacinas pelas fazendas, atendendo nos hospitais improvisados.

Um mês após o início da varíola, o governo da Província destacou o Dr. João Carlos Ferreira, para auxiliar no atendimento médico.

Houve famílias heroicas, que, como anjos de caridade, transformaram suas casas em hospitais. Merecem destaque os casais Felisberto Pinto Barbosa - Mariana Santos Barbosa, e Valeriano de Siqueira Borges - Ana Faustino de Oliveira, como também o sr. Paulino Faustino de Oliveira, que foi enfermeiro dedicadíssimo. Na Câmara Municipal foi organizado um hospital.

Enfim, após três meses de esforços, de preces à Padroeira Nossa Senhora da Oliveira, o mal foi debelado, após deixar marca profunda, que dificilmente se apagará na História de Vacaria.



Figura 18 JOSÉ DA FONTOURA BRITO, assassinado em 28-02-1894. É pai de Euclides Fontoura Brito, que possui a biblioteca jurídica do Dr. Cassiano Ricardo.





Figura 19A ELITE DE VACARIA NA DÉCADA DE 1910: Sentados, da esquerda para a direita: Cel. Virgílio Rodrigues, Aníbal Borges, escrivão, Laurindo Paim, filho de Avelino Paim, Acácio da Silva Ly, escrivão, falecido em 1931. Em pé, da esquerda: Fausto Viterbo de Oliveira (de guarda-chuva), Manuel da Fontoura Brito, Natalício Bueno, Nabor Moura de Azevedo, Abtino Lima, de chapéu branco, falecido em 1923. Da direita: Libório Rodrigues Filho (Liborinho), Gloroncinto Barcelos, Franklin Bias Santos, escrivão da Coletoria Federal, Natalício Borges e Bias Santos, irmão de Franklin.

REVOLUÇÃO DE 1893

A Revolução Federalista de 1893, a mais bárbara e cruel do Brasil e uma das poucas de toda a História da Humanidade que eclodiu por motivos exclusivamente políticos, como diz o historiador Arthur Ferreira Filho, imortalizou, com feitos de valor, numerosos vacarianos, entre os quais se destacam: Avelino Paim de Sousa, Bernardo Moreira Paz, Francisco Barreto do Amaral e Demétrio José Ramos.

Entretanto, com exceção do combate na Lomba Chata, nos dias 9 e 10 de outubro de 1894, entre as forças de Demétrio Ramos e Avelino Paim, não houve maiores encontros sangrentos no território do município de Vacaria, durante toda a revolução.

Em 23 de junho de 1894, o legalista Avelino Paim derrota



as forças motinadas de Demétrio Ramos no Ranchinho, Enxovia.

Em 18 a 20 de outubro de 1893, passaram por Vacaria, rumo de Santa Catarina, via Passo do Socorro, as forças revolucionárias do coronel Salgado e de Gumercindo Saraiva.

De 1 a 4 de novembro de 1893, a vizinha vila de Lagoa Vermelha, resistia heroicamente, sob o comando de Heliodoro de Moraes Branco e do Juiz de Direito Dr. André da Rocha, ao cerco das forças de Gumercindo Saraiva. A vila encontrava-se na iminência do massacre, que já havia começado com a morte de Antônio Zeferino Moreira e João Pimentel Filho, pelo carrasco Generoso Brabo.

Um emissário, José Siebre, enviado às pressas a Vacaria, leva então angustioso apelo ao 65º Corpo Provisório de Avelino Paim. Bernardo Moreira Paz, no dia 4, chega ainda a tempo de salvar a população da vila de Lagoa Vermelha, fazendo bater em retirada para o Barracão a Gumercindo Saraiva e sua força.

Em 14 de fevereiro de 1895, o mesmo legalista Bernardo Moreira Paz derrota, na Fazenda da Estrela, as forças revolucionárias, sob o comando do coronel Frago e José Chicuta.

Na mesma Fazenda da Estrela, durante esta revolução, ocorreu um fato curioso. Foram degolados alguns presos. Entre estes, um índio muito forte de Machadinho, o qual, depois de lhe haverem cortado a cabeça, ainda saiu andando. Foi caminhando, pulou a taipa de pedra e, quando, já do outrolado, começou a caminhar, o tronco tombou por terra.

Durante a Revolução Federalista, houve vários crimes em Vacaria, quase todos motivos políticos. Entre os maragatos assassinados, figura José da Fontoura Brito, morto em 28-02-1894, na Fazenda Branca, proximidades dos campos de Samuel Guazzelli, num capão, que até hoje é conhecido por Capão do Brito.

Na Fazenda dos Gregórios, no Pinhal, foi assassinado Joaquim Luís Teixeira, Juiz Comissário nomeado pelo Imperador para dar posse de terras.

Era pai do capitão José Borges Teixeira, falecido em 4-6-1978 com 95 anos. Joaquim Luís Teixeira era casado com Olímpia Faustino de Oliveira, sobrinha do milionário comendador Domingos Faustino Correia. Juntamente com o Dr. Lídio Fernandes de Oliveira, falecido em 28-2-1978, José Borges Teixeira era talvez o único parente em quarta geração daquele comendador que deixou

fabulosa fortuna no Rio Grande do Sul, no Uruguai e em outros Estados do Brasil.

Mas a Revolução de 1893 não ceifou apenas vidas humanas; ela paralisou por completo as atividades pastoris. Não houve mais exportação de mulas e de gado bovino, que ficou inteiramente à mercê das forças combatentes. Os criadores perderam praticamente todos os seus rebanhos, cuja renovação durou anos. Um autêntico desastre econômico, que atrasou enormemente o desenvolvimento do Município e de toda a região.

Vacaria havia já prestado seu glorioso tributo à Nação, enviando numerosos filhos a combater na Guerra do Paraguai (1864 – 1870), alguns dos quais pereceram no campo de batalha.

Filhos de Vacaria combateram também na campanha de Canudos, contra os fanáticos de Antônio Conselheiro (1885 – 1897).

Mas os vacarianos destacaram-se principalmente na Campanha do Contestado (1911– 1915), tendo à frente o Cel. Manuel Fabrício Vieira, que lutou bravamente, chefiando um corpo provisório composto de gaúchos e catarinenses.

Voltarão os filhos de Vacaria às armas durante a Revolução de 1923, e as Revoluções de 1924, 1930 e 1932.



Figura 20 ALÍPIO RAMIRO PORTO, Delegado de Polícia na década de 1920. Tomou parte ativa na Revolução de 1923, sob o comando do Gal. Firmino Paim Filho.

HABITANTES DA SEDE EM 1900

O professor José Fernandes de Oliveira, em sua obra citada, apresenta um capítulo muito interessante acerca da situação da vila em 1900, com discriminação de todos os moradores, casa por casa, rua por rua, trazendo quase sempre a profissão, nacionalidade e estado civil dos proprietários e locatários.

Curioso observar a transformação que a seguir se operou, não só no crescimento da zona urbana, mas ainda na condição das pessoas. Alípio Porto, por exemplo, de simples tamanqueiro em 1900, passou a Delegado de Polícia na década de 1920, tendo sido figura de destaque na Revolução de 1923.

O historiador vacariano refere ainda que em 1900 não havia pedintes. Até as pretas velhas, recém-saídas do cativeiro, ganhavam o sustento com a lavagem de roupa, entrega de água. Embora quase todas as casas tivessem o seu poço, a população preferia em geral água da afamada bica ou das muitas nascentes dos arredores da vila. Cada aguateiro ganhava três mil-réis mensais.

Não havia padaria nem torrefação de café. Todas as famílias fabricavam seu pão e torravam o café. Havia farinha nacional em abundância, ao preço de nove mil-réis o aquilo. Não se vendia leite, pois todos tinham vaca de ordenha. Só no começo do século, por iniciativa da viúva Beatriz Bueno, que vendia leite aos forasteiros a cem réis o litro, foi que teve início esta prática.

No livro “Rainha do Planalto” figura um croquis da vila, apresentado a praça Nossa Senhora da Oliveira, bem menor da atual Praça Daltro Filho, e cinco ruas: rua Dr. Flores, rua Ramiro Barcelos, rua Mal. Floriano, rua Silveira Martins e rua Júlio de Castilhos. Havia ao todo 140 casas e 631 habitantes.

Aí vai a relação destas casas e respectivos proprietários e moradores:

- 1- Frente leste da praça: Império do Divino Espírito Santo.
- 2- Antônio de LimaPereira, criador; locatário: Filipe JosédaSilva,sírio, negociante, solteiro; Maria da Oliveira Neves, empregada.
- 3- Herdeiros de João Ourives; locatário: Aparício Bueno, tenente



- do Destacamento da Brigada Militar, casado com Sebastiana Martins Bueno (Seatana), dois fâmulos.
- 4- Igreja velha (localda Rádio Esmeralda).
 - 5- Herdeiros do Dr.Benedito Marques da Silva Acauan (ausentes);local do Cine Guarani; locatário: José Mera Borges, sírio, negociante, casado (família ausente); empregada: Maria José.
 - 6- Viúva Malvina Borges Ferreira (local do edifício Emeri); locatário: Carlos Jorge Schüler, casado com Maria da Conceição Borges Teixeira (Sinhá); filhos: Emília, Luís, Edmundo, Osvaldo, Oscar, Olavo, Olga e Dorval; uma empregada.
 - 7- Coronel João Borges Pinto, fazendeiro, ocupava a casa só em tempo de festas; caseira: Maria China e uma filha.
 - 8- José Ribeiro, criador; locatário: Mariano Melo, oficial de justiça, casado com Delfina Melo; filhas: Alexandrina e Francelina.
 - 9- João Teles de Sousa (Berto), criador, solteiro; caseiro: Vitorino Lopes da Silva, almocreve, casado com Silvana Maria da Conceição; filhos: Matilde, Vicente e João; sobrinha: Ernestina.
 - 10- Viúva Mariana Borges de Moraes, fazendeira, ocupava a casa só em tempo de festas.
 - 11- Felisberta Bueno, que morava com sua mãe Possidônia e os sobrinhos Lídia e Fileno.
 - 12- Manuel Lima, criador; caseiro: Feliciano Reis; filhos: Dinarte e Polixena.
 - 13- Cecílio Batista de Almeida, fazendeiro; caseiro: Eduardo Lima e Ifigeninha Borges Vieira; filhos: Dolores, Virgínia e Eduardo.
 - 14- Viúva Ana Rosa de Oliveira Borges, fazendeira; caseiras: Ana Bertoldo de Albuquerque Preto e Joana Paixão.
 - 15- Hermelino José Alves, viúvo, trançador.
 - 16- Herdeiros de Manuel Vicente da Rosa (Maneco Lajeano); Locatário: Estácio Pereira da Silva, casado com Marcolina Rosa; filhos: Emílio, Eurípedes e Elvira.
 - 17- Hermenegildo de Moraes Borges, fazendeiro; caseiros: Seo Raimundo, trançador, e sra. Florência.
 - 18- Manuel Borges Vieira, criador, ocupava a casa por ocasião de festas.
 - 19- Herdeiros de Antônio Borges Vieira; locatários: Moisés Vás de Oliveira, jóquei, e Maria Borges Vieira; filhos: Domingos,

Delfina, Firmino e Maria José.

- 20- Luís Antônio da Paixão, escrivão de cível e crime; locatário: Nabor Moura de Azevedo, promotor público, casado com Leonídia Camargo de Azevedo; dois fâmulos.
- 21- Manuel Moreira, criador; locatário: Luís Antônio da Paixão, casado com Filomena de Oliveira Paixão; cunhada: Virgínia Barbosa de Oliveira; fâmulos: Marfisa e Armando.

NOTA - *As casas sob os n.7 a 21, frente sul da praça antiga, constituíam prolongamento da rua Silveira Martins, até a esquina na frente oeste. Foram todas transportadas para outros locais, a fim de ampliar a praça.*

- 22- Cirilo de Lima Pereira, fazendeiro; Locatário: João Lúcio dos Santos, mascate, casado com Carmosina Vás dos Santos; filhos: Lúcia e Altino.
- 23- João Faustino de Oliveira, negociante, casado com Virgolina Fernandes de Oliveira; filhos: Fausto, José, Lídio, Julieta e Umbelina.
- 24- Antônio Francisco Rodrigues Tito, fazendeiro; caseira: Cândida Borges Vieira, preta liberta; filhos: Elpidio e Estaciana.
- 25- Claro de Sousa, fazendeiro; caseira: Laurinda Borges Vieira, preta liberta; filhos: Geraldo, Joana, Eva, Isolina e Francisco; netos: João e Demétrio.
- 26- Herdeiros de Felisberto Teles de Sousa; locatário: Isidro Pereira dos Santos, hoteleiro, casado com Polixena M.Pereira; quatro filhos e dois fâmulos.
- 27- Viúva Emiliana Borges Vieira, fazendeira; locatário: Paulino José Faraco, professor particular, casado com Maria Amada Xavier; filhos: Teodoro, Teófilo e Almerinda; cunhada: Tecla.
- 28- Manuel Honório de Paula Neri, fazendeiro; caseira: Ana Teles, preta liberta; filha: Morena.

Praça, frente norte:

- 29- Coronel Delfino de Paulo Neri, capitalista, casado com Serafina dos Santos Neri; filhos: Inácia, Clarinda, Francisca, Delfino e Belarmino; Fâmulos: Chinoca e Chiru.
- 30- Coronel Laurindo Paim de Sousa, fazendeiro; ocupava a metade da casa só em tempo de festa e tinha como locatário



de outra metade a Benjamin Luís Osório, sapateiro, casado com Josefina Lehn, costureira; cunhada: Madalena; serviçal: Alfia Pacheco.

- 31- Luís Gonzaga da Graça Bastos, coletor federal e agente do correio, casado com Virgínia dos Santos Gonzaga; filhos: Eulina, Zaira e Jaci; cunhadas: Floresbela, CarmosinaeBenta; serviçais: Paulo e Anália.
- 32- Coronel Libório Antônio Rodrigues, fazendeiro; ocupava a casa só em tempo de festas.
- 33- Viúva Maximília Paim de Sousa, fazendeira; locatário: Dr. Arsênio da Silveira Gusmões, juiz de direito, casado com Petronila Bueno Gusmão; filhos: Alice, Alaíde; Álvaro e Astrogildo; serviçais: Luísa e Ernestina.
- 34- Viúva Joana Fernandes Brito, capitalista; filhos: Manuel e Delfino; serviçal: Maria da Oliveira.
- 35- Coronel Avelino Paim de Sousa, fazendeiro; caseira: Maria Antônia da Silva (papuda); filha: Leonilda, muda.
- 36- Coronel Avelino Paim de Sousa; ocupava a casa só em tempo defesta.
- 37- Zezefredo Borges Vieira, fazendeiro; ocupava a casa só em tempo de festa.
- 38- Dr. Augusto Diana Terra, advogado, solteiro; serviçal: Rosa Alves Paim.
- 39- José Luís Teixeira Rodrigues, fazendeiro; ocupava a casa só em tempo de festas; locatária: Viúva Matilde Meireles Martins. Filho: Alfredo; netos: José, Ana Taurina e Daniel: serviçais: Virgolina e Bernardo.

Rua Dr. Flores:

- 40- Paulino Antônio Alves, fazendeiro; locatário: Tte. cel. Júlio de Campos, escrivão de órfãos e ausentes, casado com Angelina Paim de Campos; filha adotiva: Itália; fâmulos: Martim e Emília.
- 41- Honório Cândido de Oliveira, alfaiate, casado com Virgolina Borges de Oliveira; filhos: Júlio e Cândida; um empregado.
- 42- Ana Faustina de Oliveira, doceira, em cuja companhia moravam Manuel, irmão inválido e as auxiliares Sinhana e Clara.
- 43- Herdeiros de Manuel Tomé da Silva; locatário: Teodoro Antônio dos Santos, açougueiro, casado com Helena Xavier dos



- Santos; filhos adotivos: Franklin Bias e Conceição Mota; dois empregados.
- 44- Sarquis Boamar e Antônio Zeiden, negociantes sírios, solteiros, Jalila Amara, sobrinha do primeiro; uma empregada.
 - 45- Venâncio, Vicente e Pomba Zito, residentes numa parte do prédio; locatários: João Mariano Glória, casado com Cantalice Miguel; filhos: Germiniano e Geserino; cunhados: Olivério e Mateus.
 - 46- Herdeiros de Balbina Bastos; locatária: Martinha Bastos, costureira; filha: Avelina; fâmulos: Tertuliano; Pensionista: João Inglês, poceiro.
 - 47- Antônio Moraes, carpinteiro, casado com Domingas Bastos de Moraes; filho: Levino; fâmulos: Emília.
 - 48- Tenente Laureano Júlio de Oliveira e Juliana das Neves; fâmulos: Laureano, Cristino e Chininha.
 - 49- Jorge Salomão, negociante sírio, e Antônia Pires; filhos: Maria, Alexandre e Eva.
 - 50- Estêvão Fernandes da Fonseca, criador, casado com Elisa Xavier da Fonseca; filhos: Eliziário e Enedina; neta: Lelis.
 - 51- Felisberto Pinto Barbosa, criador, casado com Mariana dos Santos Barbosa; filhos adotivos: Manuel, Aparício, Valeriano, Emiliana, Conceição e Maria.
 - 52- Felisberto Pinto Barbosa; locatário: Dr. Manuel da Silveira Gusmão, engenheiro, casado com Elisa Fayet Gusmão; filhos: Gabriel, João e Maria; uma empregada.
 - 53- Tte. Cel. Herculano Borges da Silva Costa, coletor estadual, casado com Clarinda Fernandes Costa; filhos: José e Virgínia; fâmulos: Josefa, Justino e Pedro.

Rua Marechal Floriano:

- 54- Herdeiros de Manuel Vicente da Rosa; locatário: sargento Bernardo, policial, casado com Chininha Rosa.
- 55- Viúva Porcínia Fernandes dos Santos, costureira; filhos: Virgínia, Avelino, Alcino, Emília e Alorino.
- 56- Fredolino Antônio dos Santos, oleiro, casado com Marcolina Neri dos Santos; filhos: Maria da Oliveira, Pedro, Dinamarte e Santana.
- 57- Nicolau Teixeira Bueno, criador; locatário: Joaquim Luís da Silva, notário, casado com Delfina Soares da Silva; filhos:

Antero, Acácio Ly, Maria Luísa, Celina. Idalina, Adelaide e Marieta; uma empregada.

- 58- José Pedro Monteiro, português, casado com Maria Antônia Paim de Andrade; filhos: Libório, Georgina e Iracema.

Rua Ramiro Barcelos:

- 59- Prefeitura Municipal.

60- Major Aureliano Rodrigues Siqueira, negociante, casado com Joaquina Paim Monteiro; filhos adotivos: Clotilde, Lesita e Laureano; uma empregada.

61- João Domingues Vieira, fazendeiro; locatário: Osório da Silva Mota, mestre de música, casado com Maria José Fernandes dos Santos; filhos: Waldomiro e Alfredo.

62- Herdeiros de Francisco da Herança; locatário: Antônio Nicolau Schaidt, pedreiro, casado com Cecília Pereira Schaidt; filhos: Pedro, João, Joaquim, Antônio, Paulino e Cecília.

63- Viúva Josefa Melo Moreira, costureira; filhos: Tito, Abtino, João e Anália.

64- Herdeiros de Rita Aurélia do Espírito Santo; locatário: Alípio Ramiro Porto, tamanqueiro, casado com Delfina Amância Porto; filhos: Teodomiro e Elvira; cunhada: Benta; protegida: Maria Aires de Carvalho; fâmula: Margarida.

65- Zeferino Borges Vieira (Casudo), taberneiro, casado com Teresa Vieira; filhos: Isidoro, Francelino, Gregório, João, Otília, Elidia, Martinha e Maximília.

66- Viúva Maria Paixão Monteiro; filhos: Cortemar, Juvenal, Análio, Inocência e Isolina.

67- Sebastiana Ramos; filhos: João; empregada: Almeirinha.

68- Coronel José Cândido de Campos Jr., Intendente de Caxias; locatário: Antônio Lopes Quintela, português, canteiro, casado com Monuela do Amaral Quintela; filhos: Vitória, professora normalista, Julieta, Manuel, Eurico, Alcides e Marieta.

69- José Vicente, criador; locatário: França e Liça, tabulageiros.

70- Anastácio Ferreira Borges, criador; locatário: Teodoro Vicente da Rosa, jornalista, casado com Basilissa Bueno da Rosa, modista; filhos: Maurílio, Aristides e Otília.

71- Anastácio Ferreira Borges; locatário: Plácido Sousa, cabo da Brigada Militar, casado com Castorina Sousa; filhos: Flamínio e Leonídia.



- 72- José Fernandes da Cunha, ex-tabelião, viúvo de Maurícia Cândida Fernandes, primeira professora de Vacaria; filho: Cornélio; fâmulos: Cerimundo e Benedito; empregada: Floripa Andrade.
- 73- Dr. João Batista Galvão de Moura Lacerda, juiz da Comarca de Lagoa Vermelha; locatária: Ester Virgínia dos Santos modista, solteira, em cuja companhia moravam Manuel Carneiro dos Santos, pai, médico prático, Manuel Lúcio dos Santos, irmão, cambista, Altino Ribeiro, sobrinho, e Feliciano Ferreira, empregada.
- 74- Ester Virgínia dos Santos; locatário: Emílio Virgínio dos Santos, negociante, casado com Margarida de Jesus Santos; filhos: Laura, Maria, Aurora, Flora, Adão, João Batista, Ercília e Virgínia.
- 75- Herdeiros de Rosa Teixeira; locatário: Marcelino Ramiro Porto, escrivão da Provedoria, solteiro; uma empregada.
- 76- Herdeiros de José Santana; locatário: Daniel Alberto Pacheco, juiz distrital, casado com Guilhermina Santana Pacheco; filhos adotivos: Odorico, Cecília e Guilhermina.
- 77- Caetano Faccioli, italiano, industrialista, casado com Virgínia Faccioli, austríaca; filhos: Videlvina, Graciema, Adelar, Avelino, Luís, Gioconda e Maria; empregados: Vicente e Teodolinda Salami.
- 78- Germano Alberto Dahm, alemão, negociante, casado com Virgínia Teixeira de Lemos; fâmula: Margarida.
- 79- Germano Alberto Dahm; caseira: Laurentina Borges Vieira, parda liberta, engomadeira; filhos: João Batista, José e Virgínia.
- 80- José Sacchetto, italiano, coveiro, casado com Ifigênia Borges Vieira, parteira.
- 81- Estêvão e Floriano Sousa, negociantes, solteiros, em cuja companhia moravam: Maria, irmã, Oliveiros, sobrinho; e Manuela, empregada.
- 82- Romualdo Antônio Alves e Francelina Ferreira, criadores; filhos adotivos: Romualdino e Carolina (Lura).
- 83- Pedro Antônio Caio da Paixão, negociante, casado com Mafalda Varela da Paixão; filhos adotivos: Maria Inácia, Otília, Delfina e Cipriano.
- 84- Mâncio Antônio Alves, criador; locatário: viúva Albina Maria



- Alves, capitalista, em cuja companhia viviam Albininha, neta, e Doralice, serviçal.
- 85- Enéas Borges dos Santos, açougueiro, casado com Francisca Borges; filhos: Brígida, Pedro, Valdivino e Fausto.
- 86- Antônio Portachinsky, polonês, casado com Maria Portachinsky; filho adotivo: Ernesto.
- 87- José Feliciano, correio, e Maria Rosa; filho: Braulino.
- 88- Viúva Joana Fernandes Brito, capitalista; locatária: Rafaela Martins, preta liberta, lavadeira; filhas. Porfíria, Brígida, Brísula e Esperança.
- 89- José Teodoro de Sousa, fazendeiro; locatários do prédio com duas moradias: 1º Ernesto de Medeiros Branco, fazendeiro, e Maria Raimunda dos Santos; filhos: Virgolino, Levino, Antônio, José, Alfredo, Ernestina e Olímpia; uma empregada. 2º Lino Ferreira Jardim, tesoureiro municipal, casado com Josefa dos Santos Jardim.
- 90- José Carneiro Borges, criador, casado com Justina Madeira; filhos: Tomé, Anacleto, Cândida, Joana e Alzira.
- 91- Herdeiros de Barnabé Soares Borges, criador; locatárias: Patrocínia, Joaquina e Maria Alves.
- 92- Viúva Constança Tristão, curandeira; neta: Maria Trindade.
- 93- Virgolina Ribeiro; filha: Sebastiana.
- 94- Francisca Alves; filho: Genésio.
- 95- Ana Inês Teixeira, parteira; filho: Libório Mafra; netos: Juvenal e Juvenil.
- 96- Paulino Faustino de Oliveira, negociante, casado com Emiliana Vargas de Oliveira; filhos: Cidália Análio, Edelvira, Olívia, Eraclides e Mário.
- 97- Salvador Faustino de Oliveira, criador; locatário: Cabo Louco, casado com Marfiza.
- 98- Viúva Irlanda Soares, costureira; filhas: Cândida e Anália.
- 99- Herdeiros do Major Daniel Ribeiro Martins; locatário: Capitão Manuel Fabrício Vieira, comandante do Destacamento da Brigada Militar, casado com Brandina Rosa; filhos: Maurílio, Luís, Silvia e Maria José; empregados: Elpídio e Prudência.
- 100- Te. Cel. Manuel B.P. Bruno; casa de hóspedes.
- 101- Te. Cel. Manuel Batista Boeira Boeno, vice-intendente em exercício, casado com Sebastiana Boeira Boeno; filho: Natálio, neta: Virgolina; fâmulos: Valeriana e Acácio.

Rua 15 de Novembro:

- 102- Viúva Maria Gomes Machado (Mariazinha do Pessegueiro), costureira; filhas: Olímpia e Joaquina.

Beco das Negras:

- 103- Catarina Alves Paim, lavadeira; filhos: Andrezza, Honorina, Luís, Eduardo e Juventino.
- 104- Rosa Alves Paim, lavadeira; filho: Manuel.
- 105- Cristina Martins, parteira; filhos: Pedro, Francisco das Chagas, Alcides, Eugênia, Lídia, Leonarda e Trindade.
- 106- Manuela Fernandes da Fonseca, lavadeira.
- 107- Maria Germana Dahm, lavadeira; filhas: Jovina e Justina.
- 108- Maria Borges (Maria do Beço), lavadeira; filhas: Ifigênia e Adélia; netas: Maria da Oliveira e Zulmira.
- 109- Maria Paim de Andrade, lavadeira; filhas: Carlinda e Honorina.
- 110- Belmira Santos, lavadeira; filho: Marcolino.
- 111- Benedita Camargo; filho: Apolônio.
- 112- Eugênia Monteiro, lavadeira; filhas: Maria e Luísa; aguateiro auxiliar: Chico Velho.
- 113- Francisco Borges da Rosa (Chico Taipeiro), casado com Gertrudes Rosa; filho: Estêvão.
- 114- Virgílio Rodrigues, fazendeiro, neto dos antigos proprietários; caseiras: Isabel e Brígida Borges, ex-escravas; Brígida era engomadeira e tinha dois filhos: Ovídio e Mário.
- 115- Luís Volante, oleiro, casado com Esina Volante; filhos: Mercedes, Ernesto, Alberto, João, Calula, Antonieta, Leonor, Inácia e Alvina.
- 116- José Luís Teixeira, oficial de justiça, casado com Francisca Pereira da Silva; filhos: Alcebíades, Abílio, Eloi, Teresa, Ana e Virgínia.
- 117- Viúva Felisberta Domingues, lavadeira; filho: Tomé.
- 118- Crisanto Domingues Borges, trançador, casado com Maria Vás; filho: José Crisanto.
- 119- Vitorino Lopes da Silva, almocreve; caseiros: Seo Geraldo, jornaleiro, e Sea Brígida, lavadeira.
- 120- Boaventura Domingues Boeira, delegado de polícia, criador, casado com Maria da Fonseca Boeira; filhos: Antônio, João Otaviano, Olímpio, Aparício e Leocádia; sobrinha: Cecília;



empregados: Clemêncio e Evaristo.

- 121- Viúva Lídia Mota Schaidt; locatários do prédio com duas moradias: 1º Galdino da Silva Mota, criador, casado com Celestina Alves Mota; filhos: Animal, Arminda, Valeriano e Márcia; 2º Virgilino Antônio dos Santos, carpinteiro, casado com Amábilis Borges; filhos: Rosalina, Avelino, Anísio, Anério e Arsênio.
- 122- José Paixão, jornalista, casado com Amélia Paixão; filhas: Maria da Oliveira e Maria da Conceição.
- 123- Florentina Paixão, parda liberta, lavadeira.

Chácaras localizadas à esquerda do Uruguazinho:

- 124- José Luís Rodrigues Teixeira, fazendeiro, locatário: João Valente, viúvo, correio; filhas: Maria e Madalena.
- 125- José Caleffi, italiano, agricultor, casado com Francisca Rodrigues de Campos; filhos: Maria, Josefina, Catarina, Conceição e João.

Chácaras localizadas nas proximidades da bica:

- 126- Júlio Veppo, militar, casado com Clarisse Paim Veppo; filho: Tupi; empregada: Haidée.
- 127- Otto Neis, alemão, curtidor, solteiro; empregada: Ely.
- 128- Vicência Formiga de Sousa, doceira; filhos: Manuel, Júlio, Aluísio e Josefina.
- 129- Estêvão Carneiro, lixeiro, casado com Gertrudes Carneiro (Sea Tuquinha); filhos adotivos: Juventino e Ponciana.
- 130- Gertrudes Borges (Tuca Velha), lavadeira, preta liberta; filhos: Francisco e Joana; neta: Olímpia; auxiliar: Maria Sapata.
- 131- Atanásio Pacheco de Quadros, ourives, casado com Berberina Rosa Pacheco.
- 132- Sizenando Faustino de Oliveira; locatário: Pedro Bueno, taieiro, casado com Martinha Feliciano; filhas: Antônia e Francisca; cunhada: Faustina Feliciano; filhos: Francelino, Pedro e Maria José.

Chácaras localizadas à esquerda do Carazinho:

- 133- Viúva Maria Faustino de Oliveira, parteira; filhos: Oliveiros e Cândida; neta: Aurélia; fâmulos: Cândido.
- 134- Dr. Jorge Back, engenheiro alemão; filhos: Carlota, Olga e

Jorge; governante: Maria Teresa Acauan; filhos: Maria da Conceição e João.

135- Conde Ernesto Schwartz, engenheiro, alemão, casado com Maria Olinda Xavier Schwartz; filho: Sílvio; empregada: Elsa.

136- Herdeiros do Dr. Benedito Marques da Silva Acauan; locatários: Padre Mário Deluy, vigário de paróquia, francês, e Luís Guedes da Fontoura, advogado, casado com Maria da Conceição Medeiros da Fontoura; fâmulas: flora e Julieta; empregada: Cantalice.

NOTA: *O núcleo formado pelas casas sob o n. 134, 135 e 136 deste bairro foi até o fim do século passado, principalmente enquanto viveu o Dr. Acauan, aos domingos, o centro de convergência dos principais homens da então pequena vila de Vacaria.*

137- Manuel Faustino de Oliveira, oficial de justiça, veterano da Guerra do Paraguai; locatário: Cabo Isidro Sousa, casado com Maria José Rosa: filha: Silvina.

138- Floripa Andrade; caseira: Francelina Andrade, costureira.

139- Manuel Nery; filhos: Manuel e Luciana.

140- Paulo Feliciano, jornalista, casado com Polixena Silva; filhos: Possidônio, Manuel e Maria.



Figura 21 Carlos Scherechski 1º proprietário do Cinema Guarani.



Figura 22A ELITE DA SOCIEDADE DE VACARIA EM 1930. No centro, de mãos cruzadas, Prefeito Dr. Alfredo Borges dos Santos; a seu lado: Cel. Castelo Branco e Otávio Borges. Sentados, da esquerda: Amândio Fernandes Bueno, Romualdo Luís da Silva, Florêncio Borges Teixeira, Odorico Brando. Em pé: Lauvir Lacerda, Euclides da Fontoura Brito, Heitor Fernandes Borges, Dinarte Fernandes da Fonseca, Protásio Bueno, Lucídio Correia, Glorocinto Moraes, Diomar Santos, Glorocinto Barcelos Filho, Dr. Olívio Santos, etc.





Figura 23D. Matilde Meireles Martins, esposa do Major Daniel Martins; acompanhou o marido na Guerra do Paraguai, como enfermeira. Tronco da grande família Martins, de Vacaria.



Figura 24 CARLOS JORGE SCHULER. Um dos poucos troncos de origem alemã de Vacaria. Veio de São Leopoldo ainda no século passado, com 22 anos. Marceneiro, premiado na I Exposição de móveis de Porto Alegre. Casou em vacaria com Maria da Conceição Teixeira. Faleceu em 1942, com 82 anos. Teve 16 filhos, entre os quais: Luís Jacinto - prefeito e exator estadual; Edmundo - advogado, poeta, ednólogo... Durval, criador, livreiro, gráfico, fabricante de fogos de artifício. Antônio - Emília - Iolando (delegado de Polícia em Farroupilha). Percival - sargento do Exército e Funcionário Público. João Batista, Adelina e Amélia. A família Schuler é atualmente uma das mais numerosas e ilustres de Vacaria.



Figura 25Cinco Gerações: Sofia Kolerash, Emília, Olga K. Jacques, Alice Jacques Branco

A CATEDRAL

A Igreja Matriz, construída em 1870, era pequena e pobre. “Uma grande sala, em péssimo estado de conservação, era tudo o que existia para a reunião dos fiéis e para o culto divino nesta importante paróquia” (Frei Bruno de Gillonnay).

Mas os vacarianos haviam desde muito tempo prometido edificar um templo mais condigno para a sua Padroeira, Nossa Senhora da Oliveira. Seus descendentes não esqueceram a promessa.

Em fins do século passado, organizou-se, pois, a comissão encarregada de dar início à obra. Era assim constituída: Presidente, Coronel Libório Antônio Rodrigues; secretário-tesoureiro, Engenheiro Manuel da Silveira Gusmão; diretor Padre Mário Deluy, Vigário da Paróquia.

A diretoria foi solenemente empossada com um Te Deum em ação de graças pelo feliz acordo de todos os paroquianos na



ereção do novo templo. Naquele mesmo dia, 1º de janeiro de 1900, foi inaugurado o primeiro harmônio, que encheu de vibrantes acordes a velha igreja, tocado pelo artista Marcelino R.Porto.

Aprovada a planta de autoria do Dr. Manuel da Silveira Gusmão e lançada a pedra fundamental, no dia 14 daquele mês, foi então celebrada soleníssima festividade, com participação de representações de todos os recantos da vastíssima paróquia, hoje dividida em cerca de duas dezenas.

A festa teve à frente uma comissão de senhorinhas da sociedade, a saber: Cândida Paim, festeira; Elvira Paim, pagem da Coroa; Melândia Borges Vieira, porta-bandeira; Virgínia Fernandes de Moraes, Edelvira Vargas de Oliveira, Ludgera Borges de Almeida e Maria José de Moraes Borges, mordomas.

Concluídos os alicerces, surgiu um impasse, que paralisou as obras por vários anos. É que, por motivos políticos, fora transferido o Pe. Mário Deluy; além disso, falecera o autor do projeto e secretário-tesoureiro da comissão, Dr. Manuel da Silveira Gusmão.

O Cel. Libório Rodrigues, entretanto, continuou à frente da comissão, até o dia de sua morte, ocorrida em 1931. A nova comissão tinha ainda o Dr. Firmino Paim Filho, Dr. João Antônio Alves Nogueira, Dr. Manuel Duarte, tenente cel. Teodoro dos Santos Camargo e o novo Vigário, Frei Pacífico de Bellevaux, dos Capuchinhos da Província de Sabóia, França, aos quais fora confiada a paróquia.

Frei Pacífico não estava de acordo com o projeto do Dr. Gusmão, por ser o futuro templo de madeira e de pequenas dimensões. Foi quando chegou a Vacaria um auxiliar do Vigário, na pessoa de Frei Efrém de Bellevaux, que era um arquiteto de súbito valor. Este apresentou logo um novo projeto, de acordo com os grandes templos em voga na Europa, estilo gótico, à guisa da célebre Catedral de Notre Dame de Paris.

Acontece que fora descoberta nas imediações uma pedreira de cantaria, que podia fornecer excelente material de construção, substituindo com vantagem o tijolo, quase inexistente no município.

A nova comissão percorreu a paróquia, obtendo franca colaboração de todos os fazendeiros. Pouco tempo depois, foram transferidos para outras localidades os membros da comissão; Dr.

Firmino Palm Filho, Dr. João Antônio Alves Nogueira e o Dr. Manuel Duarte, sendo então substituídos por Abtino Pereira de Lima e José Fernandes de Oliveira.

A obra, sob a sábia direção de Frei Pacífico e de Frei Efrém, foi subindo lentamente mas sem interrupção, projetando para o céu duas altas torres. Internamente, fileiras de belíssimas colunas cilíndricas, encimadas por artísticos capitéis, servem de base às ogivas da suntuosa abóbada, decorada com medalhões que simbolizam as ladainhas de Nossa Senhora.

Diz o genial poeta Cassiano Ricardo, em suas memórias: “Vi então o vulto de uma igreja toda de pedra, que o Padre Efraim e seu companheiro (como vim a saber) há muito tempo estavam levantando, pedra por pedra, com o suor do próprio rosto. (Igreja que mais tarde viria a chamar a atenção de Gilberto Freyre e José Lins do Rego) “(Viagem no Tempo e no Espaço” pág. 10).

Em 1913, D. Miguel de Lima Valverde, Bispo de Santa Maria, ao qual se encontrava então jurisdicionada toda a região do norte e nordeste do Estado, por ocasião de sua visita pastoral, disse: “Vacaria está construindo um templo suntuoso, mas Deus saberá recompensar tanto sacrifício: Um dia esta igreja será uma catedral”.

Em 8 de setembro de 1934, cumpria-se a profecia de D. Miguel, quando o Papa Pio XI, com a bula *Dominici gregis dominici*, criava a Prelazia de Nossa Senhora da Oliveira, desmembrada do território da Arquidiocese de Porto Alegre.

OUTRAS IGREJAS — Além das igrejas católicas, surgiram recentemente outras, pertencentes a vários credos religiosos, a saber: TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, iniciada em 1960 pelo casal Antônio Rubens e Eunice Maciel, conta hoje com 100 membros, sendo presidida atualmente por Ernani Pereira de Campos.

IGREJA LUTERANA, de linha norte-americana, fundada aqui em 8-9- 1968 por iniciativa de Cláudio Kaminski, conta com 70 membros, assistidos pelo pastor Paulo Luiz Vaz. - ASSEMBLÉIA DE DEUS, fundada em 1924 por Gustavo Norland, possui 1.100 adeptos, assistidos pelo pastor Caio Borges do Canto. Dispõe de dois templos na cidade, na rua Borges de Medeiros e no bairro Vitória,

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, fundada em 1970 por Alcibíades Pereira da Costa, conta com 300 membros,

sob a orientação do pastor João Bento Gomes da Silva. O ESPIRITISMO possui diversos centros na cidade: Sociedade Espírita Urubatã de Melo; Sociedade Espírita Jesus e sua doutrina; Sociedade Espírita Amor em Jesus. UMBANDA, com o centro mais importante Sociedade Espiritualista União e Caridade; Terreiro de Ogum Rompe Mato; Terreiro Ogum Beira Mar; Terreiro Arranca Toco; Tenda de Umbanda de Mãe Oxum; Terreiro Dona Teresa; Centro Cavaleiro São Jorge; Terreiro Padre Mateus; Terreiro de Umbanda Caboclo de Sete Flechas e outros.



Figura 261930: Catedral de Vacaria e antiga Casa Paroquial

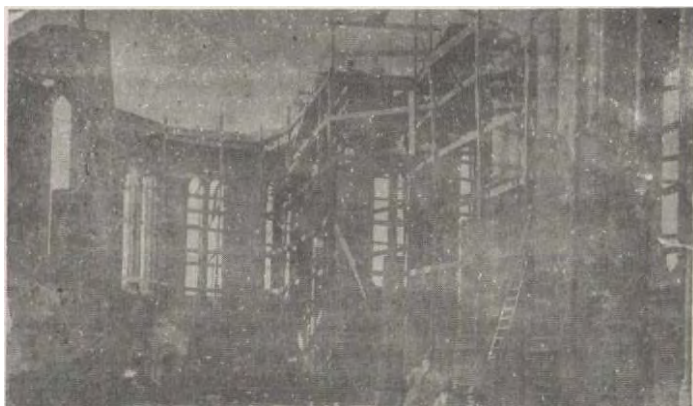


Figura 2725.08.1919: Catedral de Vacaria em Construção

A DIOCESE

Primeiramente Vacaria encontrava-se sob a jurisdição eclesiástica de Rio de Janeiro, cujo Bispo, D.Frei Antônio do Desterro, criou a paróquia de Nossa Senhora da Oliveira em 20-12-1768. Em 7-5-1848, por ocasião da criação da Diocese de Porto Alegre, a esta ficou jurisdicionada Vacaria. Após a criação da Diocese de Santa Maria (6-2-1911), Vacaria e toda a região norte nordeste do Estado passaram a pertencer a ela, sendo D.Miguel de Lima Valverde, primeiro Bispo da nova Diocese. Retomou à jurisdição de Porto Alegre em 1921.

Em julho de 1930, D.João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, esteve em Vacaria para entrar em entendimento com o Vigário, Pe. Frei Pacífico, e os católicos, visando a criação de uma Prelazia, com sede na pequena vila. Houve então uma comunhão geral de mais de 400 pessoas, na maioria homens, fato que impressionou o Arcebispo, que não hesitou em tomar a peito a criação da Prelazia.

O P.Frei Pacífico e a comissão da Igreja, tendo à frente o coronel Libório Antônio Rodrigues e o professor José Fernandes de Oliveira, prepararam o ambiente e construíram o palácio episcopal. No dia 8 de setembro de 1934, o Papa Pio XI assinava a bula criando a Prelazia de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria, nomeando como Bispo-Prelado a Dom Frei Cândido Maria Bampi, da Ordem dos Capuchinhos, a cujos cuidados se encontrava a paróquia desde 1903.

No dia 4 de outubro de 1936, na cripta da Catedral de Porto Alegre, em cerimônia que teve como paraninfo o general Antônio Flores da Cunha, Governador do Estado, ladeado pelos representantes de Vacaria, José Fernandes de Oliveira, Dr. Taufick Saadi, Romualdo Luís da Silva, Pedro Grazziotin, Dr. Elisiário Camargo Branco, Prefeito, e os Padres Frei Pacífico e Frei Efrém, D.Cândido era sagrado Bispo-Prelado, por D. João Becker, Arcebispo Metropolitano, sendo consagrantes D.José Barea, Bispo de Caxias do Sul, e D.Antônio Reis, Bispo de Santa Maria.

No dia 4-11-1936, D.Cândido era empossado pelo próprio D.João Becker, acompanhado de D.José Barea, que foram recebidos apoteoticamente saudados pelo Dr. Adão Viana,



encontrando-se presentes delegações de todas as paróquias da nova Prelazia: Bom Jesus, Lagoa Vermelha, Sananduva, Cacique Doble, Forquilha e Ipiranga (Segredo).

D.Cândido nasceu no Município de Caxias do Sul, em 25-1-1889, filho de Maximino Bampi e de Giacomina Cemin, imigrantes italianos. Tendo ingressado no Seminário dos Capuchinhos em 1900, fez seus estudos em Garibaldi, Veranópolis e Flores da Cunha, vindo a concluí-los em Roma, onde se laureou em Teologia e Direito Canônico e onde foi ordenado sacerdote em 10-8-1914.

Retornando ao Brasil, foi professor no Seminário Maior da Ordem em Garibaldi e capelão do Colégio São José das Irmãs de São José, na mesma cidade. De 1927 a 1932 foi Superior da Ordem, e, de 1933 a 1936, novamente professor e capelão em Garibaldi.

Durante 21 anos, até 1957, Dom Cândido governou a Prelazia de Vacaria, exercendo fecundo apostolado, tendo criado várias novas paróquias, fundou o Asilo Divina Providência, o Seminário Nossa Senhora da Oliveira e realizou muitas outras obras, tendo sido sempre apoiado e admirado por seus diocesanos. Em 1947 promoveu o Congresso Eucarístico diocesano, em preparação ao Congresso Eucarístico Nacional. Em 27-4-1957 com o maior pesar de toda a Prelazia, D.Cândido deixava Vacaria, para assumir o cargo de Bispo-Auxiliar de Caxias do Sul, onde veio a falecer no convento de Nossa Senhora da Conceição dos Capuchinhos, em 07.07.1978.

Em 18-1-1957, o Papa Pio XII, com a Bula Pontifícia “Qui Viçaria”, criava a Diocese de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria, em substituição à Prelazia, ereta em 1934. D.Cláudio Colling, Bispo de Passo Fundo, passou a governar a nova Diocese como Administrador Apostólico. Realizou excelente apostolado pastoral, tendo visitado todas as paróquias, administrando o santo Crisma. Em 16-8-1958, após 14 meses de administração apostólica, D. Cláudio dava posse ao primeiro Bispo da nova Diocese de Vacaria, na pessoa D. Augusto Petró, pró-Vigário Geral da Arquidiocese de Porto Alegre.

D.Augusto, natural de Santo Antônio da Patrulha, nascido a 3-5-1918, filho de José Petró e de Maria Monticelli Petró, fez seus estudos no Seminário Central de São Leopoldo, sendo ordenado sacerdote em 30-11-1944, na cripta da Catedral Metropolitana de



Porto Alegre. Entre os vários cargos ocupados, destacam-se os de Pároco da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, de Porto Alegre, Pároco da Sagrada Família da mesma cidade, Diretor do novo Lar dos Menores e Pró-Vigário Geral da Arquidiocese.

Foi eleito Bispo de Vacaria em 16-5-1958, sendo sagrado na Igreja da Sagrada Família, de Porto Alegre, por D.Alfredo Vicente Scherer, Arcebispo Metropolitano, e consagrantes: D.Cláudio Colling, Bispo de Passo Fundo, e D.Walmor Battu Wichorowski, Bispo Auxiliar de Santos. Realizou seu 1º Pontifical na Igreja Matriz de Santo Antônio da Patrulha. Tomou posse como Bispo de Vacaria a 17-8-1958. À sua sagração estavam presentes o Dr. Ildo Meneghetti, Governador do Estado, o Prefeito de Vacaria, Dr. Nicanor Kramer da Luz, Pe. Frei Celestino Dotti de A.Prado, Superior Provincial dos Capuchinhos e numerosas representações de Vacaria e de Santo Antônio da Patrulha. A recepção de D.Augusto Petró em Vacaria foi uma verdadeira apoteose.

Durante seis anos D.Augusto governou a Diocese de Vacaria com notável proficiência, sendo admirado sobretudo por sua extrema bondade, por sua palavra fluente e cativante, por seu notável zelo apostólico, qualidades que valeram rápida promoção para dirigir a importante diocese de Uruguaiana, tomando posse a 14-6-1964, conservando-se até hoje neste alto posto.

Em 12 de julho de 1964, tomava posse da Diocese de Vacaria D.Henrique Gelain, ex-Bispo de Cajazeiras, Paraíba, e de Lins, São Paulo. O segundo Bispo de Vacaria nasceu em 12-06-1910 em Nova Pádua, então 4º Distrito de Caxias do Sul e hoje 2º de Flores da Cunha. Estudou no Seminário Central de São Leopoldo, hoje Universidade do Vale do rio do Sinos (UNISINOS), ordenou-se sacerdote em 28-10-1935, na Catedral de Porto Alegre, sendo ordenante o Arcebispo D.João Becker.

Exerceu o ministério sacerdotal em Bento Gonçalves, em Vista Alegre, de Nova Prata, e de 1938 a 1944, foi Pároco de Antônio Prado. Foi eleito Bispo de Cajazeiras, Paraíba do Norte, em 29-7-1944, sendo sagrado na Igreja Matriz de Antônio Prado, em 10-12-1944. Depois de 4 anos à frente da Diocese de Cajazeiras, foi transferido para a Diocese de Lins, em São Paulo, onde, durante 16 anos, criou a Diocese de Marília, fundou a Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Assistência Social, criou

mais de 20 Paróquias, construiu o Centro de Pastoral, a residência episcopal, realizando outras numerosas obras.

Seu zelo pelo bem das almas e promoção humana continuou em Vacaria, onde fundou várias paróquias, construiu a nova residência episcopal, colaborou na fundação da Faculdade de Filosofia, realizando muitas outras obras de nível pastoral e cultural. Como Bispo de Vacaria, tomou parte no Concílio Vaticano II. Esteve cinco vezes na Europa, tendo visitado a Terra Santa e a Tranjordânia. Atualmente D.Henrique Gelain encontra-se no comando de uma importante Diocese, que é Vacaria, com 24 paróquias, como segue, com sua respectiva data de criação:

Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria, 20-12-1768; São Paulo Apóstolo de Lagoa Vermelha, 17-2-1857; Bom Jesus, 23-3-1919; Sananduva, 8-5-1905; Segredo, 4-3-1928; Paim Filho, 25-11-1927; Cacique Doble, 29-4-1929; Ipê, 5- 4-1936; Esmeralda, 6-1-1940; Maximiliano de Almeida, 20-1-1940; Ibiraiaras, 6-1-1940; Ibiaçá, 6-1-1947; Tupanci, 4-1-1947; São Manuel, hoje Campestre, 15-8-1950; André da Rocha, 7-6-1953; Nossa Senhora De Fátima, Vacaria, 19-10-1959; Barracão, 19-12-1959; Santo Antônio de Lagoa Vermelha, 28-8- 1967; Machadinho, 2-1-1944; Caseiros, 5-3-1961; São João da Urtiga, 7-1- 1940, São Paulo, Vacaria, janeiro de 1969 e Ausentes, 19-3-1962.

Paróquias administradas pelo clero diocesano: Nossa Senhora da Oliveira, Catedral; São Paulo de Lagoa Vermelha; Sananduva; Tupanci; Campestre; Maximiliano de Almeida; São João da Urtiga; São Paulo; Vacaria; Ausentes. Padres Redentoristas: Ibiaçá. Padres Barnabitas: Caseiros. Padres Capuchinhos: as demais.

Em 1-11-1945, D.Cândido nomeava o Pe. Luiz Lovatel para o cargo de notário e chanceler da Cúria Diocesana; o referido sacerdote, o primeiro do clero diocesano, ordenado por D.Cândido em 8-12-1943, na Catedral, tendo como padrinho o Ir. Miguel de Sanctis e o Dr. Sátiro Dorneles de Oliveira Filho, Prefeito Municipal, atendia ao mesmo tempo as capelanias dos Colégios São José e São Francisco. A seguir, o cargo de chanceler foi ocupando pelo Pe.Frei Florêncio Gelain e, depois, novamente pelo Pe. Luiz Lovatel, de 1969 até janeiro de 1972, sendo, então, substituído pelo Mons. Jaime Kramer da Fonseca, até fins de 1977. A partir de 1978, o serviço de chancelaria vem sendo realizado pelas Irmãs de



São José.

De 1946 a 1948, a Prelazia esteve provida de Vigário Geral, na pessoa do Pe. Frei Geraldo de Gruffy, nomeado por D.Cândido Maria Bampi.



Figura 28 Dom Frei Cândido J. Bampi, 1º Bispo Prelado (1936-67)

Figura 29 Dom Augusto Petró, 1º Bispo Diocesano (1958-1964).







Figura 30 Dom Henrique Gelaim, 2º Bispo Diocesano (1964 até o presente).

GOVERNO MUNICIPAL

A primeira Câmara Municipal, empossada logo após o ato de criação do município, em 1851, tinha a seguinte composição: Pe. João Antônio de Carvalho (presidente), Teodoro de Sousa Duarte, Miguel Joaquim de Camargo, Inocêncio José de Sousa, Manuel Ferreira Bueno e Estêvão Malaquias Paes de Figueiredo.

Em setembro de 1852, a Câmara estava assim formada: José Joaquim Teixeira (presidente), Mâncio Ivo da Fonseca, Narciso Paim de Andrade, Constantino Dutra de Oliveira e Manuel Pereira Bueno.

Em 1853 foram convocados os vereadores suplentes: Venâncio José Monteiro, Antônio Ignácio de Oliveira, Antônio Nunes Benfica, Antônio Júnior da Silva e Felisberto José Lopes.

Em 1854 era secretário da Câmara o professor Luís Augusto Branco.

Em fevereiro de 1855, a Câmara de Vereadores estava assim constituída: Manuel Tomás Gonçalves, Miguel Joaquim de Camargo, José Joaquim Ferreira, Mâncio Ivo da Fonseca, Antônio Francisco Rodrigues, João José Dutra, Antônio Fialho de Vargas e Manuel Batista Pereira Boeno.

Como sabemos, em 1857 a sede do município foi



transferida para São Paulo da Lagoa Vermelha. Mas em 1º de outubro de 1876, houve eleições em Vacaria para vereadores e juiz de paz, com o seguinte resultado: Vereadores pelo partido liberal mais votados: João José Dutra, 213 votos; Israel Antônio da Paixão, 206; Libório Antônio Rodrigues, 196; Delfino de Paulo Nery, 190; Augusto Branco, 190; Francisco de Paula Nery, 182; João Manuel da Silva, 181; Paulino Antônio Alves, 180; Luís Jacinto Ferreira, 176; e Francisco Pereira da Fonseca, 165.

Pelo Partido Conservador: Antônio Luís Teixeira, 90 votos; Teodoro de Sousa Duarte Júnior, 90; João Borges Pinto, 86; Barnabé Soares Borges, 74.

Para Juiz de Paz: Valeriano de Siqueira Borges, Manuel Batista Pereira Bueno, Hermenegildo de Moraes Borges e Luís Augusto Branco.

Em agosto de 1878, houve eleições, tendo Borges Partido Liberal 2/3 do Colégio. Candidatos: Israel Antônio da Paixão, Joaquim Luís Teixeira, Antônio José Dias Coelho Chinhô, Delfino de Paula Nery, João Manuel de Oliveira, Luís Jacinto Ferreira, Manuel Vicente da Rosa, Manuel Batista Pereira Boeno, Paulino Antônio Alves e Manuel de Lima Pereira.

Em 15 de outubro de 1878, foi instalada a Comarca de Vacaria, tendo por Juiz de Direito suplente o tenente coronel Manuel Batista Pereira Bueno; em seguida foi nomeado Juiz de Direito o Dr. Francisco Antônio Vieira Caldas.

Em 1884, o Conselho Municipal estava assim constituído: Dr. Benedito Marques da Silva Acauã, presidente; Felisberto Pinto Barbosa, Hermelino José Alves, João Teodoro de Sousa Duarte, Amândio Borges de Albuquerque, Salustiano de Lima Pereira, Virgílio Antônio Rodrigues, Amândio de Sousa Duarte e Paulino Antônio dos Santos.

Em 1890, era presidente da Câmara Municipal o vereador Amândio de Sousa Duarte. Em 1891, Laurindo Paim de Sousa. Em 1892, Cel. Delfino de Paula Nery.

Em 1892, o Vice-Presidente do Conselho Municipal era Fábio de Sousa Duarte, que em 5 de janeiro do mesmo ano foi nomeado Administrador Provisório do Município, tendo sido, por isso, o 1º Intendente.

O 2º Intendente, de 15 de janeiro a 11 de fevereiro de 1893, Dr. João Batista Galvão de Moura Lacerda,



3º Intendente: José Cândido de Campos Júnior, de 11-2-1893 a 12 de maio do mesmo ano. O 4º Intendente: Teodoro de Sousa Duarte, de 4 de julho a 12 de maio de 1893. De 23 de agosto a 19 de outubro de 1893: João Borges Pinto, Vice-Intendente, 5º Intendente.

6º Intendente: Avelino Paim de Sousa de 30-12-1895 a 1º-1-1896.

7º Intendente: Manuel Batista Pereira Bueno, 1-1-1896 a 1-4-1897, Vice-Intendente em exercício.

8º Intendente: Avelino Paim de Sousa, de 7-12-1900 a 31-9-1904.

9º Intendente: Laurindo Paim de Sousa, de 8-9-1904 a 6-9-1905.

10º Intendente: Teodoro dos Santos Camargo, Vice, de 25-10-1905 a 1º-6-1908.

11º Intendente: Jacinto Borges Coelho, Vice, de 1-6-1908 a 1º de julho.

12º Intendente: Jacinto Borges Coelho, de 3 de setembro a 4 de novembro de 1908.

13º Intendente: Dr. Firmino Paim Filho, Vice, de 18-11-1908 a 1º-9-1909.

14º Intendente: Jacinto Borges Coelho de 2 de setembro a 1º de dezembro de 1909.

15º Intendente: Dr. Firmino Paim Filho, Vice, de 15-12-1909 a 14-6-1912.

16º Intendente: Antônio Leão da Costa Ferreira, sub-Intendente do 1º Distrito, interino: de 18 de julho a 26 de agosto de 1912.

17º Intendente: Dr. Augusto Diana Terra, de 3-8-1912 a 30-1-1917.

18º Intendente: Teodoro dos Santos Camargo, de 30 de janeiro a 18 de maio de 1917.

19º Intendente: Dr. Augusto Diana Terra, de 1º de junho a 2 de julho 1917.

20º Intendente: Severiano Borges Pereira, Vice, de 3-7-1917 a 30-1-1918.

21º Intendente: Francelino Guerreiro Filho, subintendente do 1º Distrito, de 1º de fevereiro a 31 de agosto de 1918.

22º Intendente: Dr. Augusto Diana Terra, de 6-9-1918 a 30-

9-1918.

23° Intendente: Francelino Guerreiro Filho, Vice, de 1-10-1918 a 21-8-1920.

24° Intendente: Nabor Moura de Azevedo, de 2-9-1920 a 1-6-1922.

25° Intendente: Fausto Viterbo de Oliveira, de 3 de junho a 27-11-1922. 26° Intendente: Nabor Moura de Azevedo, Vice, de 29-11-1922 a 30-11-1922.

27° Intendente: Júlio de Campos, Vice, de 1-12-1922 a 18-8-1924.

28° Intendente: Teodoro dos Santos Camargo, de 2-9-1924 a 1°-12-1924.

29° Intendente: Dr. Manuel Duarte, de 1-12-1924 a 30-6-1925.

30° Intendente: Teodoro dos Santos Camargo, de 1-7-1925 a 18-8-1928.

31° Intendente: Severiano Borges Pereira, de 3-9-1928 a 1-10-1929.

32° Intendente: Avelino Paim Filho, Vice, de 1-10-1929 a 31-12-1929.

33° Intendente: Severiano Borges Pereira, de 1-1-1930 a 19-1-1930.

34° Intendente: Avelino Paim Filho, Vice, de 20-1-1930 a 15-12-1930.

35° Prefeito: Dr. Alfredo Borges dos Santos, de 15-12-1930 a 21-2-1931.

36° Prefeito: Otacílio Fernandes, de 21-2-1931 a 1-7-1932.

37° Prefeito: Virgílio Carneiro Borges, subprefeito do 1° Distrito, em exercício, de 1°-8-1932 a 8-8-1932.

38° Prefeito: Avelino Paim Filho, de 8-8-1932 a 1-2-1958.

39° Prefeito: Dr. Sátiro Dorneles de Oliveira Filho, de 1-2-1938 a 1-2-1945.

40° Prefeito: Luis Jacinto Teixeira Schüller, de 1946 a 1952.

41° Prefeito: Porcínio Borges Pinto, de 1952 a 1956.

42° Prefeito: Dr. Nicanor Kramer da Luz, de 1956 a 1960.

43° Prefeito: João Possap, de 1960 a 1964.

44° Prefeito: Protásio Duarte Guazzelli, de 1964 a 1969.

45° Prefeito: Octacílio Rech, de 1969 a 1972.

46° Prefeito: Dr. Marcos Palombini, de 1973 a 1977.

47° Prefeito: Dr. Enore Ângelo Lucian Mezzari, de 1977 a 1981

FRANCELINO PIRES GUERREIRO FILHO e esposa Josefa Almeida Guerreiro, Intendente e um dos maiores pecuaristas de Vacaria.



Figura 31 Prefeito Avelino Paim Filho.



Figura 32 Severiano Borges Pereira duas vezes Intendente de Vacaria



Figura 33 Prefeito Avelino Paim Filho.

LAVOURAS DE OUTORA

Embora a pecuária tenha sido, durante dois séculos, o esteio exclusivo da economia do povo vacariano, a agricultura nunca deixou de representar papel importante em todas as fazendas, não como fator de exportação, mas para consumo interno. Durante as primeiras horas do dia, o pessoal ocupava-se na lida agrícola. As horas mais quentes eram destinadas aos trabalhos campeiros.

Ao lado do quintal e do pomar, todas as fazendas tinham sua lavoura de terra, perto de casa. Lavoura fechada com cerca de rachão ou taipa de pedra. Lavrava-se a terra com arado puxado a bois, nos meses de agosto e setembro. Adubava-se com esterco de gado. Plantava-se milho, feijão, batata, moranga...

O quintal era separado da lavoura. Plantava-se nele ervilha, feijão-de-vagem, repolho, alface, couve, couve-flor, fava, mostarda, batata...

O pomar, em volta da casa, constituía-se de laranjeiras, macieiras, maçã-cravieira, que era uma fruta pequena, mas gostosa, perfumada, colorida, planta baixinha; bergamota, lima, limão, ameixa preta ameixa da Europa (como então se chamava), peras de várias qualidades, pêssego, figo, marmelo...

Com as frutas do pomar, fabricava-se grande quantidade de doces, como marmelada, figada, que eram servidos como sobremesa junto com queijo.

Fabricavam a marmelada com açúcar de Torres, açúcar preto, que era anteriormente refinado com processo curioso. Coava-se o açúcar, deitava-se em tacho, com água; desmanchavam fervendo; coava-se num pano, e colocava-se no tacho novamente para ferver. Iam fervendo e tirando a espuma. Ferviam até engrossar e ficar amarelo. Fora do fogo, mexia-se para deixar bem esfarelado. A seguir derramavam sobre uma mesa grande para secar e esfarelar bem. O açúcar assim refinado perdia a acidez, tornando-se gostoso quase como o açúcar de hoje. Costumava-se comer torrão desse açúcar com queijo.

LAVOURA DE BANHADO — Quase todos os fazendeiros possuíam a sua lavoura de banhado, fechada por valo profundo, que tinha dupla serventia: escorrer a água secando o banhado,

deixando-o apto à lavoura, e fechá-lo ao gado. A saída, o valo vinha fechado por entulho de ramada por baixo e terra por cima. Entrava-se na lavoura a pé por uma pinguela e com o carro de boi por uma passem de aterro.

O tremedal drenado era depois destocado da macegama, que ficava de raiz para cima, amontoada aqui e acolá. Preparava-se a lavoura na entrada do inverno.

Na primavera passava-se a enxada, preparando o lavourão de milho. O cereal crescia luxuriante, fornecendo enorme produção. O feijão, em lavoura de banhado, plantava-se em menor proporção, em virtude da umidade do solo, prejudicial à planta. Plantava-se também batata doce.

ROÇA DE MATO — Roçava-se uma ponta de mato, derrubando toda a madeira. Depois da queda da folha, coivaravam, picando e queimando. Os galhos mais grossos eram aproveitados para lenha.

Fechava-se a roça com cerca de rachão ou taipa de pedra. A seguir, com a enxada preparava-se a terra para o plantio do feijão, batata doce, moranga... Alguns fazendeiros cultivavam até o trigo.

Trigo e feijão eram malhados a mangual ou a pata de cavalo, no terreiro. Merece atenção o curioso processo de formação de um terreiro, naquele tempo em que não existia cimento nem laje.

O terreiro era rebocado com argamassa composta de esterco de gado e cinza, formando uma chapa compacta de grande resistência contra a chuva e o tempo. Juntavam o esterco fresco, novo, mole, logo de manhã cedo, antes que secasse ao sol. Amontoavam o que estava mais durinho, mais sem casca. Amontoavam numa sombra.

Em seguida, preparava-se o reboque numa lata grande ou gamela, deitando cinza e água. Vai-se amassando até ficar uma argamassa mole, pronta a ser derramada no terreiro de terra batida e borrifada. Derrama-se a argamassa, espalhando com vassoura de campo, lentamente, deixando bem rebocado. Prepara-se nova dose, outra, mais outra, até rebocar inteiramente a eira.

Deixa-se secar ao sol. De tarde ou no dia seguinte, com vassoura de campo, varre-se os resíduos de esterco. Pronto, fica um terreiro bem lindo, resistente, como se fosse de cimento, que

pode durar muitos anos.

Antigamente e mesmo ainda hoje em certas fazendas, forrava-se com esterco de gado o chão da cozinha, por vezes até a varanda e a casa. É ainda um excelente reboco para forrar paredes de pau-a-pique.

ROÇA DE SERRA — As lavouras nas fazendas eram de pequenas proporções. Por isso, quase todos os fazendeiros possuíam sua roça em região de serra, às vezes bem longe de casa, nos confins da serra do Pelotas, no Pinhal, na serra das Antas, do Carreiro. O fazendeiro requeria posse de certa área de mata e mandava demarcar. A posse na serra, em geral, tinha dupla finalidade: a cultura agrícola e o internamento do gado.

Em abril, formava-se uma comissão de peões, que seguia para a serra conduzindo uma tropa de cerca 12 cargueiros, transportando mantimentos e roupas. Iam tocando tropas de gado, de cavalos, de porcos, que passavam o inverno na mata de serra, onde ficavam ao abrigo do frio e alimentando-se com pinhão, naquele tempo muito abundante em qualquer serra.

No final da temporada do pinhão, os suínos, fechados em encerra, estavam bem gordos, aptos para o abate. Carneavam-se ali mesmo, para fabrico de banha, linguiça, charque... Tudo era depois transportado para a fazenda e ali mesmo consumido durante o resto do ano.

O gado, cavalos e mulas, por sua vez, findo o inverno, retornavam à fazenda gordos e reluzentes, prontos para o mercado, quando no campo, muitas vezes, morriam por falta de pastagens e pelo frio.

Na primavera, fazia-se a roça na serra. Construía-se um paiol, por vezes uma estrebaria, ao lado. Derrubava-se a mata e plantava-se o milho, não raro o feijão. O cereal crescia viçoso e abundante. Colhia-se, guardava-se no paiol e, aos poucos, ia sendo transportado para a fazenda em cargueiros.

O produto da lavoura da serra destinava-se ao consumo doméstico. Representava fator importante para a economia do numeroso pessoal da fazenda, pois, naquele tempo, tanto o campo como o gado tinham pouco valor.

A posse da serra era, muitas vezes, destinada mais tarde para algum peão que desejasse tornar-se autônomo. Após a abolição da escravidão, muitas famílias de cor iniciavam sua vida

independente, livre, nessas posses de seus antigos senhores. No entanto, a maioria dessas posses nas serras foram depois adquiridas pelos colonizadores de origem italiana, que fundaram colônias, que prosperaram transformando-se em distritos, como Ipê, Segredo, São Manuel, São Bernardo, Campestre, São Paulo.



Figura 34 Bispo Dom Frei Cândido, Dr. Nicanor K. da Luz, Dr. Parcínio Borges Pinto, Frei Cosme Gradaschi.

A REVOLUÇÃO DE 1923

Embora não tenham ocorrido maiores combates no território de Vacaria, durante a Revolução de 1923, o acontecimento passou para a história com a marcante participação dos vacarianos e o intenso movimento de tropas.

Milhares de filhos de Vacaria dos Pinhais, tendo à frente o general Firmino Paim Filho, na facção legalista, e o tenente coronel Libório Antônio Rodrigues, por parte dos revolucionários, tomaram parte eficiente em vários combates verificados na região do Nordeste do Estado.

A campanha eleitoral de ambos os partidos políticos,

fortemente agitada por combativos jornais, preparava o ambiente pré-revolucionário. Batista Lusardo e o próprio Assis Brasil estiveram na vila de Vacaria, prestigiando o Partido Libertador com sua presença e recebendo vibrantes aclamações.

O partido da Oposição contava com muitos adeptos, na sede e no interior do Município, tendo como presidente o líder político Cel. Libório Antônio Rodrigues, latifundiário da Fazenda da Estrela. O partido governista contava em Vacaria com um dos mais ilustres vultos políticos do Estado, Gal. Firmino Paim Filho, comandante do Destacamento do Nordeste, aqui sediado.

Antes da eclosão do movimento revolucionário, reuniram-se na Fazenda da Estrela os líderes maragatos da região: João Fagundes, João Anselmo Ferreira, Otávio Rocha, Manuel Lopes Castelo Branco, Virgílio Rodrigues, Abtino Lima, Orlando Luís Teixeira, José Borges Teixeira, Bernardo Lima (avô do deputado Jarbas Lima) e outros.

Uma comissão foi conferenciar com o coronel Manuel Fabrício Vieira, vacariano mas residente em Santa Catarina. Este caudilho aderiu à ideia do movimento, colocando às ordens seus homens, animais, armas e munições. Eram homens práticos, que haviam lutado com ele no sertão, no tempo do Contestado. Seu filho, cap. Luís Fabrício Vieira, apresentou-se também como voluntário.

Comando da força maragata que então se formou em Vacaria foi confiado ao coronel Demétrio Ramos, veterano da Revolução de 93. Estava assessorado por Fabrício Vieira e Jango Padre.

O primeiro combate verificou-se no dia 11 de março, na Invernada Velha, em Bom Jesus, contra uma força do gal. Firmino Paim Filho. Houve apenas feridos.

No dia 19 do mesmo mês, festa de São José, a coluna de Firmino Paim Filho, acampada com mais de mil homens no povoado de Capão Bonito, município de Lagoa Vermelha, aguarda com expectativa a hora de entrar em luta com a coluna do general Filipe Portinho, comandante maragato do Nordeste. Quase toda a população legalista de Vacaria encontrava-se lá, entre eles o Delegado de Polícia Alípio Ramiro Porto e o médico Francisco Guerra.

Portinho, fazendo levantamento da situação, avança com um piquete de cavalarianos. No alto da coxilha ao oeste do povoado,



os maragatos recebem de repente uma chuva de balas. Vicente Leite, ordenança de Portinho, cai morto, enquanto o cavalo do comandante tomba varado por rajada de metralhadora, deixando o general maragato a pé. A força legalista perde um oficial, de nome Ramiro. O Delegado Alípio Porto salvou da morte nove soldados maragatos, que estavam presos a um pinheiro há 9 dias.

No dia 20 de julho, houve um pequeno combate no Tabuleiro, em São José do Pinhal, entre as forças de Demétrio Ramos e de Firmino Paim Filho. Dias após, outro combate na Fazenda dos Gregórios, quando pereceu o capitão Vica Santana, da força de Paim Filho.

A seguir, a coluna maragata de Demétrio Ramos e Jango Padre vai juntar-se à do general Portinho, no então município de Erechim, hoje Getúlio Vargas. Para lá, em perseguição, seguiram Paim Filho, Elisário Neto e Emílio Carneiro Borges, em três esquadrões.

No dia 13 de setembro, na Fazenda Quatro Irmãos, deu-se o choque entre as duas colunas adversárias, tendo à frente a Brigada do Norte, de Passo Fundo. Foi um combate sangrento, no qual Portinho teve 54 baixas, com 14 mortes, ao passo que a força legalista perdeu 121 homens, quase todos pertencentes à Coluna do Norte, de Passo Fundo.

Portinho, em seguida, adianta-se à força de Paim Filho e marcha sobre Vacaria, passando por Lagoa Vermelha. No dia 21 de setembro, na Encruzilhada, proximidades da Extrema, junto à casa comercial de Flaminio Moreira Leite, o general maragato, numa emboscada do notável estratégia surpreende o 3º Corpo Provisório de Guaporé, sob o comando do general Francisco de Paula Feijó.

Foram seis horas de violento tiroteio, com dezenas de mortos, todos bons colonos de origem italiana, entre eles o sargento Manuel Camargo, de Bom Jesus. O próprio general Feijó foi ferido e seu filho, um capitão, caiu prisioneiro. No dia seguinte, Portinho entregou ao general legalista, no Hotel Familiar de José Gaspareto, em Vacaria, o filho preso. No combate da Encruzilhada, os maragatos perderam apenas um soldado, o jovem Alcino Borges, de 15 anos.

No dia 30 de setembro, a coluna de Portinho fere outro combate, junto ao rio das Contas, em Bom Jesus, contra a Brigada do Norte, que ali perdeu um dos seus comandantes, o major

Antônio Inácio Velho, Intendente de Bom Jesus. A força legalista teve aqui 45 baixas, com uma dezena de mortos, enquanto os maragatos perderam só um rapaz.

Como aconteceu na Revolução de 1893, desta vez também os fazendeiros perderam quase todos os seus rebanhos, que foram dizimados pelas forças combatentes.



Figura 35 REVOLUÇÃO DE 1923

Cap. Aparício Boeira acampado no interior de Vacaria



Figura 36 BATISTA LUSARDO visita Vacaria em 1921. Da sacada da casa do Cel. Libório Rodrigues, o caudilho maragato fala aos correligionários, na sua maioria fazendeiros vindos do interior, a cavalo, com sua tradicional capa branca e chapéu de aba larga. Alguns dos primeiros automóveis de Vacaria.



Figura 37 O Caudilho Batista Lusardo em Caxias do Sul (o 2º sentado, da esq.)

Aparecem alguns vacarianos, como os três da fila do meio, da direita: Flaminio Moreira Leite e seu sogro, Cap. José Borges Teixeira falecido em 04.06.1978, com 95 anos, o terceiro da fila do meio, à direita.





Figura 381° Destacamento da coluna do Nordeste, em Curitiba, no dia 6 de novembro de 1930, em que aparecem: Cel. Virgílio Rodrigues (7° da 1° fila da esquerda); 8° Octacílio Fernandes; 10° Cel. Castelo Branco; 6° Juvedino Santana, irmão do Vica; 9° Samuel Guazzelli Filho, pai do Gov. Sinval; 5° Emílio Carneiro Borges.

OS CAPUCHINHOS EM VACARIA

O Pe. Mário Deluy, pároco de Vacaria de 1897 - 1902, descendente de nobre família de Marselha, ordenado por D.Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, Bispo de Porto Alegre, foi um sacerdote de admirável zelo apostólico, a quem os católicos vacarianos devem a iniciativa da renovação da vida espiritual. Foi ele que introduziu na paróquia a prática da Primeira Comunhão, havendo realizado no dia 17-06-1898 a cerimônia com 12 crianças, impressionando vivamente a população. Introduziu ainda a prática de celebrar o Natal armando presépio, da solene comemoração das cerimônias de Semana Santa. Fundou também, na festa do Sagrado Coração de Jesus, o Apostolado da Oração, com participação de toda a paróquia.

Em 8 de maio de 1900, fundou a capela de Nossa Senhora do Rosário do Refugiado; em 13 de junho, a capela de Santo Antônio de Muitos Capões e em 24 do referido mês e anos, a

capela de São João de Esmeralda, sendo, por isso, considerado fundador desta cidade e das duas vilas.

Desejando a maior promoção do bem das almas, convidou os Padres Capuchinhos a pregar missões na sede, em Vista Alegre (Ituim), Muitos Capões, Bom Jesus e Capela da Luz. Logo após as missões, recebeu um coadjutor, o Pe. José Freysse.

Surgindo certa divergência entre o Pe. Deluy e o líder político Avelino Paim, propenso à substituição do Vigário pelo Coadjutor, o Bispo D.Cláudio resolveu o impasse confiando a paróquia aos Padres Capuchinhos, que há poucos anos haviam chegado da França e que já conheciam Vacaria, onde acabavam de pregar missões.

O Pe. Mário Deluy, em 1903, foi transferido para a Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, de São Sepé, onde permaneceu por mais de 30 anos. Faleceu em Santa Maria, de cujo cabido fazia parte como monsenhor.

Frei Bruno de Gillonnay, superior dos Capuchinhos, em 10-1-1903, levou para Vacaria o Pe. Frei Alfredo de Saint Jean d'Arves, que foi empossado no cargo de pároco. No dia 11-2-1903, chegava como coadjutor o Pe. Frei Fidélis de la Motte Servolex, que permaneceu na paróquia até 18-4-1904, sendo então substituído por Pe. Frei Germano de Saint Sixt. Em dezembro do mesmo ano, foi destacado mais o Pe. Frei Leonardo de Chambéry e o irmão leigo Frei Arsênio de Tournon. Pouco depois, o Pe. Frei Vitorino de la Revoire juntava-se aos demais como coadjutor.

De 1906 a 1910, foi Vigário o Pe. Frei Pacífico de Bellevaux, e de 1920 - 1928, o Pe. Frei Efrém de Bellevaux. Este já se encontrava em Vacaria, como coadjutor, em 1912, quando projetou e dirigiu a construção da nova e artística Igreja Matriz, mais tarde, Catedral.

O campo de ação dos Capuchinhos em Vacaria era vastíssimo, a princípio, abrangendo todo o Município, Bom Jesus, Lagoa Vermelha, Esmeralda, Sananduva e outros.

A Frei Pacífico e Frei Efrém, dois incansáveis batalhadores, o primeiro emérito professor e filósofo do mais alto valor, o segundo, arquiteto de dons admiráveis, Vacaria deve a construção do seu belíssimo templo, um dos mais notáveis do sul do País.

Logo no início de suas atividades em Vacaria, os

Capuchinhos trataram de trazer da França as Irmãs de São José, que fundaram o Colégio São José, o tradicional colégio da família vacariense. A seguir, ainda da França, trouxeram os Irmãos das Escolas Cristãs, que mantiveram em funcionamento durante vários anos um excelente colégio masculino.

Por falta de prédio próprio, os Irmãos Lassalistas tiveram que deixar Vacaria, indo trabalhar em Canoas. Em sua substituição, os Capuchinhos, auxiliados sempre pela população, trouxeram os Irmãos Maristas, que fundaram o Colégio São Francisco, o modelar estabelecimento do sexo masculino, a primeira escola de ensino médio e superior da região.

Os Capuchinhos visitavam a paróquia de uma extremidade a outra, desde a Capela dos Ausentes até a Fazenda dos Gregórios. Em geral o padre permanecia pela campanha durante um mês, atendendo nas capelas e nas fazendas.

Trinta anos de fecundo apostolado fez com que Vacaria e toda a região do Nordeste do Estado se transformasse em Prelazia e, mais tarde, em Diocese. A criação da Prelazia ocorreu em 8-9-1934, tendo como primeiro titular um capuchinho, D.Frei Cândido Maria Bampi.

A eficaz administração dos Capuchinhos deve-se a construção do Palácio Episcopal, da atual casa paroquial e do vasto salão, estas duas obras realizadas pelo Vigário Pe. Frei Lauro Reginato de Cacique Doble. O imenso salão da paróquia da Catedral constitui importante patrimônio, tendo funcionado nele o Banco do Brasil, o Supermercado da Cobal e hoje o Supermercado Cesa.

A paróquia da Catedral esteve sob os cuidados dos Capuchinhos até 5-3-1967, quando então retornou ao clero diocesano. Em 1959, no dia 29 de janeiro, foi criada a nova Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, tendo sido confiada aos Capuchinhos, a cuja frente ainda se encontram. O primeiro Vigário foi Frei Roque Costella, seguido de Frei Lauro, a partir de 1976.

Frei Roque, assim como aconteceu na Paróquia de Nossa Senhora da Oliveira, onde os Capuchinhos construíram a monumental igreja da Catedral, deu agora à cidade outro suntuoso templo, a nova Igreja Matriz de Fátima, projetada pelo arquiteto Elzio Silva e inaugurada em 10 de outubro de 1970.

Ao lado da Matriz de Fátima, ergue-se a casa dos

Missionários Capuchinhos, que percorrem o Brasil do norte a sul em contínua pregação de santas Missões.

Por iniciativa dos mesmos Missionários, fundou-se a Rádio Fátima, pertencente à mesma Ordem Religiosa. Funcionando em prédio de três andares, na avenida Moreira Paz, ao lado do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, a popular emissora de rádio desempenha o papel de milhares de missionários, além da cooperação no desenvolvimento cultural, artístico e econômico do Município e da região.

Com dez quilowates de potência, há muitos anos sob a competente direção do Pe. Frei Nestor José Ferronato, a Rádio Fátima tem sido o porta-voz das realizações de Vacaria, promovendo sobretudo, ao lado da Rádio Esmeralda, o Rodeio Crioulo Internacional, que aqui se realiza de dois em dois anos.

Inaugurada em 1968, completa neste ano de 1978, dez anos de fecunda atividade, cobrindo os céus dos três Estados Sulinos.

Durante alguns anos, os Capuchinhos estiveram na direção do Seminário Diocesano, prestando mais uma valiosa colaboração à obra das vocações sacerdotais da Diocese.

Enfim, desde 1903, os Capuchinhos marcam presença no seio da sociedade de Vacaria, escrevendo durante três quartos de século uma das mais soberbas epopeias que já se escreveram no Município e na região.

A estes heroicos apóstolos do bem e da verdade, gravados profundamente nos corações de tantas gerações de vacarianos, a História presta seu preito de gratidão, perpetuando sua memória no dobrar dos tempos.



Figura 39 Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, dirigida pelos Padres Capuchinhos. Suntuoso templo construído sob a direção do pároco Frei Roque Costella, projeto do engenheiro Elsieo Silva.

PADRE FREI PACÍFICO

Padre Frei Pacífico de Bellevaux é natural da França, na Alta Sabóia, onde nasceu em 31-1-1873. Fez seus estudos na cidade de Ghazil, no Líbano, onde se aperfeiçoou na língua hebraica, a fim de entender melhor a Sagrada Escritura.

Em 17-10-1898, retornou à França e recebeu o subdiaconato. Em 14-1- 1899 partiu para o Brasil. Em 1-11-1900, na Matriz de Garibaldi, era ordenado sacerdote por D.Cláudio Ponce de Leão.

Completoou seus estudos teológicos e iniciou seu trabalho apostólico como coadjutor de Garibaldi. A seguir, foi professor no Seminário Diocesano de Porto Alegre, de 1903 a 1910, quando seguiu para Vacaria, como coadjutor e logo após como Vigário da imensa paróquia de Nossa Senhora da Oliveira, que naquele tempo compreendia, além de todo o Município, Bom Jesus e Esmeralda. A sua paróquia possuía o tamanho da Suíça.

Durante dez anos dedicou-se exclusivamente ao apostolado paroquial, percorrendo a imensidão dos campos, sempre a cavalo, chegando, por vezes, a andar uma semana

inteira para administrar um moribundo.

Discordou do plano de se construir uma nova igreja matriz de madeira. Pediu a nomeação de coadjutor ao Pe. Frei Efrém de Bellevaux, que era renomado arquiteto. Este, a convite, forneceu então o projeto de um grandioso templo em estilo gótico. Orientado por Frei Efrém, ele mesmo dirigiu as obras. A Catedral de Vacaria é, pois, obra de Frei Pacífico.

Diz o historiador Mons. João Maria Balem: “Com ajuda de ótimos e esforçados companheiros da Ordem, em poucos anos transformou a imensa paróquia, de cerca 30.000 almas, em belíssima seara espiritual, estabelecendo capelas no seu interior, fazendo surgir na sede um movimento religioso florescente, cooperando para dar vida e extraordinário movimento social à cidade”.

Quando se dispunha a deixar Vacaria, D.Miguel de Lima Valverde, Bispo de Santa Maria, escreveu-lhe em 5-12-1920: “Como Bispo desta Diocese de Santa Maria, agradeço a V.Revma. os grandes serviços que prestou, entre os quais avulta a monumental igreja matriz, já quase concluída, digna de emparelhar com as melhores do Estado”.

De 1920 a 1926, foi superior do Convento de Santo Antônio do Partenon, em Porto Alegre, sendo também capelão do Colégio Sevigné e do Hospital São Pedro.

Dirigiu os grandes festejos do VII centenário da morte de São Francisco de Assis, que contou com a colaboração dos maiores intelectuais da Capital do Estado.

Em 16-5-1927 fundou o Instituto Católico de Ciências e Letras, que teve como primeiro presidente o célebre professor Heitor Annes Dias, e que, conforme acentuou o Prof. Armando Câmara, foi o embrião da futura Universidade Católica.

Ainda em 1927, Frei Pacífico fundou a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida, da qual foi, até à morte, o conselheiro, o orientador e o pai espiritual.

De 1929 a 1937, tomou a ser Vigário de Vacaria, quando organizou o trabalho da criação da Prelazia e dirigiu a construção do Palácio Episcopal.

A seguir, foi o primeiro Reitor do Seminário Diocesano de Caxias do Sul, fundado por D.José Barea.

Em 1940, foi superior da nova casa dos Capuchinhos em

Caxias do Sul, o futuro Convento de Nossa Senhora da Conceição, no bairro Rio Branco.

No mesmo ano, em 11 de maio, por ocasião da fundação do Leprosário de Itapoã, que surgiu da ideia de Frei Pacífico, assumia a capelania deste importante estabelecimento hospitalar, na presença do sr. Interventor do Estado, Cel. Cordeiro de Farias, do Prefeito de Porto Alegre, Loureiro da Silva, do Arcebispo D. João Becker, do Secretário da Saúde, Dr. Heitor Magalhães, e da Educação e Cultura, Dr. Coelho de Sousa.

Neste leprosário, Frei Pacífico celebrou seu áureo jubileu sacerdotal, no dia 1-11-1950. No mesmo dia, por iniciativa do Prof. Armando Câmara, Reitor da Pontifícia Universidade Católica, foi-lhe conferido o título de doutor *honoris causa*.

Acompanhado pelo Superior Provincial, Pe. Frei Alberto Stavinski, Frei Pacífico visitou vários países da Europa, inclusive sua terra natal, na França, sendo recebido em Roma em audiência privada pelo Papa Pio XII.

Seus últimos anos, apesar do peso da idade, foram de intensa atividade espiritual, como confessor, conselheiro e orientador de intelectuais, religiosos e leigos.

Frei Pacífico, autor do livro "Criteriologia, uma teoria do Conhecimento", é considerado o maior pensador e filósofo do Rio Grande do Sul no seu tempo. A suas luzes recorriam os mais ilustres intelectuais de Porto Alegre.

Sua figura de sábio e de santo jamais se apagará da memória dos vacarianos e de muitos gaúchos.

Celebrou sua última missa no dia 11 de janeiro, festa de Nossa Senhora de Lourdes. Manteve lúcidas as faculdades mentais até o fim. O Pe. Inácio, redentorista, em visita, disse: Hoje o céu se abre para receber um grande santo. De fato, naquele dia 24 de fevereiro de 1957, Frei Pacífico entregava sua bela alma ao Criador. Tinha 84 anos.

PADRE FREI EFRÉM

O nome do Pe. Frei Efrém está gravado indelevelmente nas páginas da História de Vacaria, porque ele representa uma das

figuras mais caras e ilustres para seu povo. Representa o artista que engalanou soberbamente a cidade com o mais belo de todos os enfeites - a majestosa Catedral de Nossa Senhora da Oliveira. Por isso, Vacaria quis perpetuar-lhe a memória batizando com seu nome o estabelecimento de ensino mais tradicional - o Grupo Escolar Padre Efrém.

Pe. Frei Efrém de Bellevaux, no civil João Luís Bernaz, nasceu na França em 12-8-1883. Professou na Ordem dos Capuchinhos em 27-7-1901. Veio para o Brasil em 1903, sendo ordenado sacerdote pelo então Bispo de Porto Alegre, D. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, em 30-11-1911.

Em 1912 foi nomeado Cooperador da Paróquia de Vacaria e em 1920 passou a Vigário, em substituição do Pe. Frei Pacífico, que o havia convidado para seu auxiliar não só no apostolado, mas principalmente na construção da nova Igreja Matriz de Nossa Senhora da Oliveira.

Em 1928 foi transferido para Porto Alegre, onde durante 17 anos foi capelão e professor do Colégio Sevigné, das Irmãs de São José de Moutiers.

Além de seu extraordinário zelo apostólico, de sua admirável delicadeza de sentimento e amabilidade, Frei Efrém era primoroso cultor da oratória, da música sacra e da arquitetura.

Como arquiteto, projetou a artística Catedral de Nossa Senhora da Oliveira, cujas obras dirigiu, juntamente com Frei Pacífico.

Projetou ainda diversas outras igrejas, como a antiga Matriz de Sananduva, a de Cacique Doble e a belíssima capela do Colégio Sevigné, de Porto Alegre.

Faleceu no Convento de Santo Antônio do Partenon, em Porto Alegre, no dia 10-5-1945. Em seu concorrido funeral, o Dr. Armando Câmara proferiu notável oração.



Figura 40 Frei Efrém, o capuchinho francês que deu arte e vida às pedras da catedral N. Sra. da Oliveira.

PECUÁRIA

Mesmo antes de sua colonização, os Campos de Vacaria eram povoados de gado, que fora introduzido pelos Missionários Jesuítas das Reduções, que neles fundaram a Vacaria dos Pinhais.

Os primeiros caçadores de gado que penetraram nos Campos do Planalto limitavam-se a arrebanhar mulas, abatendo o gado vacum para exclusivo aproveitamento do couro e do sebo.

Com a implantação das primeiras fazendas, iniciou-se a criação sistemática de equinos e bovinos, dando prioridade à criação de mulas, cujo comércio exportador para as feiras de Sorocaba constituía importante negócio.

Até o advento do automóvel e do caminhão, os criadores preocupavam-se mais com a criação de mulas e cavalos do que com a do gado bovino. Todos os fazendeiros dispunham de grandes manadas de éguas, alguns ultrapassando um milheiro.

Como o boi tinha pouco valor naquele tempo, os fazendeiros, além disso, não procuravam melhorar seus plantéis com importação de gado de raças finas, limitando-se a criar o gado comum, o franqueiro.

Em 16 de janeiro de 1915, Hermínio Santos, lamentando a despreocupação dos criadores em melhorar seus rebanhos, escrevia no jornal vacariense “O Tempo”: “No concerto dos

municípios progressistas do nosso Estado, Vacaria ocupa indubitavelmente um dos últimos lugares, por falta de iniciativa da maioria de seus habitantes.

Sendo Vacaria um município essencialmente pastoril, podemos dizer que mesmo esta indústria se acha atrasadíssima em nosso meio, visto a grande parte dos fazendeiros não procurarem importar reprodutores finos e que, ao mesmo tempo, sejam adequados aos nossos campos, selecionando, desta maneira, os seus gados, o que não lhes seria difícil nem dispendioso...”

Apesar disso, o mesmo jornal informa que em 1915 Vacaria ocupava o 3º lugar entre todos os Municípios do Estado em pecuária. O primeiro gado de raça a ser introduzido no Município foi o zebu, na década de 1910. Na década de 1920, eram introduzidas novas raças, como podemos constatar por um anúncio do jornal da terra “Concórdia”, de 1921. Narciso Maccari, da Extrema, anunciava no jornal que tinha à venda, vindos do Uruguai e da fronteira: 60 touros de 2 a 3 anos das raças Hereford, Durhan-Polled, Angus e Red Polt.

Manuel Claro de Lima é um dos pioneiros de gado Devon e Hereford, por volta de 1920. Ramiro e André Hoffmann Godinho são os pioneiros da criação de gado Charolês, por volta de 1930, no distrito de Muitos Capões. Do gado holandês é um dos pioneiros João Lino Guagnini, da Fazenda Três Pinheiros, de Coxilha Grande.

Com a decadência do comércio de mulas, na década de 1930, o boi principiou a ser mais valorizado, obrigando os criadores a apelar para as raças finas. Já na década de 1950, numerosos eram os fazendeiros proprietários de rebanhos de raças importadas. Os principais eram então:

Atílio Marcantônio, com gado Devon e Charolês; Artur Coelho Borges, Hereford e Polled-Angus; Firmino Camargo Branco, mestiça zebu; Glorocinto Fernandes Moraes, Durhan e Charolês; João Otávio Ferreira, zebu mestiço; João Kramer de Almeida, Charolês, Devon e Sussex; Luís Fernandes da Fonseca, Devon; Luís Alfredo Horn, diversas cruzas; Luís Marcantônio, Hereford; Laurindo Sousa Duarte, Red-polled; Manuel Claro de Lima, Hereford; Normélio Rodrigues Paim, Devon; Nicolau Pereira Bueno, zebu mestiço; Samuel Guazzelli Filho, Aberdeen-angus e



zebu; Valdomiro Bochese - diversas cruzas.

Em 1955 a população pecuária de Vacaria apresentava:

Bovinos - 213.800; Equinos - 20.600; Muares – 7.600; Suínos - 21.300; Ovinos - 50.000; Caprinos - 3.000.

Em 1940, Vacaria possuía 250.000 bovinos, 60.000 equinos, 30.000 lanígeros, 20.000 muares, 15.000 suínos e 1.000 caprinos. Atualmente (1978), possui 250.000 bovinos, 16.000 suínos e 180.000 aves.

Em 1939, durante o governo municipal do Prefeita Sátyro Dornelles de Oliveira Filho, a Associação Rural e Comercial **Vacaria**, tendo como presidente o Dr. Júlio Frota, realizou a I Exposição-Feira, uma das melhores de todo o Estado até então, conforme declaração do **Secretário da Agricultura**, Dr. Ataliba Paz, que presidiu o certame.

Daí por diante, Vacaria não cessou de organizar suas concorridas exposições de gado, atraindo expositores de todo o Estado e de outros, sempre com brilhante êxito. Nos últimos tempos, realizam-se várias exposições-feiras de diferentes raças todos os anos.

A partir da década de 1930, quando se intensificavam as exposições no Estado, os criadores de Vacaria passaram a competir, em exposições municipais, estaduais e internacionais, com os mais afamados pecuaristas do País, levantando grandes prêmios. Registramos os principais fazendeiros e suas cabanhas, premiados em exposições.

Cabanha Branco de Firmino Camargo Branco- criador que se destaca com a raça Santa Gertrudis; Cabanha Santa Teresa de Normélio Paim & Filhos, raça Devon; Cabanha Santa **Lúcia** de **Lúcia** Martins Marcantônio e filhos, raça Charolesa; Cabanha César de César Ramos César e filhos César e Décio Jacques César, Charolês e ovinos Ile de Rance; Cabanha São Sebastião de Rui de Oliveira Barcelos, Charolês e Holandês; Cabanha Cerquinha de João Joaquim Ferreira, Charolês, Devon, Holandês e Normando; Cabanha Tio Ivo, Red Poll e Lincoln e ovinos Hampshire Down; Cabanha São Luís de Osvaldo Pioli Guerreiro, Red Poli e gado geral; Granja Santa Helena de Dr. Cássio Vieira da Costa, Devon; Cabanha Pastor de Umberto Ferruccio Campetti, Charolês, Holandês e ovinos Ile de France, premiado com o troféu Banrisul, entregue pelo Governador Sinval Guazzelli; Granja Pedras Brancas



de João Francisco Golin Paim: Fazenda Santa Rita de Flávio Guazzelli, equinos de raça crioula; Granja de Nadir Franciosi, gado de leite; Granja Leila de Iris Olímpio Basso, gado de leite; Granja Segredo de Zeno Andrade, Devon; Granja Despraiado de Vicente Golin, gado leiteiro; Fazenda do Butiazinho de Leovigildo Guazzelli, Devon; Cabanha da Umbu, de Pedro Hoffmann Nery, Charolês; Fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, de Gentil Ferreira Michielin, equinos da raça crioula.

Além disso, Vacaria conta com renomados criadores de cavalos de corrida, com numerosos haras, destacando-se o Haras São Luís S.A., do industrialista e turfista de S.Paulo Dr. Hernani Azevedo Silva, com um plantel de 340 cavalos de puro sangue ingleses, ocupando uma área de 800 hectares, sendo 500 de pastagem artificial, 280 de lavouras, 20 de cultura de soja e 8.000m² construída; em tamanho e número de animais é o primeiro haras do Estado e o segundo do País.

Haras Pastor, a princípio dos irmãos Caetano e Umberto Campetti, hoje deste último, goza de prestígio em todo o País.

Haras Socorro do Sul, a princípio de Atílio Marcantônio, hoje dos filhos Onor e Francisco F.Marcantônio, que em 1971 conquistou o clássico do turfe gaúcho com a sua famosa “Brack Bess”.

Haras Plátano, do Dr. Lino Antônio Jacques, dono do Kalapalo, ganhador de 9 vitórias no Rio de Janeiro e São Paulo.

Haras Rio Pelotas, do Dr. Airton F.Ferreira e Dr. Germano Wanderley, proprietários de Tant Mieux, em parceria com o Haras do Plátano, detentor de numerosas vitórias e cujo pai foi vendido a um Sindicato de criadores por um milhão e trezentos mil cruzeiros. Haras Cinamomo de JoãoC.Barcelos.

Em fins do século passado, quando a população se intensificava em consequência do fluxo migratório, cresceu o mercado de bovinos para a região de Caxias do Sul, São Leopoldo, Canoas e Porto Alegre. As tropas eram conduzidas pela estrada Júlio de Castilhos e, principalmente, pela Rio Branco, via Korff, Criúva e daí ora por Caxias, ora por Canela e Taquara do Mundo Novo.

Surgiram então numerosos tropeiros-compradores de gado, que adquiriam os rebanhos na região para vendê-los aos matadouros e charqueadas, a mais importante delas a de Pedras

Branças, de Sapucaia.

Entre os maiores compradores, destacam-se os irmãos Pilar Guerreiro. Vidal Pilar Guerreiro chegava a transportar tropas de 800 reses. Francelino P. Guerreiro, João Pilar Guerreiro, José Osório Pilar Guerreiro e Sérgio Pilar Guerreiro foram os maiores compradores nas décadas de 1910 a 1950.

Sérgio, auxiliado pelo filho Osvaldo Pioli Guerreiro, que depois ocupou o seu lugar, era comprador exclusivo das firmas de Porto Alegre: Provenzano Sanches & Cia, Eugênio Lusi, Irmãos Grins e Maranghelli Filhos & Cia.

João Pilar Guerreiro e seu irmão Francelino, ex-intendente de Vacaria, fundaram depois o Saladeiro Caxiense & Cia., de Caxias do Sul, a maior charqueada da região colonial italiana, que abatia cerca de três mil bovinos por mês. Infelizmente, em 1921, a firma faliu, dando enorme prejuízo a muitos criadores de toda a região do Nordeste do Estado.

Além do mercado dentro do Rio Grande do Sul, Vacaria exportava e ainda exporta seus rebanhos para o vizinho Estado de Santa Catarina, notadamente para Lages e Criciúma.

Finalmente, com a fundação do Frigorífico Vacariense S.A., o mercado consumidor, realizado em casa, beneficiou-se com enormes vantagens. O Frigorífico Vacariense abate bovinos de toda a região, como também da fronteira do Estado, exportando seus produtos para vários continentes.

Antigamente, a criação de ovelhas, pouco expressiva, servia quase exclusivamente para consumo interno, como também a lã, que só mais tarde começou a ser comercializada.

Em qualquer fazenda antiga havia sempre um bom rebanho de suínos, que eram criados soltos. A engorda dava-se no inverno com o pinhão, muito abundante. Os porcos demoravam-se pelos pinhais, longe de casa, onde engordavam; por vezes engordavam tanto, que não podiam retomar à casa do fazendeiro. No mês de abril e maio, muitos criadores levavam o rebanho de suínos para a serra, onde engordavam a pinhão, sendo abatidos lá mesmo.

Nenhum fazendeiro se descuidava da criação de galinhas, galinha-de-angola, patos, marrecos, gansos, perus e até pavão.

Os campos até princípios do século eram abertos. Não existia preocupação de impedir a invasão do gado em propriedade

alheia. Tudo era permitido, na maior camaradagem, uma vez que as reses traziam o sinal e a marca do proprietário.

Valos e taipas de pedra foram as primeiras cercas, em geral construídas por escravos, peões e imigrantes italianos. A seguir, apareceu o arame liso e grosso. Por fim, o arame farpado.

A castração do terneiro de ano tinha lugar em setembro e outubro. A marcação, na entrada do inverno, nos meses de abril e maio, para impedir a criação de imundície, como diziam. A marca, praticada com ferro em brasa, era uma letra ou número convencional. Praticava-se ainda um sinal na orelha, mediante corte de faca.

Antigamente, os criadores costumavam ministrar sal a todas as reses. O gado era amarrado, derrubado, recebendo então um punhado de sal, com pouca de água, para engolir. O sal era um remédio contra doenças. Visto como nem todas as reses comiam sal por própria iniciativa, os fazendeiros o ministravam a todas com o processo acima.

Os dias de castração e marcação assinalavam-se por grande movimentação na fazenda. Em geral, o trabalho era feito com auxílio de vizinhos, aproveitando a ocasião para um bom churrasco, uma festa de confraternização.

O Município é atualmente grande produtor de novilho precoce, criado pelo sistema de confinamento, introduzido na década de 1970, tendo à frente como pioneiro o criador Valdomiro Bocchese, fazendeiro em Capão Alto, 3º Distrito, proprietário da Estância Clarice, com 6 mil hectares de campo, sendo 700 de pastagens cultivadas, 60 com milho e 60 com sorgo. Valdomiro Bocchese possui cerca de 4 mil cabeças de gado das raças Charolês-Nelore, Hereford, Aderdeen Angus e Devon, criando por confinamento cerca de 500 novilhos. Na fazenda colhem-se cerca de 100 mil quilos de semente de diversas pastagens anualmente, 16 açudes em que se cultivam peixes como o peixe-rei...

ASSOCIAÇÃO RURAL — foi fundada em 26-6-1932 por Octacílio Fernandes e Severiano Borges Pereira, tendo como 1º presidente Arthur Coelho Borges e Vice, Tistão de Ávila Pinto. Os demais presidentes foram: Cel. Virgílio Rodrigues, Abelardo Jacques Noronha, Manuel Claro de Lima, Sérgio Pilar Guerreiro, Dr. Nicanor Kramer da Luz, Cel. Samuel Guazzelli Filho, (3 mandatos), Normélio Rodrigues Paim, Osvaldo Pioli Guerreiro,

João Francisco Golin Paim e Dr. Túlio Marcantônio Ramos, atual.

No dia 16-10-1976, foi inaugurada a sala de honra Cel. Samuel Guazzelli Filho, e uma placa com estes dizeres: Cel. Samuel Guazzelli Filho — A sua liderança e dedicação nortearão sempre as grandes decisões da classe rural de Vacaria, nesta sala, que hoje recebe o seu nome.

O SINDICATO RURAL de Vacaria teve como presidente o sr. Rui de Oliveira Barcelos e, atualmente, Dr. Carlos Máximo Golin Paim.

INCRA — encontra-se atualmente sob a responsabilidade de Maria Ferreira de Andrade, tendo como antecessores: Ademar Pinotti, Sônia Bechelin, Vasco Reginini e Dilermando Teixeira Schüler.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais foi fundado em 23-4-1962. Teve como 1º Presidente o sr. Antônio Sartor, seguido de Ricieri Francisco Parisotto e Noreno Pellin, atual. Em 30-11-1965, foi fundado o setor de Vila Ipê. Conta com cerca de 3.500 associados.



Figura 41 Tropeiro Osvaldo Guerreiro, com seus peões em São Leopoldo - 1935.





Figura 42 JOSÉ OSÓRIO GUERREIRO, grande tropeiro de gado nas décadas de 1910 - 1930.



Figura 43 1929 — Sérgio Pilar Guerreiro, um dos maiores tropeiros e comerciantes de gado de Vacaria, e o filho Osvaldo Pioli Guerreiro, estudante do Rosário de Porto Alegre, hoje um dos principais pecuaristas de Vacaria.





Figura 441930 – Uma fazenda de Vacaria.



Figura 45TROPILHA DE CAVALOS “EM FORMA” de João Pereira Damasceno, avô do Dr. João Pereira Neto, advogado e político de Lagoa Vermelha.



Figura 46 Assim trajavam os vacarianos na década de 1900 – Francelino Guerreiro Filho – 1905 – Intendente e um dos maiores pecuaristas de Vacaria.



Figura 47 Até por volta de 1920, nos Campos de Vacaria só criava este tipo de gado comum, chamado “gado franqueiro”.



TRANSPORTE

O cavalo, a mula, a tropa, foram o transporte do vacariano até o advento da carreta de terno e, meio século após, do automóvel, do caminhão, do ônibus.

Tropas de mulas para as feiras de Sorocaba, tocadas por cavaleiros, durante um ou dois meses, descansavam, em caminho, em campos previamente determinados, onde os animais se refaziam do desgaste da caminhada. Alguns tropeiros dispunham de fazendas próprias, ao longo do caminho, em Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Tropeiros, como João Mariano Pimentel, casado com D.Bárbara Borges Vieira, adquiriam tropas de mulas na fronteira e mesmo na Argentina, para depois transportá-las até Sorocaba.

Mas o transporte de mercadorias era realizado com tropa de cargueiro, desde os primórdios da colonização dos Campos de Vacaria, até o advento da carreta de termo, nas primeiras décadas deste século.

A tropa era o veículo que levava a grandes distâncias os produtos da fazenda e trazia as mercadorias de consumo. Logo que se tornou possível a descida da serra dos Aparados, rumo de Torres, de Conceição do Arroio ou Criciúma e Nova Veneza, todos os fazendeiros organizavam uma tropa de cerca 15 mulas. Os pequenos fazendeiros formavam uma tropa entre si, a fim de enfrentar com maior segurança os riscos da longa viagem.

Para Torres levavam queijo, couros, sedenho, lã, e traziam açúcar amarelo, farinha de mandioca, sal, cachaça, tecidos, utensílios diversos... O arroz em geral buscavam em Nova Veneza e Criciúma.

A viagem, de cerca 15 dias, constituía uma aventura, uma autêntica odisseia, arrostando o perigo das feras, dos índios botocudos, dos passos dos rios cheios, a chuva, o frio, o sol.

Geralmente faziam-se três viagens por ano. Os tropeiros aparelham o complexo arriame, forram as cangalhas com palha de tiririca ou caraguatá; emendam ou substituem as cinchas, trancafios, arreatas, retrancas, peitorais e cabrestos. Barraca. Bruacas surtidas com charque e paçoca para alimento durante a viagem. Associam-se vários vizinhos, cujas tropas amalocam.



E partem. À frente vai a égua-madrinha ou cavalo, de cincerro a tilintar, puxando a longa fila de cargueiros. Dias e dias, semanas e semanas, a fio, sempre andando. Em geral, a tropeada dura cerca de trinta dias, ida e volta.

Vão cortando os campos abertos, pela trilha sem fim. Acampam junto a um arroio. Descarregam a carga, para que as mulas passem a noite pastando, sempre junto da égua-madrinha. Armam a barraca para o acompanhamento e abrigo da mercadoria.

De manhã, a viagem prossegue. Transpõem o rio das Antas e metem-se pela mata, onde se esconde o tigre e o índio traiçoeiro. Felizmente, os animais pressentem a aproximação da onça ou do índio. Estacam então, soltando fortes assoprões. É o momento de dar o sinal de alarme, disparando a pistola.

O sendeiro que desce a gigantesca montanha dos Aparados é estreito, não comportando o encontro de duas tropas. De longe em longe, existe um rodeio, onde o caminho se alarga, permitindo o cruzamento. Antes de partir do rodeio, o tropeiro dispara a pistola, para avisar a tropa que vem subindo. A resposta não se faz esperar, dizendo que pode seguir viagem, porque a tropa que vem em sentido contrário fica aguardando no rodeio.

O tigre geralmente deixa descer a tropa para só atacar no regresso do litoral, morro acima. Encurralada no estreito atalho, a mula é então facilmente atacada pela onça e o tropeiro pelo índio.

E o tropeiro vai cantando sua triste sina, nesta toada:

Triste sina, a do tropeiro,
que atravessa o mato grosso:
Chuva e frio, trabalho e fome,
e bugre e tigre colosso...

Este perigo acompanhou o tropeiro durante mais de um século, até quando o imigrante desbravou o matagal, levantando povoações no sertão agreste.

Com a fundação de Caxias do Sul e Antônio Prado e a abertura das estradas Rio Branco e Júlio de Castilhos, a viagem do tropeiro encurtou, fugindo, sobretudo a perigosa travessia da truculenta serra dos Aparados.

Agora o tropeiro vai a Caxias, vai a Antônio Prado, Feliz, São Leopoldo, Taquara do Mundo Novo, São Sebastião do Caí.

O imigrante trouxe outro grande benefício para o transporte



do vacariano. Logo que foram abertas estradas carroçáveis, o imigrante inaugurou o ciclo da carreta de terno, que penetrou logo nos Campos de Vacaria. Dentro de poucos anos, todos os fazendeiros tinham a sua carreta de terno, que veio, com grande vantagem, substituir a tropa de cargueiros.

Mas a carreta escreveu outro capítulo heroico na história de Vacaria. O mau estado das estradas, rios sem ponte, passos perigosos, lamaçais, a travessia do rio das Antas, tornavam duríssima a profissão de carreteiro.

O transporte de tropas de gado por terra, ramo das charqueadas de São Leopoldo, Canoas, Sapucaia, Porto Alegre, Caxias do Sul, era outra aventura singular. 15 dias de viagem, com tropas de 100, 300, 500, 800 cabeças de gado. Oito a dez peões, tocando a imensa tropa, que marchava dividida em lotes, muitas vezes cruzando pelas carretas, que punham o gado em pânico e em fuga por roças e matas, rompendo cercas, extraviando-se.

De longe em longe, a tropa parava no ponto de pouso, num potreiro onde o gado passaria a noite, pagando aluguel na base de cem mil réis, nas primeiras décadas do século.

Quando o pouso era no campo, em geral numa costa de taipa ou mato, alguns peões passavam a noite inteira rondando, cuidando que o gado não se desguaritasse.

Antes do advento da carreta de terno, o fazendeiro, além do cavalo e da tropa de cargueiro, possuía o seu carro de boi para uso doméstico. Carro de duas ou quatro rodas de madeira. O carroção, puxado por várias juntas de bois, transportava produtos agrícolas. O carro menor, de duas rodas, para transporte de pedras de construção de taipas.

Depois de meio século de tráfego, a carreta de terno, foi cedendo lugar, muito lentamente, relutando, ao automóvel, ao caminhão. O primeiro automóvel que apareceu em Vacaria foi no dia 24 de dezembro de 1917, tendo como passageiros Manuel Júlio de Almeida e Rodolfo Braghirolli. Foi talvez o maior acontecimento de toda a história de Vacaria, havendo causado profunda impressão em todos os habitantes.

A nova rodovia federal entre Lages e Vacaria, a BR-2, a atual BR-116, teve suas obras iniciadas em 1934 e concluídas em 1943, pelo 3º Batalhão Rodoviário, que durante alguns anos esteve acantonado em Vacaria. A pavimentação desta estrada foi iniciada

em 1957 e concluída em 1961, até Porto Alegre.

Na década de 1940, o 3º Batalhão Rodoviário construiu a nova rodovia ligando Vacaria a Lagoa Vermelha e Passo Fundo, a atual BR-285, que une Vacaria à Argentina, e ao litoral de Santa Catarina, via Bom Jesus. Estas duas rodovias federais, cruzando-se na sede do Município, formam um dos entroncamentos mais movimentados do Rio Grande do Sul.

Atualmente, Vacaria dispõe de 150 km de estradas federais asfaltadas, 102 km de estradas estaduais e 3.500 km de estradas municipais.

Durante o governo do Prefeito Dornelles Filho, foi inaugurado o Campo de Aviação, com pista de 25 metros por 1.200, o qual durante vários anos manteve linha regular de aviões de empresas nacionais.

Segundo o Relatório do Prefeito Dornelles Filho, em 1944 havia no Município 64 veículos automotores, assim clarificados, com o nome de seus proprietários.

Automóveis: Hortêncio José Boeira, Empresa Madeireira São José Ltda., Irineu Gomes de Abreu, Tranquilo Carlesso, Casemiro Santi, Cristiano Albino Brandão, Caetano Silveira de Melo, José Bueno dos Santos, João Albino Brandão, Luís Camargo. Hermes Borges do Amaral, Lauriano Silveira de Melo, Laurindo Luís d'Ávila, João Corso, Antônio Zamboni, João Alberto de Azambuja, Hortêncio Guerra, Ricardo Borges Caon, Cícero Rodrigues d'Ávila, José Pereira Velho, Dinarte Nunes Gonçalves, Herondino Borges Duarte, Marcelino Bressan, Atílio Benedetti, Emílio Sutil de Camargo, Patrício Alves de Sousa, Prefeitura Municipal e Secretaria da Agricultura (camioneta).

Caminhões: Valdemar Bertussi, Diniz Soldatelli, Grazziotin & Zanotto, Adami, Almeida & Cia., Adelino Daris, Empresa Madeireira São José Ltda., Cristalino Xavier de Campos, João Rech, Ângelo Zafonatto, Mário Casarin, Chaves, Almeida & Cia., Francisco Cichinatto, Olinto e Afonso Zanotto, Empresa Madeireira São José Ltda., Alcides Xavier Osório, Empresa Madeireira Ltda., Francisco Noli, Marcantônio Irmãos & Busin, Joselino da Fonseca Rodrigues, Vítor Zen, Narciso Maccari & Cia., Humberto Mondadori & Filho, Turra & Lazaroto, Juvenal, Fortunato Monteiro, Dr. Taufick Saadi, César Ramos César, Alcides Xavier Osório, Empresa Madeireira São José Ltda., Empresa Madeireira São José Ltda.,

José Rodrigues das Neves.

Ônibus: Ari Camargo, Teodoro Bressan, Hortêncio dos Santos Camargo e José dos Santos Camargo.

Atualmente (1978) existem no Município 4.815 automóveis; 2.818 camionetas e 2.964 caminhões, que proporcionam uma arrecadação da taxa rodoviária de seis milhões de cruzeiros mensais, na média.

No dia 24 de março de 1969 ocorreu um dos mais assinalados acontecimentos para o transporte em Vacaria. Nesse dia, o Presidente Artur da Costa e Silva inaugurava o tráfego no Tronco Sul da Rede Ferroviária Federal entre Ponta Grossa e Porto Alegre, percorrendo o trecho Vacaria - Lages.

No dia 10-9-1974 chegava a Vacaria o Trem Úngaro, vindo de Porto Alegre, tendo realizado o percurso em menos de cinco horas.

Em 1960 instalava-se em Vacaria a Polícia Rodoviária Federal, com seu Posto, junto à BR-116.

Vacaria tem o mérito do pioneirismo da implantação do sistema de Estações Rodoviárias do Brasil, por iniciativa do empresário Vespasiano Veppo, proprietário da primeira Estação Rodoviária de Vacaria e, posteriormente, de uma das maiores do Brasil, a de Porto Alegre.

As principais transportadoras rodoviárias do Município são: Rodoviário Schio, com gigantesca frota de caminhões de transporte nacional e internacional, propriedade da família Schio, de Campestre, 3º Distrito; Transporte Dorigatti, de Antônio Dorigatti & Cia., Ltda.; Transportadora Aldir Stumpf Ltda.; Transportadora Aurora S.A.; Transportadora Rocha Ltda.; Transporte de Cargas Acácia Ltda.; Transporte Comércio Representações Girardi Ltda.; Transporte Walter A. Biglia; Cargas Frigoríficas Trans-Cargas Ltda.; Transportadora de Maurílio Zanotto & Filhos Ltda.; Empresa de Ônibus Bressan, pioneira no ramo; Agitur Transportes Ltda.; Stumpf Transporte Ltda.; Transportadora Aldomiro Stumpf & Filhos Ltda.; Transgodinho Ltda.

Na Estação Rodoviária, de propriedade de Antônio Chedid, fazem escala atualmente ônibus das seguintes empresas: Nossa Senhora da Penha, Pluma, Unesul, Floresta, Real, Expresso Nordeste, Transportadora Galiotto, Agitur, Gehlen, Bressane Fátima.

ENSINO

Os primeiros povoadores dos Campos de Vacaria, estabelecendo-se em suas fazendas não se descuidavam de alfabetizar seus filhos, embora não houvesse escolas, que só principiaram a surgir pelos meados do século passado, isto é. cerca de cem anos após a fundação de Vacaria. Não havia escolas, mas havia professores ambulantes, que eram contratados pelos estancieiros para ensinar a ler, escrever e as quatro operações. O professor contratado ficava morando na fazenda o tempo necessário à alfabetização dos filhos. Por vezes, os filhos da vizinhança se associavam, transformando a casa numa pequena escola. Um destes professores, que alfabetizou numerosas famílias, entre as quais a do coronel Fidélis José Ramos, da Fazenda da Estrela, foi Benvindo Moreira Rodrigues. Eram professores esforçados, embora, às vezes, mal alfabetizados eles mesmos, como o professor Maurício Cedilhado, que por assinar seu nome com ç, acabou levando este apelido. Por cada filho alfabetizado, o professor recebia em geral uma rês.

A primeira escola criada por ato governamental em 1831, só foi instalada em 30-8-1847, numa das dependências da suntuosa mansão do Cel. José Luís Teixeira, tendo como professor Luís Augusto Branco, até 1853, e daí José Francisco da Silva Costa. Em 1875 esteve em exercício nesta escola João Faustino de Oliveira, formado pela Escola Normal de Porto Alegre; em 1884 deixou de lecionar, passando a exercer a função de Promotor Público da Comarca. A seguir exerceram o magistério nesta escola os professores: Carlos de Lavra Pinto, Jorge Luís Teixeira, Tristão d'Ávila Pinto, Antônio Lopes Quintela Júnior, Francisco das Chagas dos Santos Roxo, Artur Lopes da Silva, Henrique Jaeger, Silvério de Oliveira Ramos e José Fernandes de Oliveira. Em 1922 foi extinta a escola e criado o Grupo Escolar da sede, que mais tarde tomou o nome de Grupo Escolar Pe. Efrém.

A segunda escola pública, esta do sexo feminino, foi instalada em 1862, com a professora Maurícia Cândida Fernandes da Cunha, que exerceu o magistério até 1884, sendo então



substituída pela prof. Ana Rodrigues Barbosa até 1875, Maria Antônia Paim de Andrade, Rangelina Azevedo Guimarães, Ana Oliveira, Ester Virgínia dos Santos e Paulina Luísa Teixeira.

O ilustre professor particular Eduardo Secundino de Oliveira manteve um internato para meninos, de 1885 a 1887, quando foi preso por crime de bigamia, conforme relata o historiador José Fernandes de Oliveira.

O primeiro a manter escola mista foi o Dr. Joaquim de Melo Rocha, tendo sido ainda o primeiro a incluir cânticos escolares no programa de ensino primário.

Em 1896, mediante concurso, foram nomeadas Rita Amandina dos Santos e Rita E. dos Anjos, esta para a Capela da Luz. Em 1899 começou a lecionar a professora Vitória do Amaral Quintela, que exerceu o magistério em Vacaria durante 35 anos consecutivos. Em 1906 a escola mista foi provida pela Prof. Bernardina Rodrigues Padilha. Em 1922, com a criação do Grupo Escolar, a ele foram anexadas as três escolas isoladas da sede. Instalado em maio, o Grupo Escolar funcionou com o seguinte corpo docente: Andréa Ceci de Sá Brito, diretora; Vitória Quintela da Silva Ly, Bernardina Rodrigues Padilha, José Fernandes de Oliveira e o aluno Reinaldo Tocchetto. A seguir, assumiu a direção a prof. Cecy de Freitas e Castro.

Ainda conforme o livro “Rainha do Planalto”, de José F. de Oliveira, destacam-se como pioneiros do ensino em Vacaria os professores: Alberto Wood, calígrafo e desenhista inglês; Paulino José Faraco, que ensinava a tabuada com acompanhamento de flauta; Dr. Manuel da Silveira Gusmão; João da Costa Cunha Lima; Mário Camargo; Antônio de Azevedo Cunha; e o próprio José Fernandes de Oliveira, que durante dez anos dirigiu o Internato Nossa Senhora da Oliveira, com elevado número de pensionistas.

Com a vinda dos Padres Capuchinhos em 1903, foram convidadas as Irmãs de São José, procedentes da França para o nosso Estado. No dia 3 de maio desse ano, chegavam a Vacaria a Madre Joana Vitória, com as Irmãs Ana Teresa, Luísa, Teodora e Albina, as quais, logo a seguir, fundaram o Colégio São José. A princípio as Irmãs enfrentaram sérias dificuldades, a ponto de estarem dispostas a se retirarem para Garibaldi.

Superadas as dificuldades, o Colégio São José foi se impondo à preferência das famílias vacarienses, transformando-se

num estabelecimento modelar, que nunca parou de crescer, criando novos cursos, transformando-se em Escola Complementar e, mais tarde, em Escola Normal, na qual se formaram milhares de jovens, entre as quais D. Ecléa Guazzelli, primeira Dama do Estado atualmente.

O Colégio São José, nos festejos cívicos e religiosos, representou sempre papel importante, com seus belos desfiles, suas representações teatrais, com seus cânticos. O estabelecimento foi ao depois ampliado. Hoje, em 1978, o Colégio mantém uma matrícula de 22 alunos no Pré-Escolar, 424 no 1º grau, 206 no 2º grau, 77 estagiárias, num total de 729 alunos, 36 professores e 12 funcionários, estando na direção da escola a Ir. Teresinha Facchin.

Em 1907, no edifício da Intendência Municipal, instalou-se o Colégio São Carlos, dirigido pelos Irmãos das Escolas Cristãs, vindos da França a convite dos Capuchinhos. Após dois anos do profícuo exercício do magistério, havendo o novo Intendente solicitado o prédio onde funcionava a escola e não existindo outro disponível, os Irmãos Lassalistas, com o maior pesar da população vacariense, retiraram-se para Canoas, onde fundaram um grande estabelecimento. Trabalharam em Vacaria os Irmãos Júlio, Marcelo, Florêncio, Fulgêncio, Carlos e Isidoro, que aqui faleceu.

Houve, ao depois, forte insistência da população no sentido de trazer de volta os Irmãos das Escolas Cristãs. Não se conseguindo, tratou-se de convidar os Irmãos Maristas, formando-se uma comissão composta do Dr. Luís de Freitas e Castro, Cel. Libório Antônio Rodrigues, Francelino Guerreiro

Filho, Teodoro dos Santos Duarte e Antônio Ataíde do Prado. Dificuldades, que vêm detalhadamente narradas por José Fernandes de Oliveira, procrastinaram a vinda dos Irmãos Maristas. Enquanto isso, os fazendeiros mandavam estudar seus filhos em Porto Alegre, Garibaldi, Bom Princípio e outras cidades.

Enfim, após longos anos, a população construiu o colégio, que, em honra dos Capuchinhos, recebeu o nome de Colégio São Francisco.

Em 31 de janeiro de 1934, chegavam os Irmãos Sérgio, Calixto, Constâncio e Silvino, tendo como Superior o Ir. Artur Francisco. O Colégio principiou com 150 alunos.

Mais tarde, por iniciativa dos próprios Irmãos, diante da



crescente demanda de estudantes, levados pelo alto nível do educandário, construíram novo prédio, de maiores proporções, separado do antigo.

Assim como aconteceu com o Colégio São José, o Colégio São Francisco tornou-se o estabelecimento por excelência para alunos do sexo masculino. Durante a administração do Prefeito Dorneles de Oliveira Filho, foi transformado em Ginásio Municipal.

Além de vários cursos de 2º grau, o Colégio São Francisco mantém hoje cursos superiores de férias, como extensão da Universidade de Caxias do Sul: Estudos Sociais, Ciências e Pedagogia. O colégio possui uma excelente Banda de Música, com 140 figuras, cujas apresentações constituem um dos mais cativantes atrativos da cidade. O colégio dispõe de excelente Escritório Modelo montado em 1970.

Em 1978 o Colégio São Francisco possui uma matrícula de cerca 1.200 alunos, mais de 50 professores e 15 funcionários. É seu atual diretor o Irmão Francisco José Ruzzarin, sucessor do Ir. Getúlio (Achylles Zanchet), que dirigiu o estabelecimento com excepcional proficiência de 1969 até 1977. O ensino superior de Vacaria muito deve ao dinâmico Irmão Getúlio, o qual teve como antecessores na direção do Colégio São Francisco os Irmãos Artur Francisco, Leandro, Miguel de Sanctis, Eugênio Frederico, Moisés Abílio, Tarcísio Máximo, Astério Pedro, Dionísio Busato e Pedro Tormem.

Em 1940 havia 91 escolas, sendo 73 municipais, 16 estaduais e 2 particulares, com um total de 4.175 alunos.

Em 1950 havia 99 escolas, sendo 88 municipais, 9 estaduais e 2 particulares, com um total de 4.986 alunos.

Em 1970 havia 144 escolas municipais, com 5.725 alunos; 183 escolas estaduais, com 13.361; 2 escolas particulares, com cerca de 2 mil alunos.

Em 1978 funciona a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, tendo como titular a professora Lélia Maria Broglio, assessorada por 18 funcionários. Existem 157 escolas municipais, com 2.216 alunos na sede e 2.917 na zona rural, e 331 professores, 182 na sede e 149 no interior.

O ensino estadual apresenta o seguinte quadro: 23ª Delegacia de Educação, inaugurada em 3-12-1964. Atual Delegada: Prof. Maria Videlvina Borges Basso, a partir de 5-9-

1971, assessorada por Neuza Vieira Marcantônio e Carmen Maximília Golin Paim e mais 53 funcionários. A 23ª Delegacia de Educação abrange os municípios de Vacaria, Bom Jesus e Esmeralda. Em Vacaria existem 6.482 alunos na zona urbana e 872 na zona rural, no 1º grau. No 2º grau: zona urbana: 1066; zona rural: 20. Curso supletivo: 444 alunos. Classes especiais: 55. Professores: 552.

Em 1978 está sendo construído o prédio próprio da Delegacia de ensino, pela Construtora Bortolon, ao lado da Escola Polivalente.

Eis a relação das escolas estaduais:

1) Colégio Estadual José Fernandes de Oliveira, fundado em 2-5-1960; atual diretora Prof. Nivalda Marcantônio Vescovi; 2) Ginásio Estadual de Vacaria (Escola Polivalente ou de Área), criado em 6-10-1970, tendo iniciado as atividades em 28-3-1972; diretora: Prof. Dalires Guerra Giuriolo; vice-diretora: Sueli de Lurdes Sanson: 45 professores e 11 funcionários; 3) Colégio Estadual de Vila Ipê; 4) G.E. Padre Efrém, na sede; 5) Escola Estadual de 1º grau Padre Pacífico, na sede; 6) G.E. Nossa Senhora da Oliveira, bairro Glória, sede; 7) G.E. Ione Campos dos Santos, sede; 8) G.E.Dr. Manuel Duarte, ex-Duque de Caxias, do 3º Batalhão Rodoviário; 9) Escolade 1º Grau incompleto Dalva Zanotto de Lemos, sede; 10) G.E. Bernardina Rodrigues Padilha, sede; 11) G.E. Álvaro Laureano Brum, São Bernardo, 3º Distrito; 12) G.E. de Campestre, 3º Distrito; 13) G.E. de São Manuel; 14) G.E. Luís Augusto Branco, Ipê; 15) G.E. de Rio Telha; 16) G.E. Florindo Caon, Coxilha Grande; 17) G.E. Dom Frei Vital de Oliveira, Muitos Capões; 18) E.E. de 1º Grau Firmino Pereira Boeno, 8º Distrito; 19) E.E. de 1º Grau São João Batista de La Salle, Segredo; 20) E.E. de 1º Grau Incompleto Marcos Flores de Noronha, Socorro; 21) E.Rural Carlos Luís Cremer, Estação Experimental; 22) E.Rural de Vila Ituí; 23) E.Rural Francisco Guerra, Capão Grande; 24) E.Rural São Benedito, Guacho, 3º Distrito; 25) E.R. Plácido Damiani, 4º Distrito; 26) E.R. da Linha Mazzini, 4º Distrito; 27) E.R. de Refugiado; 28) E.R. da Fazenda das Laranjeiras, Ituí; 29) E.R. da Capela Santo Antônio, 8º Distrito; 30) E.R. Luís de Almeida França - Esteira; 31) E.R. de Colônia São Francisco, Esteira; 32) E.R. de Ranchinho; 33) E.R. Angelo Fochezatto, Segredo; 34) E.E. de 1º Grau, São Paulo; 35)



Ginásio Santo Antônio, Muitos Capões.

Desde março de 1970, Vacaria dispõe de Cursos Superiores de Letras, com licenciatura plena: Pedagogia, Ciências e Estudos Sociais. A princípio funcionava como extensão da Universidade de Caxias do Sul, sendo mais tarde oficializada a primeira Faculdade — Faculdade de Letras e Educação de Vacaria FALEV.

A criação de uma Faculdade em Vacaria resultou de intenso movimento da comunidade, tendo à frente o Prefeito Octacílio Rech, o Bispo Diocesano D. Henrique Gelain, do Irmão Getúlio, Diretor do Colégio São Francisco, Dr. Lauvir Marcarini da Costa, 1º Diretor, Dr. Lino A. Jacques e outros. Ao Ir. Getúlio cabe o mérito principal da assinatura do Decreto nº 76.848, do Presidente da República, em 17-12-1975, publicado no Diário Oficial da União de 18-12-1975, Decreto que oficializou a emancipação da Faculdade.

O Colégio São José, o Colégio São Francisco e o antigo Hospital Militar cederam suas dependências para funcionamento dos cursos universitários. A entidade mantenedora — Associação Pró-Ensino Superior dos Campos de Cima da Serra — é composta por Conselho Deliberativo, Um Conselho Fiscal e uma Assembleia Geral. O Conselho Deliberativo consta de 16 membros, sendo 4 natos: Bispo, Prefeito, Juiz de Direito e o Presidente do Diretório Érico Veríssimo. A diretoria tem atualmente na presidência o Dr. Lino A. Jacques, e na Vice-Presidência a prof. Lélia M. Broglio. O Conselho Fiscal tem como diretor-presidente o Dr. João Teimo de Oliveira e o sr. Henrique Campetti, suplentes: Darci Minela, Ruy Chemello e João Pedro Jacoby dos Santos.

A Direção da FALEV consta do Ir. Getúlio (Achylles Zanchet), Diretor; Norma de Lima Guerra, vice-diretora, atualmente no exercício por doença do Ir. Getúlio; Secretária: Tânia Maria Machado Borges; auxiliares: Ivonete Mussatto e Vera Lúcia de Castilhos.

Já foram diplomados 296 alunos. Atualmente a FALEV conta com cerca de 500 alunos, distribuídos nos vários cursos.

Além disso, Vacaria possui outras escolas não incluídas na relação acima, como, por exemplo, a Escola do Pequeno Profissional.MOBRAAL que vem desenvolvendo uma bela campanha, fazendo com que Vacaria tenha um dos menores

índices de analfabetos do Estado, cerca de 500.

No setor educacional e cultural, cumpre lembrar a Livraria Minerva, fundada em 1912, que durante longos anos foi a única livraria do Município: Livraria e Tipografia dos Irmãos Teixeira Schüller, mais tarde de Dorval Teixeira Schüller; Rodolfo Bueno, que em 1955 fundou a Livraria Cultura, em 1969 a Livraria Bueno, proprietário e editor da Revista dos Rodeios e representante dos jornais da Companhia Caldas Júnior; Livraria Minella, sucessor da Livraria Bueno; Livraria Nossa Senhora de Fátima; e, sobretudo, João Brizola, que em 1952 fundou a Livraria Civilização, hoje Livraria Brizola, promotor da I Feira do Livro de Vacaria, outubro de 1978. Casa da Música do Prof. Antônio Carlos Cunha vem prestando há anos preciosos ensinamentos no ramo a toda a região do Nordeste do Estado.



Figura 48 Escola Normal São José — Formatura de normalistas, vendo-se, 2º sentada, Ecléa, futura esposa do Dr. Sinval Guazzelli, Governador do Estado.





Figura 491898 — ESCOLA MISTA DA SEDE — Profa. Rita Amandina dos Santos; atrás dela, em pé, estudante José Fernandes de Oliveira.

IMPRENSA

Vacaria orgulha-se de haver tido glorioso período de jornalismo e literatura, com intelectuais do mais elevado gabarito, nomes de vultos que brilham na História do Brasil. Basta lembrar Cassiano Ricardo, André Carrazzoni, e Manuel Duarte.

O período áureo da imprensa em Vacaria situa-se nas décadas de 1910 e 1920, quando se publicavam aqui vários jornais simultaneamente, redigidos no mais esmerado português, em linguagem primorosa, belamente impressos, com numerosos e seletos corpos de redatores.

Escritores e poetas de subido valor, como os três acima citados, Ceci de Freitas Castro, Paula Ferreira, Diana Terra, Nabor de Moura Azevedo, Hermínio Santos, Henrique Córdova e muitos outros, militaram na imprensa vacariense, apresentando trabalhos dignos da imprensa das grandes metrópoles brasileiras.

O IMPARCIAL, semanário de 4 páginas, grande formato, boa impressão, fundado em 1911, tinha como diretor o Dr. Augusto Diana Terra e gerente, Aluísio Ferreira de Sousa. Entre seus colaboradores, destacavam-se o Dr. Nabor de Moura Azevedo, Hermínio Santos, Flores de Assunção e Luís Guedes da Fontoura.

O MATELLO, órgão literário e crítico, fundado em 1912, tinha como diretor Elói Teixeira. Colaboradores: Manuel Quintela, natural de Porto Alegre, nascido em 20-4-1888 e falecido em Vacaria a 20-6-1913; Hermínio Santos, Dr. José Michel, Francisco Spinelli, Paula Ferreira. Era semanário de 4 páginas, pequeno formato, papel cor de rosa.

O TEMPO, jornal independente, fundado em 1-1-1915, tinha como redator chefe: Henrique Continentino de Córdova, e gerente Orestes Santos, que ainda reside em Vacaria. Semanário de 4 ou 5 folhas, grande formato. Colaboradores: Paula Ferreira, Edmundo Schüller, Hermínio Santos... O nº 3, do dia 16 de janeiro de 1915 dá conta da visita do Comandante Geral da Brigada Militar de Porto Alegre, Cel. Cipriano da Costa Ferreira. Vinha a Vacaria para inspecionar o 2º Batalhão de Infantaria e 1º Regimento de Cavalaria, que guarneciam a vasta região divisória deste Estado com Santa Catarina, a fim de impedir que os bandoleiros do vizinho Estado não incursionassem no Rio Grande do Sul.

Na mesma edição, o jornal informava que os Fanáticos, aquatelados na margem esquerda do rio Canoas, entre os municípios de Lages e Campos Novos, estavam guarnecidos por duzentos civis, sob o comando do major Valgas Neves, da Guarnição de Lages. Informava mais O TEMPO que os Fanáticos haviam sido batidos, tomando-se, pois, praticamente impossível sua incursão pelo Município de Vacaria.

O REPUBLICANO, fundado em 1915, tinha por diretor o Dr. Nabor Moura de Azevedo, e gerente, Aluísio Ferreira de Sousa. Em 1917 assumiu a direção Henrique C. de Córdoba. Colaboradores: Paula Ferreira e Eudóximo Teodoro dos Santos. O REPUBLICANO era órgão do Partido Republicano. Em 1922 publicava-se A REPÚBLICA, dirigido pelo Dr. Dilermando Xavier Porto.

PÁTRIA, fundado em 3 de abril de 1921, pelo poeta e escritor Cassiano Ricardo, era órgão do Partido Federalista. Semanário de publicação dominical, com a direção política e intelectual confiada ao referido escritor e ao Dr. André Carrazoni, expressamente convidado por Cassiano Ricardo.

Este refere em seu livro de memórias, "Viagem no Tempo e no Espaço", que havia convidado Carrazoni para trabalhar no seu jornal político. Ele, como bom gaúcho e maragato, poderia além disso casar com "uma moça bonita chamada Dalila, filha de um fazendeiro rico, Gustavo Rodrigues da Costa. Você, se tudo der certo, poderá casar-se com ela. Quem sabe?".

Carrazoni iniciava assim sua brilhante carreira jornalística, redigindo o semanário A PÁTRIA, um dos jornais mais conceituados do Estado em todos os tempos. Perseguido pela política, Carrazoni emigrou para o Uruguai em 1924, onde realizou seu matrimônio por procuração. Sua esposa, D. Dalila, conservou sempre sua extraordinária beleza até a morte em 1977. Voltando ao Estado, André Carrazoni, em 1930, assumiu a direção do CORREIO DO POVO.

PÁTRIA, combativo periódico maragato, além de publicar trabalhos de subido valor literário destes dois intelectuais, estampou poemas inéditos do poeta modernista Cassiano Ricardo, poemas depois enfeixados em livros.

A Revolução de 1923 encerrou o período áureo do jornalismo vacariense, que de então para cá não apresentou

maiores manifestações, a não ser de um que outro pequeno periódico de efêmera duração, como A ÉPOCA e, mais recentemente, JORNAL DA CIDADE.

RUA DO VINAGRE, quinzenário independente, fundado em 1953, pelo jornalista e radialista Firmo Carneiro, primoroso e veterano líder da imprensa e do rádio da Capital da Tradição. Velho profissional, Firmo Carneiro, embora resida atualmente em Caixas do Sul, continua batalhando na imprensa falada e escrita de Vacaria. A ele e a outro audacioso batalhador da imprensa, Rodolpho Bueno, deve-se a publicação da REVISTA DOS RODEIOS, pujante publicação de cada Rodeio Internacional.

CORREIO VACARIENSE, fundado em agosto de 1974, sob a direção do Dr. Aderbal Duarte e Teimo Emerim, encontra-se hoje sob o competente comando do brilhante jornalista Francisco Delmar Kotelinski, assessorado na redação e na secretaria por sua ilustre esposa, D. Dóris Kotelinski. Conta com numeroso e emérito corpo de colaboradores.

CORREIO VACARIENSE, em primorosa publicação gráfica, sempre profusamente ilustrado, com uma tiragem média de 3.000 exemplares, em 12 páginas, circula normalmente no Município, em Bom Jesus e Esmeralda, cidades às quais o jornal destina parcialmente suas páginas. É o único órgão da imprensa escrita de Vacaria que vem impulsionando a vida econômica, social, intelectual e tradicionalista da cidade.

RÁDIO DIFUSORA foi a pioneira de radiodifusão em Vacaria, tendo sido fundada pelo ano de 1950 por Othelo Jacques, Firmino Camargo Branco, Vidal Nery, Manuel Camargo e outros. Foi ao depois vendida aos srs. Octacílio Rech e Diniz Soldatelli, que, por sua vez a venderam para a Sociedade Literária São Boaventura (Padres Capuchinhos), sendo Superior Provincial o Pe. Frei Celestino Dotti de Antônio Prado, passando a ser dirigida pelo veterano radialista Frei Nestor José Ferronato. A Rádio Difusora, com apenas 100 vates, era ouvida perfeitamente na Capital do Estado. Esta emissora de rádio deixou de funcionar em 1967, por ocasião da fundação da Rádio Fátima.

RÁDIO ESMERALDA S.A., fundada pelos irmãos Umberto Ferruccio Campetti e Caetano Campetti em 4-12-1960, pertence hoje às Organizações Armito Pereira dos Santos, seu atual diretor-presidente, e tem na gerência o advogado Dr. Antônio Adalmir

Alves. A Rádio Esmeralda, que opera com um quilovate, há 18 anos vem promovendo eficientemente o desenvolvimento econômico, artístico, cultural e tradicionalista da Comuna, marcando presença obrigatória em todos os acontecimentos e iniciativas da vida vacariense.

RÁDIO FÁTIMA, de propriedade da Sociedade Literária São Boaventura, foi fundada pelos Capuchinhos em 30-4-1967, tendo na gerência o dinâmico Pe. Frei Nestor José Ferronato. Operando com 10 quilovates, a Rádio Fátima, cobrindo os três Estados do Sul, é responsável por ampla divulgação das atividades de todos os setores da vida de Vacaria e da região, notadamente do Rodeio Crioulo Internacional. A cargo de uma Ordem Religiosa que desde 1903 atua marcantemente no Município e na região, a Rádio Fátima vem exercendo fecundo apostolado em prol da promoção humana no Sul do Brasil.



Figura 501967: Inauguração do edifício da Rádio Fátima. Diretor: Frei Nestor Ferronato.





Figura 51Jornalista e radialista Firmo Carneiro.



Figura 52 Deputado Jarbas de Mello Lima, prestigioso advogado de Vacaria, no dia de sua despedida, entre o sr. Dinarte Fernandes da Fonseca e Dr. Manoel Vieira da Fonseca; Lindonez Alberto Perondi, ao lado do sr. Dinarte. 21-02-1975. O deputado Jarbas Lima, Presidente da Comissão de Finanças da Assembleia Legislativa, preocupa-se no desenvolvimento de Vacaria e da região.





Figura 541904 — O Independente, 16 de outubro de 1904



Figura 550 “Concordia”, 11 de fevereiro de 1922



1. **La medicina è un'attività sociale** e, come tale, è influenzata da fattori culturali, politici, economici e sociali. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

2. **La medicina è un'attività etica** e, come tale, è influenzata da valori morali e principi etici. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

3. **La medicina è un'attività scientifica** e, come tale, è influenzata da scoperte e progressi tecnologici. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

4. **La medicina è un'attività umanistica** e, come tale, è influenzata da conoscenze e competenze umanistiche. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

5. **La medicina è un'attività interdisciplinare** e, come tale, è influenzata da collaborazioni e sinergie tra diverse discipline. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

6. **La medicina è un'attività globale** e, come tale, è influenzata da sfide e problemi globali. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

7. **La medicina è un'attività innovativa** e, come tale, è influenzata da ricerca e sviluppo. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

8. **La medicina è un'attività educativa** e, come tale, è influenzata da formazione e apprendimento. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

9. **La medicina è un'attività comunicativa** e, come tale, è influenzata da dialogo e collaborazione. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.

10. **La medicina è un'attività trasformativa** e, come tale, è influenzata da cambiamento e progresso. La medicina non è solo una scienza, ma anche un'attività umana che si evolve nel tempo.



Figura 57O Martello, 27 de julho de 1913.



Figura 590 "Alfredo Chaves", 11 de novembro de 1932

RÁDIO ESMERALDA NO XIIº RODEIO

A equipe da Rádio Esmeralda de Vacaria, comandada pelo apresentador radialista ADALMER ALVES, está se movimentando em todos os sentidos, visando dar ao XII RODEIO, uma cobertura de nível em seus laços mais importantes. Com o patrocínio exclusivo da empresa VOLKSWAGEN de peças musicais, a Esmeralda movimentou a sua equipe do melhor maestro paulista e os resultados obtidos são altamente satisfatórios. Houve representações nos vários tradicionais, como Leandro Alberto Perardi, Patrício, Arizana Moreira, Walner Nogueira, Eriberto Campos, e outros, que agora se juntaram para a cobertura integral da missa em sua tradicionalidade. Provavelmente dar mais atenção à sua participação, a RÁDIO ESMERALDA, convenceu seu galpão no local do "camping" para que ali os visitantes pudessem adquirir um amargo e beber um papo com o principal da posterior mais antiga da cidade. No galpão Esmeralda, construída pela Esmeralda, a todo o momento estão chegando visitantes para se interessarem de fato e revelar que em pouco de informações transmitidas a todos. Trata-se, igualmente, de uma maneira de fazer relações públicas que a emissora mantém, dando ao mesmo tempo uma visão de abrangência total com a festa dos seus dois tradicionais locais. Com isso a emissora está se tornando mais simpática junto à opinião pública, mantendo a ordem do dia a dia e agora tendo a oportunidade de mostrar pessoalmente seus integrantes a ser considerados. Hoje ainda, os visitantes no galpão da Rádio Esmeralda, chegar para fazer um papo antigo e ouvir um amargo com o pessoal que tem a máxima satisfação em ouvir lá. Desta maneira a Rádio Esmeralda participa ativamente do Rodeio: dando a cobertura completa de todos os eventos e de mesmo tempo fazendo parte para que os estádios faças a festa.



MISSA CRIOLA ENCERRA O RODEIO

Como acontece tradicionalmente, o último ato dos rodeiros é a Missa Criola, e que terá às 18 horas de hoje. A missa desta vez será reada por Frei Domingos Brumantieri — que recentemente retornou de um curso pela América Latina. Rodeio em seu em Medford, no Colorado e visitando outros países e o padre Cantar Cans, igualmente tradicionalista. A missa ao ar livre, tem grande importância. "Ele nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e como Igreja Católica. Vestido chegando, enquanto o povo o amargo de muitas confissões, porque, ao tempo da madrugada, e ao descansar do seu gentil compadre por outras invenções e respostas de são a festa e a consagração para o aniversário do dia que passa. Eu bem sei que qualquer coisa, bem próximo, de fato, rebanhar e espigas, não se afirma mais antes da vida, e não se vêem na presença do rio. Ouve Paulo Celati, a Oração que se faz no tempo da madrugada e ao descansar do sol. Temera que todo mundo seja como irmão! Ajuda-me a perder a cabeça e não fazer seu outro o que não quero por mim. Perito-me, Senhor, por que, regressando pelas colinas de frequência humana, de quando em vez, agora tem correio, eu me sinto portador alho. Eu pretendo sair e cabotear! Ajuda-me Virgem Maria, Primeira Penha do Céu. Socorro-me, São Paulo, Capataz da Estanda Gloriosa. Filha de consolação, mas te dou meu Deus, mas aconteceu prá Ti. Que tua vontade leve a mim do valente por tudo o tempo e seja a Oração do Céu. Amém! Meus amigos assim, em estilo tem garçom que organizou a Missa Criola com ritmo que a gente não consegue nempanha. Ao início do Rodeio em ofício amabilístico, chamado de Oferta da Adaga, tudo em verso, com alguns assim: "E por não esquecerem — pela terra a nossa terra — minha terra a paratime — em alguma faz guerra. E outro... Hoje aqui a celebração — como aviso a humanidade — haverá sempre uma adaga — não falta liberdade. Logo está, às 18 horas, assista e prestigie a Missa Criola, ditada ao oficial do Rodeio.



SEBASTIÃO PEIXOTO, O HOMEM QUE CONSTRUÍU O GALPÃO

Sebastião Peixoto é nome conhecido do CTO Futuro do Rio Grande, mas que, também, não realizou nenhum pedido. Foi padre em 1961, eleito na Assembleia Geral, com o candidato anteriormente conhecido como o advogado tradicionalista Daniel Guimarães, por motivo de saúde, por outro, retirou-se da candidatura e não tinha nada a ver com isso. Foi na mesma oportunidade onde o senhor Sebastião Duarte como capataz. No ano da gestão de Sebastião Peixoto não houve Rodeio, mas a mais importante a fazer em realizar a construção de um galpão próprio. Sebastião e sua equipe se alicerçaram a obra e começaram a realização do galpão que hoje é sede do CTO. Para começar os recursos necessários foram realizados diversas campanhas e nada menos do que 10 baldes, em 1961, visando recursos para a construção. Em alguns desses baldes o ingresso era em nome de peças, em outros o tradicional

carro e assim por diante. Ficou ainda, em sua gestão, oficialmente todos os quadros de lapidação da região e filiais no Pórtico do Rio Grande. Durante a sua gestão foi primeira grande, e já o era por cinco anos e Sebastião Alho Rocha Barcelos mais ainda em sua gestão foi concluída uma outra grande, tendo a capela resultou da arquitetura Eriberto Nogueira, de Medford, Califórnia, hoje conhecida Perce Guimarães. A grande, segundo Sebastião representava parte importante do CTO e Esmeralda construída no Centro da Estação para a mais linda grande do Rio Grande do Sul, representando a Pórtico e foi classificada em segundo lugar. No época foi realizado um batizado informal. O casal de gêmeos Sebastião e dona Geizina, receberam homenagem ao dia última presença, no caso a Alho e a Esmeralda e depois a sua filha e o nome de Alho. A missa teve como padrinho, toda a participação e invenções do CTO,

entre de 30 pessoas e na pia batismal a criança foi enviada na bandeira do CTO e no 30 metros de fita com ao redor do Rio Grande do sul subdividida e todos os capatazes de invenções seguravam os pontos de fita e serviam simultaneamente de padrinho. O bebê foi batizado por Frei Leão e assistente e foram de padrinho em nome de todos, o casal Eriberto e Percy Guimarães. Assim Alho está em Vacaria mais de 30 padrinho e o casal Sebastião Peixoto com os seus compadres. A missa hoje tem 15 anos. Sebastião participou de todos os rodeios.

Falando a nossa reportagem citou também como fato chocante o sacrifício da água 31, o que é uma constante entre todos os tradicionais de Vacaria. Hoje, em algumas prioridades, a história do homem que construiu o atual galpão do CTO.

Figura 61 Correio Vacariense, 29 de janeiro de 1978.



SAÚDE

Nos primeiros tempos e até mesmo nas primeiras décadas deste século, por falta de médicos, os próprios fazendeiros cuidavam da saúde, havendo sempre algum entendido que operava curas extraordinárias. O tratamento baseava-se em geral em ervas medicinais e homeopatia, seguindo velhos hábitos da família ou algum livro, como por exemplo, “Médico Homeopata” do Dr. L. A. de Azambuja, farmacêutico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, publicado em 1879, pela Imprensa Literária de Porto Alegre. Já neste século, depois de 1911, corria de mão em mão o livro “Indicador Popular Homeopático do Dr. Alberto Seabra”.

Era frequente o uso de banhos com água fervida em ervas medicinais. Crianças excepcionais, “criança babão”, curava-se com simpatia, mandando beijar o focinho de um burrichó. Em caso de picadura de cobra venenosa, havia sempre um *curador de cobra* com poderes extraordinários, mesmo quando se tratasse de cascavel, coral, urutu; gente ou gado, estivesse às portas da morte, recuperava-se imediatamente com um simples gesto do curador.

Gado doente tratava-se com uma infusão preparada com casca-de-anta, casca de guassatumba, torradas no forno e socadas no pilão; ministrava-se com sal. No começo de verão, costumava-se dar ao gado farinha de osso e sal; osso torrado no forno e moído ao pilão. Para combate da queda do pelo dos animais, usava-se fumo e urina humana.

O primeiro médico formado que trabalhou em Vacaria, na década de 1880, foi o Dr. João Batista Galvão de Moura Lacerda. Para combater o surto de varíola em 1888, como vimos, o Governo provincial destacou o médico Dr. João Carlos Ferreira.

Nas décadas de 1910 e 1920, vários médicos, uns formados, outros autorizados, trabalharam na vila e no interior. Destacam-se: Francisco Guerra, competente e humanitário; Dr. José Hecker, professor da Faculdade Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, com consultório no Hotel Familiar de José Gasparetto; Dr. Nelson Silva; Dr. Ernesto Cibelli; Dr. Mário Santos; Dr. Luís Faccioli; Dr. Félix Antônio Giordano (Extrema); Dr. José João Zamboni, da Extrema, que morreu de acidente junto à ponte do rio

Saltinho; Dr. João Palombini, médico operador e parteiro, formado em Roma; Dr. Atílio Giuriolo; Dr. Eugênio Dias. Os dentistas: Sátiro Dorneles de Oliveira Filho, Pedro Juchem, Antônio Kinast, Artur Correia Atti, Dr. Raul Augusto de Freitas; Dr. João Erasmo Giuriolo, Antônio Mendes Dias Fernandes, Dr. Artur Coelho Borges. Um dos primeiros farmacêuticos foi Emílio Virgínio dos Santos, filho do Cap. Manuel Carneiro dos Santos, homem viajado e culto, que ocupou vários cargos públicos no Estado. Ainda na primeira década do século, abriram farmácia Francisco Guerra e o Dr. Atílio Giuriolo. Em Muitos Capões, nas décadas de 1920 - 1940, funcionou a farmácia de Pedro Guagnini.

Na década de 1920, o Dr. Avelino Faccioli organizou o primeiro hospital, numa dependência de sua casa. Mais tarde, o Dr. Elias Saadi construiu uma Casa de Saúde no local onde se ergue o edifício do INPS. O Dr. Clementino Wanderley, na década de 1940 montou o Hospital Nossa Senhora Auxiliadora, hoje transformado em Pronto Socorro aos cuidados do Dr. Mário Germano Wanderley.

Em 4-11-1932 foi fundado o Hospital Beneficente D.Frei Vital de Oliveira, tendo à frente o Pe. Frei Pacífico e o prof. José Fernandes de Oliveira, com a colaboração das associações católicas e do povo em geral, com atendimento médico do Dr. Homero Ribeiro. Era mantido pela Sociedade de S.Vicente de Paula. Hoje está incorporado ao Hospital Nossa Senhora da Oliveira.

Ainda por iniciativa do Pe. Frei Pacífico, em 4 de maio de 1935, foi fundado o Hospital Nossa Senhora da Oliveira, mantido pelas Irmãs de São José e sob a coordenação das religiosas: Ir. Edviges, Ir. Clarícia, Ir. Albina e Ir. Valentina. O prédio tinha então apenas 17 peças e comportava 7 doentes, com atendimento de um só médico e 4 funcionárias.

Atualmente (1978), o Hospital Nossa Senhora da Oliveira, após várias ampliações e transformações, tornou-se o maior hospital de todo o Nordeste do Estado, tendo 300 leitos, sendo atendido por 30 médicos e 220 funcionários. Trabalham médicos especializados em Clínica, Cirurgia, Pediatria, Ortopedia, Traumatologia, Anestesiologia, Oftalmologia, Otorrinologia, Radiologia, Cardiologia, Neurologia e Obstetrícia.

Seu diretor clínico é o Dr. Teimo Sebastião Bueno;

administrador, Bel Alfredo Longhi; diretora, Ir. Rosalina Morgan. Possui uma área de construção em alvenaria de 11.068 m². No ano de 1935 foram atendidos 182 pacientes. No ano de 1977, foram 10.104. Até maio de 1978 o Hospital atendeu a 98.168 pacientes, cifra superior a toda a população do Município. O Hospital mantém convênio com INAMPS, IPE, FUNRURAL, LBA, PREFEITURA MUNICIPAL.

Nas décadas de 1940 a 1950, trabalharam no Hospital Nossa Senhora da Oliveira, entre outros, os médicos: Dr. Taufick Saadi, depois professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, o Dr. Francisco Guerra, Dr. Clementino Wanderley, Dr. Flávio Valente, Dr. Homero Ribeiro, Dr. Isidoro Lima de Garcia, Dr. Mário Grazziotin, Dr. Renato, Dr. Oscar, Dr. Cássio Vieira da Costa (desde 1946).

Em 1938 o Prefeito Sátiro Dorneles de Oliveira Filho criou o Posto de Higiene, tendo como Médico-Chefe o Dr. Isidoro Lima de Garcia, assessorado pelos médicos Dr. Dinarte Ribeiro, Dr. Otávio Lupi Duarte, Dr. Guarani, Dr. Sarr e Dr. Nadir Medeiros. A seguir foi médico-chefe o Dr. Armando Boeira Guedes.

Em 25-10-1954, foi fundado o Asilo Santa Isabel, para velhos, misto, mantido pela Sociedade Vacariense de Auxílio aos Necessitados. Sua fundação deve-se ao sr. Bispo D.Cândido Bampi, Pe. Frei Mateus Dolzan, Vigário de Vacaria. D.Benta Batalha e seu esposo, Manuel Laureano Duarte e esposa, Ordem Terceira Franciscana.

A mesma entidade mantém o Lar Divina Providência, fundado em 1960, declarado de utilidade pública estadual em 1970 e de utilidade pública federal por Decreto nº 37.676/69. Tem como presidente D.Neusa T.Casagrande. Os dois estabelecimentos são atendidos pelas Irmãs Franciscanas do Apostolado Paroquial, tendo por Superiora a Ir. Maria Isabel da Costa. Em 1978 o Lar da Menina asilava 25 meninas abandonadas, enquanto o Asilo Santa Isabel asilava 65 velhinhos. 27 homens e 37 mulheres. É diretora do Asilo a Ir. Delma Gotardo.

Em março de 1978, anexa ao Lar da Menina, foi fundada uma creche.

Em 1972 a Loja Maçônica Perseverança fundou a Sociedade Educativa Perseverança, para menores delinquentes e pré-delinquentes, de sexo masculino.

Em 1978 havia na cidade os seguintes médicos: Antônio Carlos Beduschi, Antônio Sadio Pereira Xavier, Atílio Constanzi Filho, Bernadete Winckler Angeli, Dirceu Trevisan, Edson Renato Pippi, Emery Lopes de Andrade, Job Cristian Buss Angeli, José Antônio G.Pinto, José Inácio Bochese, Kátia de Alencar Rodrigues, Luiz Augusto Guazzelli, Luiz Augusto Junchen, Mário Germano Wanderley, Mateus José da Luz, Maximiliano Guerreiro Batalha, Mário Germano Wanderley, Mateus José da Luz, Maximiliano Guerreiro Batalha, Mário Vieira da Costa Filho, Nadir Bica Pereira, Osmar Gasparini Terra, Osvaldo Luiz Bortolon, Pedro Bruno Fett, Ronaldo Cunha Dias, Sebastião Lino de Azambuja Santos, Telmo Sebastião Bueno, Tésio Tarumã Sytia Camargo, Ubiratan Pinto de Azevedo, Willy Marcelja, Wilmar Molon, Wolmar Pizzani, Jorge Silvestri.

Cirurgiões dentistas em 1978: Anastácio Capelar, Antonino Brasileiro, Antônio C.Machado, Annalet B.Peixoto, Antônio C.Alves Pereira, Antônio Clóvis Fernandes Breno H.F.Schüler, Denusa Catarina Franzen, Flávio da Costa Murici, Ivoty Lisbela Dias Mussatto, José Antônio Casanova, Leocir Carlos Zanotto, Lourival G.Nery, Ludmila Tigre Amarante, Luiz A. da Silva Cipriani, Luiz Jacques Manozzo, Marcos Palombini, Mariza Manozzo, Mirian Scot Bastos, Nelson Lohn, Nilo Phul, Nilo Sérgio Phol, Paulo A.Paim, Paulo Fortunato Monteiro, Roni Ferrazzi, Sinval Gargioni Nery, Sinval Telles.

Médicos veterinários: Antônio Boeira de Almeida, Arturo Paz Anwandter, Paulo Gilberto Silva Cipriani.

Instituto Radiológico Vacaria Ltda.

Laboratório de Análises Clínicas, do Dr. Antônio Celso Bossler. Laboratório Lopes Pereira & Cia Ltda., Hematerapia, Himuno Ematologia e Banca de Sangue.

O 3º Batalhão Rodoviário mantinha um bom hospital militar, cujo prédio está sendo ocupado pela Faculdade de Letras e Ciências.

Farmácias: Miro, Avenida, Popular, do Lar, Central, Pan Vel (Velgos) Vacaria e Nossa Senhora da Oliveira.





Figura 62A numerosa família do Dr. Clementino Wanderley, médico, proprietário da Casa de Saúde, em Vacaria.

SUPERFÍCIE

Atualmente, em 1978, a superfície do município é de 5.374 km², sendo um dos seis municípios gaúchos de maior extensão territorial, superado apenas por Alegrete (7.936), Bagé (7.241), Santana do Livramento (7.001), Uruguaiana (6.562) e São Gabriel (5.934).

Em 1850, data da criação do município, Vacaria tinha uma superfície de cerca 16.800 km². Desse primitivo território foram criados nada menos de 13 municípios.

Em 1881, por ocasião da emancipação definitiva de Lagoa Vermelha, a superfície passou a 10.575 km².

Em 1913, com a emancipação do município de Bom Jesus, a área ficou reduzida a 6.681km².

Finalmente, em 1963, com a emancipação de Esmeralda, Vacaria perdeu mais 1.307km², ficando, pois, com 5.374 quilômetros quadrados.



Figura 63 GRUPO DE INTEGRALISTAS DE VACARIA. No cento: Dr. Taufick Saadi, tendo à esquerda Elisiário Camargo Branco. Hortêncio Guerra. Antônio Lima. João Ramos...

POPULAÇÃO

Atualmente, 1978, a população do município está estimada em 85.000 habitantes, sendo que mais de 50.000 residem na sede.

Pelo último censo de 1970, Vacaria tinha 57.097 habitantes.

Em 1884 havia 296 eleitores.

Em 1890, havia na sede 450 habitantes.

Em 1905, a população total era estimada em 30.000 habitantes, havendo então 1.521 leitores. Em 1920 havia no Município 22.718 habitantes.

Conforme relatório do Prefeito Major Sátiro Dorneles Filho, em 1940, a população do município era de 35.328 habitantes, havendo na sede 4.981 h.

É interessante observar que cerca de 90% da população encontrava-se na zona rural, como podemos observar:

1º Distrito: sede, 4.981; zona rural 3.289.



2º Distrito: Entre Rios (Ituim): vila 142; zona rural: 1.630; total: 1.772.

3º Distrito: Vila Korff: vila 159; zona rural: 3.390; total: 3.555.

4º Distrito: Vila Ipê: vila, 384; zona rural: 1.960; total: 2.344.

5º Distrito: Vila Esmeralda: vila 309; zona rural: 2.970; total: 2.344.

6º Distrito: Coxilha Grande: vila 244; zona rural: 1.485; total: 1.729.

7º Distrito: Muitos Capões: vila 88; zona urbana: 1.239; total: 1.327.

8º Distrito: Vila Luz: zona urbana: 5.725; total: 5.913.

9º Distrito: Vila Segredo: Vila: 206; zona rural: 3.792; total: 3.998.

10º Distrito: Vila Pinhal; Vila: 209; zona rural: 2.932; total: 3.141.

Em 1956 a porcentagem de quase 90% da população rural sobre a urbana continuava. Havia então na sede 6.840, na zona urbana 41.290; total: 48.130 habitantes.

Conforme Relatório do Prefeito Dornelles Filho, em 1939, houve:

Nascimentos: 2.602; Óbitos: 232; Casamentos: 239.

Em 1949 houve 1.190 nascimentos, 275 óbitos e 294 casamentos.

Em 1940 havia, na sede, 863 prédios, ao passo que no interior havia 4.242 prédios.

Nos últimos anos a relação das construções fornecidas pela Secretaria municipal de Obras é a seguinte:

De junho a dezembro de 1974: alvenaria: 56; mista, 27; madeira, 172.

Em 1975: em alvenaria, 125; mista, 52; madeira, 358.

Em 1976: em alvenaria, 115; mista, 64; madeira, 387.

Em 1977: alvenaria, 138; mista, 50; madeira, 293.

De janeiro a março de 1978: alvenaria, 30; mista, 19; madeira, 71.

Total: 1.957.

Atualmente existem na cidade cerca de 12.000 prédios, sendo os mais altos o edifício Zamban (1976) e Dionísio Frozi (1978).

A cidade possui atualmente os seguintes bairros: Petrópolis, Planalto, Progresso, Fátima, Vitória, Imperial, Santa Teresinha, Monte Claro, Santa Cruz, Carazinho, Nossa Senhora da Oliveira, Fraciosi, Seminário, Cristal, Giacomet, Diamantina, Rio Branco, Gertrudes, Glória, Jardim Toscano, Jardim dos Pampas, Capão doCoxo e Central. Destes estão em maior crescimento: Os Bairros Fátima, Planalto, Glória, Santa Teresinha, Jardim dos Pampas e Central.

Na cidade existem as seguintes vilas: Lindóia, Municipal, Maracanã, Haidée, Borges, Gaúcha, Samuel Guazzelli, Mauá, Flora, Kennedy, Boeira, Vista Alegre e Chacrinha.



Figura 64 Em Pé: Gastão Santos, Sr. Luís Varela, Caetano Moraes, Prof. Máximo Sussella. Sentados: Darci Dorneles, Orestes Santos, Dr. Ernani Erasmo Giuriolo, Fernando Anello, Fotógrafo.



DADOS GEOGRÁFICOS

O Município de Vacaria assenta na parte superior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, na microrregião 331 - Campos de Cima da Serra.

A sede está situada a 962 metros acima do nível do mar. O ponto culminante do Município situa-se no Morro Agudo, a 5 km do centro da cidade, junto à estrada Vacaria-Bom Jesus.

Coordenadas Geográficas da sede municipal: 29°32'30" de Latitude Sul, 50°54'51" de Longitude W Gr.

A topografia apresenta 25% de território montanhoso, 45% de ondulação e 30% plano.

O clima é ameno. A média das temperaturas máximas registradas é de 21,5°C. Média de temperaturas mínimas, 10, 2° C, compensadas 16° C. No inverno a temperatura não raro é inferior a 0°C, havendo por vezes atingido 12°C negativos. As geadas em média 39 por ano ocorrem de maio a setembro, raramente de abril a outubro.

Nevadas uma por ano. Granizo um por ano. As maiores nevascas registradas ocorreram em 1870, 1879, 1912 e 1965. Foram nevascas extremamente danosas pela sua intensidade e duração.

As precipitações pluviométricas anuais variam de 890 a 1.500mm. A umidade relativa do ar média é de 78%. Os ventos possuem uma velocidade média de 14km por hora.

A cidade dista da Capital do Estado, por via aérea, 166km. Pela BR-116, 243km. Via Vendelino, 220km.

Do Rio de Janeiro: 1.310km; De São Paulo: 910km; De Curitiba: 482km; De Lages: 100km; De Pelotas: 487km; De São Borja: 580km; De Caxias do Sul: 110km; De Passo Fundo: 170km; De Lagoa Vermelha: 75km; De Bom Jesus: 65km.

Limites — Ao Norte o Estado de Santa Catarina, pelo rio Pelotas; a Leste com o município de Bom Jesus; ao Sul com os municípios de São Francisco de Paula e São Marcos; ao Oeste com os municípios de Nova Prata, Lagoa Vermelha e Esmeralda.

Orografia e hidrografia. O Município é dominado ao centro pela Coxilha Grande, que forma o divisor das águas dos rios Pelotas e das Antas. Nela existe uma série de serros com os

nomes de: Ranchinho, Moirão, Baú, Agudo, Lomba Chata, Herança...

O rio Pelotas, que adiante se chamará Uruguai, nasce na Serra Geral, junto dos Aparados, nos municípios catarinenses de Bom Jardim da Serra e São Joaquim e no município gaúcho de Bom Jesus.

Por ocasião da primeira penetração dos bandeirantes e lagunenses, foichamado de Rio Grande, rio do Inferno e Passaquinze. Este nome foi dadopor Francisco de Sousa e Faria por havê-lo atravessado 15 vezes. Por fim,por que se atravessava com embarcações de couro, denominadas pelotas,acabou recebendo definitivamente este nome.

No Município de Vacaria, recebe numerosos afluentes, sendo os principais: Ibitirá, Imbé, Pessegueiro, Socorro, Aipecá, Sussuarana, Guabiju eFrade, com seus tributários.

O rio das Antas nasce igualmente na Serra Geral, nos Aparados, nosmunicípios de Bom Jesus e Cambará do Sul. Foi batizado com o nome de riodas Antas pelo paulista João Mariano Pimentel, casado com a vacariana BárbaraBorges Vieira.

Os principais afluentes deste rio no Município de Vacaria são: Enxovia,Quebra-Dentes, Governador, Viana, Refugiado, Guacho, Vieira, Goiabeira,Roseira, Trabuco, Telha, Fervedor, Peinçava, Guatapará, Segredo, Tupã,Puinquá, Ipê, Timbori, Piracupιά (Santa Rita), Ituí (Saltinho) e Humatã(Turvo).

Os terrenos do Município pertencem à formação triássica, havendo alguns pertencentes à formação primitiva.

Rochas de natureza erutiva, formações basálticas. Na mineralogia hávárias espécies de quartzo.

Os campos são cobertos de excelentes gramíneas nativas Forquilha eFlechilha, e trevos nativos.

FLORA — A flora do Município é das mais variadas e ricas do Estado,com predominância do pinheiro-araucária. Entre as madeiras de lei, destacam-se: cedro, tarumã, cambará, angico, canjerana, cabriúva, sapopema,bugre, ipê, canela, aroeira, pessegueiro bravo, cocão, coentrilho, guajuvira, araçá, árvore-da-chuva, açoita-cavalo, guamirim, ingazeira, guabirobeira,cerejeira, pitangueira, ovaia, além de centenas de plantas e ervas medicinais.

FAUNA — Outrora eram abundantes, hoje desaparecidos,

os animais como jaguar, a anta e o tamanduá. Existem ainda a capivara, o puma, a jaguatirica, o veado, a paca, a cutia, o macaco, o coati, a irara, o guaraxaim, a mão-pelada, o tateto...

Entre as aves, salientam-se a ema, a seriema, a perdiz, a codorna, o acurucaca, o jacu, o jacutinga, o macuco, o João-Grande, o inhambu, o uru, o araponga, o papagaio de peito-roxo e o xará, o pica-xanxã, o gralha, o gavião, o socó, o quero-quero, a garça e dezenas mais.

Répteis venenosos como o cascavel, o urutu, o coral, a culeira, a quatiara, a jararaca. Milhares de borboletas, abelhas, vespas, marimbondos, insetos...

ESCRAVOS

Os colonizadores dos Campos de Vacaria instalaram suas fazendas e iniciaram sua lida campeira auxiliados por escravos. Estes continuaram a serviço dos fazendeiros até o advento da lei áurea que os liberou. Entretanto, Vacaria antecipou-se, decretando a abolição da escravatura em 19 de setembro de 1884, pela ação do clube abolicionista, sob a direção de Israel Antônio da Paixão, Manuel Batista Pereira Bueno, João Antônio Jacques e Amândio Borges de Albuquerque.

Até esta data, o escravo era peça indispensável na vida dos criadores de Vacaria. Não havia outros empregados. Não havia peões brancos, com exceção de parentes, que por vezes viviam na mesma fazenda.

O escravo, em geral, nascia e criava-se na fazenda. Cada senhor possuía 3 a 4 casais de escravos, sempre com numerosos filhos. O filho podia ser objeto de negócio. Um escravo adulto era vendido na fronteira por duzentas mulas.

Por volta de 1880 um milhão de campo (cem hectares) valia cem mil réis, enquanto um negro cativo valia um conto de réis, isto é, dez vezes mais.

Zelava-se pela conservação da raça e da boa apresentação do negro. Não se permitia mestiçagem, como também procurava-se evitar açoitá-lo. Ao ser vendido, tirava-lhe a camisa para verificação de algum vinco ou marca no corpo.



Os escravos dormiam e comiam no varandão anexo à casa da fazenda. As mulheres cuidavam da lida da casa, tiravam o leite, cozinhavam, capinavam a lavoura. Sempre vestidas apenas de tanga. Sempre de pé no chão. O homem escravo vestia um calção de estopa.

Sobrevindo a abolição da escravatura, muitos negros, sobretudo de certa idade, continuaram na fazenda como peões. Muitos tornaram-se independentes, constituindo família, passando a morar nas terras de posses dos fazendeiros na serra. Poucos conseguiram firmar-se economicamente. A maioria caiu na marginalização, emigrando para as cidades.



Figura 65 Dr. Atílio Giuriolo,
médico (1870-14.11.1949)

COMÉRCIO

Durante mais de um século, o comércio exclusivo de Vacaria baseava-se na pecuária e seus produtos, de que já se falou em outros capítulos. Pelos meados do século passado, principiaram a aparecer os mascates. Estes limitavam-se ao comércio de tecidos e utensílios, ficando os gêneros alimentícios a cargo dos tropeiros, para complemento dos produtos internos, fruto da agricultura, que constituía a base da alimentação.

Em 1900 havia na vila 11 comerciantes, sendo a metade de nacionalidade síria. Ainda antes do fim do século, surgiam as primeiras casas comerciais no interior, como na Capela da Luz (Esteira), em Vista Alegre (Ituim). Já na década de 1910 funcionavam casas de comércio em São Pedro (Coxilha Grande),

Muitos Capões, Refugiado, Vila Korff (São Manuel), São Luís de França (Ipê), Ipiranga (Segredo), como também ao longo das estradas.

Na primeira década do século, numerosos italianos e seus descendentes montavam na sede e no interior suas casas de comércio, armazéns de secos e molhados. O primeiro comerciante italiano que se estabeleceu na vila foi Oreste Broglio, antepassado de numerosa família vacariense, que seguiu a profissão do pai e avô. Pelo interior, destacam-se Samuel Guazzelli, Florindo Caon, Francisco Michielin, Narciso A Maccari, Caetano Peruchin, Atílio Benedet, João Mondadori...

Na década de 1920 havia na cidade os seguintes comerciantes: Camilo Marcantônio, Luís Marcantônio, Pedro Grazziotin, Aureliano Rodrigues Silveira, Cândido Barbosa de Camargo, Felipe Oaiter Rosa e Silva, Luis Antônio da Paixão, José Bolsoni, Luís Correia Atti, Oreste Broglio, José Bedin, João Jorge Chedid, Antônio Boamar, Oliveiros Pereira Bueno, Nicolau Chedid, João Chedid, Antônio Zeiden, Henrique Fernandes Dácio, Antônio Scotti, Pedro Zaffonato, Dante Mondadori, Eugênio Adami, Giácomo Mondadori, Alexandre Kramer, Cândido Camargo, Lucídio Correia, José Prado e Porto, Antônio Caon em Três Pinheiros, Augusto e Clodoveu Gavioli, Francisco Guerra, Aluísio Ferreira de Sousa.

Em 1940 funcionavam no Município 155 casas de comércio, incluindo pequenos armazéns, botequins, açougues e farmácias. Nessa década, crescendo o movimento de veículos automotores, intensificava-se o comércio de carros e de peças. A agência Ford teve como primeiro representante o sr. Dante Mondadori, e a Chevrolet, Eugênio Adami & Almeida.

Atualmente as maiores empresas comerciais exportadoras são o Frigorífico Vacariense S.A. e a Cooperativa Triticola Mista Vacariense Ltda. - COOPerval. O comércio exportador de madeira possui alta expressão, conforme relato no capítulo da Indústria.

O comércio de veículos motores atualmente encontra-se sob a representação das firmas: Mecânica Comercial e Importadora, concessionários da Saab-Scânia do Brasil; Comércio de Automóveis Vacariense S.A., FORD, diretor Caetano Campetti; Comércio de Tratores Vacaria Ltda., tratores Ford, Clayson, Sperri

New Holland; Comercial de Veículos Brasileiros Ltda., concessionários Chevrolet, cujo presidente, Walter José Ruaro, foi premiado por bater recorde nacional de vendas em 1975; comércio de Automóveis Marcantônio, Dodge; Irmãos Soldatelli, revendedores Volkswagen; Lagoa Automóveis de Argemiro Trindade Vieira; Auto comercial Vacaria Ltda., concessionários Mercedes Bens; Eletro Auto Comercial Ltda., dos Irmãos Sganzerla; Peças Diesel Chaves Ltda., para Mercedes Bens; Zulmiro Stella, revendedor de Tratores Valmet do Brasil; Comercial de Máquinas Bossardi Ltda.; Renovadora de Pneus Vacaria S.A.; Máquinas Agrícolas Rodeio Ltda.; Agro Pecuária Santeresa; Irmãos Rizzardi Ltda.; Charles Leon Magnard; Comércio e Transporte de Ferros e Sucata Ltda.; Representações Valgui, adubos Ipiranga, de Valdir Guinzelli; Renovadora de Pneus Susin Ltda.; Mecânica Isauro Longo; Auto Elétrica Marchiori Ltda.; Comércio de Tratores Vacaria Ltda.; Bortolon Comércio e Construções Ltda.; Real Pinturas e Decorações; Apoio XI de Juvelino Padilha; Minasgás de João Ribeiro Fortuna; Marchantaria Nery Bossardi; Assistência Elétrica Vidi; Oficina Mecânica S.José de José Salvatti, antiga agência Dodge.

As principais lojas de comércio atualmente são: Grazziotin S.A. (1977) Lojas Colombo; Loja Frozi; Loja Gaspari; Loja Dorigatti; Loja Magazine Léo Modas; Loja Popular; Almeida, Apprato & Cia Ltda.; Casa Broglio; Roveda Magazine; Bortolon Calçados; Casa Figueiró; Casa Ferrarrezzi; Docelândia; Padaria Italiana; Lojas Alfred; Casa Ramiro; Casa Clea; Casa Marcantônio; Casa Oriental; Sponchiado Olivetti; A Modelar; Chamei Modas...

Supermercados, armazéns de outrora: Supermercado Frozi (1948); Supermercado Rech (1967), armazém em 1957; Supermercado Capra, de Joaquim Capra (1971); Supermercado Broglio; Supermercado Deon; (1968) Supermercado e Padaria Kipão, de Olga Dian (1973); Supermercado Cesa, instalado no Salão paroquial da Catedral, onde antes funcionava o Supermercado da Cobal; Supermercado Giroto.

Comércio de Bebidas Porteira do Rio Grande, de João Pedro Jacoby dos Santos; Comercial Rech Ltda.; Comercial Stella Ltda.; Comércio de Bebidas Zanotto Ltda.; Comércio Madeiras Reunidas de Vacaria Ltda.; Organizações Forest.; Relojoaria Esmeralda.; Joalheira Wolff.; Joalheria Alvorada.; Casa do

Agricultor e centenas de outras espalhadas pela cidade e interior.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL foi fundada em 24-6-1934. Em 1974 era presidente o sr. Octacílio Rech. A última diretoria, até julho de 1978: Adão S.Adami (4 anos), Armito Pereira dos Santos, André Paganella, Dr. Homero Peixoto Camargo, Moacir Gasperin, João Brizola e Dr. Zenor Zamban.

HOTÉIS

No século passado, não havia hotéis em todo o Município. Existiam apenas casas de pasto no interior, para atendimento dos tropeiros, viajantes e mascates. A hospitalidade vacariense dispensava a fundação de hotéis e pensões. Toda fazenda abria suas portas de par em par, para colher não só pessoas parentes e amigas, mas qualquer forasteiro, sem jamais cobrar um real.

A mesma proverbial hospitalidade vacariense reinava na vila, onde, aliás, quase todos os fazendeiros possuíam casa, que ocupavam em dias de festa. Exemplo da mais impressionante hospitalidade encontramos no abastado fazendeiro Francelino Guerreiro Filho, o popular França. Dispunha ele de vasto casarão no local hoje ocupado pelo Jockey Club com galpão e potreiro para os animais de seus hóspedes. A casa do seu França hospedava diariamente várias pessoas, sem nunca cobrar pensão. Era um enorme hotel gratuito, fazendo concorrência a Isidoro Pereira dos Santos, dono de uma pensão em fins do século passado.

Na década de 1900, surgiu o primeiro hotel de Vacaria - o Hotel Familiar de José Gasparetto, na rua Júlio de Castilhos, onde hoje se ergue o Pampa Hotel. Por várias décadas foi José Gasparetto o hoteleiro extremamente atencioso, que hospedava quantos chegassem em Vacaria. No seu hotel hospedaram-se as maiores personalidades da época, entre as quais: o general Filipe Portinho, o general Francisco de Paula Feijó, o escritor Cassiano Ricardo, o jornalista André Carrazzoni, que passou a varicela; o Dr. Batista Lusardo. O Dr. Dilermando Xavier Porto, Promotor Público, que, durante a passagem por Vacaria do general maragato Portinho, se escondeu numa das torres da Igreja Matriz. O Major Perdigão, o capitão Ibá Meireles, o Juiz de Direito Dr. Luis de

Freitas a Castro, o Dr. Antônio Alves Nogueira, o promotor Brasileiro da Costa e Silva e muitos outros.

Um dia, sobrevivendo uma crise financeira, José Gasparetto cerrou as portas do seu hotel, com o que não concordou a população, que se prontificou a soerguê-lo com generosos donativos. As firmas Pedro Grazziotin, Atilio Marcantônio e Adami & Almeida doaram camas, roupas e tudo o mais necessário para um novo hotel. Este ergueu-se e funcionou durante algum tempo, tendo à frente José Gasparetto. A seguir, transformou-se em Hotel Popular aos cuidados do seu genro Afonso Delucchi, casado com a filha Olga, que ainda vive em Vacaria. José Gasparetto faleceu em 1956.

O hotel foi sucessivamente vendido a Avelino Bergamaschi e Francisco Leonardelli, vulgo Paulista, hoje proprietário do grande Hotel Siri, na praia do Arroio do Silva, em Araranguá, Santa Catarina. O prédio foi mais tarde vendido a Juvenal Granetto, que, em 1972, construiu o Pampa Hotel.

Ainda na década de 1910 funcionava o Hotel Riograndense de Antônio Pedroso do Amaral, na rua Ramiro Barcelos; e, defronte ao hotel de José Gasparetto, o Hotel Citton, de Antônio Citton, que a seguir foi de Remidi Moreira e por fim o Hotel Varaschin, de Firmino João Varaschin, que funciona há cerca de 30 anos.

Nas décadas de 1910 e 1920, funcionou o Hotel Guarani, de Paulo Bertoni. Nas décadas de 1930, 1940, 1950, havia vários hotéis de pequeno porte, como Delucchi (Hotel Popular), Real, Bonfá, Tamoio, Santo Antônio, Novo Hotel Avenida, Hotel Vacaria, e mais de uma dezena de pensões.

Atualmente (1978), funcionam na sede os seguintes grandes hotéis: Hotel Varaschin, o mais antigo de todos; Hotel Querência, de Claudino Dionísio dos Santos, sucessor do Hotel Silva; Hotel Granetto, fundado por Juvenal Granetto, em 20-10-1966, possui 30 apartamentos e 30 quartos.

Hotel Alvorada, fundado em 1957 por Janor Frozi, com 58 apartamentos e quartos, alugado à firma Sanson e Bianchi Ltda., proprietária do Plaza Hotel de Curitiba.

Motel Guaporé, fundado em 1943 por Alice Rossi e os filhos Clóvis e Adroaldo Rodrigues da Silva.

Hotel Guaporé, fundado em 1943 por Alice Rossi e os filhos Clóvis e Adroaldo Rodrigues da Silva.

Motel Charrua, do Grupo Ipiranga, junto à BR-116, inaugurado em 1969, dispõe de 30 apartamentos.

Pampa Hotel, fundado por Juvenal Granetto, em 1972.



Figura 66 Hotel Popular de Afonso Delucchi, casado com D. Olga Gasparetto, filha do 1º Hoteleiro de Vacaria, José Gasparetto, que aparece à janela, de cabelo branco.

AGÊNCIAS BANCÁRIAS

No dia 14 de junho de 1919 foi instalado em Vacaria o Banco da Província do Rio Grande do Sul, tendo como primeiro agente o professor Tritão d'Ávila Pinto. Em 1922 funcionava na vila uma sucursal do Banco Nacional do Comércio, tendo como agente Eurico Carlos do Amaral Quintela. Em 1937 era gerente do Banco da Província o Dr. Júlio Frota. Os dois bancos fundiram-se no Banco Sul Brasileiro, que tem à sua frente, desde 1-2-1977 o sr. Rainir Vaidor Dalcil.

Em fins da década de 1910 e primeiros anos da década de 1920 funcionava na vila o Banco Pelotense, tendo como gerente José Fernandes Bueno.

O Banco do Estado do Rio Grande do Sul foi instalado em 23-5-1931, tendo como primeiro gerente o sr. Olímpio Brasil

Cabral, assessorado por Gelson Bolsoni, Firmino Antônio Gava, Oneide Rodrigues de Carpes. O primeiro contador do Banrisul em Vacaria foi o atual deputado estadual Vitório Trez.

O prédio em que funcionou o banco esteve instalado sucessivamente na rua Dr. Flores, ao lado da casa do Cel. Libório Antônio Rodrigues; rua Ramiro Barcelos, em casa de propriedade de D.Aimê Rodrigues; rua Mal. Floriano, prédio de propriedade do Dr. Lídio Fileto de Oliveira e, finalmente, rua Dr. Flores, com prédio próprio, inaugurado há cerca de 25 anos. Seu atual gerente, Luiz Filipe Gomes de Oliveira.

O Banco do Brasil principiou a atuar em Vacaria com subagência de Caxias do Sul em 1939, a cargo do sr. Casemiro Arpini, em sua própria casa, atendendo sozinho os municípios de Vacaria, Bom Jesus, Lagoa Vermelha, Antônio Prado, Lages e São Joaquim.

Em 1942 foi instalada a agência, tendo como primeiro gerente o sr. Floriano Góis e contador, Américo da Cunha Cerqueira. Em 1978 é gerente o sr. Artur Pereira dos Santos.

O Banco do Brasil funcionou na rua Ramiro Barcelos, a seguir, na casa do Cel. Libório Rodrigues, depois na rua 15 de Novembro, esquina Júlio de Castilhos; Mal. Floriano; no Salão Paroquial da Catedral, e, finalmente, em prédio próprio, inaugurado em 1971, na rua Júlio de Castilhos.

A Caixa Econômica Federal inaugurou suas atividades em Vacaria no dia 16 de janeiro de 1963, tendo como primeiro gerente João Alfredo Beust. Funcionou durante 13 anos no prédio antigo, na rua Júlio de Castilhos, 1416. O novo prédio foi inaugurado em 23-3-1977. Seu atual gerente é o Dr. Roberto Oliveira Landell de Moura, que sucedeu a João Francisco da Luz.

O Banco Bamerindus do Brasil S.A. inaugurou aqui suas atividades em 6-6-1966, sendo seu primeiro gerente Olívio Baggio; o atual gerente é Ivo Laurindo Machado.

O Unibanco principiou suas atividades em Vacaria em 1965, tendo como primeiro gerente o sr. Gilberto Vilela. Atualmente é gerenciado pelo sr. José Alves. Sua sede fica junto à Praça Gal. Daltro Filho.

A Caixa Econômica Estadual foi inaugurada em dezembro de 1967, tendo como gerente o sr. Adão Barcelos. Atual gerente: Clodoveu Vieira Pinto. Na Vila Ipê, funciona outra agência da Caixa

Econômica Estadual.

O Banco Itaú foi inaugurado em 28 de abril de 1976, sendo seu primeiro gerente o sr. Hélio Liberato; atual gerente: Nelson Alves da Silva. Funciona no Edifício Zamban, rus Marechal Floriano, esquina Moreira Paz.

Em 1976 e 1977 funcionava também o Banco Real S.A., na rua Marechal Floriano, encerrando suas atividades aqui em fins de 1977.



Figura 671921: Sede do Banco da Província - Vacaria





Figura 68Governador Sinval Guazzelli, quando entregava o troféu Banrisul ao Sr. Umberto Feruccio Campetti.

INDÚSTRIA

No século passado, quando a economia do Município se baseava na pecuária, existiam pelo interior numerosos fabricantes de queijo, que era exportado pelos tropeiros. Tornou-se famoso o queijo vacariano, que era disputadíssimo.

No princípio do século, com a imigração italiana, começaram a aparecer os moinhos coloniais e teve início uma das maiores fontes de rendas — a exploração da madeira. Na década de 1930 havia duas dezenas de moinhos e três de serrarias, todas na região colonial de São Manuel, Ipê, Segredo e São Paulino.

A indústria madeireira intensificou-se a partir de 1940, quando grandes empresas do ramo vieram instalar-se no Município, explorando as ricas reservas de pinheiro-araucária, existentes nas encostas dos rios. A seguir as maiores empresas madeireiras do Sul do Brasil aqui instalaram suas filiais, algumas das quais ainda permanecem.

Entretanto, o período áureo da indústria começou ultimamente, na década de 1970, com a implantação do Frigorífico Vacariense e do Distrito Industrial, que deram notável impulso à



economia, de sorte que em 1977 Vacaria ocupava 12º lugar entre os municípios de maior desenvolvimento do Estado e o 136º em todo o Brasil.

O Frigorífico Vacariense S. A. Indústria e Comércio, instalado junto à BR- 116, km 240, a 6 km da cidade, tem à sua frente o capitalista Armito Pereira dos Santos, e foi fundado em 16 de março de 1973, com uma área construída de 8.600 m².

Pioneiro no País em abate, tipificação e comercialização de carnes de novilho precoce, o primeiro em número de abate dos frigoríficos nacionais do Estado, participa na formação de estoques reguladores do Governo, através da COBAL, fornece seus produtos às principais indústrias de enlatados do Brasil, supre a grande cadeia de supermercados de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, coloca seus produtos nas principais cidades do interior do Rio Grande do Sul e ainda exporta para a Europa, Ásia e África.

É a maior indústria de Vacaria, com 480 funcionários, uma carga tributária de 30% na arrecadação de ICM, abatendo na média 350 cabeças de gado por dia, procedentes da região (50%) e dos municípios de Alegrete, São Luís Gonzaga, Rosário do Sul, Santiago e Itaqui. Dispõe de uma frota de 52 caminhões frigoríficos e boiadeiros. Além disso, para transporte, dispõe do Tronco Principal Sul da Rede Ferroviária, anexa ao Frigorífico.

Consome 500 mil litros de água por dia, proveniente do Arroio do Passo da Porteira, consome a quarta parte da energia elétrica do município, isto é, toda a produção da usina do Saltinho.

Eis a relação total de bovinos abatidos até abril de 1978: 1973 — 14.129; 1974 - 32.570; 1975 - 50.773; 1976 - 55.121; 1977 - 63.599; janeiro a abril de 1978 - 27.124.

Diretores do FRIVA em 1978: Armito Pereira dos Santos, José Martini, Miguel Ângelo Letti e Nicolau Sartori.

A Cooperativa Triticola Mista Vacariense Ltda., fundada em 15-11 - 1958, possui hoje cerca de mil associados, com área de ação em todo o Nordeste do Estado; exporta trigo mourisco e soja para o Japão, Alemanha, Polônia, Suíça; dispõe de 5 armazéns. Seus presidentes: César Ramos César, Leovigildo Guazzelli, José Rigon, Aldrovando João Bocchese Guazzelli (falecido tragicamente em 4-4-1977, com 47 anos, em pleno exercício da presidência) e Joaquim Capra, atual.

A Cooperativa Vacaria Agroindustrial - COOVAL - fundada

em 25-5- 1970, iniciou suas atividades em 4-10-1971; uma das maiores indústrias de laticínios do Estado, fabricante dos produtos Pik-nik; abrange associados de toda a região do Nordeste do Estado.

Encontra-se atualmente em estudos, havendo já recebido aprovação e apoio do Governador do Estado, uma grande fábrica de leite em pó.

O Distrito Industrial foi criado em 20-10-1973 pelo Prefeito Municipal Dr. Marcos Palombini. É o maior de toda a região, dispondo já de 23 indústrias:

Móveis Schizzi Ltda.; Carrocerias Santo Antônio Ltda.; Madeireira Germano Pisani Ltda.; Companhia Industrial Madeireira Ltda. (Made Zorzi); Aberturas S.G.Ltda.; IMOVAL — Indústria de Móveis Vacaria Ltda.; Indústria Luso-Brasileira de Móveis Ltda.; Madeireira Itacolomi Ltda.; Guapa Indústrias Plásticas Ltda.; Marmoraria Vacaria Ltda.; Ronaldo Travi & Cia Ltda. — Estruturas Metálicas; INDUMETAL — Indústria Metalúrgica Ltda.; Comércio e Indústria de Frutas Vacaria Ltda.; Touro Indústria Plásticos Ltda.; Cerâmica Rodeio Ltda.; Vidraçaria São Bartolomeu Ltda.; Metalúrgica Serena Ltda., Importação e Exportação; Metalúrgica Ruthiar Ltda., Fábrica de Rodas; Agroindustrial Pouget Ltda.; Franken Ovos Ltda.; Engilar — Engenharia Indústria e Representações Acauan Ltda.; Indústria Mecânica Rossetti Ltda.; Pirosul — Indústria de Foguetes anti-granizo.

Fora da Área Industrial funcionam centenas de estabelecimentos industriais, entre os quais se destacam: Pedro Zamban & Cia. Ltda. e Irmãos Zamban & Cia Ltda., Indústria madeireira; Madeireira São Pedro de Vacaria Ltda., de Máximo Afonso Zamban, proprietário do Edifício Zamban; Madeireira Minela Ltda.; Comércio de Madeiras Reunidas de Vacaria Ltda., sócio gerente, Aldino Antônio Giroto; Madeireira Itacolomi Ltda., gerente, Adão Schleder Adames; Madeireira Socorro Ltda., sócio gerente, Luiz Alberto Andrighetti; IMAGAL — Indústria de Madeiras Gasperin S.A.; Incomade S.A. Indústria de madeiras; Indamadeira, Indústria de madeiras; Industrial de Madeiras Irmãos Longhi Ltda.; Madeireira Santa Teresa de Vacaria Ltda.; Madeireira de Zorzi; Madeireira Germano Pisani S.A.; Madeireira Rio Branco; Serraria Mota; Serraria Stumpf; Ind. de Madeira Pratense S.A, Ind. de Madeira Viapiana Longhi Ltda.; Irmãos Iochpe Ltda.; Madeireira

Camilo Bueno.; Madeireira Grezzana Ltda.; Rofeli Ind. de Madeiras Ltda.; Fábrica de Malhas Aide Bizoto Dengo; Anselmo Sganzerla, Fábr. de artefatos de couro; Fábrica de Esquadrias de Antônio Vanin; Fábrica de Colchões de Arnildo Carloto; Indústria de Móveis de Augusto Belinot; Fábrica de Móveis de Avelino Longhi; Indústria de Móveis de Bernardo Silveira Santos; Fábrica de Carimbos de Bueno & Almeida; Fábrica de Esquadrias Carpintaria Barracão Ltda.; Indústria de Madeiras de César Rafael Saadi; Fábrica de Carrocerias de Chilante & Pires Ltda.; Esquadria de Ferro Vacaria Ltda.; Indústria de Móveis de Evaristo Zannotto; Fábrica de Móveis Cosmo Ltda.; Fábrica de Móveis Forense Ltda.; Fábrica de Móveis e Esquadrias de Ferreira & Vanin Ltda.; FLOMAD — Irmãos Flor Com. e Ind. de Madeiras Ltda.; Fábrica de Chinelos de Gastão Dalaqua; Hidráulicos Vacaria Ltda. Ind. de Macacos Hidráulicos; Ind. de Vidros Ipê Ltda., Fábric. de Garrações, Vila Ipê; Indústria de Madeiras Sanson Ltda.; Ind. e Com. de Malhas Carilene Ltda.; Ind. de Artefatos de Couro de Ivanildo Campos Padilha; Ind. de Artefatos de Couro de Jacinto Dorval Rosa; Fábr. de Esquadrias de José Abreu Siqueira; Ind. de Marcenaria de José Odilon Ribeiro; Madeireira Adrigurt Ltda.; Matadouro Suíno; Malharia Laine; Ind. de Móveis e Esquadrias de Santos Pazinato; Sul Móveis Ltda.; Turra Importação e Exportação; Vinícola Caldart Ltda., Capela São Francisco; Ind. e Com. de Madeiras de Zulian & Cia Ltda.; Aproveitamento de Madeiras Camilo Carvalho; Moinho Vacaria Industrial e Agrícola; Moinho Tarumã; Artecouro de Nicanor Boeira; Fábrica de Carrocerias e Oficina São Luís Ltda., Vila Ipê; Fábrica de Quadros de Olivério Pereira de Abreu; Fábr. de Massas Alimentícias de Paulino Rschell; Fábr. de Vassouras de Pedro Viapiana; Olaria de Domingos Zannotto; Fábrica de Massas de Armelinda Maria Ruschel; Indústria de Móveis de Emílio Dallagnol & Cia Ltda.; Empresa Madeireira Bom Jesus Ltda.; Fabris e Marcon, Abates de francos; Funilaria Vacariense Ltda.; Ind. e Com. de Sabões Lourenice Ltda.; Indústria de Vidros Ipê Ltda.; Indústria de Vidros Marcon Ltda., Vila Ipê, fábrica de garrações; Malharia de Jaci Morandi; Renovadora de Jamantas Montanari Ltda.; Ferraria de Romeu Zanella e Assis Ferrazi; Selaria Martins Ltda.; Tipografia Mírian Ltda.; Francisco Wiltuschning, fabricante de mel.

Empresas de construção civil: ENGILAR, Engenharia, Arquitetura e Construções Acauan; Construtora Bortolon; Cliveira

Material de Construção; Dario M. dos Santos & Cia Ltda. — DARMASAN; Empreiteira Zanotto de Irineu Antônio Zanotto.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS - fundado em 1-7-1957, esteve com a primeira diretoria assim constituída: Ernesto Mannhart Filho, Adolfo Castro e Paulo Wolker, seguidos por João Alves Fontoura e José Lemos de Jesus, conta com 247 sócios; dispõe de assistência médica, cursos profissionais; elege a Rainha dos Operários e possui sede própria. Seu atual presidente, José Lemos de Jesus, pertence a diversas entidades locais, como da Comissão da Diocese.

SINDICATO DA CONSTRUÇÃO E DO MOBILIÁRIO - abrange os operários não só da Construção Civil, mas de todos os ramos de indústria. Fundado como Associação Profissional em 1-5-1958, passou a Sindicato em 17-6-1960. Primeira diretoria: Antônio Rossetto, Avelino Borges Teixeira e João Artur Paes. Atual diretoria: Joaquim Nunes da Costa, Vercidino Ferreira Borges, Adão Alves Monteiro, Oscar Ferreira Nunes e Pedro Carlesso.



Figura 69FRIGORÍFICO VACARIENSE S.A. a maior indústria do Município, o maior frigorífico nacional do Rio Grande do Sul.





Figura 70 DANTE MONDADORI, proprietário da I Agência Chevrolet de Vacaria. Comerciante, músico, cantor, Dante Mondadori desempenhou papel importante em muitos setores da vida de Vacaria, auxiliando, principalmente na construção da Catedral.

AGRICULTURA

Já falamos em outro capítulo das lavouras de outrora, cultivadas nas fazendas e nas posses da serra. Resta falar da agricultura introduzida pelos imigrantes italianos e seus descendentes, e da lavoura mecanizada, surgida nas últimas décadas.

Em fins do século passado, os colonizadores da região da serra, nos atuais distritos de Ipê, Segredo, Campestre e São Paulo, já colhiam produtos em grande escala, contribuindo consideravelmente na economia do Município, ao lado de pecuária.

Em 1940 foram colhidos 400 mil sacos de milho, 120 mil de trigo, 45 mil de feijão, 25 mil de batatas, 2.375.385 quilos de uva...

O Prefeito Dorneles Filho criou um campo de Multiplicação de sementes, numa área de 4 milhões de metros quadrados. Em 1949 foi fundado o Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura, que teve decisiva influência no estabelecimento da lavoura

mecanizada, inaugurada no Município na década de 1950.

Em meados desta década, existiam já mais de cem lavouras mecanizadas, com emprego de 150 tratores. Em 1957 a lavoura mecanizada concorria com mais de 50% da produção total de trigo do Município.

Em 1955 o Município produziu cerca de 15 mil toneladas de trigo, 13.200 de milho, 5.640 de batata inglesa e 1.310 de uva. Nesse mesmo ano, os principais triticultores de lavouras mecanizadas eram:

No 1º Distrito: José Firmino Lopes, com 80 hectares de área cultivada; Egídio Carneiro Borges Primo, 80 Ha; Rubens Martins Berta, 100; Zeno Waltenor Freitas de Andrade, 400; Granja Nossa Sra. da Oliveira, 400; Guaracy Borges Pascoal, 50; Roberto Germani, 200; Mário Gomes da Fonseca, 50; Barison & Dallagiustina, 350; Felisbino Lisboa Siqueira, 20; João Turra, 100; Álvaro Rigon, 70; José Onófrio, 130; Onor Martins Marcantônio, 200; Atílio Marcantônio, 100; Artur Coelho Borges, 150; César Ramos César, 150; Emílio Camargo Ramos, 150; Alencar Antônio Rodrigues, 150; Riograndino Paim de Andrade, 150.

Distrito de Ituim: Leovigildo Guazzelli, 150; Algacyr Nunes Paim, 150; Rui de Almeida Barcelos, 200; Elisa Paim Valorbida, 120; Rui Paim de Andrade, 100; Cruzvaldino Faccioli, 100; Pedro Zen Neto, 100.

Distrito de São Manuel: Irmãos Guazzelli, 50; Alexandre Cechinato, 60.

Distrito de Coxilha Grande: Lauro Godinho, 150; Júlio Borges, 60; Plínio Teixeira Borges, 100; Waldomiro Teixeira Borges, 150; João Otávio Ferreira, 150; Irmãos Belan, 150.

Distrito de Muitos Capões: Liupércio Fernandes de Oliveira, 100; Saul Miguel Possapp, 150; José Duarte, 150; Distrito de Esteira; Assis Ferreira da Silva, 30; João Lisboa Boeira, 20 e Pedro Lisboa Boeira, 100.

Atualmente, 1978, colhem-se no Município cerca de 500 mil sacas de 60 quilos de soja; 30 mil sacas de trigo; 200 mil sacas de milho; 30 mil sacas de feijão; 300.000 sacas de trigo mourisco e seis milhões de quilos de uva.



Figura 71FAZENDA CABANHA SANTA TEREZA - de Normélio Rodrigues Paim & Filhos. Da esquerda para a direita: Dr. Getúlio Marcantônio, Secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul; Dr. Sinval Guazzelli, Governador do Estado; Cabanheiro Sr. Normélio Rodrigues Paim; Dr. Luiz Fernando Cirne Lima, ex-Ministro da Agricultura; Dr. Almir Vieira Gonçalves, Presidente da FARSUL; Dr. Normélio G. Paim, Diretor Técnico da Cabanha Santa Teresa; Sr. Renato Barcelos, Patrão do CTG. Porteira do Rio Grande; demais convidados para a cerimônia de entrega dos troféus “Reinaldo Cherubini” e “Prof. Luiz Cirnel Lima” à Cabanha Santa Teresa, de Normélio Paim & Filhos, no dia 22-03-1975.



Figura 72Marcação de gado – 1900



FRUTICULTURA

Vacaria é atualmente (1978) o maior produtor de maçãs do Rio Grande do Sul, com 1.100.000 pés de macieiras, pertencentes a 101 produtores, fornecendo uma safra superior a 800 mil quilos de maçãs.

Para seu desenvolvimento e produção, a cultura da maçã exige na média 700 horas de frio. Ora, Vacaria possui mais de mil horas de frio, proporcionando, pois, um clima essencialmente favorável.

Desde 1964 a região se encontrava na mira dos técnicos, para sediar um centro de produção. Roger Biau, agrônomo francês, naturalizado brasileiro, que atua em Santa Catarina, é responsável pela implantação da fruticultura no Município.

A convite do Prefeito Dr. Marcos Palombini, Roger Biau instalou o primeiro viveiro, de 300 mil mudas, para a firma Mudelândia S.A., de Friaburgo, hoje com filial em Vacaria.

O ano de 1973 assinala o início da cultura da maçã no Município, quando foram plantadas 22 variedades, para experiência, no antigo Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura. No ano seguinte, iniciava-se a promoção da cultura da maçã entre pequenos agricultores, com financiamento do Banco do Brasil.

Foram escolhidas as variedades mais adequadas à região, entre elas *Golden Delicious*, a mais procurada internacionalmente; *Red Delicious* e suas híbridas: *Royal Red Delicious* e *Red Spur*.

Atualmente, no Posto de Pesquisa da Prefeitura estão sendo realizadas experiências com 149 combinações das variedades *Ben Golden*, *Red. Delicious*, *Nelrose*, *Gala* e outras.

Além de macieiras, o Posto de Pesquisa distribui aos produtores mudas de nectarinas, ameixeiras, pessegueiros e damascos.

A assistência técnica do Posto de Pesquisas, que conta com a participação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), está a cargo do Serviço de Fomento da Prefeitura Municipal, sob a direção do engenheiro-agrônomo Genor Mussatto, assessorado pelo colega Henrique E. Aliprandini.

A empresa Mudelândia S.A., pertencente ao Grupo francês

de Fraiburgo, Santa Catarina, que tem como gerente local o sr. Toídes Zoldan, forneceu a Vacaria, em 1976, 330 mil mudas de macieiras.

Outras grandes firmas operam no setor, como a Sociedade Agroindustrial Pouget, a Brasdiesel e Randon, de Caxias do Sul. Grande complexo industrial vem sendo planejado para frigorificação, beneficiamento, fábrica de geleias, fábrica de embalagens...

A implantação da fruticultura em Vacaria conta ainda com a colaboração de vários técnicos estrangeiros, como o viveirista francês Georges Debord. O fruticultor francês Jean Solal, que vinha para assinar contrato de escritura de compra de 150 hectares de terra, pereceu em acidente rodoviário, a 30 km da cidade de Vacaria.

A fruticultura vacariense possui hoje um fervoroso incentivador na pessoa do Prefeito Dr. Enore Mezzari, que é também engenheiro-agrônomo.



Figura 73 ESPORTE CLUBE BRASIL - 1929. Da esquerda: Dionísio Santos, Rodolfo Bueno, João Chedid, Manuel Vitorino de Camargo, Dorval, Plínio Bueno, Irineu Abreu, Moisés Chedid, Antônio Broglio, José Broglio e Olivério Schidt.



Figura 74Esporte Clube Brasil — 1943. Da esquerda à direita após a lauda: Britinho, Odilon Martins, Noel Marcantônio, Noli, Hortêncio Guerra, Camilo Marcantônio, Além Chedid.

ESPORTE

O mais antigo esporte praticado em Vacaria é o turfe. As carreiras de cavalos emocionavam outrora a população vacariana, que acorria em massa para junto das velhas raias, aplaudindo e apostando grandes paradas. Hoje as raias do interior quase desapareceram por completo. Entretanto, o esporte não morreu. Surgiu o Jóquei Clube, que é a continuação e a complementação do velho esporte.

A Sociedade Jóquei Clube de Vacaria foi fundada em 5-1-1963, pelos turfistas Elias Chedid, Sinval Duarte Guazzelli, Fidelcino de Lemos e Álvaro Acauan, os quais constituíam a primeira diretoria. A diretoria atual está assim constituída: Presidente, Dr. Lino Antônio Jacques; Vice-Presidente, Dr. Emeri Lopes de Andrade; 1º secretário, Zenóbio José Acauan; 2º secretário, Alzebar Brito Boschi; presidente da comissão de corridas, Álvaro Alves Acauan.

Vacaria, como vimos em outro capítulo, possui diversos haras, onde se criam cavalos das mais puras raças, que levantam grandes prêmios no Estado, em São Paulo, Rio de Janeiro e mesmo no estrangeiro.

Um velho esporte, hoje inteiramente desaparecido, era a cavallhada, da qual falamos em outro capítulo. Os torneios de laço, as gineteadas, as domas, constituem mais um dos esportes de Vacaria, de que o Rodeio Crioulo Internacional apresenta a mais alta expressão.

O Futebol, entretanto, é hoje o esporte mais atuante do Município, assim na sede como nos distritos. Sua história remonta à década de 1910, quando se fundaram os primeiros clubes e se construíram os primeiros estádios. Nessa década já existiam em Vacaria dois campos de futebol. Entre os primeiros clubes de futebol de outrora, destaca-se o Sport Club Pampeiro, cujo fundador e presidente foi Francisco Guerra, o pioneiro do futebol de Vacaria. Ao E.C. “Pampeiros” deve-se a iniciativa da celebração das festividades do 1º Centenário da Independência do Brasil.

Em 7 de setembro de 1928, era fundado em Vacaria o Esporte Clube Brasil, pelo Dr. Homero Ribeiro, Francisco Guerra, Virgílio Rodrigues e outros desportistas, tendo iniciado suas atividades num campinho da av. Militar, defronte do atual Posto Ipiranga, mudando-se depois para o local onde hoje se ergue o Grupo Escolar Nossa Senhora da Oliveira.

O E.C. Brasil possui uma história gloriosa no futebol do Estado. Basta dizer que entre seus numerosíssimos atletas encontra-se um que se tornou o treinador da Seleção do Brasil e hoje é o treinador do Corinthians Paulista - OSWALDO BRANDÃO, que envergou a camiseta do E.C. Brasil em 1947- 1948. Entre os tantos títulos citadinos, regionais e estaduais, conquistados pelo E.C. Brasil, lembramos apenas o de Campeão Estadual de Amadores de 1969.

Entre os primeiros craques do clube, lembramos Camilo Marcantônio Filho, Noel Marcantônio, Oneide Campos, Cavalaria, Ramonzinho e Dejalminha.

Depois de alguns anos de paralização das atividades, o clube voltou a Jogar em outro local, onde se ergue hoje o Estádio Municipal Francisco Guerra. Grandes nomes desfilaram então pelo E.C. Brasil, como José Correia, Protásio Ferreira, Além Chedid,

Odilon Martins, Glorocindo Ferreira, Fortunato Soldatelli. Recordamos os atletas Risson, Gringo, Argeu, Laús, Tito, Jorge, Fernando, Xangai, Canelinha, Meribe, Reinaldo Rech, Mércio, Chagas, Décio.

Organizou uma equipe de juvenis, com os quais o E.C. Brasil conquistou vários prêmios da categoria. Em 1967, sob a presidência do Dr. Telmo Bueno, foi formada uma grande equipe, que se sagrou campeã do ano, em pleito organizado pela liga Vacariense de Futebol, sob a presidência do Dr. Luiz Jacques Manozzo, campeonato supervisionado pela Federação Gaúcha de Futebol. Desde a sua filiação na Liga, o Brasil, sob a presidência de Valdomiro Oliveira, disputou todos os campeonatos.

Entre os numerosos jogadores que o Brasil formou para outras equipes, além de Oswaldo Brandão, lembramos: Ariosto Atti, Almi, Canelinha, Bíssimo, Zairi e Gasperin, hoje do Internacional de Porto Alegre.

Grandes nomes ligados ao clube desde a sua fundação: Henrique Clarency, Rodolfo Bueno, Hermeto Atti, Dr. Altamiro Krause, Dr. Adão Viana, José Brito, Fleury Borges, Brasil Dipp, Alípio Brasil Cabral, Hortêncio Guerra, Piratinino Guerra, Antônio Broglia, Firmo Carneiro, Atheneu de Quadros, Egídio Prataviera, Dr. Teimo Bueno, Nelson Roveda e Waldomiro Oliveira, este responsável pela compra do terreno da atual sede do Clube.

Merecem ainda destaque os colaboradores: Luís Alfredo Norn, Dr. Jarbas de Melo e Lima, Jair Lima, Narbal Soldatelli. Carlinhos Ferreira, Luís Dias, Remi...

Por ocasião da conquista do título de Campeão Estadual de Amadores, conquistado em 12 de abril de 1970, contra a Aliança de Santa Rosa, no Estádio Municipal Francisco Guerra, era treinador Rodolfo Chizoni. Encontravam-se presentes o Prefeito Octacílio Rech, os deputados estaduais Sinval Guazzelli e Getúlio Marcantônio. A súmula do jogo esteve sob o controle de Delegado da FGF Lindonez Perondi.

O Brasil conquistou ainda títulos citadinos e regionais consecutivamente de 1970 a 1977.

A construção da sede social foi iniciada na gestão do Dr. Telmo Bueno e concluída sob a presidência do Dr. Antônio Celso Bossler.

Nelson Domingos Trentin, atual presidente do Conselho

Municipal dos Esportes, era presidente do E.C. Brasil por ocasião da conquista do Campeonato Estadual de Amadores. O referido esportista, foi presidente do Clube por 4 gestões. A ele muito deve o esporte de Vacaria.

O GRÊMIO ESPORTIVO GLÓRIA foi fundado em 15 de novembro de 1956, pelos sócios: Adão Vargas, Ardelino Plachi, Valquírio Tosan, Osvaldo Ribeiro da Silva, Nélcio dos Reis, João Ribeiro Fortuna, João Vargas, Oliveira Fernandes Braga, Olímpio Nery do Nascimento, Dionísio Menin, João D'Átria, Ulisses Vargas, Antônio Barão, Protásio Borges da Silva, Ramiro Ribeiro da Silva e Otávio Bandeira da Silva.

O G.E. Glória, que possui um quadro social de mais de 400 membros, teve como 1º presidente, João D'Atria. Filou-se à Federação Gaúcha de Futebol em 16-3-1964. De 1961 a 1977, o G.E. Glória conquistou três dezenas de títulos, entre os quais o de Campeão da Chave-3 do Copa Governador em 1976; em 1975 foi Bicampeão invicto da cidade.

Numerosos atletas do G.E. Glória passaram a profissionais, tendo obtido projeção os seguintes: Plínio (goleiro), hoje titular do Londrina; Luiz Fernando jogou na Associação Caxias, Juventude de Caxias, Brasil de Pelotas e Atlético de Carazinho; Zeca, do Atlântico de Erechim, hoje no Pradense de Antônio Prado; Vacaria, jogou no 14 de Julho de Passo Fundo, no Internacional de Porto Alegre e hoje no Palmeiras de S.Paulo; Neide (goleiro), jogou no Umuarama do Paraná, Figueirense de Florianópolis, Palmeiras de Blumenau; João Carlos, no Internacional de Lages.

Graças à atuação do presidente Aníbal Boeira Kramer, do Prefeito João Possap, dos associados Pedro Avancini, Palmiro Pires e o Dr. Getúlio Marcantônio, o G.E. Glória obteve o terreno para seu estádio, já em fase de conclusão, no bairro Glória, com uma área de 15.300 m², que será dotado dos mais modernos requisitos dos grandes estádios.

O treinador de G.E. Glória é o ex-atleta Arai Ribeiro, natural de Lajeado, com 37 anos de idade, competente e abnegado profissional.

Na gestão de 1976-77, a diretoria do G.E. Glória estava assim constituída: Dr. Luiz Jacques Manozzo, presidente; Irineu Antônio Zanotto, vice- presidente; Alceu Vieira Orsi, 2º vice;

Zulmiro Bizotto 3º vice; Eugênio A. Marques, 1º secretário; Eurico Pereira Kramer, 2º secretário; Pedro Dorival da Silveira, 1º tesoureiro; José Venson, 2º tesoureiro; Arai de Azevedo Ribeiro, diretor esportivo e treinador; Rui Braz Chemello, diretor social; Conselho Fiscal: Alcino Dorigatti, Aristote Almir Dutra Vieira e Sérgio Minella.

Diretoria atual (1978-1979): Presidente, Eugênio A. Marques; 1º vice, Irineu Antônio Zanotto; 2º vice: Alceu Vieira Orsi; 3º vice, João Antônio Grazziotin; 1º secretário, Sérgio José Minella; 2º secretário, José Li Guerreiro Bueno; 1º tesoureiro, Antônio Homero Soares dos Santos; 2º tesoureiro, Hilário Conte; diretor esportivo, José Venson; diretor social, Dr. Antônio Adalmir Alves Conselho Fiscal: Valdir Pedro Rizzon, Aristote Admir Dutra Vieira e Dr. Mariano J. Mariano da Rocha.

Vacaria possui vários outros clubes de futebol. Destacam-se: Esporte Clube Vitória, do bairro Vitória, fundado em 15-1-1969; Esporte Clube Corinthians, fundado em 15-2-1973; os Varzeanos dos Bairros: Sociedade Esportiva Rio Branco, Esporte Clube Cristal, Esporte Clube Planalto e Esporte Clube Estrela.

Outro esporte favorito dos vacarienses é o xadrez, tendo sido fundados vários grupos, a partir de 1952. Em 13-8-1968 foi fundado o *Clube de Xadrez Henrique da Costa Mecking*, pelos xadrezistas: Dr. Telmo Bueno, Antônio Moreira, José Geraldo Antônio, Wilson Paim, Paulo Antônio Moreira, Claudino Araldi e João Paulo Moreira. Em 1970 foi iniciado um curso de férias para ensino do xadrez, estendendo-se depois para os colégios, com participação de mais de 200 estudantes. O Clube conquistou numerosos campeonatos municipais. Os campeões em Vacaria foram: Dr. Telmo Bueno (4 vezes), Wilson Paim (5 vezes), Clóvis Silveira (5 vezes), Paulo Moreira, Hermeto Atti, Edson Oliveira, Sadi Cardoso e Jorge Godóis. A atual diretoria do Clube: Antônio Moreira, Dr. Teimo Bueno, Paulo Moreira e Sadi Cardoso.



Figura 75Esporte Clube Glória –
Bicampeão - 1975



Figura 76Zebú-gil, de Sérgio Guerreiro, vendido em Novo
Hamburgo - 1935

IMIGRAÇÃO ITALIANA

Assim como aconteceu com São Sebastião do Caí, Montenegro e Lagoa Vermelha, Vacaria também contribuiu com seu vasto território para a implantação dos primeiros núcleos coloniais dos imigrantes italianos, iniciados no Estado em 1875.

Em 1886, imigrantes italianos, cruzando o rio das Antas, penetravam no Município de Vacaria, lançando os alicerces de uma próspera cidade, que recebeu o nome de Antônio Prado. A nova colônia desenvolveu-se rapidamente, a ponto de se tornar



sede do então 5º Distrito, e, pouco mais tarde, em 1899, emancipava-se.

Imediatamente, a corrente migratória estendeu-se no atual território vacariense, em toda a região da mata da serra do rio das Antas, fazendo surgir novas colônias e novos distritos, trazendo valiosa colaboração ao desenvolvimento demográfico e econômico do Município.

Os italianos e seus descendentes fundaram então São Luís de França, hoje Ipê, Segredo, São Paulo, São Manuel, Campestre, são Bernardo, disseminando-se ao longo de toda a serra do rio das Antas e daí, mais recentemente, passaram para a serra do Pelotas, onde fundaram o Distrito de Estrela, na Fazenda da Estrela, e a colônia Itacolomi, no Distrito de Coxilha Grande. Outros distritos vacarienses receberam a contribuição do imigrante italiano, como Refugiado, Esteira, Ituim, Muitos Capões.

Mas os italianos não se limitaram à região da serra. Foram mais além, atingindo a zona do campo e a própria sede do Município. A princípio, ainda antes da abolição da escravidão, o braço italiano associou-se ao trabalho do negro cativo das fazendas de Vacaria, notadamente na abertura de valos e construção de taipas de pedra, para divisa de propriedades ou de invernadas.

Alguns mais audaciosos, vencendo certo espírito de tradição e patriotismo, que criava reserva e distinção entre brasileiros e italianos, montaram estabelecimentos comerciais em plena zona da campanha e daí a pouco entraram a adquirir campo, tornando-se fazendeiros, adotando de imediato os hábitos e costumes do gaúcho vacariense.

Entre muitos destes pioneiros peninsulares que se tornaram troncos de numerosas famílias da nova Vacaria, destacam-se Samuel Guazzelli, com numerosa descendência; João Piolli, que se instalara no Capão Alto junto com Samuel Guazzelli, que lá tinha seu importante estabelecimento comercial e casa de pasto. Narciso Maccari, estabelecido na Extrema, com uma das maiores firmas comerciais da região; Florindo Caon, Francisco Michielin, Caetano Peruchin, em Coxilha Grande.

Ainda no século passado, principiaram os italianos a se estabelecer na sede do Município, com Caetano Faccioli, José Sacchetto, José Caleffi.



Na década de 1900, o fluxo de migrantes italianos para a vila entrou a intensificar-se, destacando-se José Gasparetto, Oreste Broglio, Francisco Guerra, Dante Mondadori, Dr. Atílio Giuriolo, Dr. João Palombini, Constante Gualdi, Eugênio Adami, Germano Dotti, Camilo Marcantônio, Atílio Marcantônio, Pedro Grazziotin, José Bolsoni, José Bedin, Antônio Citton, Antônio Scotti, Demétrio Gualdi, Mário Zambelli, Carlos Zacchera, Higino Andognini, Fernando Anello.

A partir de década de 1920 em diante foi incessante o movimento migratório de italianos e seus descendentes para a sede e interior. Entre as milhares de famílias têm prioridade: Roveda, Bortolon, Rech, Soldatelli, Zanella, Paganella, Fadanello, Gavioli, Giordano, Siliprandi, Sgarbi, Spinelli, Bortolini, Bertoni, Campetti, Lutti, Bergamaschi, Rigon, Gasperin, Capra, Deon, Lovatto, Cibelli, Atti, Cestaro.

Com o advento da carreta de terno, introduzida pelos italianos, Vacaria beneficiou-se deste novo e revolucionário meio de transporte, que modificou integralmente, com enormes benefícios, o tradicional sistema dos tropeiros. Todos os fazendeiros aderiram à carreta de terno. Em poucos anos, não era apenas o carreteiro italiano, tendo à frente o famoso Bordó (Cibelli), mas todos os fazendeiros possuíam sua carreta. Nenhum município gaúcho da região da campanha beneficiou-se tanto como Vacaria, graças a esta iniciativa do valoroso imigrante italiano.

Atualmente os descendentes de italianos dominam os setores da indústria e do comércio. Praticamente já não existe família dos velhos troncos lusos cujos descendentes não se hajam cruzado com elementos de nome e sangue italiano. Nenhum setor de atividade humana deixou de receber a valiosa colaboração itálica, desde a política, medicina, advocacia, magistério, episcopado, sacerdócio, até os mais modestos ofícios de operários.

Na Política destacam-se o atual Governador do Estado, Dr. Sinval Guazzelli, o Secretário da Agricultura e ex-deputado Dr. Getúlio Marcantônio, o deputado e vice-prefeito Dr. Caetano Peruchin, os Prefeitos Octacílio Rech, Dr. Marcos Palombini e Dr. Enore Mezzari. Na advocacia: Dr. Raymundo Faoro, atual Presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, Dr. Eloá

Guazzelli, uma das maiores figuras da advocacia gaúcha. São de origem italiana todos os Bispos que Vacaria teve: D.Cândido Bampi, D.Augusto Petró e D.Henrique Gelain, assim como quase todo o clero da diocese, a começar pelo atual cura da Catedral, Pe.Caetano Caon.

Está, por isso, surgindo um novo homem vacariano, não mais descendente exclusivo de luso-brasileiros, mas também de outras raças, sobretudo a italiana, em virtude da posição geográfica do Município, que outrora fazia limite com Caxias do Sul, o mais importante centro da colonização italiana.



Figura 771928 — Antônio Prado — O Dr. Getúlio Vargas entre Francisco Marcantônio e Caetano Reginato. Aparecem ainda: Dr. Álvaro Barcelos Ferreira, Marcos Bocchese, Laurindo Paim, Antônio Bocchese, José De Lucchi e Abelardo Cavalcanti, Meninos: Cipriani e Pinotti

Figura 78FRANCISCO GUERRA e sua família em 1915: Albina, esposa; filhos: Nair, casada com Jorge Praetorius; Piratinino; Maria Sueli, casada com Orlando Furtado; Hortêncio; cunhados: Regina e Antônio. Na foto falta Maria Cloé, ainda não nascida, casada com Danton Costa e Silva, filho do Promotor Público de Vacaria Dr. Brasileiro da Costa e Silva. Na Praça Daltro Filho foi erguida uma estátua a Francisco Guerra, com esta legenda: A Francisco Guerra, cuja vida foi uma lição e um exemplo de generosidade, altruísmo e desprendimento - a homenagem comovida e grata do povo de Vacaria — 1960.



Figura 79 FERNANDO ANELLO, o fotógrafo que escreveu a História de Vacaria em fotografias, de 1900 a 1970. Hoje ocupa o seu lugar Dino Pessi, que continua documentando a vida do Município. A maioria das fotos que ilustram este livro foram tiradas por Fernando Anello, que faleceu em 13.12.1972.



Figura 80 1922 – D. Luísa Anello, esposa do fotógrafo Fernando Laporta Anello.



Figura 81 Dr. Sinval Guazzelli e D. Ecléia Fernandes, no dia do seu casamento 18-05-1952.



SEMINÁRIO DIOCESANO

O Seminário Menor Nossa Senhora da Oliveira, no Bairro Seminário, foi fundado pelo Prelado Dom Cândido Maria Bampi. A princípio foi construída uma casa de madeira, cujas obras, iniciadas em 11-1-1954, foram concluídas no dia 31 de maio do mesmo ano. A construção esteve sob a orientação do Pe. Olímpio Pagnoncelli, primeiro reitor, até 1957.

No dia 6-7-1954, chegavam os dez primeiros seminaristas. A 4-8-1954, chegavam de Minas Gerais quatro Irmãs Gracianas, para atendimento do serviço interno, mas em novembro do mesmo ano retiraram-se, sendo substituídas pelas Irmãs de São José, que, a partir de janeiro de 1955, atendem o Seminário e ministram aulas aos seminaristas.

Durante o primeiro ano o Seminário sofreu dificuldades por falta de energia elétrica, sendo depois instalado um gerador próprio.

A inauguração oficial ocorreu no dia 13 de maio de 1956, com grandes festejo populares, presididos pelo Arcebispo de Porto Alegre, D.Alfredo Vicente Scherer, que foi o orador oficial.

De 16-12-1957 até o fim de 1961, foi reitor o Pe. Jaime Kramer da Fonseca, hoje Monsenhor, trabalhando na paróquia de São Paulo de Lagoa Vermelha. Nos anos de 1962 e 63 exerceu o cargo de reitor o Pe. Frei Ricardo Aresi, Capuchinho.

No dia 28-7-1963 foi inaugurada mais uma ala do Seminário, com missa celebrada por D.Cláudio Colling, Bispo de Passo Fundo, tendo D.Augusto Petró, Bispo Diocesano, dado a bênção.

De 1964 a 1966 o Seminário foi dirigido pelo Pe. Carlos José Stefens.

No ano de 1966 foi construída mais uma ala.

De 1967 até meados de 1969, o reitor foi o Pe. Urri Nivaldo Guzzo. De meados de 1969 até 1975 foi reitor o Pe. Germino Pagno, hoje Vigário de São Paulo em Lagoa Vermelha. Teve como substituto na reitoria o Pe. Geremias Urió, que ainda se encontra no cargo.

Com as transformações pastorais introduzidas pelo Concílio Vaticano II, a formação dos seminaristas passou a ser

paralela à formação cultural de outros estudantes. Por isso, a partir de 1965, os seminaristas frequentam as aulas nos colégios da cidade, havendo no Seminário apenas uma complementação em termos de formação religiosa e espiritual. Desta maneira, os seminaristas acompanham a evolução do mundo atual em todos os setores. Os seminaristas, além disso, realizam trabalhos de pastoral e promoção humana.

O Seminário funciona ainda como Escola Diocesana, realizando reuniões do clero, Assembleias diocesanas de pastoral, Cursilhos de cristandade, ultreias, encontros e reuniões de jovens, cursos para líderes de comunidades de igrejas, e outras reuniões de pastoral.

TRADICIONALISMO E RODEIO INTERNACIONAL

Dois séculos de intensa vida pastoril e o posterior culto das tradições do homem do campo, dão a Vacaria o justo título de Capital da Tradição e da escolha para sede do Rodeio Crioulo Internacional.

Com o advento do automóvel, do caminhão e do trator, a evolução e o progresso principiaram a transformação dos velhos hábitos do gaúcho. O esplendor da típica vida campeira do Rio Grande do Sul, uma das mais belas de todo o Brasil, estava ameaçado de desaparecimento. A empolgante epopeia dos pampas, que formou toda uma literatura e lotou os museus de obras de arte, encontrava-se à beira do sucumbimento...

A fim de que este longo passado de arte e de glória não entrasse em colapso, surgiram os Centros de Tradições Gaúchas, destinados ao cultivo organizado das tradições da nossa terra e de nossa gente, buscando nelas mensagens de renovação social, cultural e moral.

Era o dia 29 de junho de 1952 no salão da União Operária, realizava-se a Festa de São Pedro, o primeiro baile à gaúcha de Vacaria, ao som da sanfona de Inácio Cardoso e do conjunto "Serenata". No meio do calor da festa, no salão superlotado o jovem poeta e radialista Firmo Carneiro lançava a ideia de

fundação de um Centro de Tradições Gaúchas em Vacaria.

A sugestão foi recebida com uma explosão de aplausos, e Dorival Guazzelli, com o apoio cultural do Dr. Getúlio Marcantônio, tomou a peito a empreitada. E surgiu o Centro de Tradições “Porteira do Rio Grande”, nome encolhido em concurso público, sugestão da professora Jurema Terra, esposa do tradicionalista Osmar Paim Terra.

O C.T.G “Porteira do Rio Grande” foi efetivamente fundado em 23 de julho de 1955, por um grupo de tradicionalistas, entre os quais: Flávio Guazzelli, Dr. Getúlio Marcantônio, Dorival Guazzelli, João Duarte, Plínio Zingali, Libório Silveira, Osmar Paim Terra, Dr. Luís Adão Gonzaga, Osmar Rodrigues, Firmo Carneiro, Dr. Nabor Azevedo Guazzelli, Ubirajara Albuquerque, José M. Abrahim...

Em 6-4-1958, para festejar o terceiro aniversário da fundação do CTG “Porteira do Rio Grande”, a diretoria, tendo como patrão o Dr. Getúlio Marcantônio, resolveu promover o 1º Rodeio Crioulo, com participação dos Centros de Tradições “Alexandre Pato”, de Lagoa Vermelha, e “Presilha do Rio Grande”, de Bom Jesus.

Foi um sucesso, que despertou extraordinário entusiasmo, fazendo com que se programasse a realização do 2º Rodeio Crioulo, nos dias 17 e 18 de janeiro de 1959, ainda sob a patronagem do Dr. Getúlio Marcantônio, então Deputado Estadual. Desta vez o Rodeio deixou seu caráter regional, para assumir âmbito estadual, reunindo os municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha, Bom Jesus, Caxias do Sul e Porto Alegre.

Além de provas campeiras, houve agora movimentos culturais, concurso de declamação, escolha da mais Prendada Prenda do Rodeio, na pessoa de Alba Mariano da Rocha, do CTC “Porteira do Rio Grande”; torneio de laço, concurso de gineteadas, de chula, concurso de melhor gaúcho do Rodeio... Na Praça Daltro Filho, em pequenos ranchos, roncava a sanfona, declamavam-se versos gauchescos, em roda de chimarrão, até o clarear do dia.

No 3º Rodeio Crioulo, nos dias 18 a 21 de janeiro de 1960, sob o comando do patrão Wenceslau Ferreira Filho, o fogo do tradicionalismo irrompido em Vacaria alastrou-se pelos quatro cantos do Estado. Mais de 30% dos Centros de Tradições Gaúchas do Rio Grande do Sul estavam representados neste certame, que apresentou novidades, num acentuado crescimento,

com a eficiente colaboração da imprensa estadual.

O 4º Rodeio Crioulo, sob a patronagem de Onésimo Carneiro Duarte, hoje assessor da Secretaria do Turismo do Estado, chamou a atenção da imprensa do País, promovendo a vinda de turistas dos mais recuados recantos do Brasil, até da Argentina e Uruguai. O Rodeio foi filmado e o filme exibido nos principais cinemas nacionais, aumentando o interesse pela belíssima festa gauchesca, que se tornou uma das mais populares de todo o País.

O 5º Rodeio Crioulo já teve caráter internacional, agora sob a responsabilidade do patrão Bento Telles de Abreu, realizado de 19 a 21 de janeiro de 1962. São convidados pintores afamados para dar fundo ainda mais cultural ao certame. Nas esquinas da cidade, imensos painéis apresentavam cenas da vida gauchesca. Estes quadros são hoje patrimônio do Centro de Tradições. A Câmara Municipal institui o 1º concurso de poesias crioulas, que reuniu 21 poetas, tendo sido premiada a poesia de José Hilário Retamoso. As emissoras de Rádio e TV da Capital do Estado, presentes ao Rodeio, levaram para todo o Brasil os lances do certame, despertando ainda maior interesse. O Rodeio foi filmado em cores e circulou por longo tempo em todo o País. À tarde foi oficiada a 1ª Missa Crioula pelo Bispo diocesano D. Augusto Petró.

O 6º Rodeio Crioulo Internacional, de 20 a 23 de janeiro de 1966, sob a patronagem do afamado tradicionalista João Joaquim Ferreira, foi precedido por um mini rodeio, com a presença de embaixadores, Senadores, Deputados Federais e Estaduais, Secretários de Estado, Agências de Turismo, Conselho Estadual de Turismo, representante do Governador do Estado, imprensa falada e escrita da Capital, do interior, como dos Estados de Santa Catarina e Paraná. A festa ficou dividida em duas partes, a primeira inteiramente dedicada a concursos de ordem cultural; a segunda reservada às provas campeiras, nacionais e internacionais, no Parque da Associação Rural, um gigantesco Parque, com uma praça em forma de ferradura, ao lado de galpões, tendo nos fundos imenso bosque, à sombra do qual, à guisa de camping, se instalam as barracas dos participantes, formando verdadeira cidade, com suas ruas iluminadas pelo clarão das fogueiras, onde ferve a água do chimarrão, se assa o churrasco ou se prepara o arroz-carreteiro. Pelas noites a dentro, ao som das sanfonas, o canto da gauchada

mistura-se com a delimitação de poesias tradicionalistas.

É um espetáculo impressionante naquele vasto capão, dominado por altos pinheiros, a cuja sombra e proteção, decorrem os dias do Rodeio, congraçando a gauchada dos mais distanciados rincões, confraternizando na mais bela festa campeira. É uma soberba epopeia que ninguém jamais esquece!

O 7º Rodeio Crioulo Internacional, em janeiro de 1968, contou com o comando do tradicionalista Rui de Oliveira Barcelos. O 8º esteve sob a patronagem do tradicionalista Protásio Guazzelli, nos dias 22 a 25 de janeiro de 1970. O 9º Rodeio Crioulo Internacional, sob a responsabilidade do patrão Hugo Teixeira de Lemos, realizou-se nos dias 17 a 20 de fevereiro, imensamente valorizado pela presença do Presidente da Nação, Emílio Garastazu Médici, como também cowboys norte-americanos.

O 10º Rodeio Crioulo Internacional teve como Patrão de Honra o então Governador do Estado, Cel. Engenheiro Euclides Triches, sendo realizado de 10 a 13 de janeiro de 1974, sob a patronagem de Nerímio Almeida.

O 11º Rodeio Crioulo Internacional realizou-se nos dias 20 a 25-1-1976, sob a patronagem de Renato de Oliveira Barcelos, havendo comparecido o Presidente da República Gal. Ernesto Geisel e o governador do Estado Dr. Sinval Guazzelli, como também o Governador paulista, Paulo Egídio Martins.

O 12º Rodeio Internacional teve lugar nos dias 25 a 29 de janeiro de 1978, sob a patronagem de João Teodoro Duarte Guazzelli. Contou com a presença do Governador do Estado, Dr. Sinval Guazzelli, e do Governador da Bahia, Dr. Lomanto Júnior.

Todos os rodeios têm por remate no Parque da Ferradura a Missa Crioula, celebrada pelo sr. Bispo Diocesano, D. Henrique Gelain, e animada poeta e tradicionalista Pe. Paulo Aripe, pelo Pe. Caetano Caon, poeta e tradicionalista vacariano.

Além do CTG “Porteira do Rio Grande”, a cidade de Vacaria conta com o CTG “Sentinela da Querência”, da Vila Petrópolis, fundado em 19-12- 1964, que teve como 1º Padrão Martimiano Zimmerman.

No Concurso de Poesias Gauchescas do 8º Rodeio Crioulo (1970), foi premiada a seguinte poesia do Ciro Gavião. Por ser a síntese exata da História de Vacaria, vai aqui reproduzida.

1.

Foram bandeiras que vieram
Guiadas pelo luar
Costeando a costa do mar,
Subiram penosa rampa...
Eis que a terra se destampa
Na sua forma bravía.
Mostrando o rio que corria,
Na exuberância do pampa.

2.

Descendo da paulicélia
Ao pago que então desperta,
Achando a porteira aberta
Do Rio Grande, no Planalto
De Vacaria, num salto,
Tendo em vista as Reduções,
Chegariam às Missões,
Que aqui merecem ressalto.

3.

Corria que lá distante,
Numa forja de São João,
Trocavam ferro por pão;
Que de cupim e minério
Que havia tanto mistério
Entre os santos - coisa estranha.
Que dos padres, vindos da Espanha,
Usavam no magistério.

4.

Que a região era muito rica
De charque, de graxa e couro;
Que havia muito tesouro,
Sob a vigia da lua;
Que o bugre, raça charrua,
Domado pelo batismo,
Não perdera o teleruismo
Da querência que era sua.



5.

Falavam das gadarias:
Cavalos, mulas e reses;
E também que os portugueses
Faziam no pensamento,
Além disso, outro intento:
Batalhar pela coroa,
Fundando na terra boa
Colônia do Sacramento.

6.

Tanta coisa por fazer,
Sem um meio de transporte:
Carregar, de Sul a Norte,
O que a terra oferecia,
Uma estrada em Vacaria,
Por certo, uma solução;
Lembrou-se então da mula.
Portar a mercadoria.

7.

Tavares e Fernão Pais,
Os primeiros nesta luta,
Desbravaram a terra bruta.
Palmeando milha por milha,
Na precisão de uma trilha.
Recomendada a Peixoto,
Um mapa seria roto,
No lombo dessa coxilha,

8.

Surgiu Pereira de Abreu,
Um paladino de então,
A repontar no sertão
Manada de mula braba...
Jornada que não se acaba,
Mas que sem medo ele topa,
Levando a primeira tropa
Ao rumo de Sorocaba.



9.

Floresce a chucra querência
Após o primeiro passo,
De boleadeira e de laço,
Já desponta Vacaria,
Chamada de Baqueria,
Um termo espanhol,
Que por mais perto do sol
Sobre o Planalto crescia.

10.

Da terra nascia o guasca,
Sem conhecer o temor;
A prenda vinha de flor,
Da Pátria vinha a doutrina,
E sob o sol que se empina.
Aguada, mata e pastagem,
Como se fosse mensagem
Da Providência Divina.

11.

Pois, dizem que a linda fada
Deixara cair da mão
A varinha-de-condão.
Que à terra fica plantada;
Que da tal vara encantada
Brotaram belezas tantas,
Que o vale do rio das antas
Nasceu do Conto da Fada.

12.

No trono da natureza
Assenta se a soberania:
Toma posse a vacariana
Desse xucro paraíso.
Sem nada mais ser preciso,
No seu reino enluarado,
Que o beijo do seu amado,
No gosto do seu sorriso.



13.

Este pago que retrata
Na sua simplicidade,
Deitar hospitalidade
Sempre foi o meu anseio.
Sem nunca sentir receio,
Já tinha o laço nos tentos,
Quando gritaram: ATENTOS!
Vai começar o rodeio.

14.

Na sua oitava feitura,
Como sempre é, o mesmo intento,
Cantar ao sabor do vento
A fibra do vacariano,
Que ao disputar mano a mano
A trova, a doma e o laço.
Oferta o sincero abraço
Deste povo americano.

15.

Do bagual alça-se ao lombo
O domador destemido:
Mais um momento sofrido,
Na busca de uma vitória...
Sem saber de quem a glória,
Apenas vejo no salto
Esta querência que exalto,
Quebrando o queixo da História.

16.

Na formação do Rio Grande,
Que foi forja da raça,
Nasceram filhos sem jaça,
No planalto que vigia...
São filhos da mesma cria,
Do pago que se liberta,
Por isso, a Porteira Aberta Nos Campos de Vacaria...



Entre os numerosos gigantes autênticos de gineteação de Vacaria, dois devem ser destacados: Wenceslau Ferreira Filho (Lalau) e Osvaldir Faoro (Matapau). O primeiro, sagrando-se campeão entre 22 candidatos, em concurso realizado em Porto Alegre, representou o Brasil no Rodeio do Texas, nos Estados Unidos, em 1951, quando foi recebido e saudado pelos cowboys do cinema Roy Rogers e Hopalong Cassidy. Lalau virou símbolo do Rodeio, cartão postal, merecendo ser reproduzido em tela a óleo por um artista da Argentina, quadro que hoje se encontrou no museu do CTG Porteira do Rio Grande.

O segundo, Osvaldir Faoro, mais conhecido por Matapau, apelido que lhe veio do seu avô italiano, que era carpinteiro, é considerado o maior orelhador de Vacaria e, talvez, de todo o Rio Grande do Sul. Metro e noventa de altura, 88 quilos, e 44 anos, subjuga o animal, com extraordinária facilidade, por mais bravio que seja. No XII Rodeio Crioulo, Faoro fez uma demonstração de força, que fez delirar a multidão. Com as duas mãos, agarrou as patas dianteiras de um possante cavalo e levantou cavalo e cavaleiro, brincando.

Sempre de chapéu na cabeça, Matapau apresentou-se em muitos rodeios nacionais e no estrangeiro, como na Argentina, Bolívia e Uruguai. Fez uma demonstração para o programa “Fantástico” da TV Globo. Ele é um dos responsáveis pela ideia do surgimento do Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria.





Figura 82 As mulheres de Vacaria sabem andar a cavalo: Maria Marin, Alzira Brito Boschi e Filomena Brandão.



Figura 83 Cena do Rodeio Internacional.

A PONTO DO SOCORRO

Em 1965, antes da queda da ponte sobre o rio Pelotas, no Passo do Socorro, 90% das exportações por via terrestre circulavam por Vacaria. A queda da ponte provocou terrível impacto econômico, cuja interessante história merece registro.

Desde a abertura da Estrada da Serra, em 1729, o Passo de Santa Vitória tornou-se o maior escoadouro no mercado gaúcho. Além disso, durante a Revolução Farroupilha, desempenhou importante papel militar. Mais tarde, pela década de 1870, Santa Vitória perdeu expressão, em virtude da abertura do Passo do Socorro, que encurtou caminho entre Lages e Vacaria, ficando a apenas 40 quilômetros desta cidade, enquanto o Santa Vitória encontra-se no atual município de Bom Jesus.

Entretanto, durante mais de meio século, o Passo do Socorro esteve precariamente servido por bolsas, provocando enorme atraso no tráfego de tropas e veículos.

Em 1935, foi concluída e inaugurada a primeira ponte, a chamada "ponte velha", construída com recursos dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Mas a ponte velha apresentava um defeito. Era de reduzida capacidade, não comportando mais que 12 toneladas. Jamantas e caminhões, que o principiavam a trafegar pelas estradas do Brasil, não podiam aproveitar o Passo do Socorro, devendo apelar para a rodovia do litoral, ainda por pavimentar.

Em 1957, a rodovia Lages-Vacaria, integrando-se na BR-2, começou a receber revestimento asfáltico, concluído em 1961.

Ao mesmo tempo, isto é, a partir de 1958, tinham início as obras da ponte nova, segundo projeto do engenheiro Walter do Canto Pfeil, com um vão de 200 metros, dois encontros, seis pilares, com altura máxima de 19 metros e pista de rolamento de 8,2 metros.

A obra foi iniciada em março de 1958, em regime de empreitada, sob a responsabilidade da firma Carvalho Hosken & Cia Ltda., que, em meados de 1959, abandonou os trabalhos, em virtude de rescisão de contrato.

As obras passaram então a ser administradas diretamente pelo 2º Batalhão Rodoviário. No entanto, durante os anos de 1960

e 1961, as obras estiveram paralisadas por falta de verba.

Enfim, os trabalhos prosseguiram, e a ponte, com o nome do Eng. Antônio Alves de Noronha, foi inaugurada, numa quinta-feira, dia 22 de novembro de 1962, pelo Eng. Hélio de Almeida, na época Ministro da Viação e Obras Públicas.

A ponte velha, à montante da ponte nova, não foi demolida, porque existia então projeto de aproveitá-la para ponte da estrada de ferro, que se encontrava em construção entre Lages e Vacaria.

De 1961 a 1965, a rodovia BR-2, hoje BR-116, cruzando pela Ponte de Passo do Socorro, manteve extraordinário movimento de veículos, absorvendo quase a totalidade das exportações do Estado por via terrestre.

Foi quando ocorreu a catástrofe, provocada pela enchente de 1965, ocasião em que, no mês de agosto, desabou sobre os três Estados do Sul do Brasil uma das maiores nevasdas do século.

Em fins de julho e começos de agosto, a enchente já se tornava preocupação nos dois Estados sulinos. Nos dias 14, 15 e 16, as chuvas cessaram, para em seguida recomeçar com maior impetuosidade. Chovia intensamente, sobretudo, nas cabeceiras do rio Pelotas.

No dia 18, de manhã, o rio acusava uma elevação de 20 metros em seu nível normal. A torrente impetuosa, carreando enorme quantidade de detritos, como árvores, madeiras, casas, muitos dos quais ficavam presos nos pilares da ponte velha, prenunciava um desastre. Os guardas da ponte impediam a passagem de veículos pesados.

Por volta da 13 horas, chegavam dois ônibus da empresa Minuano, procedentes do Rio de Janeiro, em direção a Porto Alegre. O primeiro teve permissão de cruzar a ponte, enquanto o outro ficou detido.

A ponte velha, que recebia o impacto impetuoso da torrente, formando como uma barragem com o entulho dos detritos presos aos pilares, estava por se romper de momento a momento.

Às 14 horas, não resistindo ao baque fatal, a velha ponte rompeu-se, indo bater de encontro à ponte nova.

Os passageiros dos dois ônibus e numerosos motoristas, junto com muitos curiosos, que vinham da cidade apreciar o terrível drama das águas, contemplavam tremendo o trágico cenário, sem coragem de subir à ponte.



De repente, entre os passageiros do ônibus em Santa Catarina, parte um senhor corajoso, sobe à ponte e vai apreciar de perto o soberbo panorama. Era o engenheiro Joel Melo, de São Paulo, que certamente movido por curiosidade profissional, resolveu enfrentar a situação.

Às 14 horas e 20 minutos, precisamente quando o técnico paulista se encontrava no centro da ponte, esta, com espantoso estrondo, rompeu-se, partindo-se ao meio. A parte presa ao solo gaúcho afundou na torrente, enquanto a cabeceira oposta erguia-se verticalmente, para dar nas águas com sua pista de rodagem, levando junto o inditoso engenheiro, cujo corpo não foi encontrado.

A notícia da queda da ponte, uma das mais importantes do sul do Brasil na época, a notícia da enchente e da nevada, repercutiu pelo Brasil inteiro, provocando a visita ao Estado do Presidente da República, Marechal Custeio Branco, e do Ministro Cordeiro de Faria.

O tráfego foi desviado para o litoral, enquanto o Exército, às pressas, construía uma ponte militar, com capacidade para 25 toneladas e 60 veículos por hora. Enormes filas de dezenas de quilômetros formavam-se lado a lado, aguardando dias e dias a vez de passar o rio.

Empresas de transporte de vinho, álcool e aguardente, como Galiotto, Rebeschini e Dalcin S.A., improvisando curioso processo, transportavam a mercadoria mediante compridas e grossas mangueiras, carregando e descarregando caminhões de uma a outra banda do rio.

A nova ponte pênsil, que depois foi construída no Passo do Socorro, a segunda no gênero em todo o mundo, naquele tempo, acabou enfim com o tormento dos caminheiros e com o atraso da economia gaúcha, desafiando ainda a fúria dos elementos.





Figura 85Dr. Brasiliano da costa e Silva, Promotor Público de Vacaria na década de 1920.

A COMARCA

Em 1850, após a criação do Município, Vacaria ficou pertencendo à Comarca de São Borja. Em 16-1-1857, passou para a jurisdição da Comarca de Porto Alegre e, no ano seguinte, da de Passo Fundo.

Em 31-7-1870, nas proximidades de Lagoa Vermelha, junto à lagoa que deu nome ao Município, na atual BR-285, foi assassinado de emboscada o Juiz Municipal de Vacaria, Lagoa Vermelha e Santo Antônio da Patrulha, Dr. Antônio de Paulo Holanda Cavalcanti, crime em que andou envolvido o Coletor do Pontão, Cap. João Jacinto Ferreira.

Em 7-5-1878, Vacaria desanexava-se da Comarca de Passo Fundo, retornando à de Porto Alegre.

Enfim, em 15 de outubro de 1878, precisamente um século por ocasião do lançamento deste livro, era instalada a Comarca de Vacaria, tendo como 1º Juiz de Direito, na qualidade de Juiz Municipal, o Ten.Cel.Manuel Batista Pereira Bueno.

O 1º Juiz de Direito foi Dr. Manuel Duarte Ferreira Ferro, em 1881.

Por ocasião da proclamação da República era Juiz de Direito o Dr. Epaminondas Brasileiro Ferreira, mais tarde

desembargador.

Nas décadas de 1890 e 1900 exerceram o cargo de Juiz de Direito: Dr. Arsênio da Silveira Gusmão, Dr. João Batista Galvão de Moura Lacerda, Dr. Augusto Diana Terra e Dr. João Antônio Alves Nogueira.

Nas décadas de 1920 e 1930: Dr. Arcádio Leal, Dr. Luís M. Ribeiro, Dr. Castro, que, juntamente com sua esposa, a professora e poetisa Ceci de Freitas e Castro, prestaram relevantes serviços culturais, assistenciais e sociais a Vacaria.

Nas décadas de 1920 e 1930: Dr. Arcádio Leal, Dr. Luís M. Ribeiro, Dr. Joaquim Lisboa Ribeiro e Dr. Sisínio de Figueiredo Bastos.

Na década de 1940: Dr. Valmor Frank, Dr. Júlio Rosa da Cruz e Dr. José Cachapuz de Medeiros. Na década de 1950: Dr. Alceu da Silva, Dr. Charles Edgard Tuedy, Dr. Arno da Conceição Petersen, Dr. Moacir Rodrigues de Oliveira.

Na década de 1960: Dr. Otávio Silveira Santos, Dr. Telmo Krestmann, Dr. Moacir Mendes de Oliveira, Dr. José Araújo Dorneles, Dr. Zulmiro Zimmermann, Dr. Guilherme de Oliveira de Sousa Castro, Dr. Mauro Fitchner Pereira e Dr. Egon Wild.

Na década de 1970: Dr. Clarindo Favretto, Dr. Nério Letti, Dr. Antônio Carlos Stangler Pereira e, desde 1978, Dr. Luiz Élgio Mota Caporlândia, Juiz-adjunto da 1ª Vara.

Entre os numerosos Promotores Públicos de Vacaria destacam-se: Na década de 1890, Dr. Nabor Moura de Azevedo; 1900, Dr. Manuel João do Prado; 1920, Dr. Dilermando Xavier Porto, Dr. Brasiliano da Costa e Silva. Os últimos Promotores: Dr. Edwi Alves Santos, Dr. Alceu da Silva, Dr. Clóvis Marchiori da Silveira, Dr. Amaro Borges Moreira, Dr. José Carlos Sperb Lemos, Dr. Tessel Selistre, Dr. Celso Tiberê Lobato, Dr. Henrique Ataíde, Dr. Américo Lenzi, Dr. Cimente Barreto.

Muitos advogados militaram na Comarca de Vacaria, destacando-se: Na década de 1890: Dr. Augusto Diana Terra, Dr. Luís Guedes da Fonseca. 1900 - 1920: Dr. Antônio Ataíde do Prado, Dr. Eduardo Pereira Monteiro, Dr. Cassiano Ricardo, Dr. André Carrazzoni, Dr. Nabor Moura de Azevedo, Dr. Fausto de Castro, Dr. Paula Ferreira, Dr. Macedônio da Silva, Dr. Armando Fagundes de Carvalho (Promotor), Dr. Lídio Fileto de Oliveira (falecido em 28-2-1978), Dr. Antônio Fernandes da Cunha Lima,



Dr. Astrogildo Rodrigues, Dr. Armando de Carvalho (Promotor), Dr. Heitor Fernandes, e, especialmente, Dr. Firmino Paim Filho, o qual, junto com o Dr. Manuel Duarte, formou-se com a primeira turma da Faculdade de Direito de Porto Alegre.

Nas décadas de 1930 a 1970, distinguiram-se na advocacia com repercussão em todo o Estado: Dr. Nicanor Kramer da Luz, Dr. Altamiro de Faria Krauze, Dr. Adão Viana, Dr. Raul Kramer da Luz, Dr. Eloá Guazzelli, Dr. Sinval Guazzelli, Dr. Jarbas de Mello e Lima, hoje deputado estadual, Dr. Avelino Terra, Dr. Euri Boamar, Dr. José Carlos Muller, Dr. Dinarte Ribeiro... muitos outros.

Atualmente (1978) exercem a advocacia no Município: Alfa Mariano da Rocha Luz, Clóvis José Garbin, Delmar Pacheco da Luz, Doriber Guazzelli, Ermano Varaschin, Francisco Caon Filho, Francisco Renato A. Roveda, Galvão Neri Caon, Gilceu Varela Santos, Homero Peixoto Camargo, Irineu Santos Lemos da Luz, Jaci Paganella, João Telmo de Oliveira, José Aderbal Duarte, Lauro José Sausen, Lauvir Marcarini da Costa, Leonildo Tieppo, Lino Antônio Jacques, Luiz Carlos Bossle dos Santos, Luiz Carlos C.Padilha, Luiz Evaldo R. Abreu, Luiz Ivan de Boni, Luiz Moraes Varela, Pedro Moreira, Podalírio Azambuja Santos, Wilson Roveda da Silva, José Delia, José Walter Dolzan, Luiz Cândido Acauan Guerreiro e outros.

Vacaria orgulha-se, de modo especial, de um advogado filho de sua terra, que se encontra acima de todos os advogados do País — Dr. Raymundo Faoro, atual Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, cargo que disputou com um ex-senador da República; autor do festejado livro “Os Donos do Poder”, premiado pela Academia Brasileira de Letras.

O belo e vasto edifício do Foro vacariense foi solenemente inaugurado no dia 27 de fevereiro de 1976, pelo Governador Sinval Guazzelli. O Foro tem atualmente como Juiz Diretor o Dr. Antônio Carlos Stangler Pereira.

EXÉRCITO EM VACARIA

Por mais de 30 anos o Exército Brasileiro esteve realizando

obras rodoviárias em Vacaria, onde iniciara a construção das atuais BR-116 e 285. Em 1934 chegava o 3º Batalhão de Sapadores, ao qual se deve a abertura da estrada federal ligando a cidade ao Passo do Socorro.

A princípio, por falta de maquinário, o serviço era efetuado a mão, com auxílio de galeotas puxadas a burro ou a mão. Em 1935, principiaram a ser contratados civis, que trabalhavam por empreitada, na base de 8 mil réis por dia, na remoção de 9 metros cúbicos de terra por dois homens.

Em 1937, sendo comandante o Cel. Henrique de Azevedo Futuro, chegavam as primeiras máquinas, acontecimento que foi condignamente festejado.

No ano seguinte, ocorreu um fato desagradável, que abalou a população de Vacaria, sendo comentado até hoje. Durante um churrasco no Capão da Lagoa, saída da cidade para Antônio Prado, realizou-se um baile, ao qual compareceu a alta sociedade de então. Durante o baile, um sargento, muito elegante, quis dançar com uma das moças mais lindas e distintas da cidade, da família Azambuja. Entretanto, foi o jovem impedido pelo oficial que comandava a reunião.

Sargentos, cabos e demais soldados, sentindo-se ofendidos, promoveram um pequeno motim, obrigando o oficial a fugir, escondendo-se. No dia seguinte, a cidade estava em pé de guerra, com metralhadoras no alto das casas, prontas a disparar... Com interferência de autoridades, dias após, tudo retornou à calma, sem maiores consequências.

Em 1945 foi criada a Comissão de Construção de Estradas de Rodagem — CER-7. No ano seguinte, a sede da Comissão transferiu-se para Lagoa Vermelha. Em 1950 a Comissão transformou-se no 3º Batalhão Rodoviário, com sede em Vacaria, local onde hoje se encontra o 10 Batalhão de PM.

O 3º Batalhão Rodoviário, dispoñdo de 4 companhias, com cerca de 240 homens cada uma, representava um papel social de alto gabarito, presença obrigatória em todos os atos cívicos, religiosos, populares. A população vacariana estava intimamente ligada ao Exército. A maioria dos aspirantes a oficial, a maioria dos jovens oficiais, casaram com filhas de vacarianos.

Era tão significativa a presença do Exército na cidade, que, por ocasião da transferência do 3º Batalhão Rodoviário para

Carazinho, em 1967 e 1968, tinha-se a impressão de que a cidade havia morrido. Foi um acontecimento lamentado sinceramente por todos.

Na sede da Batalhão fora construído um moderno hospital, hoje servindo à FALEV. Em 1954 foi construído o Grupo Escola Duque de Caxias, tendo como primeira diretora a professora Aurora Brito Giuliani, cujo esposo, Máximo Giuliani, funcionário do Batalhão, pereceu afogado no rio Pelotas no dia 28-2-1954. O Grupo Escolar tem hoje o nome de Manuel Duarte.

Entre os numerosos comandantes do Exército em Vacaria, destacam-se: Coronéis Raul Silveira de Melo, Júlio Limeira da Silva, Henrique de Azevedo Futuro, Amarílio Osório, João Lindolfo Costa, Luiz Augusto da Silveira, Amauri Pereira, Candal Fonseca, Alberto Ribeiro Paz, Venício Nazaré Nodari, Napoleão Nobre, José Guerreiro Brito, Nogueira Paz, Eugênio Marques de Sousa, Artur Duarte, Aurélio Lyra Tavares.

Além disso, Vacaria contou com a colaboração do Batalhão Ferroviário, outrora aquartelado em Bento Gonçalves, o qual construiu o ramal da Estrada de Ferro, inaugurado pelo Presidente Costa e Silva, em 27-3-1969.

12º DELEGACIA MILITAR — foi instalada em 1972, tendo como titular o Cap.Alcides Leite de Meira, que ainda se encontra no cargo em 1978. Tem sob sua jurisdição os municípios de Vacaria, Esmeralda, Bom Jesus e Antônio Prado, com uma contribuição de cerca 800 alistamentos por ano.

Durante a permanência do 3º Batalhão Rodoviário, a junta de alistamento funcionou no próprio Batalhão, durante 16 anos, entretanto, a Junta encontrava-se sob a jurisdição da Delegacia Militar de Lagoa Vermelha. Na década de 1920 era presidente da Junta do Alistamento Militar o sr. Teodoro dos Santos Camargo. Na de 1910: Dr. Augusto Diana Terra.

TIRO DE GUERRA 404 — Em 1917 foi criado o Tiro de Guerra 404, que ficou sob a presidência do Dr. Luís de Freitas e Castro, e teve como instrutores os sargentos Experidião Xavier de Azambuja e Moacir Lacerda da Cruz Machado.



Figura 87 1937 — OFICIAIS DO EXÉRCITO EM VACARIA, hoje no posto de coronel ou general, quase todos casados com vacarianas. Sentados: Valdemar Colaço Veras, Luís de Figueiredo Lobo, Henrique de Azevedo Futuro (Comandante), Henrique C. Ferreira e Luís de Paula Pessoa. De pé, fila do meio: Ten. Bentes, Ten. Esquerdo, Luís Inácio Freire de Paula, Eduardo Goldes, Euclides Góis Garrido, Ten. Morgante, Américo Brasil. Na 1ª fila: José Pereira, Ten. Leitão, José Monteiro, H.W. Fernandes de Sousa, Ilídio de Araripe Macedo.



Figura 86 1938: Esposas de oficiais do Batalhão de Sapadores.

Figura 88 Governador Walter Jobim em Vacaria. Da direita: Prefeito Luís Schüller, Prof. José Fernandes de Oliveira, Dr. Porcínio Pinto, Dr. Alceu Silva, Promotor, e Capitão Pereira, do 3º Batalhão Rodoviário.

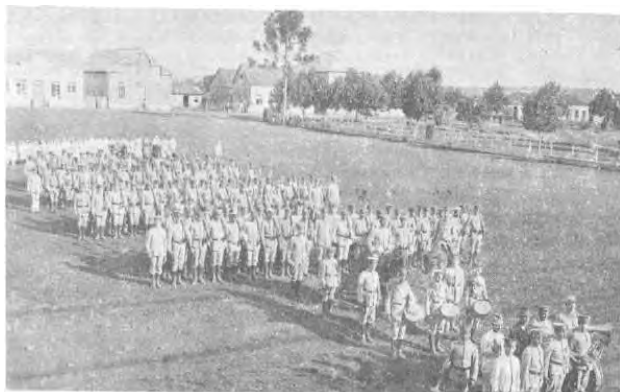


Figura 89 TIRO DE GUERRA N° 404 — na década de 1910 vendo-se, a cavalo, o Instrutor Experidião Xavier de Azambuja; na última fila, de saia preta, D.Emília Duarte (Miloca), futura sogra do Dr. Sinval Guazzelli.



Figura 90 PRAÇA DA MATRIZ — Vacaria — 1930 - Tiro de guerra n° 404, instrutor Sargento Moacir Lacerda da Cruz Machado.

ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO DORNELLES FILHO

Vacaria “encontrava-se emperrada no seu desenvolvimento. Era contristador verificar que ela não passava de uma simples vila de campanha”.

Assim era Vacaria em 1938, quando assumiu a Prefeitura o Major Sátiro Dornelles Oliveira Filho, nomeado pelo Interventor Federal Cel. Cordeiro de Farias, no tempo do Estado Novo do Presidente Getúlio Vargas.

O Major Dornelles Filho, durante seis anos de governo, de 1938 - 1944, promoveu Vacaria de maneira surpreendente, colocando o município no limiar do progresso, que de então para cá não cessou de crescer, deixando a comuna à altura das grandes cidades do interior da zona da campanha.

O Prefeito Dornelles Filho prestou conta de sua administração em três Relatórios, sendo um deles volumoso livro de 432 páginas, profusamente ilustrado. Por estes relatórios, podemos fazer uma síntese de sua notável administração.

Não houve setor que não merecesse especial atenção do dinâmico chefe do governo executivo de Vacaria. No setor da urbanização, destaca-se a reforma e ampliação da velha Praça da Matriz, na belíssima Praça Daltro Filho, inaugurada em 1939, que se transformou então numa das praças mais elogiadas do Brasil.

Rasgou a avenida Moreira Paz, ligando o centro da cidade ao Cemitério Municipal, ao tempo em que ainda não existia a BR-116. Abriu a avenida Maurício Cardoso, a partir da Praça Daltro Filho ao campo de Multiplicação de Sementes, por ele mesmo criado. Na avenida Moreira Paz, erigiu simbólico obelisco em homenagem ao 3º Batalhão de Sapadores, que construiu a rodovia rio Pelotas — Vacaria — Passo Fundo. A ele deve-se a ideia da implantação do calçamento de ruas com paralelepípedos, que, entretanto, não pode realizar, tendo sido iniciada pelo seu sucessor, Luís Jacinto Teixeira Schüler.

Construiu o Parque da Exposição, com 10 pavilhões e nele realizou a primeira e segunda Exposição Agro-Pecuária-Industrial do Município. Sobre a 1ª Exposição assim se referiu o Dr. Ataliba Paz, Secretário da Agricultura: “A 1ª Exposição-Feira promovida pela Associação Rural e Comercial de Vacaria excedeu a todas as

expectativas. Foi uma surpresa. Tenho assistido e inaugurado diversos certames, promovidos por Associações Rurais, algumas com mais de 30 anos de existência, com parques de exposições já completamente instalados, e do confronto com a 1ª exposição do próspero Município do Nordeste confesso que o parque vacariano impressionou-me vivamente pela sua amplitude e modelar organização”.

Por iniciativa do próprio Prefeito Dornelles, o Parque de Exposição foi transformado em Quartel do Exército, sede do 3º Batalhão Rodoviário.

Para conseguir esta importante realização, o Prefeito dirigiu-se ao Presidente Getúlio Vargas e ao Comandante do 3º Região Militar, Gal. Valentim Benício da Silva.

A Serra do Pinhal, entregue a posseiros, havia se transformado em vasta região de marginalizados, com cerca de 1.500 crianças sem escola. Dorneles, auxiliado pelo sr. Celso Gonzaga, subprefeito do 1º Distrito, transformou a região na Primeira Colônia Nacional organizada do Estado. Agora lá existem agricultores colhendo até 35.000 sacas de trigo, como João Alves de Lima. Outros criando mais de 100 porcos. Uns colhendo até 6.000 arrobas de alfafa.

Construiu novo prédio para o Destacamento da Polícia e outro para a Cadeia Civil. Novo prédio da Prefeitura Municipal, e reformou o complexo sistema antiquado da administração. Organizou o Matadouro Modelo Municipal, a Biblioteca Pública, o Museu da Prefeitura. Concedeu um auxílio de 100.000,00 para as obras da Catedral. Organizou a Banda Municipal e criou a Banda Infantil Santa Cecília. Construiu o pavilhão e cancha para o Planalto Tênis Clube. Fundou o Hospital dos Pobres e o Ambulatório Municipal. Criou em 1938 o Posto de Higiene, colocando-o sob a direção do Dr. Lupi Duarte, Dr. Guarani, Dr. SarreDr. Nadir Medeiros.

No setor educacional, fundou o Ginásio Municipal São Francisco, em convênio com os Irmãos Maristas. Construiu o novo Prédio do Grupo Escolar da sede, hoje Padre Efrém. Organizou Grupos escolares e Escolas municipais em todos os distritos. Grupos Estaduais na Vila Korff, Coxilha Grande, Muitos Capões, Vila Ipê. Grupo Estadual Rural na vila da Luz. Aumentou o vencimento dos professores. Criou Clubes Agrícolas. Ampliação e

aumento da Escola Complementar São José, para cuja finalidade a Prefeitura dispendeu soma superior a cem mil cruzeiros. Em 1943 havia 85 professores municipais. Em 1935 havia 2.302 alunos matriculados nas escolas municipais. Em 1940, a matrícula era de 3.524. O número de escolas, que era de 50 em 1927, passou a 80. Para a assistência social, a Prefeitura dispendia em 1920 a soma de Cr\$ 3.400,00. Em 1943, essa despesa subiu para 60.737,00.

Dornelles Filho fundou o Campo de Multiplicação de Sementes em 330 hectares, tendo ainda no primeiro ano distribuído 150.000 sacos de semente de trigo e um milhão de sacos de milho.

Criou o Posto de Monta para cobertura de bovinos Choralês, Hereford, Holandês e Normando; equinos árabes e suínos Duroc-Jersey.

Grande mérito do Prefeito Dornelles Filho é o de haver impedido que o Distrito de Ipê fosse anexado ao município de Antônio Prado. Depois de muita luta, Vacaria continuou mantendo o 4º Distrito, e, de acordo com o Decreto-Lei nº 311, perdeu a extensão de 98 km².

Dornelles Filho pleitou e obteve a criação do Campo de Aviação, dotado de 4 pistas, um dos mais amplos do Estado. Obteve a doação de um avião para formação de jovens aviadores. Para tanto, construiu um hangar.

Mediante a firma Adami, Almeida & Cia., o Prefeito encampou a Usina Hidroelétrica da Cascata dos Micos no rio Saltinho, hoje Ituí, a 30 km da cidade, com capacidade de 2 mil cavalos.

Criou junto ao Colégio São Francisco um Patronato Agrícola.

Conseguiu interessar o fazendeiro César Ramos César para a construção de um hotel de veraneio, com capacidade para 60 quartos de solteiro, e 40 de casal.

A arrecadação duplicou a renda, tanto municipal como estadual e federal. As estradas municipais atingiram 1.600 quilômetros.





Figura 91Dr. Sátiro Dorneles de Oliveira Filho dinâmico
Prefeito - 1938 — 1945.

GOVERNO MUNICIPAL EM 1978

A partir de 31 de janeiro de 1977 até 31 de janeiro de 1981, a administração municipal encontra-se sob a responsabilidade das seguintes autoridades:

Prefeito Municipal: Dr. Enore Ângelo Lucian Mezzari.

Vice-Prefeito: Deputado Caetano Borges Peruchin.

Ambos eleitos sob a legenda do Partido Democrático Brasileiro.

Secretário Municipal de Administração: José Luiz Stein.

Secretário Municipal de Obras: Dr. João Alfredo Acauã.

Secretária Municipal de Educação e Cultura: Prof. Lélia Broglio.

Secretário Municipal de Fomento: Dr. Genor Mussato.

A Câmara Municipal é composta de 15 Vereadores, sendo 8 da Aliança Libertadora Nacional e 7 do Movimento Democrático Brasileiro.

Vereadores da ARENA: Dilermando J. Schüller, Presidente, João Antônio Volanti, líder da ARENA, Dr. Luiz Cândido Acauan Guerreiro, Aurenice Peixoto Varela, Avelino Zago, Darci Zanotto, Otílio Lisboa Boeira e Wenceslau Ferreira Filho.

Do MDB: Nelson Barato Roveda, líder; Ceni Mezzari, Alceu Setembrino Moroni, Adil Almeida Carvalho, Jonas Ramão Jacoby dos Santos, Glorocinto Teixeira de Abreu e Telmo Biaggio Rossi.

Eis as principais metas a serem atingidas pela atual administração:

Construção de 170.000 m² de calçamento de vias urbanas. Iluminação pública de 50.000 metros de ruas a vapor de mercúrio. Iluminação dos bairros com mais de 4.000 novos pontos.

Interligação cidade-bairros mediante elevada sobre o Arroio Carazinho ligando o bairro Imperial ao de Nossa Senhora da Oliveira. Asfaltamento da rua Samuel Guazzelli numa extensão de 1.500 metros, ligando o bairro da Estação da RFFS.

Renovação de parte da rede de esgoto pluvial, para o que a Prefeitura dispõe de fábrica de canos de concreto de um metro. Já foi instalada uma oficina mecânica, ao custo superior a 1.200.000,00, para atendimento do parque de máquinas.

Em convênio com a CINTEA, está sendo aberta uma rodovia ligando a cidade a São Francisco de Paula, na serra das Antas. Construção das estradas Tijuco-São Pedro e Fazenda da Estrela, e outra a São Manuel, também em convênio com a CINTEA:

Grande preocupação da atual administração é o crescimento do parque industrial e da fruticultura, triunfantes iniciativas do dinâmico governo anterior do Dr. Marcos Palombini.

Promoção sempre crescente das exposições regionais e, especialmente, do Rodeio Crioulo Internacional.

Enfim, todos os setores do Município estão merecendo especial atendimento da atual administração, ressaltando-se o ensino, a agricultura, a indústria e a pecuária.

O Município está hoje dividido em 11 Distritos:

Vacaria: sede do 1º Distrito, 988km², criado em 7-5-1878; **Ituim:** 2º Distrito, 459km², criado em 17-11-1900; **São Manuel:** 3º Distrito, 598km², criado em 17-11-1913; **Ipê:** 4º Distrito, 267km², criado em 31-12-1890; **Refugiado:** 5º Distrito, 200 km², criado em



20-12-1965; *Coxilha Grande*: 6º Distrito, 663km², criado em 18-8-1915; *Muitos Capões*: 7º Distrito, 400km², criado em 18-10-1917; *Esteira*: 8º Distrito, 303km², criado em 18-12-1917; *Segredo*: 9º Distrito, 295km², criado 7-2-1924; *Fazenda da Estrela*: 10º Distrito, 650km², criado em 3-11-1965; *São Paulo*: 11º Distrito, 180km², criado em 5-8-1953.



Figura 92 Dr. Enero Mezzari, atual
Prefeito de Vacaria.

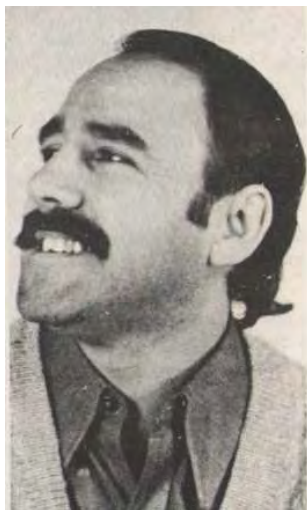


Figura 93 Dep. Caetano Peruchin Vice-Prefeito.

NEVADAS

Vacaria, com sua altitude que se aproxima dos mil metros, é um dos municípios mais frios do Rio Grande do Sul e do Brasil, chegando a sua temperatura, por vezes, a atingir 12 graus negativos. Por isso, quase todos os anos, o povo vacariano assiste ao belo espetáculo das nevadas, que transforma a terra dos trópicos em paisagem suíça.

Em geral, as nevadas são de pouca duração e intensidade. Entretanto, algumas provocaram enormes prejuízos à fauna e à flora, destruindo ainda milhares de quilômetros de cercas, em regiões florestais. Numa e outra ocasião, a neve matou muitos milhares de cabeças de gado no Município de Vacaria e na região do Nordeste do Estado.

A mais calamitosa de todas as nevadas de que se tem notícia ocorreu nos dias 7, 8 e 9 de agosto de 1879. De acordo com o Anuário da Província do Rio Grande do Sul, “nevou com tal intensidade que formou uma camada de mais de dois metros de espessura, chegando a enterrar reses, que apenas ficaram com os chifres de fora.

Morreram — prossegue o cronista do Anuário - animais nas estrebarias, porcos nos chiqueiros e nos campos os prejuízos da indústria pastoril foram enormes”.

O cronista do Anuário da Província do Rio Grande do Sul diz que até 1870 as nevadas eram privilégio da região serrana. Mas daí por diante nevou até em Bagé, Caçapava do Sul e Santa Maria.

Na manhã do dia 27 de julho de 1870, Porto Alegre apresentava um aspecto inédito e surpreendente, com as montanhas adjacentes todas brancas de neve.

A maior nevada deste século verificou-se na primeira semana de setembro de 1912. Nevou tanto que em certos pontos a neve acumulada chegou a durar até 20 dias.

A mais calamitosa nevada dos últimos anos verificou-se nos dias 19, 20 e 21 de agosto de 1965, atingindo os três Estados do Sul do Brasil, com prejuízos sem conta. Muitas casas, não resistido ao peso da neve acumulada os telhados, ruíram. E quase todas teriam ruído, se os proprietários não tomassem a precaução



de desobstruir os telhados menos inclinados.

Por três dias, não houve praticamente atividade alguma. Escolas, comércio, indústria, tudo parou. A única atividade era a de desobstrução da neve da cobertura das casas.

Não somente ruía a cobertura dos edifícios, mas toda a rede de telefone, telégrafo e energia elétrica fora destruída. A neve acumulava-se nos fios e provocava o rompimento dos postes. Poucas árvores conseguiram resistir à fúria e ao peso da neve, chegando a cercar o gado nas matas, sem poder sair.

Nas proximidades de matas e capões de pinheiros, o romper dos galhos parecia espoucar de serrada fuzilaria. Em certos pontos, a neve acumulada na copa dos pinheiros fez com que estes tombassem com o tronco partido.

No dia 22, festa de Nossa Senhora das Neves, cessou o fenômeno, arrancando o mais profundo suspiro de alívio de todos os peitos, pois o pânico principiava a tomar conta de todos.

Finda a nevada, o levantamento dos prejuízos trouxe outra preocupação. Praticamente todos os fazendeiros tiveram enormes prejuízos em seus rebanhos, nos alambrados, nos arvoredos.

Derretida a neve, encontravam-se pelo campo perdizes e outras aves mortas. Tatus, lebres cordeiros, porcos...

Mais do que todo o restante da região, Vacaria sofreu naquele calamitoso inverno, pois um dia antes do início da nevada, a enchente destruíra as duas pontes do Passo do Socorro, como o leitor pode ver em outro capítulo deste livro.





Figura 945 de setembro de 1912: Vacaria durante a nevada.

FESTAS E TRADIÇÕES

Descendente de Portugal, país essencialmente católico, o povo vacariano conservou durante muito tempo a prática de festejos populares de fundo religioso, tomando parte neles como uma obrigação. O professor José Fernandes de Oliveira, em seu livro histórico “Rainha do Planalto”, traz uma relação destes festejos, que procuramos resumir.

Santos Reis Magos — No dia 6 de janeiro, dia de Epifania, dos Santos Reis Magos, famílias de diferentes zonas do campo recebiam os Ternos de Reis, que vinham em peregrinação noturna para orar e cantar nos oratórios de cada fazenda.

Na vila, entretanto, o cerimonial celebrava-se na noite da véspera da festa. Três rapazes, trajando à maneira dos soberanos que vieram do Oriente para adorar o Deus Menino, seguidos de numeroso séquito, visitavam as famílias a fim de conseguir adeptos para a festa dos “Inocentes”, a celebrar-se no dia seguinte.

Chegavam cantando, acompanhados por orquestra, recebiam as ofertas e despediam-se cantando, para a seguir visitar



outras casas, até o clarear do dia. De manhã dirigiam-se à igreja para a santa missa.

Ao meio-dia, em local preparado, todos os convivas rezavam o terço. Depois, só os “inocentes”, crianças que não tivessem completado sete anos, sentavam à mesa para receber a sua consoada, um cestinho de confeitos. Após o churrasco oferecido a todos, os convidados tomavam parte nos festejos populares, com desafios ao som da viola, jogos de prenda e de polvilho, leilão, bailados antigos, como meia canha, pericon, bastão, pezinho, espelho.

À noite, recordando os animais do estábulo de Belém onde Jesus nasceu, celebrava-se a alegoria do Boi, animal doméstico por excelência. A festa decorria alegre, cantando o *bumba-meu-boi-bumba*, aplaudindo um enorme boi artificial, armado com sarrafos e varetas de taquara, coberto de pano pintado, tendo em seu bojo um homem prático, agachado, que divertia a assistência com pulos, medidas, agradecia as toadas.

O folguedo, o mais popular de Vacaria de outrora, terminava com a distribuição de carne aos pobres. Com a morte do último animador de *bumba-meu-boi*, Bernardino Amaro de Sousa, vulgo Bernardo Fogueteiro, este festejo foi aos poucos esmaecendo, até desaparecer.

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO principiava no começo do ano, com a Bandeira do Divino visitando as zonas rurais, com a finalidade de angariar prendas para a festa. O peditório vinha sempre com grande acompanhamento, com grupos trinos de foliões (rabequista, violeiro e tamboreiro), que acompanhavam o canto da chegada e o da despedida.

A festa vinha precedida de solene novena, que movimentava toda a população da vila e do interior. Esta, quando ainda não havia hotéis e não tendo casa própria na sede, era hospedada em casas particulares.

Os três últimos dias da novena eram soleníssimos. Além da irmandade do Santíssimo Sacramento, com as respectivas insígnias, tendo, à frente, o presidente, o fazendeiro Pedro Borges Pereira, comparecia também a corte do imperador-festeiro, o pagem da coroa, alferes da bandeira, mordomos e capitão do mastro.

Terminada a cerimônia religiosa na igreja matriz, a corte

dirigia-se para o império, o clube, onde se deveriam realizar os leilões, em meio a um grande baile. Era um cortejo imponente, tendo à frente o alferes da bandeira e a seguir o imperador-festeiro e o pagem da coroa no meio de um quadrado limitado por grosso cordão da seda escarlate, formado por quatro mordomos. Atrás, o capitão do mastro e o pároco, de sobrepeliz, estola e barrete. Nos flancos, crianças com fogos-de-bengala. Por fim, os sodalícios, a banda de música e a multidão. Houve época, diz José Fernandes de Oliveira, em que a corte era representada por meninos vestidos à Luís XV.

No dia da Festa, o mesmo aparatoso cerimonial, com missa solene e à tarde procissão. Esta encerrava os festejos com chave de ouro. Era, por isso, de uma imponência insuperável. Não havia quem não tomasse parte. À frente, um irmão do Santíssimo Sacramento, revestido de copa escarlate, conduzia o guião, que até o fim do século passado esteve a cargo do fazendeiro Cecílio B. de Almeida. A seguir, crianças conduzindo o andor do Menino Jesus. Depois a Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, de opa branca e cabeção azul claro, empunhando tochas indo à frente do andor da Padroeira. A seguir, anjos, moças e senhoras. Logo após, o pátio com o Santíssimo Sacramento, tendo por guarda de honra a respectiva irmandade e membros da Guarda Nacional e Municipal, em uniforme de gala. O andor do Divino, anjos, a corte, a banda de música e a multidão de homens.

A procissão desfilava sob girândolas de foguetes e troar de morteiros. Finda a procissão, solene Te Deum na Matriz, coroação de todos os imperadores-festeiros, sorteio do novo festeiro e auxiliares. O imperador sorteado era então coroado pelo pároco, em meio a imponente cerimonial.

O último leilão, com disputa entre gregos e troianos, era monumental. Entre os muitos fazendeiros que animavam as festas, dois merecem destaque: Libório Rodrigues e Manuel Honório de Paula Nery.

A festa da Santíssima Trindade tinha características semelhantes a do Divino Espírito Santo. Estava a cargo das senhoras, assim como a de Nossa Senhora da Oliveira. Durante muito tempo, celebrou-se em Vacaria a festa do “Pão por Deus”. Consistia num pedido de preces mútuas durante o mês de outubro. Valia dizer: Lembre-se de mim, quando recitar o terço. Além de

orações, pedia-se ofertas para a Festa de Todos os Santos. O pedido de “Pão por Deus” era feito por carta, flores e versos, como este:

Meninas de olhos lindos
E corpinho delicado,
Manda-me “Pão por Deus”,
Se for do teu agrado

Os grandes festejos, em geral, terminavam com o apreciado torneio das CAVALHADAS, de fundo cristão, de origem francesa, recordando a luta entre cristãos e muçulmanos, em que estes acabam vencidos, sendo batizados na Igreja Católica.

Cavalgando fogosos corcéis, ricamente ajaezados com arreios de prata, cristãos e mouros, trajados a caráter, postam-se em ordem de batalha. À declaração de guerra, feita em versos pelos embaixadores de cada partido, segue-se a luta pela conquista de Floripa pelos cristãos e sua defesa pelos mouros. A tríplice investida é de lanças, espadas e pistolas. Dois a dois, lutam todos os contendores de ambos os partidos.

Derrotados, os mouros vão à igreja acompanhados por seus padrinhos, a fim de receber o batismo, com cerimonial característico. Para confraternizar, seguem-se os jogos da cabeça e da argolinha, em que os cavaleiros demonstram sua habilidade e destreza. Por fim, ambos os partidos defrontam-se amistosamente, agitando lencinhos brancos e formando um belo quadro de figuras vivas, realçado pelo garbo dos gladiadores, pelo barulho e requinte do luxuoso conjunto.

As cavalgadas realizavam-se tanto na sede como nas capelas do interior do município.

Figura 95 Uniforme das Cavalhadas nos festejos do Centenário de Vacaria: 03.12.1950.

VESTUÁRIO

O vestuário do campeiro de Vacaria, antigamente, não diverge do geral de todo gaúcho. A indumentária típica, de uso quotidiano em dias úteis como em domingos e festas, era a *bombacha*.

Entretanto, a *bombacha* distinguia-se da atual por sua largura mais ampla e pelos enfeites de borbado e botões.



O *fraque* constituía o traje de luxo, mais usado pela elite da sociedade, que, em geral, à exceção dos

funcionários públicos, era formada pelos próprios fazendeiros, moradores do campo, tendo quase sempre sua casa na vila. Casaco bem apertado, quase sem decote. A bengala era de uso obrigatório dos homens vestidos de fraque. O colete fazia parte do vestuário quotidiano.

A *peiteira*, bordada com renda, abotoada por trás do pescoço e, na frente, nas ceroulas, usava-se por baixo do casaco da fatiota.

As *ceroulas* distinguiam-se por luxuoso enfeite nos cóis



largos, bordados de vermelho, caindo sobre a cintura e as calças, externamente.

O *tirador* era de uso obrigatório na lida do campo, como aliás ainda hoje.

Os rapazes, até 18 anos, vestiam o *camisolão*, descendo até abaixo dos joelhos, por cima de uma espécie de calça de uso não obrigatório. Após os 18 anos, o rapaz vestia calça apertada, curta, até o joelho.

O *chiripá*, muito em voga antigamente, caiu em desuso. Hoje é visto apenas nos Centros de Tradições Gaúchas.

O *poncho*, de baeta (feltro) impermeável à chuva e ao frio, era de cor preta ou azul, com forro vermelho. Redondo, sem manga, enfiava-se pela cabeça. Em viagem, com bom tempo, ia emalado, preso à sela, na garupa.

O *bichará*, poncho de lã, de fabricação caseira, defendia do frio, mas não da chuva.

O *pala* branco, de brim, com franja em roda, para os dias quentes de verão, constituía, em geral, traje mais decente, quase de luxo, mas de uso obrigatório em domingos, festas, carreiras...

O *vestuário feminino* era formado pelo *corcelete*, que descia até os pés, por cima de duas saias compridas. Era de uso quotidiano, mesmo nos dias mais quentes de verão.

Por cima da camisa, externamente, a mulher vestia o *corpinho*, feito de morim, com manguinho, com enfeites de bordado ou crochê.

As meninas, até os 15 anos, vestiam uma saia bordada, à altura do joelho, deixando aparecer por baixo as calcinhas, mais compridas, até meia canela.

As moças escravas não usavam vestido, mas apenas uma tanga. Os homens escravos, em geral não vestiam outra roupa a não ser um calção de estopa, com ou sem camisa. Andavam sempre descalços, verão e inverno.



Figura 961890 — Cristina Brando e Joana Brando, esta mãe do sr. Pedro Borges dos Santos, Capela de São Pedro — Vacaria.



Figura 97Luís Teixeira Pinto e Maria Martins, tronco de numerosa família de Coxilha Grande - Vacaria, década de 1880.



Figura 981931: Julieta Guerreiro, Adelina Schüler, Felisberta Borges Pereira.



Figura 991880 – Ana Rodrigues, esposa de José Luis Rodrigues.



Figura 100Pepita Martins Paim – 03.11.1915 – 03.11.1915



Figura 101FRANCISCO GUERRA e esposa no dia do casamento da filha Maria Cloé com Danton da Costa e Silva, filho do Promotor Público de Vacaria, a esquerda. D. Julieta, mãe de Danton, 26-10-1951.



Figura 102 Maria do Carmo Rolim aos 13 anos.



Figura 103 Sebastiana Meireles Martins.



Figura 104 Sentada: Azélia Guazzelli à direita: Ubaldina Furtado à esquerda: Nenê Martins Rodrigues (Matilde).



Figura 105 Maria Teles de Souza: 13.04.1907



Figura 1061918 — filhas do 1º hoteleiro de Vacaria, José Gasparetto: Olga (sentada), da esquerda: Itália, Cláudia e Angelina.

A CASA DO FAZENDEIRO

As primitivas casas, nos primórdios do povoamento dos

Campos de Vacaria, foram todas construídas no alto de coxilhas, de onde se podia prevenir contra fortuitos assaltos do índio guaianás. Em alguns campos, ainda podem ser notados vestígios dessas velhas habitações.

A casa do fazendeiro do século passado, até por volta da década de 1930, possuía outras características que não as de hoje.

Eram quase todas de madeira. Uma que outra, de pedra, como a da Fazenda da Estrela, mandada construir pela família Ramos, tendo ao depois passado para o coronel Libório Antônio Rodrigues. Inexistia o tijolo. Os próprios fornos eram de pedra.

As primeiras casas foram construídas com tábuas rachadas; umas de pau-a-pique, paredes de cará ou bambu rachado, revestidas de barro e esterco do gado, e cobertas de palha.

Posteriormente, com o advento do engenho manual, as tábuas eram serradas sobre estaleiros. Com elas, fabricavam-se casas mais apresentáveis, algumas até com requintes de luxo. Cobertura de tabuinhas de pinheiro.

Perto da casa, erguia-se a cozinha de fogo-de-chão, que por vezes vinha unida à casa por alpendre ou mesmo sem este. A primitiva cozinha constituiu-se de simples gancho, preso a um caibro da cobertura. No chão, o fogo, com uma ou duas pedras para firmar a panela.

Depois, apareceu a grade, armada no próprio chão. Em seguida, surgiu o *poial*, um caixão retangular, revestido de madeira e repleto de terra, sobre o qual era colocada a grade, favorecendo assim o trabalho da cozinheira, que agora podia trabalhar sem se agachar.

Mais tarde, veio o fogão de chapa e, por fim, já no começo do século, o fogão moderno, que foi sendo adotado muito vagarosamente.

A mesa era em geral na casa, mas às vezes na própria cozinha de fogo-de-chão. Junto às paredes da cozinha de fogo-de-chão, bancos de madeira. Por vezes, a roda de amigos em visita formava-se na própria cozinha de fogo-de-chão, ao redor do fogo, quando se tomava o chimarrão e, no inverno, comia-se o pinhão.

Não havia cadeiras na casa, mas apenas bancos de



madeira. Mais tarde, como mobília de luxo, apareceu a cadeira de palhinha e, mais tarde ainda, cadeiras de vime.

Não havia guarda-louça, mas simples prateleiras, algumas cobertas por um pano. Não havia também guarda-roupa, mais simples caixotes e canastras de couro.

Algumas salas de jantar não tinham soalho, mas terra batida, revestida de reboco de esterco. Mas todos os quartos de dormir tinham soalho de madeira.

A cama era o *catre*, com lastro de couro, preso às guardas de madeira. Colchão de riscadão, com recheio de palha de milho, muitas vezes com sobre colchão de pena.

Cobertor batido, de lã, tecido ao tear, à moda de baixeiro, revestido de capa de chitão.

Acolchoado de lã ou de pena, de fabricação caseira, para o inverno. Para o verão, colchinha de linha ou de chita.

A cama do casal vinha enfeitada com o *roda-cama*, de bordado de rendão, caindo em babados, ao redor da cama. Na cabeceira, cortinado de renda. No alto, ao centro da cama, a *cúpula*, um enfeite dependurado, com tope de fitas.

Travesseiro com recheio de pena, lã ou flor de marcela.

Em todas as casas de fazendeiros, havia o quarto do santo, o oratório, bem enfeitado, com imagem de Nossa Senhora, de Santo Antônio, São Sebastião, ou outros santos. Todas as noites, a família se reunia no oratório para a récita de terço.

Nas paredes da sala de jantar, fotografias da família, de antepassados ou quadro de algum santo de devoção da família.

Nos fundos da casa, erguia-se a varanda ou varandão, moradia dos escravos e peões, onde comiam e dormiam, sempre separadamente da família do fazendeiro.

Os grandes fazendeiros, possuíam casa no campo, onde morava o posteiro, o qual tinha seu gado e sua lavoura por conta, sem nada pagar ao patrão.

As fazendas antigas não dispunham de galpão, mas apenas mangueira, ao lado da casa. Na mangueira, ao sol ou à chuva, tirava-se o leite, numa pequena mangueira denominada *chiqueiro*. O leite era sempre recolhido em guampa, recipiente que nunca faltava em todas as fazendas.

ALIMENTAÇÃO

A base da alimentação nas fazendas antigas era a carne assada, ochurrasco. Carneava-se uma ou duas vezes por semana.

Como ainda não havia pão, por falta de farinha, de manhã tomava-se café com carne assada, paçoca, charque, bolos...

O café, comprado em grão, era torrado em casa, dentro de panela, misturado com açúcar amarelo, na base de um quilo de café e um de açúcar. Socava-se no pilão e peneirava-se. O café vinha de Estrela, São Leopoldo e, mais tarde, de Caxias do Sul e Antônio Prado.

Na refeição principal, em geral não faltava o feijão e arroz. O feijão eraproduto doméstico, ao passo que o arroz era trazido pelos tropeiros desde São Leopoldo, Estrela, Nova Veneza, Torres.

Em muitas fazendas fabricava-se o **desmamado**, um bolo de farinha demilho e, mais tarde de trigo, sal ou açúcar, leite, ovos e banha. Era assadodentro de panela, colocada sobre a brasa ou a grande, coberta com folha deluta com brasas em cima.

Queijo não faltava em fazenda alguma. Vacaria fabricava o famoso queijovacariano, que era exportado em grande escala. O coalho era de fabricação caseira, tirado da coalheira da vaca, do porco, do tatu. Retirava-se o bucho do animal, punha-se sal e pendurava-se para secar e depois guardava-se em porongo.

Flamento era um queijo muito apreciado. Após a coalhação do leite, salga-se, espreme-se mal-e-mal. No outro dia, pica-se numa gamela, põe água fervendo, vai virando com uma pá. Quando estiver bem ligado, tira-se e coloca-se num prato ou cincho.

Coalhada, bolinho ou rosca de coalhada, feita com farinha de trigo emilho ou polvilho, assada no forninho, depois cortada ao meio, come-se commanteiga.

Como sobremesa, marmelada, figada, com queijo.

A princípio, não havia moinho. Por isso, a farinha de milho ou mesmo de trigo era moída no pilão ou monjolo. Mais tarde, a farinha começou a ser adquirida em Caxias e Antônio Prado.

A erva-mate era igualmente fabricada em carijo na própria



fazenda. Alguns fazendeiros fabricavam a erva em suas posses da serra, expondo-se ao risco de assaltos dos bugres. Numerosos ervateiros perderam a vida sob as flechas dos índios coroados.

A erva-mate guardava-se em surrões de couro. Mais tarde, após a colonização do alto Uruguai, a erva vinha de Machadinho, Cacique Doble, dentro de cestões de bambu. O chimarrão foi sempre a bebida tradicional dopovo vacariano.

A **paçoca** era alimento de todo tropeiro. Feita de carne de gado oucharque, cozida na água e socada no pilão. Depois frita-se o guisadão comgraxa e farinha de mandioca. Conserva-se por mais de 15 dias, sendo por issoindicada para as viagens de ida e volta. Comia-se também com o café damanhã, em substituição do pão.





Figura 107 Família de Antônio Inácio dos Santos - Capela da Luz - 1915.



Figura 108 Dona Juventina Morena de Oliveira com dois filhos e dois netos - Severiano e Clori.

FUNERAIS

Falecendo alguém nas fazendas de outrora, membros da família ou peões saíam imediatamente a cavalo, a percorrer a vizinhança, indo por vezes longe, à casa de um parente, levando a triste notícia e convidando para o velório e o funeral.

Eram logo convidadas ou contratadas as mulheres rezadeiras, quedurante todo o velório cantavam o terço, intercalado pelas “excelências”, invocações que faziam no intervalo de cada dezena do rosário. Nenhum fazendeiro dispensava as belas e dolentes preces das rezadeiras durante os velórios. Era uma prática religiosa comovente, velha tradição dos primitivos colonizadores dos Campos de Vacaria, todos católicos. Ainda hoje encontramos algumas mulheres nonagenárias que foram rezadeiras de velórios. Não apenas sabem cantar o terço e as “excelências”, mas ainda orações que eram rezadas durante o funeral.

A fazenda movimentava-se com a chegada de parentes, amigos e convidados, que passavam o dia e a noite, acompanhando a dor da família enlutada. Esta, por sua vez, mandava carnear uma ou duas rezes para a refeição.

A sepultura, no século passado, quando ainda não havia capelas no interior com seus respectivos cemitérios, fazia-se num ponto elevado do campo de cada fazendeiro. Era o cemitério da família. Desses velhos cemitérios existem muitos disseminados pelos campos. Ainda hoje sepultam-se membros da família de certos fazendeiros no velho cemitério. Mais tarde, depois que surgiram os cemitérios das capelas, o Governo Municipal proibiu os cemitérios particulares. O esquife era transportado a pé, se o percurso fosse pequeno; aliás, numa carreta ou carro de boi.

Na vila, o defunto era levado à Igreja Matriz para a encomendação, sempre acompanhado de banda de música, que executava marchas fúnebres. Ao sair da igreja, a banda seguia acompanhando o séquito, sempre tocando, até à ponte que outrora existia nas proximidades da atual Edifício Zambam, na entrada da avenida Moreira Paz. Aqui o cortejo parava e a banda fazia a despedida, tocando a valsa da saudade. O caixão era depois conduzido em carreta ou carro de boi para o Cemitério Municipal,

onde hoje se encontra. Entretanto, até é o começo do século, o cemitério era na atual Praça da Bandeira, a uma quadra da Matriz.

O ataúde era fabricado na carpintaria da própria fazenda. Quando o fazendeiro não dispunha de carpinteiro, era convidado o carpinteiro mais próximo. O mesmo ocorria na vila até 1932, quando, vindo de Antônio Prado, onde era agente funerário, chegou a Vacaria o carpinteiro Francisco Rigon, o qual principiou o trabalho sistemático, atendendo à quase totalidade dos funerais. Mais tarde, Mário Ghisolfi, genro de Francisco Rigon, seguiu a profissão do sogro, instalou a moderna Funerária Ghisolfi, a pioneira, na avenida Moreira Paz, com capelas.

Em 7 de setembro de 1957, Afonso Lovato e os filhos Tadeu e Telmo, proprietários do Armazém Lovato, instalaram a Funerária Lovato, na rua Borges de Medeiros. Afonso Lovato, nascido em Farroupilha e criado em São Marcos, veio para Vacaria em 1950.



Figura 109 Festa de São Pedro – Coxilha Grande



Figura 110 Corridas de Cavalhadas, na Capela São Pedro, em 30 de julho de 1919.

RIO DO FRADE

Donde a origem do estranho nome de Frade, dado a uma grande fazenda e ao rio que desemboca no Pelotas e serve de linha divisória entre os municípios de Vacaria e Esmeralda? É toda uma história. História graciosa que vem narrada com detalhes por Manuel Duarte, em seu livro “No Planalto”. Por trazer dados importantes acerca de alguns pioneiros dos Campos de Vacaria, merece registro nestas páginas.

O capitão Felisberto Teles de Sousa veio de São Paulo para os Campos de Vacaria em 1825, incorporado à comitiva do Cap. Francisco Borges Pereira, lageano, um dos mais famosos tropeiros da região.

Francisco, ainda jovem e solteiro, casa com a filha mais velha de Felisberto, e fixa residência na primeira sesmaria da Cachoeira, concedida, em 1814, a Manuel Rodrigues de Jesus.

Francisco Borges Pereira recebe a fazenda do sogro e

adquire outras. Felisberto Teles de Sousa, seu sogro, embora humilde desconhecido em Vacaria, torna-se político influente e de notável conceito popular. Exerce vários cargos públicos, vindo a morrer nonagenário.

Em 4 de agosto de 1858, o capitão Felisberto adquire uma grande estância do cel. José Inácio da Silva Ourives e do tenente-coronel Carlos da Costa Torres. A estância, ainda sem nome, confina com as conhecidas fazendas da Estrela, Extrema, Leão e Guabiju.

Toma posse e povoa aqueles belíssimos campos, de vastos panoramas, enfeitados de esbeltos capões, dominados por altos pinheiros. Mais adiante, são depressões, arroios, banhados e lagoas. Entre os rios, avulta o que depois vai receber o nome de Frade.

A partir do morro do Leão, um dos pontos culminantes do Planalto Nordeste, com 1080 metros de altitude, forma-se uma cordilheira de montanhas, seguindo rumo norte, descambando para o rio Pelotas.

Entre as numerosas relações com a família Teles de Sousa, sobressai a família Lourenço, cujo antepassado, um português de prenome Lourenço, que de Rio Grande emigrara para os Campos de Vacaria, tornou-se tronco de numerosa e ilustre família de Vacaria e Lagoa Vermelha. Esta informação é nos fornecida por um de seus descendentes, o Dr. Érico Lourenço de Lima, renomado causídico de Lagoa Vermelha.

A família Lourenço tinha três filhas: Aurora, Tomásia e Belmira. Três solteironas, conhecidas por sua sobriedade, discrição e maneiras distintas. “Gente simples e remediada, austera de costumes”. Residiam junto a alteroso capão, não longe do latifúndio da família Teles de Sousa.

O ilustre casal Teles de Sousa retorna ao primeiro domicílio, no atual primeiro Distrito, deixando o novo patrimônio aos três filhos Manuel, Antônio e José. “Eram moços maduros e solteirões, retraídos e desconfiados”, refratários ao matrimônio.

Os pais, desejando casar os filhos, antes que fosse tarde demais, ordenam que visitem as irmãs Lourenço, a fim de travar relações de amizade, com vistas num futuro casamento. Eles, relutando, lá vão num belo domingo de sol, muito bem vestidos, em cavalos ricamente ajazezados.

Visitam o casal Lourenço, demorando-se até pela tarde, sem, contudo, ter a alegria de ver o rosto das três filhas.

As visitas se renovam e já se fala em noivado e casamento, o que desgosta profundamente os três rapazes, que respondem, indignados:

- Qual nada! Nunca houve tal. Lá fomos apenas para retribuir a visitados pais. Nada mais. Nem sequer vimos as moças, que se escondem e ficamospiando pelo buraco da fechadura da porta. Aquilo são umas freiras fingidas, vivem no convento.

A piada correu mundo e chegou aos ouvidos das moças, que revidamem represália:

- Mas que é que pensam aqueles tolos ricaços, aqueles caras de frades?



Figura 111 No salão da União Operária de Mútuo Socorro realizavam-se as maiores festas sociais, carnavalescas e tradicionalistas nas décadas de 1930 — 1950.

Sobreveio lamentável rompimento de laços de amizade entre as duas famílias. O casal Lourenço vendeu a fazenda ao Barão de Nonoai e mudou-se para outro lugar.

A casa dos Lourenço ficou sendo “a tapera das freiras” e o capão contingente, “o capão das freiras”. Até hoje.

E a fazenda da capitão Felisberto Teles de Sousa passou a ser conhecida por “Fazenda dos Frades”, e o rio que a corta — Lajeado do Frade.

GRANDE PRÊMIO DA LOTERIA ESPORTIVA

Vacaria foi contemplada com diversos prêmios da Loteria Esportiva. Entretanto, um deles merece figurar na História, por ser um caso talvez inédito.

Juventina Morena de Oliveira, 73 anos, professora aposentada, viúva de Felisberto Fernandes de Oliveira, falecido em 18-10-1972, mãe de 6 filhos: Getúlio, Clori, Sinval, Severiano, João Telmo e Nereu, nasceu em Bom Jesus em 1905. Lecionou como professora municipal em Vista Alegre, hoje Itui, de 1929 a 1939. Foi depois transferida para a Fazenda das Laranjeiras, de Miguel Bueno e da família Ribeiro. Aqui lecionou em escola estadual durante 25 anos, até que se aposentou.

Vivia modestamente com seu ordenado de **2.400,00**. Tinha casa própria, perto do filho Dr. João Telmo. Ela não entende de futebol. Nunca assistira a uma partida. No entanto já havia tentado jogar 4 vezes na Loteria Esportiva.

No dia 21-7-1976, quarta-feira, saiu de casa para ir rezar na Catedral, como fazia todos os dias. Como era cedo, foi andando pela cidade e passou em frente da Agência da Loteria, na Praça Daltro Filho. Foi quando lhe deu, misteriosamente, vontade de entrar.

Pegou dois volantes e foi fazendo as apostas que achava interessantes, sem apelar para dicas. A única aposta intencional foi a favor do Internacional, porque os filhos de D. Morena são todos colorados. Era Grenal. Preencheu um cartão com aposta mínima de Cr\$ 3,00 e passou para outro cartão sem alteração alguma. Era o teste nº 296 de 25 de julho de 1976.

Foi casa e não disse a ninguém que havia jogado na Loteria Estadual. Domingo à noite, conferindo constatou que havia feito 13 pontos, mas não revelou a ninguém. Segunda-feira de manhã, pela rádio conferiu outra vez, verificando haver ganho.

Tomou café com toda a calma. Depois recebeu a visita da nora Aurorae do filho João Teimo, que fora saber se havia melhorado da gripe. D. Morena continuava calada.



Nesse meio tempo, a direção da Loteria Esportiva comunicou-se com a Caixa Federal de Vacaria e esta com a agência lotérica. E começaram a procurar Juventina Morena de Oliveira. O endereço posto no cartão falava em número do bairro Petrópolis que não existia.

O gerente da Caixa Econômica mandou verificar todas as fichas com sobrenome Oliveira. Apareceu logo João Telmo de Oliveira, advogado, consultor jurídico da Prefeitura. Foram ter com ele na Prefeitura e perguntaram-se se conhecia Juventina Morena de Oliveira.

O que o Dr. João Telmo não sabia era que a mãe havia apostado na Loteria Esportiva e havia sido premiada.

Convidaram-no então a ir à casa de sua mãe. João Telmo levou os homens da Caixa para a sua casa e foi falar com a mãe, perguntando se havia jogado na Loteria Esportiva.

- Joguei - disse ela - e acertei, meu filho. Aqui estão os cartões.

Soube ela então que os dois cartões premiados lhe davam a bela soma de Cr\$ 8.656.197,16. D. Morena não se impressionou, mas o filho sentou-se e pediu um copo d'água...

D. Morena encarregou seu filho João Telmo para administrar seus bens. Comprou logo uma casa de alvenaria por 320 mil cruzeiros, ao lado da casa do filho, na esquina da rua Santos Dumont, defronte ao armazém do mesmo nome. Fundaram uma empresa de construção civil — Oliveira Material de Construção, que tinha por gerente o sr. Plínio Valborbida, e executava obras em Vacaria, Lagoa Vermelha, Bom Jesus e Lages.

Construíram o Edifício Oliveira, de 8 andares, no centro da cidade, inaugurado neste ano de 1978, segundo aniversário da conquista do prêmio. Adquiriram várias casas e vários terrenos, fazendo com que o dinheiro duplicasse em pouco tempo. Além disso, D. Morena auxilia parentes, os pobres e as instituições de caridade.

D. Morena não mudou nada em sua vida modesta. Anda de chinelo, veste-se humildemente, levanta cedo, trabalha na horta no fundo da casa. Não viaja. Está feliz, pois conseguiu dar a todos os filhos a tranquilidade e o futuro garantido.



Figura 1121950 – Pe.Frei Pacífico, atrás dele: Dr. Cássio da Costa; ao centro, D. Maria Benta Batalha e esposo José Camargo Batalha.

COXILHA GRANDE - SÃO PEDRO – 6º DISTRITO

A ideia da construção de uma capela no centro do atual distrito de Coxilha Grande, surgiu de uma proposta do Pe.Frei Leonardo de Chambéry, por ocasião da celebração da missa junto à Fazenda dos Carvalhos, em casada família de Lázaro Coelho, que fora assassinado durante a Revolução de 1893. A fazenda pertence hoje ao criador Luiz Rodrigues Borges Primo.

Em 25 de novembro de 1904, o Vigário, Pe. Frei Alfredo de St.Jean d'Arves, celebrava solene missa campal e dava a bênção ao terreno sobre o qual seria erguida a capela, dedicada a São Pedro. Foi um ato marcante, quedurou vários dias, havendo os moradores das cercanias acampado em barracas, no local da atual praça da igreja. O Vigário fazia-se acompanhar do Sacristão Edmundo Teixeira Schüler.

Em 20 de dezembro de 1904, os irmãos Firmino e Eduardo Borges Pereira doavam o terreno para a fundação da capela e do povoado. Tiveram eles a colaboração dos srs. João Borges do

Amaral, Donato Rodrigues Borges, Pedro Borges Pereira, Rodrigo Borges do Amaral, José Teodoro de Sousa, Rainel Alves Monteiro, Vidal Rodrigues de Sousa, Pedro Borges deAlmeida Primo, Gaudêncio do Amaral Coelho, Severiano Borges de Oliveira, Florêncio Marciano Borges e Bertoldo Mariano da Silva.

Estes fazendeiros, descendentes dos primeiros povoadores do atual Distrito de Coxilha Grande, promoveram a construção da capela e do povoado, sendo, por isso, considerados os fundadores de São Pedro da Coxilha Grande.

O local da capela e do povoado foi previamente demarcado por Carlos Jorge Schüller.

Imediatamente teve início o povoado, com a construção das primeiras casas, tendo à frente João Borges do Amaral, o primeiro a se estabelecer no local da futura vila. Seguiram-se: João Correia de Carvalho, Firmino Chaves, Bonifácio Mariano, Donato Rodrigues Borges e Luís Borges Vieira, com suas respectivas famílias.

O povoado foi prosperando com rapidez, de maneira que em 18 de agosto de 1915, por ato nº 89, era criado aí o 6º Distrito de Coxilha Grande. Avila estava servida por duas fortes casas comerciais, de propriedade de José Michelin e Peruccini & Irmãos.

No dia 2 de dezembro do mesmo ano, instalava-se o cartório distrital de registro de nascimentos, tendo como primeiro escrivão José Fernandes Costa, seguido de Luís Jacinto Teixeira Schüller, Dorval Borges Teixeira Schüller, Florindo Caon, Catulino Príncipe Caon (durante 30 anos, até 1974) e Neli Teresinha da Luz Amaral, desde fevereiro de 1974.

O primeiro Juiz Distrital foi Sinfrônio Correia de Carvalho, seguido de Casimiro Ernesto Michielin, Severo Fausto Michielin, Pedro Borges Ferreira, Francisco Borges Ferreira, Assis Rodrigues do Amaral, José Morais Martinse Getúlio Ferreira Michielin (1978).

Em 1943, havia na sede 60 prédios de madeira, com 244 habitantes, uma escola pública sob a regência do professor estadual Epaminondas Moraes, que lecionou durante 28 anos consecutivos, e a professora municipal Adversina Alves Paim. O primeiro professor da vila foi Fausto Viterbo de Oliveira. Atualmente, Grupo Escolar, atendido por 4 professoras. A direção do Grupo Escolar esteve a cargo da prof. Elvira Pavan, Maria Odete Amaral Ferreira e, desde 1976, Jussara Salete dos Santos Duarte.

A Capela de São Pedro foi elevada à categoria de vila por decreto de 1939, passando a denominar-se Coxilha Grande. Em 1910 ocorreu a inauguração do sino da capela. Em 1928 foi construída a nova capela, inaugurada no dia de São Pedro.

As imagens que se veneram na capela foram doadas: São Pedro, por Firmino Borges Pereira, em 1906; Nossa Senhora da Conceição, por Eduardo Borges Pereira; Sagrado Coração de Jesus, por compra; São Sebastião, por Castorina Borges dos Santos; Santo Antônio, por Florindo Caon.

A primeira comissão da igreja consta dos 14 membros fundadores. A segunda, em 1925: Francisco Micelin, Florindo Caon e Franquolino Correia Borges. A terceira, em 1937: Arquimino Teixeira Borges, Araci Torres Guerreiro e Severo Fausto Michielin. A 13ª, a atual (8-12-1976): Joracy Correia de Carvalho, Pedro Alfeu Souza Duarte e Vivaldino Rodrigues do Amaral.

Até o ano de 1912, por ser ainda reduzido o número de casas do povoado, as pessoas que vinham assistir às festividades religiosas, armavam barracas ao redor da capelinha.

Desde 1914, celebra-se todos os anos a festa de Nossa Senhora da Conceição. As primeiras festeiras foram: Maria Batista de Almeida e Malvina Rodrigues de Sousa.

A primeira visita pastoral foi do Pe. Frei Bruno, Superior dos Capuchinhos, em 1918. D. João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, esteve em visita à vila em março de 1929 e em fevereiro de 1933. Em março de 1937, ocorreu a primeira visita pastoral de D. Cândido, Bispo Prelado de Vacaria.

Em 1907, na festa de São Pedro, foi feita a primeira corrida das tradicionais Cavalhadas, tendo como **guias** Olímpio Meireles Martins e Fausto Viterbo de Oliveira, correu como **floripa** José Paim Martins. Em 1947, 16 anos depois da última Cavalhada, foi guia José Paim Martins e floripa, Araci Torres Guerreiro, junto com o menino Galeno Peruchin. Em janeiro de 1948, deu-se a última Cavalhada.

A primeira missa vespertina foi celebrada por D. Cândido em 6-1-1956.

Em 1956 foi demolida a igreja, para construção da nova, de alvenaria. O Grupo Escolar ficou servindo então de igreja.

Em 29-6-1956, festa de São Pedro, D. Cândido, acompanhado por Frei Artêmio, inaugurava o salão paroquial, que

passou a servir provisoriamente de igreja. Estavam presentes o Dr.Nicanor Kramer da Luz, Prefeito Municipal, João Possapp, Presidente da Câmara e Oriente Alves de Oliveira,Delegado de Polícia.

Em 6-12-1957, D.Cláudio Colling, Administrador Apostólico, fazia suavisita pastoral, administrando 59 crismas.

Na noite do dia 26 de junho de 1958, o Pe.Frei Lauro, Cura da Catedral, rezava pela primeira vez o terço na nova igreja. Esta foi solenementeinaugurada pelo Bispo Diocesano D.Augusto Petró na festa de São Pedro,dia 29 de junho de 1961.

De 7 a 14 de abril foram pregadas Missões.

A capela foi atendida pelos sacerdotes da paróquia da Catedral.

De 1955 - 1959, P.Frei Artêmio Sopelsa; de 1960 - 1963, Frei Aquilino Balotin; 1964, Frei Nestor Ferronato; 1966 - 1967, Frei Lucas Bassani; de 23-4-1967, Pe. Evaldo Petry; 1976, Pe. Caetano Caon, seguido do Pe.Angelino Adreola e Evaldo Petry.

Em 23-8-1972 - visita Pastoral de D.Henrique Gelain, bispo diocesano,que realizou mais outras visitas em 20-8-75 e 3-7-1977.

No dia 6 de janeiro de 1974, foi solenemente inaugurado o novo e amplo salão da vila, um dos mais belos de toda a paróquia.

Em 1941 o Distrito teve esta produção agrícola: Trigo, 850 kg;milho, 138.180kg; batata, 20.589kg; feijão,13.475kg; mandioca, 86.720kg; alfafa, 2.560kg. Existiam então 300 fazendeiros e 56 agricultores.

A área superficial é de 663km². Altitude na vila, 960 metros.

Na década de 1950, principalmente por falta de escola de ensino médio, a vila entrou a decair, com a transferência de moradores para a sede doMunicípio.

Hoje Coxilha Grande é um pequeno povoado, com sua bela igreja, com seu grande salão, vasta praça gramada, duas casas de comércio, uma serraria, e uma vida sossegada, que só se agita e movimenta por ocasião das festas religiosas. Alguns fazendeiros mantêm ainda hoje sua casa na vila, ocupando-a quase exclusivamente em dias de festa.

Os campos do Distrito, de admirável quietude, com poucos capões e matas, à exceção da serra do rio Pelotas, nos últimos anos vão perdendo sua tradicional paisagem, com a implantação de granjas de soja, de trigo mourisco e grandes pomares de

macieiras, a nova e revolucionária cultura de Vacaria.

A economia do Distrito baseia-se ainda fundamentalmente na pecuária, seguida da agricultura e extração de madeira, de que possui grande riqueza ao longo da encosta do rio Pelotas, que lhe serve de divisa.

Empresas madeireiras montaram diversas serrarias na serra do Pelotas, provocando um afluxo de imigrantes de origem italiana, que se fixaram no Distrito, onde se dedicam à agricultura e pecuária. Várias capelas foram fundadas por estes beneméritos imigrantes, na região de Itacolomi, nome originário da empresa madeireira Itacolomi, que atua naquela encosta do Pelotas.



Figura 113 Time de futebol formado por 11 irmãos, os Irmãos Silva, do Distrito de Esteira - Vacaria - 1962.



Figura 114 Capela nova em construção — Capela Nossa Senhora da Luz - Esteira.

ESTEIRA - CAPELA DA LUZ – 8º DISTRITO

A Capela de Nossa Senhora da Luz, hoje sede do Distrito de Esteira, é a mais antiga capela do município de Vacaria, fundada na década de 1880.

Luís de Almeida França, fazendeiro, viúvo e sem filhos, nascido em 25-8-1822 e falecido em 17-10-1904, fez doação de cerca 50 hectares de terra para fundação de um povoado. Era uma doação particular, sem escritura pública. Até 1951 a Prefeitura dava título de propriedade a quantos fossem morar no povoado.

A primitiva capela fora construída ao lado do cemitério. Junto da igrejazinha principiou a funcionar uma escola, mais tarde Escola Mista Estadual, depois Grupo Escolar e hoje, a partir de 1970, Escola Rural Luís de Almeida França. Atualmente, em 1978, encontra-se sob a direção do prof. Pedro Smíderle.

Nos arquivos desta escola, figuram matrículas efetuadas em 1890. Sabe-se que em 1896, mediante concurso, fora nomeada professora da Escola Mista da Capela da Luz, a prof. Rita E. dos Anjos, que lecionou aqui dois anos, sendo após transferida para a sede do Município.

A segunda capela, que era de madeira, fora construída na

praça dopovoado, no local onde se ergue hoje a nova igreja, de alvenaria, cuja construção teve lugar em 1962, tendo sido concluída em 1975.

Por ato nº 64, de 18 de dezembro de 1917, foi criado o Distrito, oitavo, com uma área de 650km², abrangendo todo o atual distrito do Refugiado. Atualmente, possui uma área de 303km². A sede do Distrito tem uma altitude de 955 metros.

O Cartório de registro de nascimentos foi instalado em 1918, tendo como primeiro titular Luís Bittencourt, auxiliado por Aparício Boeira; como ajudante substituto, trabalhou durante 20 anos Ivo Almeida da Silva. O atual escrivão é Osmar Beuren, que é natural de Lajeado, tendo assumido as funções em 1970.

Em 20 de julho de 1921, ocorreu aqui um crime que abalou o Distrito e a cidade. Naquele dia fora assassinado o sr. Velucino Lucas Borges, subdelegado de Polícia e sub-intendente, marido da D. Maria Generice Borges, professora da escola local.

No atual Distrito de Esteira existem mais dez capelas:

Capela de Monte Alegre, dedicada ao Menino Deus. É um povoado antigo, possuindo hoje as proporções da sede da Vila da Luz.

Capela Santo Antônio, em Monte Alegre; Capela São Francisco, na colônia formada por elementos de origem italiana, na costa do rio das Antas; Capela São Judas Tadeu; Capela Nossa Senhora do Carmo; Capela Nossa Senhora da Saúde; Capela da Boa Vista; Capela de São Sebastião, do Ranchinho, localidade que data de 1909; Capela de Nossa Senhora da Saúde da Enxovia; Capela Nossa Senhora das Graças, na Enxovia.

Atualmente, o Distrito pertence à paróquia de Nossa Senhora de Fátima.

O cemitério, antigo e de boas proporções, possui belos túmulos, com inscrições em mármore que permitem formar uma breve história dos antigos moradores da Capela da Luz. Além do túmulo do fundador Luís de Almeida França, vemos os túmulos de: Bernardo Lisboa Borges (1883-1956); José Pereira Boeno (1905-1947); Silvino Pereira de Lima (1893-1973); José Alves Teixeira (1842-1890), bisavô do atual vereador Gloricinto Teixeira de Abreu; Augusto Luís Kuze (1823-1897) e Constantina Pereira de Abreu (1895); Manuel Joaquim de Camargo (1814-1899); João Manuel Ferreira (1871-1964); João Boeira de Abreu (1896-1963);

José Domingues Boeira Sobinho (1849-1895); Teodoro Amaro Faraco (1891-1960), pai de Agapito; Zeferina Silveirados Santos (1905-1930); Teodoro Mâncio Ferreira (1896-1919); HebraimRodrigues Borges (1886-1965); Eraclides Manuel Ferreira (Doca) 1872-1955;Olivério Pereira de Almeida (1877-1941); Benedito Rodrigues de Campos(1874-1967); Fortunato Mâncio Ferreira (1888-1958); Felisberto Ricardo dosReis (+ 1973).

Os moradores de mais idade na vila em 1978 são: Amândio Silveira Borges, com 90 anos, e João Ferreira Bueno, de 78 anos, filho de FelisbertoPereira Bueno.

Atualmente na vila de Esteira há um time de futebol formado por 11 irmãos, os Irmãos Silva, filhos de Inocêncio Antônio da Silva, falecido em1974. Em 1973 os Irmãos Silva jogaram com o time dos Irmãos Toniolo, deSanta Eulália, Bento Gonçalves.

Em 1941 a sede possuía uma população de 188 habitantes, com váriascasas comerciais, ambulatório, médico, farmácia, açougue. Na década de1950, especialmente por falta de escola de ensino médio, a vila entrou a decrescer, sendo hoje um pequeno povoado com uma dúzia de famílias.

No interior, além da pecuária, existem hoje belas granjas de soja,milho, trigo mourisco. Na região da serra do rio das Antas, cultiva-se milho,batata, feijão, uva, trigo e outros cereais.

FAZENDA DA ESTRELA - 10º DISTRITO

A Fazenda da Estrela, o maior latifúndio de Vacaria, em fins do séculopassado e nas primeiras décadas deste, estância de cerca 300 milhões de campo e mato, 3.000 hectares, hoje constituindo o 10º Distrito, pertencia aocoronel Fidélis José Ramos, casado com Tomásia Lourenço de Lima, tio carnal do Senador Vidal de Ramos, pai de Nereu Ramos, vice-Presidente daRepública. Era ele também proprietário da Fazenda São João, de 180 milhões, atualmente integrada no 10º Distrito.

Seu filho coronel Laureano José Ramos, combatente da Revolução de1893, herdou a Fazenda da Estrela, vendendo-a posteriormente ao seu compadre Cel.Libório Antônio Rodrigues, por 110 contos de réis.

Com o fruto da venda, Laureano adquiriu grandes fazendas no Mato Grosso, Bolívia e Paraguai. Homem riquíssimo e culto, falava cinco línguas, viajava comerciando com pedras preciosas, tendo andado pela Europa e Estados Unidos. Era casado com Maria Alípia Moojen, filha de Tristão José de Almeida e neta do médico inglês João Jorge Moojen, um dos pioneiros de Vacaria e Lagoa Vermelha.

Mudou-se para Mato Grosso em 1904 e ali faleceu. Seu filho Cel. Sebastião Kneipp Ramos, autor de vários inventos importantes, reside hoje na cidade de Lagoa Vermelha.

Outro filho de Fidélis José Ramos é o famoso coronel Demétrio José Ramos, um dos mais valorosos combatentes rebeldes da Revolução de 1893; com um contingente de tropas, invadiu o Estado de Santa Catarina; nos dias 19 e 20 de julho, combateu no Pinhal, Capão Alto e São João Velho, contra o coronel Emiliano Carneiro Borges, da facção legalista. Faleceu no Mato Grosso com 104 anos. Fidélis José Ramos teve ainda uma filha, Maria Filomena Ramos Duarte, mãe do Dr. Manuel Duarte, exímio escritor, deputado federal, Intendente de Vacaria e Prefeito de São Sepé. Foi presidente da comissão de redação do texto da Constituição do Brasil de 18-9-1946.

O Cel. Fidélis José Ramos tinha um passo no rio Pelotas, ligando seus campos, que mais tarde tocaram como herança a José Borges Teixeira, como os campos de José Borges do Amaral, no vizinho Estado. Este passo é até hoje conhecido por Passo da Agência, porque havia lá uma casa com um canoeiro, o agente, que ajudava a passar as tropas.

A Fazenda da Agência pertenceu ao capitão José Borges Teixeira, acima mencionado. Era sobrinho do Cel. Demétrio Ramos e, pelo lado materno (Alípia Faustino de Oliveira), sobrinho-neto do comendador Domingos Faustino Correia.

A Fazenda da Estrela, do Cel. Libório Antônio Rodrigues, foi a mais afamada de Vacaria, durante a Revolução de 1893 e de 1923, pelo movimento de tropas, pois o seu proprietário era o presidente do partido libertador.

Cassiano Ricardo, uma das mais ilustres figuras do movimento literário modernista do Brasil, assim se referiu, em seu livro de memórias "Viagem no Tempo e no Espaço", à Fazenda da Estrela e seu proprietário:



“À casa que frequentei mais assiduamente, transformando-me mesmo em amigo íntimo, foi a do Cel. Libório Rodrigues, fazendeiro e chefe político de grande prestígio social que me contava episódios da vida de Vacaria em que tomou parte...

Pretendia eu conhecer uma estância. O chefe dos maragatos, Cel. Libório Rodrigues, certa vez, me disse: Você conhecerá e eu lá me fui; queria aprender a acordar cedo e maravilhar-me com o leite gordo colhido nos uros das vacas ou bebido gostosamente com pedaço vermelho de mogango, à horado almoço.

Nunca vi hospitalidade igual tão à vista que o tropeiro ou quem passasse pelas imediações estava convidado a vir participar daquela abundância de leite e frutas, que era uma dádiva do Coronel Libório e de sua família aos hóspedes e aos caminantes.

Me fez isto lembrar o episódio que Nicolau Dreys conta em seu livro de viagem: o estancieiro mandava, antes do almoço, tocar osino; quem ouvisse estava convidado a vir tomar assento à mesa.

Quem apreciou a neve, a Matriz construída pelos padres, o minúsculo, os 12 graus abaixo de zero, a estância do Coronel Libório, nunca se esquecerá de tantos aspectos originais daquela região “(pág. 16).

Nas décadas de 1930, 1940 e 1950, firmas madeireiras como a Industrial Madeireira de Caxias do Sul instalaram 8 serrarias na Fazenda da Estrela, dando assim início à colonização do atual Distrito de Estrela. Cerca de uma centena de famílias, procedentes de Ipê, Segredo, São Manuel, São Paulo, aqui se estabeleceram, cultivando a terra e, ultimamente, gramando as pastagens artificiais. Foram criadas então várias capelas, pela Paróquia da Catedral.

A Fazenda da Estrela entrou a desenvolver-se, juntamente com a antiga Fazenda do Leão, de sorte que em 3 de novembro de 1965, a Câmara Municipal aprovou o projeto do Prefeito Protásio Guazzelli, criando o Distrito de Estrela, com uma área de 650 km², com sede na Capela de Nossa Senhora de Fátima, com a denominação de Vila Estrela.

No Distrito de Estrela encontra-se atualmente a Granja Franciosi, com criação de gado Jersey, a maior do Estado no gênero.

O Distrito de Estrela, composto das áreas de Capão Alto, Fazenda da Estrela e parte da Fazenda do Leão, possui as seguintes confrontações:

Ao Norte, começa na confluência do Arroio do Frade com o rio Pelotas, pelo qual sobe até à foz do rio Sussuarana; a Leste, começa na confluência do rio Carvalhais, com o rio Sussuarana e, por este, águas acima, até sua nascente mais próxima à estrada que conduz de Vacaria à Fazenda da Estrela; a Oeste, começa na nascente do rio Sussuarana, seguido por uma linha seca ereta, até a nascente da sanga que faz divisa entre as Fazendas do Leão e do Frade, e, por ele, água abaixo, até sua confluência no rio Pelotas.

A sede do Distrito de Estrela dista da cidade 84 km.



Figura 115 Cel. Libório Antônio Rodrigues, proprietário da Fazenda da Estrela, Presidente da Comissão de construção da Catedral, Presidente do Partido Federalista e Libertador.



SEGREDO - 9º DISTRITO

No século passado, fazendeiros do 4º Distrito obtiveram posses naregião de serra do atual Distrito de Segredo. Nessas posses, divididas em quadras, os criadores cultivavam suas roças de milho. Os principais posseiros foram: Olavo Lacerda, Abtino Lima, Libório Rodrigues, J.Paim de Andrade e Firmino Rosa.

Com o andar do tempo, e, sobretudo, após a abolição da escravidão, os posseiros foram confiando suas posses aos seus antigos escravos, os quais, ocupando assim as terras, asseguravam-nas contra qualquer tipo de invasão.

Por ocasião da chegada dos primeiros colonizadores italianos, os descendentes destes escravos eram os únicos moradores da região do atual 9º Distrito de Vacaria.

Em meados de 1900 chegavam as primeiras famílias de colonizadores: Grazziotin, Araldi, Vazata, Brolo, Panisson, Rigo, Olivo, Furlan e Corso.

O local escolhido para a sede do povoado chamava-se Paiol, em virtude da existência ali de um paiol de milho, que servia de orientação a agrimensores e colonizadores. Dizia-se: à direita do Paiol, à esquerda do Paiol. Este nome é, por vezes, utilizado até hoje.

A localidade passou a chamar-se sucessivamente de São Luís, São Pedro do Ipiranga e, finalmente, em 1915, Segredo.

A organização da vila coube ao colonizador João Risson, que adquiriu o terreno do proprietário Olavo Lacerda.

A pequena localidade foi progredindo com razoável rapidez, de sorte que no dia 7 de fevereiro de 1924, por ato nº 428, do Intendente Teodoro dos Santos Duarte, foi criado o Distrito, com uma superfície de 295km², estando a sede a 780 metros de altitude. Dista 75km da sede do Município, 20km da cidade de Antônio Prado e 195 de. Capital do Estado.

Entretanto, a primeira capela erguida no Distrito foi a de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1903, pelas famílias Vazata, Panisson, Brolo, Fochezzatto e Tamagno.

O Distrito apresenta um terreno acentuadamente montanhoso, com superfície e subsolo pedregosos, que dificultam a mecanização da lavoura e o escoamento de seus produtos.

A hidrografia é abundante, sendo seus principais rios: Segredo, Humatã (Turvo), Guaiaveira e Faxinal.

O clima é temperado e saudável, com as variações próprias do Município.

Em 1978, o Distrito possuía uma população de 1.850 habitantes: 300 nasede, em 75 famílias, e 1.500 no interior, em 250 famílias.

Com um tipo de vida bastante rudimentar, devido à localização e às dificuldades naturais, cresce de ano para ano a migração para as cidades, em busca, principalmente, de emprego e ensino de 2º e 3º graus, inexistentes no Distrito.

A população, quase toda de origem italiana, ocupa-se primeiramente na agricultura, vitivinicultura, suinicultura, e, ultimamente, fruticultura. O milho ocupa o primeiro lugar, utilizado especificamente na criação e engordade suínos, que são exportados para Antônio Prado e Nova Roma.

Soja e feijão ocupam igualmente lugar destacado nos minifúndios do Distrito. A cultura da maçã acaba de receber notável impulso, existindo já 12.000 pés plantados, com perspectivas animadoras de crescimento nos próximos anos. Para esta cultura o clima é dos melhores do Estado, como aliás em todo o Município, que é o campeão em produção de maçãs no Estado. Produz aqui, na média, 12 mil quilos de maçãs por hectare.

A pecuária, embora em pequena escala em todos os pequenos proprietários de terra, produz três mil litros de leite por dia, que é industrializado pela Coval de Vacaria e da Feliz.

O trigo, que foi por muitos anos a melhor cultura do Distrito, desapareceu quase por completo de suas encostas.

Existem no 9º Distrito 17 professores municipais e 15 estaduais, distribuídos em duas escolas estaduais e 13 municipais.

A primeira escola municipal foi criada em 1910. Em 1948, as Irmãs de São José fundaram uma escola particular, que dirigiram até 1969, quando se transformou em escola estadual, com o nome de Escola São João Batista de la Salle.

Atualmente, estudam nessa escola 180 alunos, sob a direção da prof. Tereza Moraes Ferreira, assessorada pelos professores: Guido Baggio, Delvina Magro, Antônio Mussatto Sobrinho, Lizete Marcon Mussato, Marilda Moraes Ferreira, Jurema Joana Bottini, Ermida Loratto, Teresinha Alessi, Clara Scarpinelli,

Justina Campagnaro e Maria Filomena Righez.

Na escola estadual Ângelo Fochezzatto estudam 58 alunos, atendidos por 4 professores.

A vila conta com o Hospital São Pedro, fundado em 1958 pelo incansável Vigário Pe. Frei Juvêncio Angonese. O ato da inauguração teve como orador oficial o Dr. Sinval Guazzelli, futuro Governador do Estado. Atualmente o Hospital é atendido pelo Dr. Luiz Bortolussi e pela enfermeira Anais Luvison. Dispõe de 17 leitos e farmácia.

A PARÓQUIA — A Paróquia de São Pedro do Segredo foi criada em 26 de fevereiro de 1928, por D. João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, ficando sob os cuidados do clero diocesano.

O 1º Vigário foi o Pe. Cosme Fiorini, de 26-2-1928 a 17-1-1935.

O 2º Vigário: Pe. Irineu João Mascarello, de 17-1-1935 a 28-2-1938.

Em 28 de fevereiro de 1938, a paróquia passou a ser atendida pelos Padres Capuchinhos, a saber:

Pe. Frei Luis Ferronato de Alfredo Chaves (28-2-1938 a 7-6-1938); Pe. Frei Bernardo de Puygross, francês (7-6-1938 a 15-2-1942); Pe. Frei Ricardo Aresi de Garibaldi (15-2-1942 a 17-1-1944); Pe. Frei Domingos Rigon de Nova Trento (17-1-1944 a 11-1-1953); Pe. Frei Juvêncio Angonese de A. Chaves (11-1-1953 a 6-2-1966); Pe. Frei Ovídio Dallagnol de Paim Filho (6-2-1966 a 9-7-1967); Pe. Frei Lucas Bassani de Farroupilha (9-7-1967 a 3-4-1974); Pe. Frei Luciano Giasson (3-3-1974...)

Todos os habitantes do Distrito são católicos praticantes. Por isso, Segredo é um viveiro de vocações sacerdotais e religiosas. Entre os numerosos sacerdotes aqui nascidos, destaca-se o Pe. Frei Ângelo Domingos Salvador, atual superior provincial dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, primoroso escritor, autor de vários livros. Entre as religiosas, salienta-se a Irmã Marcela Mussatto, atual superiora provincial das Irmãs de São José.

A Congregação das Irmãs de São José encontra-se na paróquia desde 1948, exercendo as mais diversas atividades, como instrução, ensino, catequese, liturgia, atendimento aos doentes...

A paróquia possui 9 capelas: Nossa Senhora do Rosário, São José, Santa Catarina, São Roque, Santo Antônio, Nossa Senhora de Pompéia, São Francisco, São Miguel, São Luís e

Nossa Senhora do Caravágio.

Esta última, situada junto à ponte do Segredo, em local pitoresco, foiaos poucos se transformando em ponto de romarias, em virtude de muitas graças alcançadas por intercessão de Nossa Senhora do Caravágio.

Em 26 de maio de 1969, o Bispo Diocesano D. Henrique Gelain procedeu à bênção do novo templo, construído em alvenaria. Anualmente, durante a festa de Nossa Senhora do Caravágio, afluem romeiros de muitos pontos do Rio Grande do Sul e de outros Estados. No ano de 1977, participaram da romaria cerca de 12 mil pessoas, com a presença de 11 sacerdotes.

O Cartório Distrital de Registros de nascimento, inaugurado no dia 2 de junho de 1924, teve como primeiro titular o escrivão Salustiano Pires de Sousa, seguido de Dorval Teixeira Schüller, empossado em 24-4-1932. A seguir, José Olivo Letti, que tomou posse a 6-3-1942. O quarto e atual oficial distrital é Ismael Ribeiro de Mesquita, que assumiu em 22-4-1968.

O primeiro Juiz Distrital foi Aristides Araldi, a partir de 27-5-1924. O atual Juiz Distrital é Inocêncio Pedro Mussatto, designado em 12-8-1974.

O comércio de Segredo está ligado à Cantina Vinícola, com 250 associados, e ao Moinho Segredense, em funcionamento desde 1953.

Os três principais edifícios da vila são o Hospital, o salão de três andares, em que funciona também a escola, e a Igreja Matriz, construída com pedras que foram trazidas por carroças de uma distância de oito quilômetros.

Quanto ao nome de SEGREDO, costuma-se dizer que se alguém descobrira sua razão de ser, será trocado.

Em 1941, quando a área ainda era de 475km², de acordo com o Relatório do Prefeito Dornelles Filho, o distrito produziu 1.022.070 kg de trigo, 2.990.560kg de milho, 655,167kg de batatas, 323.708kg de feijão, 41.905 de mandioca, 24.000 medidas de vinho, 861.120kg de uva e 39.750kg de alfafa.

Havia então 9 casas comerciais, 4 serrarias, 11 fábricas de aduelas, 3 moinhos, 3 automóveis, 4 caminhões, 53 carretas, 447 agricultores e 9 fazendeiros. A população na sede era de 206h e do Distrito: 2.792h. Funcionavam um Grupo Escolar Estadual, 7 escolas municipais, com uma população escolar de 332 alunos.



Figura 116 Enegildo Brollo, primeiro colonizador italiano de Segredo.



Figura 117 Primeira casa na Vila Segredo, de Giuseppe Righez.



Figura 118SEGREDO – 1928 – Carreta de Adolso Corso, uma das primeiras de Segredo.



Figura 119Homenagem típica de Segredo ao Vigário Frei Lucas Bassani.



Figura 120 Igreja matriz de Segredo, em dia de festa.



Figura 121 Torneio de laço – Patrão Euclides da Costa Ferreira – Vila Segredo

IPÊ - 4º DISTRITO

Primitivamente, o local onde hoje se ergue a vila Ipê era pouso de tropeiros que, partindo dos Campos de Vacaria, se dirigiam pela serra do Rio das Antas, rumo de São Leopoldo, pela estrada Júlio de Castilhos.

A região era ocupada por fazendeiros que tinham suas posses, roças de milho. Entre estes posseiros, salientam-se Luís Augusto de Medeiros Branco, Olivério Camargo e Libório Antônio Rodrigues. Em homenagem a este último, que se mostrou generoso na venda de suas terras, foram dados nomes a diversas linhas do Distrito: Linha Libório Rodrigues, Linha Itelvina, Linha Rodrigues e Linha Virgínia.

Por volta de 1870, Luís Augusto de Medeiros Branco, criador da Capela da Luz, fez doação de uma área de terra para construção de uma capela, que em sua honra recebeu o nome de São Luís de França.

Em 1886, quando teve início a fundação da colônia de Antônio Prado, que se tomou 5º Distrito de Vacaria, emancipando-se em 1899, os imigrantes italianos e seus descendentes, que vinham chegando, foram adquirindo as terras, tendo à frente Francisco Marcantônio, Antônio Zanotto e João Pellim, que em 1918 fundaram uma serraria em sociedade. No mesmo ano os irmãos Nodari fundavam outra serraria, sendo as tábuas transportadas para Porto Alegre em carretas ou por balsas no Rio das Antas, durante as enchentes.

Nas posses dos fazendeiros havia diversos casebres de pretos, descendentes dos escravos dos criadores. Por este motivo os colonos deram de chamar o lugar de Formigueiro.

Com a vinda dos imigrantes italianos, a localidade começou a prosperar, de sorte em 31-12-1890, por ato de 6% da Câmara Municipal foi criado o Distrito.

A Capela era atendida pelos Padres da paróquia de Antônio Prado. Em 1935, os fabriqueiros, tendo à frente Emílio Subtil de Camargo foram a Porto Alegre pleitear junto do Arcebispo D. João Becker a criação de uma paróquia.



Em 10 março de 1936, o Arcebispo criava a Paróquia de São Luís deFrança, anexando-a à Prelazia de Vacaria, recém-criada.

Em 5-4-1936, tomava posse o primeiro Vigário, Pe.Frei Eduardo de Alfredo Chaves, da Ordem dos Capuchinhos, aos quais fora confiada a administração da nova paróquia.

OPe. Eduardo resolveu então acrescentar um nome a São Luís. Porexistirem numerosas plantas de ipê na vila, foi escolhido este nome parabatizar a sede do 4º Distrito.

Em 1938, por iniciativa do Pe.Frei José de Bento Gonçalves, Superiordos Capuchinhos, foi fundada uma casa religiosa da Ordem e um Seminário,que foi inaugurado em 25-8-1943.

OPe. Eduardo, durante 13 anos à frente da paróquia, além de realizaradmirável trabalho pastoral e construir várias capelas pelo interior, construiu a atual Igreja Matriz, cuja pedra fundamental foi lançada em 19-4-1937 e a igreja inaugurada em 18-2-1939 e rebocada em 1943; fundou ainda a Cooperativa Mista. Adoecendo, o Pe.Eduardo foi levado para Porto Alegre, onde faleceu em 25-10-1949, tendo sido sepultado aqui, com solenes exéquias,presididas por D.Cândido Maria Bampi, Bispo-Prelado de Vacaria.

Eis a relação dos demais párocos de Ipê: Frei Urbano (22-1-1950 a 3-2-1952); Frei Celso Chesini (3-2-1952 a 11-12-1955); Frei Pio Boschetti (11-12-1955 a 1-1-1958); Frei Ricardo Arisi (1-1-58 a 1-1-1959); Frei Eugênio Brugalli (1-1-1959 a 6-1-1963); Frei Orestes Reginatto (6-1-1963 a 2-2-1964); Frei Casemiro Zafonatto (2-2-1964 a 31-12-1976); Frei Elói Rossetti (6-2-1977 até o presente ano de 1978).

Em 12-4-1942, foi construída a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Os sinos da Matriz foram inaugurados em 10-7-1958.

Em 13-2-1950 chegavam as Irmãs de São José, que principiaram a lecionar na Casa Paroquial, com 130 alunos. Em 26-8-1951 foi inaugurado o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que em 7-1-1952 foi cedido pela Paróquia à Congregação das Irmãs de São José. Em 1973 o colégio deixou de funcionar, passando o prédio a servir de farmácia em 1-8-1974, tendo como farmacêutica a Ir. Rosália Morgan, auxiliada pela Ir. Joanita.

Em 11-9-1964, o Vigário Frei Casemiro Zanonatto iniciava

a construção de Salão Paroquial, o Ginásio de Esporte Centenário, solenemente inaugurado em 26-10-1975, por ocasião do Centenário da Imigração Italiana.

Em 30-10-1977 o Vigário Frei Elói Rossetti inaugurava o Centro de Pastoral e a nova pintura da Igreja Matriz.

A Paróquia de São Luís de Ipê atende a 11 capelas do Distrito e a 4do Município de Antônio Prado, a saber: S. Vicente de Pedra Viva, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio, Santa Bárbara, Nossa Senhora das Graças na Vila Damiani, Santa Olímpia de Porteirinha, Santo Antônio da Vindimado Mel, Coração de Jesus e Maria, Nossa Senhora de Lourdes, São Brás e S. Valentim. No Município de Antônio Prado: Nossa Senhora da Salette da Linha Cavour (21-10-50) Nossa Senhora do Caravágio da Linha Camargo (11-9-1956), Coração de Jesus da Linha Marílio, Santo Antônio da Linha Gomercindo e São Paulo.

Ao lado da primeira capela de São Luís de França, foi construída uma escola municipal, ainda no século passado. Em 11-6-1935 passou a escolamista, tendo como professor Ângelo Zanotto. Em 1937, a escola foi elevada a Grupo Escolar pelo então Secretário de Educação e Saúde, Dr. Otelo Rosa, sendo nomeada diretora a prof. Maria Marin Subtil, permanecendo no cargo até 1964, quando se aposentou. Era sua auxiliar a prof. Adalgisa Boeckel. De 1939 a 1941 foi diretora a prof. Julieta Alves Jacques. De 1964 a 1971, a prof. Maria Helena Calliari. De 1971 a 1973, a prof. Ivone Faccioli Paim. Até esta data lecionaram na escola e no Grupo Escolar 53 professores. Em 19-4-1942 foi inaugurado o novo prédio do Grupo Escolar, posteriormente demolido para dar lugar à construção do atual Colégio Estadual.

Por iniciativa do Pe. Frei Casimiro Zafonatto e do Pe. Frei Rovílio Costa, em 8-4-1964 foi fundada a Sociedade São Luís pró-construção do Ginásio Estadual, que foi criado em 24-8-1968, por Decreto nº 19.543 do Governador Walter Peracchi de Barcelos, sendo Secretário de Educação e Cultura o Prof. Luís L. de Farias. O belo prédio do Colégio foi solenemente inaugurado em 1969, com início das aulas da primeira série ginásial e uma matrícula de 120 alunos, passando em 1970 a 146 e em 1971 a 165.

Em 15-4-1974, foi criado o 2º Grau, ato presidido pela Delegada de Ensino de Vacaria, prof. Maria Videlvina Borges Basso e pela prof. Cidory Maria Scotti. Desde a sua inauguração, o

Colégio Estadual absorve todas as atividades escolares da vila, com 1º e 2º Grau. O primeiro e atual diretor é o prof. Méris Antônio Mascarelo. Em 1978, o Colégio possuía uma matrícula de 650 alunos.

O Cartório Distrital de Registro iniciou suas atividades em 1891, tendo como primeiro escrivão o sr. Boaventura Dutra, seguido de Manuel Antônio Pereira, José Subtil de Oliveira, Aparício Subtil de Camargo, Emílio Subtil de Camargo (até 1924), Anatólio Rodrigues Pinto (1959-1975) e Marlene Stein Wilbert.

O primeiro Juiz Distrital foi Augusto José de Sousa, seguido de Manuel Claro de Lima, Marino Parizzotto, Alberto Biglia, Sílvio Zanella, Ângelo Zanotto, Antônio Sartor e Horácio Parizzotto.

A iluminação elétrica da vila foi inaugurada em 1950 com energia da usina do Saltinho.

Durante o governo do Prefeito Sátiro Dornelles Filho, a fim de resolver o impasse surgido pela pretensão de Antônio Prado de desanexar o Distrito, Ipê perdeu uma área de 98 km². O Distrito possui hoje uma superfície de 267 km², distribuídos em serra e campo.

Na região de serra, dividida em minifúndios, cultiva-se milho, trigo, soja, uva, batata, maçã... Parte do campo é destinada à pecuária, outra à lavoura mecanizada com cultura de trigo, trigo mourisco, soja...

Ipê destacou-se na Indústria desde os primórdios de sua fundação, com numerosas serrarias e moinhos. Entre estes destacavam-se outrora o de João Bressan, conhecido por João da Volta. Atualmente Ipê possui numerosas indústrias, que proporcionam grande renda para o Município, podendo o Distrito sozinho arcar com o orçamento necessário para se transformar em município.

O Moinho moderno, fabricante da famosa farinha "Ipê", foi fundado em 11-11-1961, tendo como 1º presidente o sr. Cláudio Antônio Varaschin; seu atual diretor administrativo é Olmesio A. Varaschin. A Cooperativa Mista Ipê Ltda., fundada em 2-4-1944, teve como 1º presidente o sr. João Batista Mussatto; atual, Tersílio Damiani. Indústria de Vidros Ipê Ltda., fabricante de garrações, possui filiais em Caxias do Sul e no distrito Industrial de Vacaria. Oficina São Luís Ltda., fábrica de carrocerias e posto de gasolina. Fábrica de Calçados de Lino Zanotto. Artesanato de vimes da

família Baldo.Três Cooperativas...

O subintendente em 1913 era Marcolino da Silva Furtano, que teve como sucessores: Manuel Vieira de Sousa, Ramiro Vieira de Sousa, Laurentino de Sousa, Aristides Arioli (1930), Onofre Paim, José Fernandes da Rocha, Juvenal Paim Lemos, Gomercindo da Fonseca Orzi, Gabriel Mussatto...

Ipê orgulha-se de Moisés Mondadori, o pioneiro dos gravadores de discos do Rio Grande do Sul. Embora nascido em Antônio Prado, residiu amaior parte de sua vida no distrito de Ipê, na Linha Virgínia, onde faleceu em 17-12-1976.

Em 1914, na Casa Elétrica de SAVÉRIO Leonetti, em Porto Alegre, aprimeira gravadora do Estado, Moisés auxiliado por seu irmão Dante Modadori, exímio musicista e cantor, gravou mais de 30 músicas, algumas de sua autoria. Foi ele que fez primeira gravação de “O Boi Barroso” e “MateAmargo”.

Moisés Mondadori era casado com Elisa Pelin e teve dez filhos. Foiagricultor e oleiro. No seu funeral, realizado em Antônio Prado, foram rodadas músicas por ele gravadas.

Ainda no corrente ano de 1978, a Sociedade Beneficiente São Luís, soba orientação do Pe.Frei Casimiro Zafonatto, empreendeu movimento pró-construção de um Hospital, na futura cidade de Ipê.





Figura 122 Moisés Mondadori, com sua gaita a ponto, com que fez as primeiras gravações de músicas em discos no Rio Grande do Sul em 1914, na Casa “A Elétrica” de Porto Alegre.



Figura 123 Festa de São Sebastião em Vila Ipê na década de 1920.



Figura 124 Grupo Escolar “São Luiz” — 1937 — Vila Ipê — Professoras: Adalgisa Boeckel — Aurora Brito — Heloisa Ferreira — Elvira L. Barcelos — Diretora: Maria Dic. Subtil.



Figura 125 Vista Central de Vila Ipê, destacando-se, a partir do alto: Ginásio de esportes, Seminário, Escola N.Sra. Auxiliadora, mais no centro: Ginásio Estadual e Cooperativa Mista.



Figura 1261978: Seminário Seráfico Nossa Senhora de Fátima.

SÃO MANUEL - 3º DISTRITO

Distrito criado em 17 de novembro de 1913, São Manuel chamava-se primeiramente Vila Korff, nome do primeiro povoador da localidade, descendente de imigrantes alemães, o qual, juntamente com outras famílias da mesma origem, aqui se estabeleceu em fins do século passado, por ocasião da abertura da estrada Rio Branco.

Por aqui passavam as tropas de Vacaria que se dirigiam a São Leopoldo e Porto Alegre, via Caxias, Canela e Taquara do Mundo Novo. Situado à margem direita do rio das Antas, hoje a 11 km da BR-116, o povoado entrou a crescer após a inauguração da ponte sobre o rio das Antas, mais conhecida por Ponte do Korff, ocorrida no dia 15 de fevereiro de 1907. É a primeira ponte construída sobre o rio das Antas e, sendo de ferro, ainda em boa conservação. A ponte fez crescer o trânsito de tropas, e abriu o caminho para as carretas, que vinham substituir a tropa de

cargueiro, com grande vantagem.

A vila chegou a ter três fortes casas comerciais, um moinho a cilindro, que fornecia luz elétrica à população da vila, uma Cooperativa Agrícola “Maurício Cardoso Ltda.” e 8 serrarias pelas imediações.

Eram terras fertilíssimas, que logo atraíram numerosos imigrantes de origem italiana da região de Caxias do Sul, aos quais se deve todo o desenvolvimento do Distrito, baseado na agricultura e na vitivinicultura.

O terreno para a construção da capela foi doado por D. Balbina Mariade Jesus. João Francisco de Oliveira, auxiliado por Domingos Catafesta e outros moradores de origem italiana, construiu a capela em pleno sertão, quando chegavam os primeiros colonizadores. Os primeiros fabricantes da capela de São Manuel foram: Francisco Prandi, Valêncio Castelassi, Alcides Magrinelli e Valente Berlato.

Em 1950, quando foi criada a paróquia, a vila passou a chamar-se São Manuel. A paróquia foi criada por D. Cândido Bampi, Bispo-Prelado de Vacaria, em 15-8-1950, ocasião em que foi nomeado o primeiro Vigário, na pessoa do Pe. Narciso Zanata, que administrou a paróquia até 2-3-1952, sendo então substituído pelo Pe. Benjamin Miotto que dirigiu São Manuel até 26-5-1957.

A posse do Pe. Narciso Zanata foi dada por D. Cândido, na presença do Pe. Frei Mateus Dolzan, Cura da Catedral, tendo servido de padrinho o Major João Lindolfo da Costa, Comandante interino do 3º Batalhão Rodoviário, junto com Jacó Tondelo. O ato teve lugar no dia 20 de agosto de 1950.

Seguiram-se os Vigários: Pe. Santo Ari Pelisser (26-5-1957 a 22-6-1958); Pe. Joaquim Baracetti (22-6-1958 a 5-9-1960); Pe. Guido Pereira de Castro (de 5-9-1960 a 26-2-1967).

Em 1966, por ordem do sr. Bispo, o Pe. Guido P. de Castro transferiu-se para a capela de São Bernardo, junto à BR-116, a qual passou a sede paroquial, provisoriamente.

Acontece que a abertura da BR-2, hoje BR-116, desviando o trânsito da entrada Rio Branco, deslocou grande parte da população de São Manuel para São Bernardo e Campestre, capelas situadas às margens da nova rodovia. Não Manuel, apesar de continuar sendo sede do Distrito, foi decaindo em importância e movimento.

O novo Vigário, Pe.Gentil Domingos Benini, cedido pelo Bispo deCaxias do Sul, D.Benedito Zorzi, assumiu em 26-2-1967. Visto como eradoente recebeu um coadjutor, o Pe. Luiz Pasa. OPe. Benini veio a falecer nodia 28-6-1971, no Hospital de São Marcos, sendo sepultado em Antônio Prado.

A paróquia ficou vacante até 31-12-1971, sendo administrada pelo**Cônego** Luiz Lovatel, Secretário Geral do Bispado de Vacaria. Em 1-1-1972,foi nomeado Vigário o Pe.Olímpio Pagnoncelli, que permaneceu até 1-10-1972.

Em 1º de outubro de 1972, o Bispo D.Henrique Gelain, criava a Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Campestre, com os mesmos limitesda antiga Paróquia de São Manuel, às margens da BR-116, ponto central dapopulação.

Campestre tirou o nome de um campestre existente no local, isto é, umpequeno campo cercado de mato. As terras pertenciam a Samuel Guazzelli eTrajano Paim e foram sendo adquiridas pelos colonizadores de origem italiana.

Antônio Gozzi, o primeiro morador, doou um terreno de 7.500m² para aconstrução da capela. Chegaram depois os seguintes colonizadores: EmílioCosta, Vitório Nichele, José Bissotto, vulgo Canela, que em 1945 construiuum moinho e abriu casa de comércio no local onde surgiu a Vinícola Pergola.Alcides Tamagno e Ernesto Balardin abriram outra casa comercial. JoséSchio e seu filho Luiz construíram a primeira usina elétrica.

Em 1945 foi construída a capela de Nossa Senhora Auxiliadora deCampestre. A imagem da Padroeira foi oferecida pelo sr. Bispo-Prelado, D.Cândido. No dia 29-10-1950 a imagem era solenemente transportada em carro oficial desde Vacaria, sendo saudada pelo Vigário de São Manuel,Pe.Narciso Zanata. Houve solene missa cantada pelo coral “Santa Cecília”,do São Manuel.

O salão da igreja foi inaugurado em 25-11-1970. A casa paroquial foi benta e inaugurada por ocasião da posse do novo Vigário, dia 1-10-1972.

Naquele dia, D.Henrique Gelain, Bispo diocesano, dava posse de Vigário ao Cônego Luiz Marino Lovatel, na presença do Prefeito Otacílio Rech e dos candidatos a prefeito Dr. Marcos Palombini e Vital José Bossler;Pe.Olímpio Pagnoncelli, Maria Helena da Costa Ribas, Adolfo Rech, AlbinoP.Frozi, Cristiano

Armigliato, Camilo José Ramos e Santo Bernardino Lovatel, irmão do Vigário.

A Escola de Campestre foi construída em 1948 com donativos da população. O sino foi bento em 30-9-1951, com uma grandiosa festa.

Campestre dista 22km da sede do Município. A Paróquia conta com 11 capelas, como segue, com sua respectiva comissão:

São Bernardo: Antônio Armigliato, Aricieri Magrin, João Piroli, Vitorio e Valdemar Baticini. São Bernardo era uma simples capela antes da abertura da BR-116. Transformou-se ao depois num próspero povoado, com boas casas de comércio, oficinas mecânicas, posto de gasolina, nova igreja de alvenaria, grande salão de festas. São Bernardo é o povoado de maior movimento entre Vacaria e São Marcos.

São Manuel: Olivir Oss Emer, Severio Zanotto, Henrique Poloni e Valdimir Zanella.

Nossa Senhora da Saúde: Serra do Meio: Sílvia Rech, Armelindo Citone Zeno Panassol.

Nossa Senhora da Glória: Ângelo Anselmo Vicenzi e Olímpio Rizzo.

São José - Guacho: Adelar Ricardo, Otacílio Padilha e Valdemar Pontalti.

Nossa Senhora das Graças: Casemiro Rech, Avelino Rech e Francisco Herves.

São Roque: Travessão Espora: Honorino José Cecato, Ernesto Mezzavila e Adolfo Panassol Sobrinho.

São Paulo: Rio Vieira: Alexandre Turmina, Hilário Vicenzi e José Turmina.

Gruta Nossa Senhora de Lourdes: Ernesto Piroli, Laurindo Piccoli e Raimundo Piccoli.

São Sebastião: João Ciequelin Neto, Arlindo Armigliato e Osvaldo Cechinato.

São Prudente: Tronco: Laurindo Roveda Filho e João Alves dos Passos.

A paróquia de Campestre deu vários sacerdotes e religiosos à Igreja. Entre eles destacam-se o Pe. Frei Sílvia Armigliato, ex-superior provincial dos Capuchinhos de Brasília, o Pe. Germino Pagno, Vigário de São Paulo de Lagoa Vermelha, Pe. Frei Alcides Armigliato, vigário de Bom Jesus.



O Distrito de São Manuel possui uma área 598km² e uma altitude de 840 metros. O território é constituído de zona agrícola e zona pastoril, havendo 168 fazendeiros e 187 agricultores. Os principais produtos agrícolas são: trigo, 369.900kg em 1941, conforme Relatório do Prefeito Dornelles Filho. Segundo o mesmo Relatório: Milho: 1.436,400 kg; Uva: 568.640; Batata: 47.330 kg; Feijão: 27.850 kg; Alfafa: 91.300 kg; Linho: 10.000 kg. Em 1978 foram colhidos cerca de 4 milhões de quilos de uva.

Existem no Distrito duas quedas d'água: uma no rio Faxinal, com 35 metros de altura, outra no rio Guacho, com 43 metros de altura.

O Distrito possui uma imensa riqueza *in natura*, que é a pedra branca para paralelepípedos, que já estão sendo exportados para vários municípios gaúchos e Lages.

Em 14-10-1968, Ângelo Matana e Alcides Pamagno fundaram a Vinícola Pergola, hoje de propriedade de Maurício Zanotto e outros. Em 1978 o grupo Cerezer, de São Paulo, instalou aqui a Vinícola Castelo.

Em 22-5-1972 começou a funcionar em Campestre o Posto do Correio, tendo como primeiro agente Daniel Pagno, e atualmente Udete Amabile Cecato.

Em 4-9-1973 foi transferido de São Manuel o Cartório Distrital, tendo como primeira escrivã Marlene Stein Wilbert. Hoje o escrivão é Geraldo Antunes.

Em 14-12-1977 a Companhia Estadual de Energia Elétrica CEEE ligava a luz elétrica a Campestre, vinda da cidade de Vacaria.

O 3º Distrito orgulha-se de ter sido berço do Dr. Sinval Sebastião Duarte Guazzelli, Governador do Estado, aqui nascido em 24-1-1930, filho de Samuel Guazzelli Filho e de Virgínia Duarte Guazzelli. O registro de nascimento foi feito em 20-2-1930 pelo escrivão Faustino Machado de Moraes.

No 3º Distrito, entre outros vultos de projeção, nasceu o sr. Octacílio Rech, ex-Prefeito de Vacaria, filho de João Rech.

A maior empresa de transporte rodoviário de Vacaria surgiu em Campestre, o Rodoviário Schio, com gigantesca frota de caminhões com linhas nacionais e internacionais.



Figura 127Campestre 01.10.1972 - instalação da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora e posse do Vigário Cónego Luiz M. Lovatel, pelo bispo D.Henrique Gelain, acompanhado pelo Pe. Olímpio Pagnoncelli.

MUITOS CAPÕES – 7º DISTRITO

Chamava-se primitivamente Raia da Capoeira. A capela de Santo Antônio dos Muitos Capões foi inaugurada no dia 13 de junho de 1901, pelo Vigário Pe. Mário Deluy, por cuja iniciativa foi construída, tendo o fazendeiro Manuel Martins de Barros e sua esposa Polidora Barros feito doação do terreno para a capela, praça e povoado.

A primeira comissão da capela era constituída dos seguintes membros: João Propício da Silva, Pedro de Sousa Godinho, Manuel Inácio, Manuel Galvão dos Santos, Raimundo Pereira dos Santos, Manuel Martins de Barros e Elisiário Boeira.

A primeira casa da vila foi edificada por Porfírio Antunes, que a doou, por escritura, a Prudência Rosa, que, por sua vez, a vendeu a Miguel Baldani, que habitava o prédio ao tempo da fundação do povoado. Moravam, em companhia deste, Manuel Soares dos Santos, Maria Petiça e Jovelina.

Nesse mesmo ano de 1901, foi construída uma casinha no início da raia e nela funcionou a 15ª escola pública de Vacaria, que teve como regente o professor José Rodrigues Padilha.

Em 1906 havia apenas seis prédios, habitados por Artur Gomes Soares, negociante, esposa Francisca Ferreira Soares e 7 filhos e dois pensionistas: José e Joaquim Teixeira de Lemos; Ucilô

Prandi, sapateiro, esposa e 2 filhos; Miguel Baldam, curtidor; Manuel Soares dos Santos, trançador; Chiassi e Asdrubal Falavigna, negociantes; Emílio Teschoepki, seleiro, esposa e 5 filhos; José Fernandes de Oliveira, professor, que residia em ótima casa, construída pelo povo para nela funcionar a escola. Residiam com ele Lídio Fileto de Oliveira, Pedro e Astrogildo Luís Teixeira, alunos pensionistas.

Em 1907, residiam no povoado: Elisiário Emídio das Chagas, criador, esposa e 3 filhos; Pedro de Sousa Godinho, negociante, esposa Lúcia Hoffmann Godinho, os filhos Narciso, Guilhermina, Ramiro e André; Matilde Melo e Catarina Pereira, meretrizes; Maria Antunes, octogenária, fabricante de cochinilhos; Cabo João Gomes, Maria Silva e 3 filhos; Maria do Sul e Jerônima.

No dia 17 de abril de 1904, Muitos Capões foi teatro de um crime que abalou a sociedade vacariense e a própria Capital do Estado. Por ocasião de uma carreira, foi assassinado o tenente coronel Francisco Barreto do Amaral, filho do ten. cel. Fidêncio Barreto do Amaral e Maria Teles de Sousa Amaral, nascido em Vacaria a 4-10-1869. Era casado com Joaquina Ruiz Ferreira, que deixou viúva com 9 filhos. Tomara parte, como legalista, na Revolução de 1893, em vários combates. Em 1901 fora promovido a ten. cel. Comandante do Batalhão de Infantaria da 19ª Brigada da Guarda Nacional de Vacaria.

O crime foi praticado por motivos políticos, a mando do ten. cel. Manuel Ribeiro de Carvalho, vulgo Capitão Sinhô, da facção do cel. Avelino Paim de Sousa. Júlio Veppo dera ordem a seu guarda para que atirasse contra a vítima que se encontrava dentro de uma casa. Veppo fora promovido a alferes por Avelino Paim, sob o comando do capitão Manuel Fabrício Vieira, após haver tomado parte na campanha de Canudos, contra Antônio Conselheiro.

Entre os primitivos povoadores do Distrito de Muitos Capões, destacam-se os fazendeiros: Manuel Galvão dos Santos, falecido em 1923; Anastácio Antônio da Costa, falecido em 1922, pai de D. Adelaide Moreira Nery, esposa do sr. Dinarte Nery dos Santos; Antônio Maria do Sacramento; Manuel Cabral, Pedro de Sousa Godinho; Vilar do Moreira...

Em 1908, Muitos Capões recebeu a visita de Dom João Antônio Pimenta. Bispo auxiliar de D. Cláudio José Ponce de Leão,

Bispo de Porto Alegre. Outro bispo que visitou Muitos Capões foi D.João Becker, em 19-3-1933, tendo como secretário o Pe.Alfredo Vicente Scherer, seu sucessor e primeiro Cardeal de Porto Alegre.

Em 1918 entrava em Muitos Capões o primeiro automóvel, de propriedade de Narciso Maccari, forte comerciante da Extrema.

Em 1936, tendo à frente da comissão Ramiro Hoffmann Godinho e Pedro Guagnini, foi construída a nova capela, que serviu para o culto até 1960, quando foi inaugurado o novo templo, de alvenaria. Desde alguns anos residem na vila as Irmãs de São José, que lecionam no Ginásio Santo Antônio, inaugurado em 1968, e auxiliam o culto religioso, atendido pelos Padres da Paróquia da Catedral.

O Distrito de Muitos Capões foi criado em 18-10-1917 por ato nº 52, sendo intendente Severiano Borges Pereira. O Distrito possui uma área de 400km². Graças à rodovia BR-285 e ao Ginásio Santo Antônio, Muitos Capões é a única vila da região da campanha que, em lugar de decrescer, vem progredindo. A sede do Distrito está a 985 metros de altitude.

Em 1939 Muitos Capões inaugurava a primeira usina hidroelétrica do Município, com grandes festejos, missa campal celebrada por D.Cândido Bampi, discurso do Prefeito Dr.Sátiro Dorneles de Oliveira Filho, estandopresentes outras autoridades municipais. A usina, de 18 quilovates, estava instalada no arroio da fazenda de Raimundo Nery dos Santos, a 1.300 metros da vila. Em 1978 a vila passou a receber energia elétrica da Companhia de Energia Elétrica do Estado — CEEE.

As reuniões sociais realizam-se no Clube União Capoense, que foi destruído por um incêndio em 1976, sendo construído um novo prédio de alvenaria, sob a direção de Adelgides Teixeira Borges (falecido em 1977), Luiz Roveda, Osvaldo Hoffmann Nery e Alcides Moreira.

O Ofício Distrital de Muitos Capões foi criado em 1917, tendo como escrivão Claro João Pereira, até 1938, seguido de Francisco José dos Santos, até 1944, de José Alves da Costa até 1974 e daí, Rita E. StoffelMondadori.

O 1º Juiz de Paz foi João Pereira de Lima, seguido de: Pedro Nery dos Santos, Manuel Inácio Gomes, Antônio Joaquim da Costa, João Nery dos Santos, Adelgides Teixeira Borges, Wolnei Teodoro de Oliveira Tschoepe e Darci de Oliveira Santos.

Em 1977 o Estado encampou o Ginásio Santo Antônio, que vinha sendo mantido pela comunidade. O Grupo Escolar Dom Frei Vital de Oliveira, que funcionava no antigo prédio, passou a ser integrado ao Ginásio Santo Antônio.

Em 1978 existiam na vila três casas comerciais, com os proprietários Reissoli Roveda dos Santos, Wolnei Teodoro de Oliveira Tschoepe e Argemiro Roveda, e mais uma churrascaria de Telmo Rossi, junto ao Posto Texaco, na rodovia BR-285. O sr. Telmo Rossi, vereador pela segunda vez, possui enorme coleção de antiguidades, salientando-se de armas usadas outrora em Vacaria e na região.



Figura 128 MUITOS CAPÕES — 19 de março de 1933 — Visita do Arcebispo D. João Becker, ao lado do Pe. Vicente Scherer, futuro Cardeal de Porto Alegre. A esquerda, de perfil: Claro João Pereira, escrivão; Pedro Nery dos Santos, segurando a fita à direita; Manuel Inácio Gomes, 1º juiz distrital e comerciante de Muitos Capões, segurando a fita à esquerda.



Embaixo — Vista geral de Muitos Capões no mesmo dia 19-03-1933.



Figura 129 MUITOS CAPÕES — 06.02.1915 — Casamento de Pedro Nery dos Santos com a prof.^a Guilhermina Hoffmann Godinho. Conforme costume da época o noivo aparece a cavalo, vestido de capa branca e guarda-sol.





Figura 1301910 - Delfino Nery dos Santos, esposa Brandina Maria e filhos Dinarte e Álvaro. Uma das famílias pioneiras de Muitos Capões.



Figura 131Uma bela Família de Muitos Capões — André Hoffmann Godinho, esposa D. Amália D'Ávila Godinho e filhos -1968.



Figura 132 MUITOS CAPÕES — 1939 — inauguração da Usina Hidroelétrica. Da esquerda: André Hoffmann Godinho, Dorival Roveda, eletricitista Clemente Pozzolo, Bento Teles de Abreu, Dr. Albino Zanella, D. Cândido, Antônio Gomes, Dr. Lupi, Dr. Eugênio Dias, Ramiro Hoffmann Godinho, Dinarte Neri dos Santos, Prefeito Sátiro Dorneles, João Lino Guagnini, Dr. Adão Viana e Pedro Guanini, farmacêutico.

REFUGIADO – 5º DISTRITO

A Capela de Nossa Senhora do Rosário do Refugiado foi fundada no dia 8 de maio de 1900, pelo Pe. Mário Deluy, pároco de Vacaria. No dia 20 de dezembro de 1965, com a aprovação da Lei nº 624 pela Câmara Municipal, o Prefeito Protásio Duarte Guazzelli, sancionando-a, criou o Distrito de Refugiado, desmembrado do 1º Distrito, tendo como sede a vila do Rosário.

Os limites do novo Distrito são: Passo do Viana; Estrada geral partindo do Passo do Viana até encontrar o rio Quebra-Dentes; descendo este rio até encontrar o rio Refugiado; subindo o rio Refugiado até encontrar o Passado Viana.

O Refugiado, com uma superfície de 200 km², abrange uma extensão de campo e outra de serra, na encosta do rio das Antas, onde vivem numerosos colonos de origem italiana, que cultivam especialmente o milho e a uva.



Figura 133Governador Walter Jobim em Muitos Capões - Prefeito Luiz Scüller (sentado), Fidelcino Borges Nery (de óculos escuros).

SÃO PAULO - 11º DISTRITO

A Capela de São Paulo foi fundada em princípios deste século por imigrantes de origem italiana, que penetraram naquela região montanhosa e de mata, adquirindo terras que foram posses de vários fazendeiros.

Em 5 de agosto de 1953, o Prefeito Municipal Porcínio Borges Pinto, aprovou a Lei sancionada pela Câmara Municipal, criando o 11º Distrito com a denominação de Distrito de São Paulo, com sede na Capela de São Paulo, mais vulgarmente conhecida por São Paulino.

O novo Distrito, desmembrado do 9º Distrito, tem as seguintes divisas: Ao Norte, partindo da estrada geral Júlio de Castilhos, na Taipinha, seguindo pela estrada da Taipinha até chegar ao rio Telha; ao Oeste, do encontro da estrada da Taipinha com o rio Telha, pelo rio Telha abaixo até à barra do Segredinho; ao Sul, da barra do rio Segredinho e por este acima até encontrar a estrada que vai para a Capela de São Paulo ao Capão dos Bugres, até a estrada de Júlio de Castilhos; ao Leste, partindo do encontro da estrada do Capão dos Bugres com a Júlio de Castilhos e seguindo por esta até o ponto de partida.

O Distrito de São Paulo, de 180 km², o menor do Município, constitui-se quase exclusivamente de serra, cultivado por imigrantes de origem italiana, enquanto são poucos os fazendeiros e alguns granjeiros.

A Paróquia de São Paulo foi criada em janeiro de 1969 pelo Bispo de Vacaria, D. Henrique Gelain. O seu primeiro Vigário foi o Pe. Antônio Alessi, que dirigiu a paróquia até 28-1-1978, quando assumiu o Pe. Evaldo João Petry.

Na sede do Distrito, funcionam várias casas de comércio e uma Escola Rural do 1º Grau, com aproximadamente 200 alunos. São Paulo não dispõe de Cartório Distrital, encontrando-se sob a jurisdição da vila de Segredo, da qual dista apenas seis quilômetros.





Figura 134 ESCOLA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO de Vista Alegre, hoje Ituim – 04.05.1928, professores: Daniel Castro Fortuna e esposa D.Vitória Fortuna.

ITUIM - 2º DISTRITO

Criado em 17 de novembro de 1900, com o nome de Vista Alegre, passou a denominar-se depois Entre Rios e, enfim, durante o governo do Prefeito Dorneles de Oliveira Filho, Ituim. Possui uma área territorial de 459 Km², situada entre o rio Humatã (Turvo) e Ituim (Saltinho). Neste rio, na Cascata dos Micos, foi instalada a usina elétrica do Município, situada a 12 km da sede do Distrito. Forma divisa com os municípios de Lagoa Vermelha e Nova Prata.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Ituim foi fundada ainda no século passado, sendo uma das mais antigas do Município. Avila, nas décadas de 1910 e 1920, possuía numerosas casas, entre as quais trêz estabelecimentos comerciais. Na década de 1940 existiam no Distrito 281 fazendeiros e 112 agricultores, 3 moinhos, 1 armazém de campo e trêz pequenos armazéns, trêz pensões; 1 Grupo Escolar Municipal, uma Aula Estadual Isolada e sete escolas municipais, com um total de 225 alunos.

Havia então na sede 142 habitantes e 25 prédios; no interior, 1.630 habitantes e 234 prédios. Em 1941 houve uma produção agrícola de 29.747 quilos de trigo, 206.705 quilos de milho, 44.448 de batata, 24.849 de feijão, 177.125 de mandioca e 14.173 de alfafa. Existiam naquele ano 68 veículos de tração

animal e 1 automóvel.

João Mondadori, que ainda reside na vila, esteve estabelecido com forte casa comercial de 1926 até 25-6-1956. A vila caiu em decadência nas últimas décadas, havendo atualmente nela apenas meia dúzia de prédios. A nova capela foi construída há cerca de 25 anos. O salão da sociedade encontra-se abandonado, prestes a cair.

O ofício Distrital é atualmente atendido por Rita E. Stoffel Mandadori.



Figura 135 INAUGURAÇÃO DOS SERVIÇOS TELEFÔNICOS EM VACARIA 31-10-1947. D.Cândido, ao lado do Sr. Lucídio Corrêa e demais funcionários da Companhia Telefônica Riograndense. Frei Geraldo, Vigário Geral.

SERVIÇO PÚBLICO

ÁGUA - No século passado e até a década de 1930, não havia encanamento de água na vila, sendo as casas fornecidas por poços, fontes e aafamada bica. Os aguateiros, por volta de 1900, conforme informação do historiador José Fernandes de Oliveira, ganhavam três mil réis mensais, alémde outras ajudas dos proprietários.



A implantação de encanamento de água teve início durante a administração do Prefeito Dorneles Filho. Em 1950 a Secretaria das Obras Públicas do Estado iniciava o fornecimento de água à cidade.

Em 1966, com a fundação da Companhia Riograndense de Saneamento - CORSAN - o abastecimento de água ficou a cargo desta Sociedade de Economia Mista. A captação da água é feita no arroio das Pedras, mediante duas barragens, sendo uma à montante com capacidade de 650.000 M3, e a menor à jusante, no local das bombas de recalque, a uma distância de 1.000 metros uma da outra, com capacidade de 20.000 M3. A barragem da captação até a estação de tratamento dista 4.800 metros.

No mês de maio de 1978, a unidade de Saneamento de Vacaria contava com 6.650 economias ligadas. Os gerentes ou chefes da unidade da CORSAN em Vacaria foram: Adão Batista Pitan, Coca da Cruz Barcelos, Hermes Lirade Campos, Antônio Floriano de Sampaio, Octacílio Rech, Dalcione da Silva Orenge, Vitale Camilo, Ary Teixeira Jacques e, atualmente, Alcir Antônio Perin.

LUZ ELÉTRICA - No dia 1º de janeiro de 1912, foi inaugurada a luz elétrica na vila, por iniciativa do mecânico Eugênio Adami. Na década de 1920, a firma Adami, Almeida & Cia instalou novo sistema, melhorando a iluminação pública. Mais tarde, a mesma firma montou uma usina hidroelétrica no Cascatas dos Micos, no rio Saltinho (Ituim), a 30 km da cidade, com capacidade de dois mil cavalos. O Prefeito Sátiro Dorneles de Oliveira Filho encampou esta usina, ampliando sua capacidade.

Fundada a Companhia Estadual de Energia Elétrica — CEEE — a Usina do Saltinho foi encampada pela companhia, ficando o setor subordinado a Nova Prata. Em 1965 foi criada a gerência de Vacaria, tendo como titular o sr. Manoel Venâncio Dutra Rocha. Desde 1971 encontra-se na gerência o sr. Jorge Feijó Machado.

Vacaria não se encontra ainda interligada ao sistema Sul, que abrange os três Estados do Sul, estando o fornecimento de energia elétrica dependente de geradores a Diesel e da Usina Hidroelétrica do Saltinho, que fornece um quarto do consumo, isto é, 900 quilowates, sobre um fornecimento de ponta de carga de 4.500 quilowates. Até o fim do corrente ano de 1978, Vacaria estará

interligada ao Sistema Geral Sul. Existem 6.100 consumidores no Município.

CORPO DE BOMBEIROS — A Estação do Corpo de Bombeiros de Vacaria foi criada em 24 de setembro de 1956, durante a administração do Prefeito Dr. Nicanor Kramer da Luz, tendo como 1º Comandante o Ten. Horácio Aguiar, seguido dos sargentos Ari Lopes e Alair de Oliveira Borges, Ten. Fernando Batista e, desde 1967, Ten. Anuar Pereira de Sousa, quem em 8-7-1978 transmitia o comando ao seu filho Juarez Fernandes de Sousa.

A Estação encontra-se instalada em prédio da Prefeitura Municipal, **junto** do qual, em 1976, foi inaugurado moderno Estádio de Esportes, inédito no Estado em qualquer Estação do Corpo de Bombeiros. Trabalham na Estação 42 praças e 8 funcionários civis, dispondo de 3 Auto-bombas-tanques e uma Bomba portátil.

AGENTES DO CORREIO - Entre os numerosos agentes dos Correios de Vacaria, destacamos: Na década de 1900: Luís Gonzaga da Graça Bastos; na década de 1920: Clarinda Neri Gomes. Os últimos agentes: José dos Santos Lacava, José Maria Martins da Silva, Sulmer Leugheur, Carlos Delarue Brandão, Danton Clélio Rodrigues de Lins, Pedro Zingalli Sobrinho, Hélio Guthierres Medeiros e João Francisco Bordin, atual (1978).

TELÉGRAFO E TELEFONE - Sr. Raul Abbott, em 11-2-1901, procedia à inauguração do telégrafo, cujo primeiro funcionário foi Francisco dos Santos Ferraz, telegrafista o sr. Oscar Soares de Oliveira e na de 1920, José Dante dos Santos Lacava.

Em 31-10-1947, a Companhia Telefônica Riograndense inaugurava o telefone em Vacaria, tendo como 1º encarregado Lupi Fernandes Dias. Em 4-8-1975, o Governador Sinval Guazzelli inaugurava a moderna sede da CRT, com discagem direta a distância - DDD. Em 1966 assumia a gerência da empresa em Vacaria o sr. Ari Machado Espíndola, até 1974, sendo então substituído por Leonardo Calligaro, que se encontra no cargo em 1978.

CARTÓRIOS - Cartório de Imóveis, fundado em 1890, teve como primeiro Oficial do Registro Geral Natalício Bueno, que durante muitos anos contou com o ajudante Aladim Teixeira Borges; 2º Notário: Nabor Moura de Azevedo, seguido de Hermeto Correia Atti e Dr. José Walter Dolzan, desde 1970. O primeiro

registro foi efetivado em 5 de março de 1879, de um imóvel em Lagoa Vermelha, sendo adquirente André Cristiano Hoffmann e transmitente, Jacinto Ribeiro Leitão, pela soma de 150\$000.

TABELIONATO- A princípio funcionava junto com o Cartório do Registro Geral. O primeiro tabelião, Valdemar Paim; de 6 de agosto de 1968, o sr. Sesostres Campos dos Santos.

CARTÓRIO DE ÓRFÃOS E AUSENTES — Um dos primeiros escrivães: Major Daniel Ribeiro Martins, seguido de Júlio de Campos, Eudócio Teodoro dos Santos e Dirceu de Andrade Araújo, atual.

10º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR

Em 12-5-1970, foi criado o 10º Batalhão de Polícia Militar na cidade de Vacaria, ficando instalado na sede do extinto 3º Batalhão Rodoviário. A princípio sua área de ação abrangia os municípios de Vacaria, Bom Jesus, Esmeralda, Barracão, São José do Ouro, Cacique Doble, Lagoa Vermelha, Sananduva, Ibiaçá, Ibiraiaras, Nova Prata, Nova Bassano, Nova Araçá, Paraí, Veranópolis, Antônio Prado, São Marcos, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Farroupilha, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Garibaldi, Nova Petrópolis, Gramado e Canela.

Em 13-8-1974, foi criado o 12º Batalhão de Polícia Militar de Caxias do Sul, restringindo-se então a área de ação do 10º BPM, que passou aos municípios do Nordeste do Estado, além do rio das Antas. Até 24-9-1974 esteve no comando da Unidade o Ten.Cel. PM Ênio Teixeira Coelho, sendo então substituído pelo Ten.Cel. PM Octacílio Antônio Ferreira Filho, que ainda se encontra no posto em 1978. Em 1972 foi construído um prédio padrão da Brigada Militar, onde funciona a Administração da Unidade.

DELEGACIA DE POLÍCIA - Entre os numerosos Delegados da Polícia que se distinguiram em Vacaria, merecem registro: Na década de 1800, Boaventura Domingues Boeira; na década de 1900, Severino Antônio Boeira; na década de 1920; Alípio Ramiro Porto, que teve notável atuação na Revolução de 1923.

Os últimos Delegados de Polícia foram: Dr. Marco Aurélio Reller Righel, Dr. Ari Nelson da Silva, que marcou época com sua brilhante atuação até 1978; Dr. Walter Alexandre Kebach é o novo Delegado no corrente ano de 1978.

Em 16-10-1976, foi inaugurada a CIRETRAN de Vacaria,

que antes dependia de Lagoa Vermelha.

EXATORIA ESTADUAL - antiga Coletoria - Nas décadas de 1890 e 1900, tinha por titular o Ten.Cel. Herculano Borges da Silva Costa; na década de 1910: Ten.Honório Cândido de Oliveira; na década de 1920: Jacinto Borges Coelho; a seguir: Teodolino Porto, Orestes Santos, Luís Jacinto Teixeira Schüller (até setembro 1959), Clódio Correia (até 1963), Júlio de Castilhos Ferreira (até 1965), Sinval José Fries (até 1965), Sérgio Duarte Tavares (até 1968) e Darcy Francisco Soldatelli (de dezembro de 1968 até o presente ano de 1978).

AGÊNCIA DA RECEITA FEDERAL - antiga Coletoria Federal - Nas décadas de 1890 a 1920 tinha por titular o sr. Luís Gonzaga da Graça Bastos, seguido por Quintílio Bridi, Bento Tondello e, a partir de 3-5-1978: Tércio Barreto d'Ávila, natural de Cachoeira do Sul.

CARTÓRIO DO REGISTRO OFICIAL - fundado em 1888, teve como 1º titular Zeferino Correia de Almeida, seguido de: José Fernandes da Cunha, Antônio do Vale Quaresma, Antero da Silva, Laudelino José Alves, Rubens Viterbo de Oliveira e Neri Odete Jacques Rosa, atual.

CENTRO DO BEM-ESTAR DO MENOR - CDBEM - foi fundado em 13-5-1975 por D. Ecléa Guazzelli, Primeira Dama do Estado, e pelo Dr. José Francisco Sanchotono Felice, Presidente da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, em solene sessão realizada na Associação Atlética do Banco do Brasil. Abrange quase todas as vilas, com três núcleos de ação.

A Diretoria atual está assim constituída: Protásio Borges Bueno, Padre Antônio Marques de Lima, Irmã Teresa Catafesta, Marta Guazzelli Costa, Teresa Davis dos Santos Wintor, Dr. Antônio Carlos Stangler Pereira, Juiz de Menores, Maria Videlvina Borges Basso e Geny Paim Mezzari.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL - INPS - foi criado em 22-11-1966, tendo como primeiro agente José Luiz Müller Neto; em 1-4-1976 o cargo de agente passou para o sr. Atheneu de Quadros, que se encontra no posto neste ano de 1978. O Instituto possui sede própria, ao lado da antiga Casa de Saúde do Dr. Elias Sadi, que também se encontra integrada, para atendimento de INPS e INAMPS.

ROTARY CLUB DE VACARIA - fundado em 12-9-1953,

teve por último na presidência: Dr. Mário Germano Wanderly, Jorge FeijóMachado e Ten.Cel. Fernando Oscar Lopes, empossado em junho de 1978.

LIONS CLUB DE VACARIA - fundado em 7-1-1958, teve como sóciosfundadores: Adão Sckeder Adames, Amaury Soares Silveira, Antônio Brasiliense, Casimiro Fernandes Caon, Flávio Sperb Jacques, Francelino Bortolon, Zulmiro José Rech, João Brizola, João Quilante da Câmara, José Milton Nogueira, José Monzur Abragim, Leonídia F. Gasperin, Luiz Sgarbi Fonseca, OlinorAdelar Mondadori, Audívio Colatto e Setembrino Guerra. Os últimos presidentes foram: Dr. Ubiratan Pinto de Azevedo (75-76), Dr. Lauvir Marcarini da Costa (77-78) e Cel. Octacílio Ferreira Filho (78-79).

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA - fundada em 1968, teve na presidência Edite da Luz Lemos, seguida de Maria Paim de Andrade Stella, IedaRech (de 1970 — 76) e, atualmente, Maria José Guazzelli Costa; secretária, Neusa Vieira Marcantônio; tesoureira, Solange Barcellos.

CONSELHO DE ENTIDADES ASSISTENCIAIS DE VACARIA - CERVA, fundado por D. Ecléa Guazzelli em 13-5-1975, tem como presidente Maria José Guazzelli Costa; vice-presidente, Lóris Boscatto; secretário, Pe. Antônio Marques de Lima; tesoureiro, Tem. Anuar Pereira de Souza.

FINANÇAS

De acordo com a revista VISÃO, Vacaria figura com lugar de destaque entre os 500 municípios mais desenvolvidos do Brasil no ano de 1977, sendo no Estado o 12º município na classificação, e ocupando o 136º lugar em todo o Brasil.

Conforme estatística abaixo, verifica-se que o maior índice de crescimento econômico ocorreu após a implantação do distrito Industrial pelo Prefeito Dr. Marcos Palombini, em 1973.

Em 1950 a arrecadação da receita estadual foi de 4.410,00; a municipal de 4.168,00. Em 1956, estadual: 26.489,00; federal: 9.376,00; municipal: 12.117,00.

A arrecadação municipal foi crescendo acentuadamente

nos últimos anos: 1973 - 7.252.313,00; 1974 - 9.961.484,00; 1975 - 11.994.986,00; 1976 - 17.056.773,00; 1977 - 29.893.269,00.

Para o corrente ano de 1978, a previsão é de 41.500.000,00.

Em 1977, o Imposto de Circulação de Mercadoria do Estado arrecadou soma de Cr\$ 68.873.191,21, havendo Vacaria cooperado mais do que os municípios vizinhos de Lagoa Vermelha, Bom Jesus e Esmeralda, juntos.



Figura 136 INAUGURAÇÃO DO BANCO DO BRASIL — 10.03.1942 -
Sentado à mesa:

Floriano Gois, agente. Em pé, da esquerda: Contador, Américo Raul da
Cunha

Cerqueira, 2º, Jacinto Schüller, Casemiro Arpini e outros funcionários.

VIDA SOCIAL

Outrora, quando ainda não existiam clubes sociais, o povo reunia-se numa fazenda, em domingo ou dia de festa. O proprietário oferecia churrasco gratuito a todos os participantes. Tinha então lugar uma carreira e, por fim, um animado fandango, ao

som da sanfona.

Na sede, estas reuniões em geral se realizavam na fausta mansão do Cel. José Luís Teixeira, que se erguia no local da Casa de Saúde do Dr. Elias Saadi, onde hoje funciona o INPS. Reuniam-se ali rapazes e moças da sociedade local para se exercitarem em torneios de poesia popular, ao som da viola. Conforme narra o Prof. José Fernandes de Oliveira, entre estes jovens, destacavam-se: Sinfrônio Barreto do Amaral, Joaquim e Afonso Luís Teixeira, Libório Antônio Rodrigues, Salustiano Lima e muitos outros.

Os partidos políticos, muito atuantes no fim do século passado e nas primeiras décadas deste fundaram seus clubes sociais para os correligionários. Havia o Clube Avelino Paim, do Partido Republicano, e o Clube do Partido Federalista.

O cinema, hoje muito bem representado pelo Cine Guarani e Cine Querência, na década de 1920 era mantido por Carlos Haroldo Schereschewski, proprietário do Cine Teatro Lira. Como o cinema era mudo, havia sempre uma banda de música a tocar durante as apresentações.

O Cine Guarani foi fundado por Vespasiano Veppo e Carlos Haroldo Schereschewski, na década de 1930.

Na década de 1920, existia um Clube do Comércio, no qual teve lugar o primeiro Carnaval de Vacaria, em 1924. O atual Clube do Comércio foi fundado em 15-9-1936, possui sede social, sede campestre, piscinas, cancha de tênis, churrasqueiras, encontrando hoje sob a presidência do Dr. José Antônio Casanova e José Bressan.

Mais antigo que o Clube do Comércio é o Clube União Operária de Mútuo Socorro, onde em 1952, na festa de São Pedro, realizou-se o primeiro baile à gaúcha, durante o qual surgiu a ideia da fundação de um Centro de Tradições Gaúchas.

Destacam-se hoje o Clube Guarani, igualmente com sede social, sede campestre, cancha de esportes; a Associação Atlética do Banco do Brasil - AABB, fundada em 1º de maio de 1962, que tem hoje como presidente o sr. José Ari Amaral; Jockey Club, com sede social das mais frequentadas; Clube Recreativo União da Glória, Clube Querência...

Entretanto, o ponto social de maior destaque é o Galpão do CTG Porteira do Rio Grande, onde não só realizam reuniões de cunho tradicionalista, mas ainda festas cívicas, promoções,

aniversários... Durante a realização do Rodeio Crioulo Internacional e durante as Exposições, realizam-se grandes festas sociais, concorridos bailes nos galpões do Parque, nas barracas docamping, que se transforma em cidade, com intensa participação.

Para abrilhantar as festas sociais, existem vários conjuntos musicais, entre outros: **Os Taquitos**, fundado em 5-11-1976, formado por: Nereu B. de Abreu, José Carlos de Abreu, Alfredo A. Alves e Pedro G. dos Santos. **Os Caudilhos**, integrado por Zezinho, Cunha, Deoroci, João Maria e Heitor. **Os Vaqueanos**, grupo folclórico, fundado em 26-3-1975. **Teorema Show**, formado por Lauro, Marco, Heitor, Cilon, Alcir, Mário, Wanderley e Geraldo.



Figura 137 Octacílio Rech, ex-Prefeito de Vacaria e candidato a Deputado Estadual em 1978.



Figura 138 Getúlio Marcantônio, Secretário da Agricultura do RS.

CASSIANO RICARDO EM VACARIA

Entre os jornalistas, escritores e poetas que militaram em Vacaria, destaca-se primordialmente Cassiano Ricardo, um dos maiores nomes da literatura brasileira, líder do Movimento Modernista e membro da Academia Brasileira de Letras.

Embora contasse apenas 24 anos, quando aqui chegou, ele era conhecido em todo o Brasil como surpreendente revelação artística, havendo já publicado alguns de seus mais laureados livros de poesia, como “A Flauta de Pã”, “Dentro da Noite” e “Jardim das Hespérides”.

De São Paulo, onde não conseguira êxito na advocacia, veio buscar a glória no Rio Grande do Sul, “que sempre exerceu grande fascínio sobre o meu espírito. A começar pela figura de seus heróis, nos livros do grupo escolar” - como ele mesmo declara em seu livro de memórias “Viagem no Tempo e no Espaço”, no qual consagra mais de vinte páginas de líricos encômios aos gaúchos e, sobretudo, aos vacarianos.

Na pequena cidade de Vacaria de 1919 -1923, Cassiano Ricardo era o advogado mais brilhante e o orador de todas as grandes comemorações: “Nunca assomou à tribuna do júri, nesta cidade, figura tão impressionante e meiga” - assim escrevia a seu

respeitoumjournalistada terra.

Acerca da saudação que ele dirigiu a Assis Brasil, por ocasião da visitado líder político a Vacaria, declarou este, no seu discurso de agradecimento, “que, em todo o seu percurso de candidato, a mais convincente e mais belaoração que tinha ouvido (extrema bondade sua) foi a minha” (pág. 20).

Acontece que Cassiano Ricardo, naquele tempo de agitação política,havia abraçado a causa dos maragatos, combatendo Borges de Medeiros etrabalhando em favor da vitória eleitoral de Assis Brasil, do qual era “admirador entusiasta”.

Para dar mais eficiente apoio à candidatura do líder democrata, Cassiano Ricardo, em 1-4-1921, fundava o jornal “A pátria”, para cuja direçãohavia convidado um jornalista de renome, seu colega de Faculdade, AndréCarrazoni, autor do livro de poemas “Horas Perdidas”. Gaúcho de Santanado Livramento, maragato destemido, Carrazoni aceitou o convite, honrandoassim com sua presença o Município de Vacaria, onde conseguiu realizar um belo casamento com uma das mais lindas jovens, Dalila Costa, filha do ricofazendeiro Gustavo Rodrigues da Costa, embora a cerimônia fosse efetivada por procuração, encontrando-se ele no Uruguai, como exilado político.

“A Pátria”, semanário primorosamente redigido, além de agitar convigor e agressividade de alto nível temas políticos, debatia-se em prol dodesenvolvimento econômico, social e cultural da terra, publicava poemasinéditos de seus dois exímios diretores. Numerosas poesias de CassianoRicardo, algumas de suas mais apreciadas produções, antes de virem publicadas em livros, foram estampadas pela primeira vez no jornal “A Pátria”,havendo sido escritas em Vacaria.

Nesta pequena cidade serrana, Cassiano Ricardo viveu belas emoções.Aprendeu a andar a cavalo, a usar a garrucha na cintura, viu a neve, conheceu o minuano e 12 graus abaixo de zero.

Alguns processos judiciais, entre eles o do assassinato de PerfettoSiliprandi e o envolvimento na política provocaram o retomo de Cassiano Ricardopara São Paulo. Entretanto, toda a sua biblioteca jurídica ficou em Vacaria, confiada ao amigo Manuel da Fontoura Brito. Hoje esta preciosa relíquia encontra-seem poder da

família de Euclides da Fontoura Brito.



Figura 13923.07.1955 — Momento histórico para Vacaria: Assinatura da solução da questão do Pinhal, 10º Distrito, após 73 anos de trabalho, pelo Vice-Prefeito em exercício, Sr. Dinarte Fernandes da Fonseca, que aparece ao lado do Dr. Orlando Carlos da Cunha, Secretário da Agricultura, Juarez Pereira Luís, Álvaro Ingenfrig e Júlio Castilho de Azevedo, Empresário da Rodoviária.



VULTOS VACARIANOS

Gal. Firmino Paim Filho, grande figura política de Vacaria, advogado, coronel da Guarda Nacional, general do Exército, Conselheiro Municipal, Intendente de Vacaria (1909 - 1912), Comandante da Brigada Provisória do Norte, durante a Revolução de 1923, diretor geral da Secretaria do Interior do Estado no governo de Borges de Medeiros, Secretário da Presidência do Estado, Chefe de Polícia, fundador e 1º presidente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, deputado estadual, deputado federal e senador da República em 1930. Caudilho de raros dotes, comandou numerosos combates durante as Revoluções de 1923 e 1925, havendo organizado uma coluna contra as rebelde de Luís Carlos Prestes, em Palmas e Clevelândia. Embora nascido em S. Sebastião do Caí, em 1884, iniciou sua carreira política em Vacaria com os tios Avelino Paim de Sousa e Elisiário Paim Filho. Ainda em vida recebeu consagração dando seu nome a um município gaúcho. Esteve exilado no estrangeiro durante o Estado Novo, por se haver mantido fiel ao Partido Republicano. Faleceu em Porto Alegre em idade avançada.

Cel. Bernardo Moreira Paz, vulgo Major Doca, nascido em 1848, veterano da Guerra do Paraguai, filiado ao Partido Republicano Riograndense, combateu na Revolução de 1893, ao lado do Cel. Avelino Paim de Sousa, outro vulto proeminente que merece registro. Dotado de extraordinária bondade, era altamente estimado. Por ato do Prefeito Dorneles Filho, seu nome foi dado à principal avenida de Vacaria. Faleceu em 1915 com 62 anos.

Dr. Manuel Duarte - Advogado, formado junto com o Dr. Firmino Paim Filho, na primeira turma da Faculdade de Direito de Porto Alegre. Jornalista, fundou o **Debate**, que firmou tradição na história política do Rio Grande do Sul. Deputado Federal, constituinte de 1946, tendo sido presidente da comissão de redação do texto da Constituição. Escritor, escreveu vários livros: **No Planalto, Humildes, Sociologia Nacionalista, Brasileiro ou Brasileiro, Estância**. Nasceu em Vacaria em 1882, vindo a falecer em 1957. Foi Intendente de Vacaria e de São Sepé.

Dr. Nicanor Kramer da Luz - advogado de renomado prestígio, exerceu vários cargos públicos, como Prefeito de Vacaria

(1956 - 1960), Deputado Estadual, Secretário da Fazenda do Estado.

Cel. Libório Antônio Rodrigues - um dos maiores latifundiários de Vacaria, chefe político de extraordinário prestígio social, Presidente do Partido Federalista e do Partido Libertador; Presidente da Comissão pró-construção da catedral, tendo sido ainda presidente de quase todas as comissões de entidades assistenciais e culturais do Município. Faleceu em 1931.

Dr. Sinval Sebastião Duarte Guazzelli — advogado, Deputado Estadual, Deputado Federal, Presidente da Caixa Econômica Estadual e Governador do Estado em 1975 - 1978.

Dr. Getúlio Marcantônio - advogado, um dos maiores tradicionalistas e um dos fundadores do CTG Porteira do Rio Grande e um dos organizadores do Rodeio Crioulo Internacional; Deputado Estadual e Secretário da Agricultura do Estado no governo do Dr. Sinval Guazzelli.

Prof. José Fernandes de Oliveira - nasceu em Vacaria em 19-3-1984, filho de João Faustino de Oliveira e Virgulina de Oliveira, irmão do Dr. Lídio Fileto de Oliveira. Foi aluno da Escola Brasileira, de Porto Alegre, tendo como mestres Dr. Inácio Montana e o Dr. André Leão Puentes. Iniciou sua carreira de professor na 8ª Escola Pública de São Vicente do Sul, em julho de 1902. Em 1906 prestou concurso para efetivação no magistério público, sendo aprovado com o 2º lugar, entre mais de 200 candidatos. Foi então transferido para a 15ª Escola Pública de Vacaria em Muitos Capões, onde permaneceu até 1912, quando assumiu a regência da 1ª Escola Isolada de Vacaria, até 1922, passando em 1922 a integrar o Corpo docente do Grupo Escolar da Sede, hoje Padre Efrém, permanecendo até 1943, quando se aposentou. De 1931 a 1941 lecionou no Colégio São José.

Em 17-04-1915 casou com Videlvina Faccioli, filha do industrialista Caetano Faccioli, tendo dois filhos: Maria da Glória e Dr. Homero. Publicou o livro "Rainha do Planalto", sobre a História de Vacaria. Incansável batalhador pelo desenvolvimento de Vacaria, levantava cedo, levando uma vida metódica e organizada. Recusou três vezes o convite para dirigir os destinos do Município. Exerceu numerosas atividades na vida do Município, como Secretário do "Esporte Alegre dos Pampas", presidente da

Comissão da Catedral Diocesana, do Hospital Nossa Senhora da Oliveira, do Hospital D. Vital de Oliveira, do Apostolado da Oração, da Junta Diocesana da Ação Católica, da Comissão pró-Bispado de Vacaria, da Comissão Central do Centenário do Município; diretor do Internato Nossa Senhora da Oliveira. Em 1945, por motivos de saúde, transferiu-se para Porto Alegre, onde faleceu em 14-7-1973, com 89 anos. Seu irmão Dr. Lídio Fileto de Oliveira, advogado, jornalista, funcionário público, faleceu em 28-2-1978, em Porto Alegre.

Dr. Raymundo Faoro — advogado, escritor, autor de “Os Donos do Poder”, premiado pela Academia Brasileira de Letras, foi Procurador do Estado do Rio. Em 1976 disputou a presidência da Ordem dos Advogados do Brasil, que obteve derrotando o ex-Senador Josafat Marinho. Representante do Conselho Federal de Cultura no Conselho de Defesa dos Direitos Humanos, em 1972, agora, na presidência da OAB, Raymundo Faoro, destaca-se por sua agressiva atuação, aparecendo em manchetes no noticiário nacional.

Em 1978, recebem o “Prêmio Moinho Santista”, considerado “O Nobel Brasileiro”.

Eni Camargo — Eni Ferreira, casada com Osvaldo Camargo, soprano internacional, de grande renome, é um legítimo orgulho de Vacaria, sua terranatal.

Osvaldo Brandão — Embora não seja filho de Vacaria, foi aqui que o ex-treinador da Seleção Brasileira iniciou sua brilhante carreira de desportista, vestindo a camiseta do E. C. Brasil em 1947-1948.

Dr. Luiz Carlos Corrêa, proprietário da EDICLAS — Editora Clássica Jornal Ltda., autor do livro “Políticos Sul Rio-grandenses”, é filho de Lucídio Corrêa, político, agrimensor e comerciante de Vacaria, falecido em 11-6-1978.

Frei Lino Toigo (Frei Getúlio) nasceu em 4.4.1927, em Vacaria. Filho de João Toigo e de Joana Nicoletto Toigo. Ordenou-se sacerdote capuchinho em 16.7.1950, em Porto Alegre, por Dom Vicente Scherer. Sempre dedicado à educação, trabalhou em Bom Jesus como professor e Diretor do Ginásio local, fundador e Diretor da Escola Normal. A ele é dedicado o colégio estadual – “Colégio Frei Getúlio”. Faleceu em acidente automobilístico em 15.12.1968 na BR 116, perto de São Marcos e está sepultado no cemitério

municipal de Vacaria.



Figura 141 Prefeito Protásio Guazzelli, oficiais do 3º Batalhão Rodoviário, mais autoridades e povo, assistindo à Parada da Pátria, em 1964.



Figura 140 31.01.1945 — Bodas de Prata do sr. Dinarte Fernandes da Fonseca e D. Maria do Carmo (Miloca). Sentada, à esquerda - Ecléa, futura Dama do Estado; Iná. De pé, da esquerda: Clélia, Duglas, Célia, Lécia e Homero.



CRIAÇÃO DA FREGUESIA DE NOSSASENHORA DA OLIVEIRA

“Registro da Portaria de erecção de nova Freguezia no lugar chamado Vacaria destricto de Viamão com varias faculdades abaixo declaradas. D. Fr. Antonio do Desterro por merce de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Rio de Janeiro, e do Conselhode S. Mag. Fidelissima. Aos que a presente nossa Portariavirem saude, e benção em o Senhor, que de todos hé o verdadeiro remedio, e salvação. Fazemos saber que attendendo Nós ao que por parte dos moradores do Certão da Vacaria destricto de Viamão deste nosso Bispado nos foy representado que elles padecião a desconsolação de não terem Parocho, quelhes administrasseos Sacramentos, por ficarem em extraordinaria distancia para qualquer Freguezia, a que quizessem recorrer, e achando-se já bastantes estabelecidos com suas Famílias, e com esperança de que concorrão outros muitos para o dito Lugar, por ser este de grande extensão, e de sua natureza muito fertil, e produzir com abundancia todos os fructos da terra, pedindo-nos que para das suas Almas quizessemos erigir o dito lugar em Freguezia, concedendo-lhes licença para nelleno terreno, que se julgasse melhor e mais commodo para todos poderem fundar hua Igreja para Matriz com o titulo de N. Sra. da Oliveira, para a qual já tinham tirado seiscentos mil reis de esmola em dinheiro, e havia quem desse a Imagem de N. Sra. e todos os paramentos necessários para a celebração dos officios Divinos: e que outro si lhes mandassemos Sacerdote que houvesse de servir de seo Parocho, ao qual offerecião para sua sustentação a congrua annual de cento, e trinta milreis, a qual se obrigava por todos a satisfazer o Capitam Antonio Pinto Carneiro, como com effeito se obrigou por clareza, que nos foy apresentada, havemos por bem de erigir, como pela presente nossa Portaria erigimos o dito lugar da Vacaria em Freguezia, e concedemos aos seos moradores que possão erigir, e fundar hua Igreja para sua Matriz com a invocação pedida de N. Sra. Da Oliveyra no terreno, que assignar o novo Parocho, que nomearmos para a mesma Freguezia, ao qual concedemos licença para que emquanto não houver Igreja na referida Freguezia possa naquella perfeição, que hé precisa para nella se celebrar, possa



levantar Altar em parte decente, e nelle dizer Missa aos seos Freguezes, e administrar-lhestodos os Sacramentos: como tambem assignar lugar para cemiterio, e benzellopara sepultura dos corpos: e finda a Igreja que se fundar para Matriz, e posta naperfeição devida a poderá benzer na forma do Ritual o novo R. Parocho, ou o queentão existir, assim como poderá uzar das concessões acima qualquer que forprovido na referida nova Freguezia. E para constar será registrada esta nossaPortaria na Nossa Camera Eccleziastica,' e no Livro do Tombo, ou da Fabrica dadita Freguezia. Dada nesta Cidade do Rio de janeiro sob Nosso Signal, e Sello,aos20deDezembrade1768. RubricadeS. Exa. Rma. quedizBispo.”

(PORTARIAS eordens episcopais. Rio de janeiro, 1761-74. Livro 2, f. 120. Rio deJaneiro. Arquivo do Arcebispado).

CAPELA DESÃO BERNARDO

As terras ocupadas pela comunidade da Capela de São Bernardo, 3º distrito, outrora inteiramente cobertas de mata com predominância de pinheiros,pertenciam, em sua maioria, ao Major Bernardo Morais Duarte, doador do terreno para a construção da igreja e do cemitério.

Para que as terras pudessem ser loteadas e vendidas aos imigrantes italianos, o Major Bernardo doou mais duas colônias aos moradores do outro lado dorio Vieira, com a condição de abrirem uma picada até o local da capela. Esta, poriniciativa de Domingos Zafonato, pai de Antônio Zafonato, foi dedicada a SãoBernardo em homenagem ao Major Bernardo Duarte.

Para acesso à localidade pelos moradores do outro lado do rio Vieira, foiconstruída uma pinguela sobre o rio. Por ela, ia-se a Antônio Prado para consultas médicas, ao moinho, comércio. Por ela, fazia-se ainda ligação entre São Bernardo e Capão Alto e Guacho.

Em 1904, com o loteamento das terras do Major Bernardo, chegavam osprimeiros colonos: Leto Pagno, Felice Pagno, Fioravante Pagno, avô do atualFioravante Pagno, Ernesto Piroli, Francisco Pagno, Alexandre Armiliato, JoãoMagrin, Eugênio,

Carlos e Ângelo Baticini. Posteriormente, chegaram outros colonos.

Foi logo construída a primeira capela com tábuas falquejadas a machado.

No dia 20 de agosto de 1905, a igreja era solenemente inaugurada, sendo festeiro o sr. Manuel Laut, de Capão Alto, que andou de casa em casa, a cavalo, tocando tamborecantando, para angariar donativos.

Antes da inauguração da capela, a missa era celebrada em casa de Belisário Pelissari, pelos Padres Capuchinhos da Paróquia de Vacaria.

Em 1913, foi construída uma igreja maior. O sacerdote vinha a cavalo, permanecendo sempre dois dias na pequena localidade, realizando batizados, casamentos, primeira comunhão. Houve até uma missão, pregada pelos Padres Capuchinhos.

Por volta do ano de 1922, a comunidade passou a ser atendida pelos Padres do clero diocesano, vindos de Cuiabá, a princípio pelo Padre Mascarello, seguido do Pe. Rampe e Pe. Polesso. Cruzavam o rio das Antas de canoa, manobrada pelo canoeiro Máximo Parizoto, enquanto o cavalo passava o rio a nado.

Pouco tempo antes da criação da paróquia de São Manuel, à qual São Bernardo passou a pertencer, houve uma grande seca. O povo resolveu então realizar uma procissão com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, até o Grande Pinhal, da família Balardin. De retorno, os devotos foram surpreendidos pela chuva, devendo abrigar-se em casa de Pedro Corso, na qual mora hoje Zemiro Baticini.

Logo após a inauguração da primeira capela, apareceu um comerciante, na pessoa de João Verdi. Pouco depois, o segundo comerciante, Dengo Canabarra. O primeiro professor foi Alexandre Pato, que dava aula debaixo de uma cobertura de tábuas. O segundo professor foi Serrilho Borges Vieira, seguido de Sérgio Cristiano dos Santos, S. Cristino dos Santos, Patrício Machado de Moraes, Antônio Grande, Máximo Sucella e outros. Vítor Zen e Luís Francischini vieram reforçar o comércio. O primeiro moinho foi instalado por José Pieri junto do rio Pedras Brancas. O segundo moinho foi de João Michelin e seu irmão. O terceiro de Alberto Brezolin.

Na década de 1920, os colonos reuniram-se para tratar de

abertura de uma estrada carroçável dando acesso a São Marcos. Construída a estrada, foi mais tarde instalada uma balsa para travessia do rio das Antas.

A balsa possibilitou o transporte de madeira. Surgiu então a primeira fábrica de aduelas, de propriedade de João Verdi, Vítor Pagno e José Francischini. A seguir foram montadas algumas serrarias maiores, aumentando a economia da colônia.

Não tardaram a aparecer os primeiros vinhedos e uma cantina para fabricação de vinho, por iniciativa de um grupo de colonos, seguindo outra de propriedade de João Rech. O transporte dauva fazia-se em cargueiros.

De 1941 a 1944, foi construída a rodovia BR-2, atual BR-116. A maioria dos moradores passou a trabalhar na abertura da nova estrada. Esta fez com que a população se mudasse para junto da rodovia, seguindo o exemplo de Ricieri Ruaro.

Para a construção da nova igreja, formaram-se dois grupos, os Pagno e os Ruaro, ambos com pretensões sobre o local da nova capela. Para resolver o impasse, foi necessária a interferência de D. Frei Cândido Bampi, Bispo-Prelado de Vacaria, que decidiu fosse construída a igreja junto dos Ruaro e uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes na localidade dos Pagno.

Ricieri Ruaro e seu irmão doaram o terreno para a construção da igreja. A senhora Angelina Ruaro pretendia trocar a imagem de São Bernardo por uma de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Houve a troca, mas o povo se revoltou e mandou esculpir uma imagem maior de São Bernardo. Foram então realizadas três festas, com procissão, para substituição das imagens. Entretanto, choveu nos três dias, impedindo a procissão, acabando por ficar a primitiva imagem de São Bernardo. Ao lado da nova igreja, que já serviu de Matriz, foi construído um amplo e moderno salão e um colégio, onde funciona o Grupo Escolar Álvaro Laureano Brum. (A pessoa fonte para a confecção da História de São Bernardo foi o Sr. Antônio Armigliato).

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1	VACARIA na década de 1930, vendo-se à direita a casa de Mário Manso e a Prefeitura velha.....	14
Figura 2	VACARIA em 1917, vendo-se a Praça da Matriz fechada por cerca de arame para impedir entrada de animais.	18
Figura 3	José Maria da Fontoura Brito veio de Uruguai para Vacaria em 1881, tronco da numerosa família Fontoura Brito. A família Fontoura Brito conta com 16 gerais.	22
Figura 4	Major Daniel Ribeiro Martins, esteve na Guerra do Paraguai e teve cartório em Vacaria. Tronco da numerosa família Martins, de Vacaria.	22
Figura 5	Dr. Homero Guerreiro, filho de Sérgio Pilar Guerreiro, ao receber das mãos de Solano Borges a direção da Imprensa do Estado no governo do Cel. Euclides Triches, em 1965. Homero Guerreiro, vacariano, é um dos diretores do Jornal do Comércio, de Porto Alegre.	23
Figura 6	30.07.1970 - Bodas de Ouro de Teodoro de Sousa Duarte Sobrinho e Celina Lourenço Duarte, ambos de excelente saúde em 1978. Filhos: Dr. Dakir Lourenço Duarte, médico, Dr. Volmir, médico; Walday, fazendeiro do 4º Distrito, Ereni, casada com Petrônio Schüller, gerente do Banco do Brasil em S. Lourenço do Sul; Enilda, casada com o Dr. Otávio Silveira dos Santos,.....	24
Figura 7	CAÇADA DE PERDIÇÕES – 1938 – Vacaria foi durante muitos anos o paraíso dos caçadores. Da esquerda: Tenente Karan, Carlos Leonardelli (de Caxias do Sul), João Issler e João Leonardelli. Naquele tempo, codorna era passarinho. Só se caçava perdiz, isto é, perdigão.	28
Figura 8	CAÇADA DE VEADOS em 1920, realizada na Fazenda do Cel. Libório Rodrigues, Aparecem: Gustavo Rodrigues da Costa (sentado), sogro do Dr. André Carrazzoni, Cel. Virgílio Rodrigues (tomando chimarrão); Lucas Borges (1º da Esquerda), Subdelegado da	28
Figura 9	Nos rios de Vacaria havia outrora abundância de peixes. Aqui uma pescaria no rio Saltinho, realizada em 17-01-1926, por Adeodato Martins Paim e Otávio Rodrigues Paim.....	31
Figura 10	Pe. CAETANO S. BORGES CAON, Cura da Paróquia da Catedral, que dirige auxiliado pelos Padres Olímpio Pagnoncelli, Evaldo Petry, Ignácio Dalcin e Valdir Begnini.....	37
Figura 11	1898 — Fotografia histórica da I Comunhão realizada em Vacaria, pelo Vigário Pe. Mário Deluy. Da esquerda: Frank Bias dos Santos, Manuel Fontoura de Brito, José Fernandes de Oliveira, Romualdo Alves Paim, Ziegler.....	38
Figura 12	Fraternidade da Ordem Terceira de Vacaria, junto a Dom Frei Cândido Júlio Bampi, 1º Bispo Prelado de Vacaria.....	38



Figura 13Congresso Eucarístico de Vacaria (1947), vendo-se o Arcebispo Dom Vicente Scherer (hoje cardeal) junto ao trono do Santíssimo Sacramento.	39
Figura 14LIBÓRIO MARIANO PIMENTEL, filho de João Mariano Pimentel Filho, que fora raptado pelos índios em 1851. O Cel. Libório Pimentel, nascido em 1887, foi Prefeito de Lagoa Vermelha durante dez anos. Reside na mesma cidade.	45
Figura 15Dr. Luís de Freitas e Castro, Juiz de Direito nas décadas de 1910 - 1920	48
Figura 16INCÊNDIO DA RUA DO VINAGRE, no dia 10 de março de 1920, que destruiu quase toda a rua Ramiro Barcelos, mais conhecida por Rua do Vinagre, porque era naquela rua só que se conseguia vinagre, no armazém de Antônio Boamar. Vinagre somente apareceu em Vacaria, constituindo uma espécie de calçadão, preferido pela elite dasociedade e pelos namorados. As principais casas comerciais estavam estabelecidasnaquela rua.....	53
Figura 17Vacaria: Vista da Praça Gal. Daltro Filho recém construída pelo Prefeito Dorneles Filho - 1939.....	55
Figura 18JOSÉ DA FONTOURA BRITO, assassinado era 28-02-1894. É pai de Euclides Fontoura Brito, que possui a biblioteca jurídica do Dr. Cassiano Ricardo.	57
Figura 19A ELITE DE VACARIA NA DÉCADA DE 1910: Sentados, da esquerda para a direita: Cel. Virgílio Rodrigues, Aníbal Borges, escrivão, Laurindo Paim, filho de Avelino Paim, Acácio da Silva Ly, escrivão, falecido em 1931. Em pé, da esquerda: Fausto Viterbo de Oliveira (de guarda-chuva), Manuel da Fontoura Brito, NatalícioBueno, Nabor Moura de Azevedo, Abtino Lima, de chapéu branco, falecido em 1923.Da direita: Libório Rodrigues Filho (Liborinho), Gloroncinto Barcelos, Franklin BiasSantos, escrivão da Coletoria Federal, Natalício Borges e Bias Santos, irmão de Franklin.....	58
Figura 20ALÍPIO RAMIRO PORTO, Delegado de Polícia na década de 1920. Tomou parte ativa na Revolução de 1923, sob o comando do Gal. Firmino Paim Filho.....	60
Figura 21Carlos Scherechwiki 1º proprietário do Cinema Guarani.	71
Figura 22A ELITE DA SOCIEDADE DE VACARIA EM 1930. No centro, de mãos cruzadas, Prefeito Dr. Alfredo Borges dos Santos; a seu lado: Cel. Castelo Branco e Otávio Borges. Sentados, da esquerda: Amândio Fernandes Bueno, Romualdo Luís da Silva, Florêncio Borges Teixeira, Odorico Brando. Em pé: Lauvir Lacerda, Euclides da Fontoura Brito, Heitor Fernandes Borges, Dinarte Fernandes da Fonseca, Protásio Bueno, Lucídio Correia, Glorocinto Moraes, Diomar Santos, Glorocinto Barcelos Filho, Dr. Olívio Santos, etc.....	72
Figura 23D.Matilde Meireles Martins, esposa do Major Daniel Martins;	

acompanhou o marido na Guerra do Paraguai, como enfermeira. Tronco da grande família Martins, de Vacaria.	73
Figura 24CARLOS JORGE SCHULER. Um dos poucos troncos de origem alemã de Vacaria. Veio de São Leopoldo ainda no século passado, com 22 anos. Marceneiro, premiado na I Exposição de móveis de Porto Alegre. Casou em vacaria com Maria da Conceição Teixeira. Faleceu em 1942, com 82 anos. Teve 16 filhos, entre os quais: Luís Jacinto - prefeito e exator estadual; Edmundo - advogado, poeta, ednólogo... Durval, criador, livreiro, gráfico, fabricante de fogos de artifício. Antônio - Emília - Iolando (delegado de Polícia em Farroupilha). Percival - sargento do Exército e Funcionário Público. João Batista, Adelina e Amélia. A família Schuler é atualmente uma das mais numerosas e ilustres de Vacaria.	74
Figura 25Cinco Gerações: Sofia Kolerash, Emília, Olga K. Jacques, Alice Jacques Branco.....	75
Figura 271930: Catedral de Vacaria e antiga Casa Paroquial.....	78
Figura 2625.08.1919: Catedral de Vacaria em Construção.....	79
Figura 28Dom Frei Cândido J. Bampi, 1º Bispo Prelado (1936-67)	84
Figura 29Dom Augusto Petró, 1º Bispo Diocesano (1958-1964).	84
Figura 30Dom Henrique Gelaim, 2º Bispo Diocesano (1964 até o presente).	86
Figura 31Prefeito Avelino Paim Filho.	90
Figura 32Severiano Borges Pereira duas vezes Intendente de Vacaria ...	91
Figura 33Prefeito Avelino Paim Filho.	91
Figura 34 Bispo Dom Frei Cândido, Dr. Nicanor K. da Luz, Dr. Parcínio Borges Pinto, Frei Cosme Gradashi.	95
Figura 35REVOLUÇÃO DE 1923	98
Figura 36BATISTA LUSARDO visita Vacaria em 1921. Da sacada da casa do Cel. Libório Rodrigues, o caudilho maragato fala aos correligionários, na sua maioria fazendeiros vindos do interior, a cavalo, com sua tradicional capa branca e chapéu de aba larga. Alguns dos primeiros automóveis de Vacaria.	99
Figura 37O Caudilho Batista Lusardo em Caxias do Sul (o 2º sentado, da esq.)	99
Figura 381º Destacamento da coluna do Nordeste, em Curitiba, no dia 6 de novembro de 1930, em que aparecem: Cel. Virgílio Rodrigues (7º da 1ª fila da esquerda); 8º Octacílio Fernandes; 10º Cel. Castelo Branco; 6º Juvedino Santana, irmão do Vica; 9º Samuel Guazzelli Filho, pai do Gov. Sinval; 5º Emílio Carneiro Borges.	100
Figura 39Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, dirigida pelos Padres Capuchinhos. Suntuoso templo construído sob a direção do pároco Frei Roque Costella, projeto do engenheiro Elsieo Silva.....	104
Figura 40Frei Efrém, o capuchinho francês que deu arte e vida às pedras da catedral N. Sra. da Oliveira.....	108

Figura 41Troepeiro Osvaldo Guerreiro, com seus peões em São Leopoldo - 1935.	114
Figura 42JOSÉ OSÓRIO GUERREIRO, grande troepeiro de gado nas décadas de 1910 - 1930.	115
Figura 431929 — Sérgio Pilar Guerreiro, um dos maiores tropeiros e comerciantes de gado de Vacaria, e o filho Osvaldo Pioli Guerreiro, estudante do Rosário de Porto Alegre, hoje um dos principais pecuaristas de Vacaria.	115
Figura 441930 – Uma fazenda de Vacaria.	116
Figura 45TROPILHA DE CAVALOS “EM FORMA” de João Pereira Damasceno, avô do Dr. João Pereira Neto, advogado e político de Lagoa Vermelha.	116
Figura 46Assim trajavam os vacarianos na década de 1900 – Francelino Guerreiro Filho – 1905 – Intendente e um dos maiores pecuaristas de Vacaria.	117
Figura 47Até por volta de 1920, nos Campos de Vacaria só criava este tipo de gado comum, chamado “gado franqueiro”.	117
Figura 48Escola Normal São José — Formatura de normalistas, vendo-se, 2º sentada, Ecléa, futura esposa do Dr. Sinval Guazzelli, Governador do Estado.	129
Figura 491898 — ESCOLA MISTA DA SEDE — Profa. Rita Amandina dos Santos; atrás dela, em pé, estudante José Fernandes de Oliveira.	130
Figura 501967: Inauguração do edifício da Rádio Fátima. Diretor: Frei Nestor Ferronato.	134
Figura 51Jornalista e radialista Firmo Carneiro.	135
Figura 52Deputado Jarbas de Mello Lima, prestigioso advogado de Vacaria, no dia de sua despedida, entre o sr. Dinarte Fernandes da Fonseca e Dr. Manoel Vieira da Fonseca; Lindonez Alberto Perondi, ao lado do sr. Dinarte. 21-02-1975. O deputado Jarbas Lima, Presidente da Comissão de Finanças da Assembleia Legislativa, preocupa-se no desenvolvimento de Vacaria e da região.	136
Figura 531917 — O Republicano, 7 de março de 1917	137
Figura 541904 — O Independente, 16 de outubro de 1904	138
Figura 55O “Concordia”, 11 de fevereiro de 1922	139
Figura 56Jornal “A Pátria”, 3 de abril de 1921.	140
Figura 57O Martello, 27 de julho de 1913.	141
Figura 58O Tempo, 12 de outubro de 1915.	142
Figura 59O “Alfredo Chaves”, 11 de novembro de 1932	143
Figura 60O JORNAL “Rua do Vinagre”, 13 de março de 1954.	144
Figura 61Correio Vacariense, 29 de janeiro de 1978.	145
Figura 62A numerosa família do Dr. Clementino Wanderley, médico, proprietário da Casa de Saúde, em Vacaria.	150
Figura 63GRUPO DE INTEGRALISTAS DE VACARIA. No cento: Dr.	



Taufick Saadi, tendo à esquerda Elisiário Camargo Branco. Hortêncio Guerra. Antônio Lima. João Ramos.....	151
Figura 64Em Pé: Gastão Santos, Sr. Luís Varela, Caetano Moraes, Prof. Máximo Sussella. Sentados: Darci Dorneles, Orestes Santos, Dr. Ernani Erasmo Giuriolo, Fernando Anello, Fotógrafo.	153
Figura 65Dr. Atílio Giuriolo, médico (1870-14.11.1949)	157
Figura 66Hotel Popular de Afonso Delucchi, casado com D.Olga Gasparetto, filha do 1º Hoteleiro de Vacaria, José Gasparetto, que aparece à janela, de cabelo branco.	162
Figura 671921: Sede do Banco da Província - Vacaria.....	164
Figura 68Governador Sinval Guazzelli, quando entregava o troféu Banrisul ao Sr. Umberto Feruccio Campetti.	165
Figura 69FRIGORÍFICO VACARIENSE S.A. a maior indústria do Município, o maior frigorífico nacional do Rio Grande do Sul.....	169
Figura 70DANTE MONDADORI, proprietário da I Agência Chevrolet de Vacaria. Comerciante, músico, cantor, Dante Mondadori desempenhou papel importante em muitos setores da vida de Vacaria, auxiliando, principalmente na construção da Catedral.	170
Figura 71FAZENDA CABANHA SANTA TEREZA - de Normélio Rodrigues Paim & Filhos. Da esquerda para a direita: Dr. Getúlio Marcantônio, Secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul; Dr. Sinval Guazzelli, Governador do Estado; Cabanheiro Sr. Normélio Rodrigues Paim; Dr. Luiz Fernando Cirne Lima, ex-Ministro da Agricultura; Dr. Alimir Vieira Gonçalves, Presidente da FARSUL; Dr. Normélio G. Paim, Diretor Técnico da Cabanha Santa Teresa; Sr. Renato Barcelos, Patrão do CTG. Porteira do Rio Grande; demais convidados para a cerimônia de entrega dos troféus “Reinaldo Cherubini” e “Prof. Luiz Cirnel Lima” à Cabanha Santa Teresa, de Normélio Paim & Filhos, no dia 22-03-1975.....	172
Figura 72Marcação de gado – 1900.....	172
Figura 73 ESPORTE CLUBE BRASIL - 1929. Da esquerda: Dionísio Santos, Rodolfo Bueno, João Chedid, Manuel Vitorino de Camargo, Dorval, Plínio Bueno, Irineu Abreu, Moisés Chedid, Antônio Broglio, José Broglio e Olivério Schidt.	174
Figura 74Esporte Clube Brasil — 1943. Da esquerda à direita após a lauda: Britinho, Odilon Martins, Noel Marcantônio, Noli, Hortêncio Guerra, Camilo Marcantônio, Além Chedid.	175
Figura 75Esporte Clube Glória – Bicampeão - 1975	180
Figura 76Zebú-gil, de Sérgio Guerreiro, vendido em Novo Hamburgo - 1935	180
Figura 771928 — Antônio Prado — O Dr. Getúlio Vargas entre Francisco Marcantônio e Caetano Reginato. Aparecem ainda: Dr. Álvaro Barcelos Ferreira, Marcos Bocchese, Laurindo Paim, Antônio Bocchese, José De Lucchi e Abelardo Cavalcanti, Meninos: Cipriani e Pinotti.....	183

Figura 78	FRANCISCO GUERRA e sua família em 1915: Albina, esposa; filhos: Nair, casada com Jorge Praetorius; Piratinino; Maria Sueli, casada com Orlando Furtado; Hortêncio; cunhados: Regina e Antônio. Na foto falta Maria Cloé, ainda não nascida, casada com Danton Costa e Silva, filho do Promotor Público de Vacaria Dr. Brasileiro da Costa e Silva. Na Praça Daltro Filho foi erguida uma estátua a Francisco Guerra, com esta legenda: A Francisco Guerra, cuja vida foi uma lição e um exemplo de generosidade, altruísmo e desprendimento - a homenagem comovida e grata do povo de Vacaria — 1960.	183
Figura 79	FERNANDO ANELLO, o fotógrafo que escreveu a História de Vacaria em fotografias, de 1900 a 1970. Hoje ocupa o seu lugar Dino Pessi, que continua documentando a vida do Município. A maioria das fotos que ilustram este livro foram tiradas por Fernando Anello, que faleceu em 13.12.1972.....	185
Figura 80	1922 – D. Luísa Anello, esposa do fotógrafo Fernando Laporta Anello.	185
Figura 81	Dr. Sinval Guazzelli e D.Ecléia Fernandes, no dia do seu casamento 18-05-1952.....	186
Figura 82	As mulheres de Vacaria sabem andar a cavalo: Maria Marin, Alzira Brito Boschi e Filomena Brandão.	197
Figura 83	Cena do Rodeio Internacional.....	197
Figura 84	Ceni, Areta e Iná, filhas do Dr. Brasileiro da costa e Silva, Promotor Público de Vacaria em 1921.	200
Figura 85	Dr. Brasileiro da costa e Silva, Promotor Público de Vacaria na década de 1920.....	202
Figura 86	Figura 86 1938: Esposas de oficiais do Batalhão de Sapadores.	207
Figura 88	1937 — OFICIAIS DO EXÉRCITO EM VACARIA, hoje no posto de coronel ou general, quase todos casados com vacarianas. Sentados: Valdemar Colaço Veras, Luís de Figueiredo Lobo, Henrique de Azevedo Futuro (Comandante), Henrique C. Ferreira e Luís de Paula Pessoa. De pé, fila do meio: Ten. Bentes, Ten. Esquerdo, Luís Inácio Freire de Paula, Eduardo Goldes, Euclides Góis Garrido, Ten. Morgante, Américo Brasil. Na 1ª fila: José Pereira, Ten. Leitão, José Monteiro, H.W. Fernandes de Sousa, Ilídio de Arapele Macedo.....	207
Figura 87	Governador Walter Jobim em Vacaria. Da direita: Prefeito Luís Schüler, Prof. José Fernandes de Oliveira, Dr. Porcínio Pinto, Dr. Alceu Silva, Promotor, e Capitão Pereira, do 3º Batalhão Rodoviário.....	207
Figura 89	TIRO DE GUERRA N° 404 — na década de 1910 vendo-se, a cavalo, o Instrutor Experição Xavier de Azambuja; na última fila, de saia preta, D.Emília Duarte (Miloca), futura sogra do Dr. Sinval Guazzelli.	208
Figura 90	PRAÇA DA MATRIZ — Vacaria — 1930 - Tiro de guerra n° 404, instrutor Sargento Moacir Lacerda da Cruz Machado.	208

Figura 91Dr. Sátiro Dorneles de Oliveira Filho dinâmico Prefeito - 1938 — 1945.	212
Figura 92Dr. Enero Mezzari, atual Prefeito de Vacaria.	214
Figura 93Dep.Caetano Peruchin Vice-Prefeito.	214
Figura 945 de setembro de 1912: Vacaria durante a nevada.	217
Figura 95Uniforme das Cavalhadas nos festejos do Centenário de Vacaria: 03.12.1950.	221
Figura 961890 — Cristina Brando e Joana Brando, esta mãe do sr. Pedro Borges dos Santos, Capela de São Pedro — Vacaria.	223
Figura 97Luís Teixeira Pinto e Maria Martins, tronco de numerosa família de Coxilha Grande - Vacaria, década de 1880.	223
Figura 981931: Julieta Guerreiro, Adelina Schüller, Felisberta Borges Pereira.	224
Figura 991880 – Ana Rodrigues, esposa de José Luis Rodrigues.	224
Figura 100Pepita Martins Paim – 03.11.1915 – 03.11.1915.	225
Figura 101FRANCISCO GUERRA e esposa no dia do casamento da filha Maria Cloé com Danton da Costa e Silva, filho do Promotor Público de Vacaria, a esquerda. D. Julieta, mãe de Danton, 26-10-1951.	225
Figura 102Maria do Carmo Rolim aos 13 anos.	226
Figura 103Sebastiana Meireles Martins.	226
Figura 104Sentada: Azélia Guazzelli à direita: Ubaldina Furtado à esquerda: Nenê Martins Rodrigues (Matilde).	227
Figura 105Maria Teles de Souza: 13.04.1907.	227
Figura 1071918 — filhas do 1º hoteleiro de Vacaria, José Gasparetto: Olga (sentada), da esquerda: Itália, Cláudia e Angelina.	228
Figura 108Família de Antônio Inácio dos Santos - Capela da Luz - 1915.	233
Figura 109Dona Juventina Morena de Oliveira com dois filhos e dois netos - Severiano e Clori.	233
Figura 110Festa de São Pedro – Coxilha Grande.	235
Figura 111Corridas de Cavalhadas, na Capela São Pedro, em 30 de julho de 1919.	236
Figura 112No salão da União Operária de Mútuo Socorro realizavam-se as maiores festas sociais, carnavalescas e tradicionalistas nas décadas de 1930 — 1950.	238
Figura 1131950 – Pe.Frei Pacífico, atrás dele: Dr. Cássio da Costa; ao centro, D. Maria Benta Batalha e esposo José Camargo Batalha.	241
Figura 114Time de futebol formado por 11 irmãos, os Irmãos Silva, do Distrito de Esteira - Vacaria - 1962.	245
Figura 115Capela nova em construção — Capela Nossa Senhora da Luz - Esteira.	246
Figura 116Cel. Libório Antônio Rodrigues, proprietário da Fazenda da Estrela, Presidente da Comissão de construção da Catedral, Presidente do	

Partido Federalista e Libertador.	251
Figura 117Eneildo Brollo, primeiro colonizador italiano de Segredo.	256
Figura 118Primeira casa na Vila Segredo, de Giuseppe Righez.	256
Figura 119SEGREDO – 1928 – Carreta de Adolso Corso, uma das primeiras de Segredo.	257
Figura 120Homenagem típica de Segredo ao Vigário Frei Lucas Bassani.	257
Figura 121Igreja matriz de Segredo, em dia de festa.	258
Figura 122Torneio de laço – Patrão Euclides da Costa Ferreira – Vila Segredo.	258
Figura 123Moisés Mondadori, com sua gaita a ponto, com que fez as primeiras gravações de músicas em discos no Rio Grande do Sul em 1914, na Casa “A Elétrica” de Porto Alegre.	264
Figura 124Festa de São Sebastião em Vila Ipê na década de 1920.	264
Figura 125Grupo Escolar “São Luiz” — 1937 — Vila Ipê — Professoras: Adalgisa Boeckel — Aurora Brito — Heloisa Ferreira — Elvira L. Barcelos — Diretora: Maria Dic. Subtil.	265
Figura 126Vista Central de Vila Ipê, destacando-se, a partir do alto: Ginásio de esportes, Seminário, Escola N.Sra. Auxiliadora, mais no centro: Ginásio Estadual e Cooperativa Mista.	265
Figura 1271978: Seminário Seráfico Nossa Senhora de Fátima.	266
Figura 128Campestre 01.10.1972 - instalação da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora e posse do Vigário Cônego Luiz M. Lovatel, pelo bispo D.Henrique Gelain, acompanhado pelo Pe. Olímpio Pagnoncelli.	271
Figura 129MUITOS CAPÕES — 19 de março de 1933 — Visita do Arcebispo D.João Becker, ao lado do Pe. Vicente Scherer, futuro Cardeal de Porto Alegre. A esquerda, de perfil: Claro João Pereira, escrivão; Pedro Nery dos Santos, segurando a fita à direita; Manuel Inácio Gomes, 1º juiz distrital e comerciante de Muitos Capões, segurando a fita à esquerda.	274
Figura 130MUITOS CAPÕES — 06.02.1915 — Casamento de Pedro Nery dos Santos com a prof. ^a Guilhermina Hoffmann Godinho. Conforme costume da época o noivo aparece a cavalo, vestido de capa branca e guarda-sol.	275
Figura 1311910 - Delfino Nery dos Santos, esposa Brandina Maria e filhos Dinarte e Álvaro. Uma das famílias pioneiras de Muitos Capões.	276
Figura 132Uma bela Família de Muitos Capões — André Hoffmann Godinho, esposa D.Amália D'Ávila Godinho e filhos -1968.	276
Figura 133MUITOS CAPÕES — 1939 — inauguração da Usina Hidroelétrica. Da esquerda: André Hoffmann Godinho, Dorival Roveda, eletricitista Clemente Pozzolo, Bento Teles de Abreu, Dr. Albino Zanella, D.Cândido, Antônio Gomes, Dr.Lupi, Dr. Eugênio Dias, Ramiro Hoffmann Godinho, Dinarte Neri dos Santos, Prefeito Sátiro Dorneles, João Lino Guagnini, Dr. Adão Viana e Pedro Guanini, farmacêutico.	277

Figura 134Governador Walter Jobim em Muitos Capões - Prefeito Luiz Scüller (sentado), Fidelcino Borges Nery (de óculos escuros).	278
Figura 135ESCOLA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO de Vista Alegre, hoje Ituí – 04.05.1928, professores: Daniel Castro Fortuna e esposa D.Vitória Fortuna.	280
Figura 136INAUGURAÇÃO DOS SERVIÇOS TELEFÔNICOS EM VACARIA 31-10-1947. D.Cândido, ao lado do Sr. Lucídio Corrêa e demais funcionários da Companhia Telefônica Riograndense. Frei Geraldo, Vigário Geral.....	281
Figura 137 INAUGURAÇÃO DO BANCO DO BRASIL — 10.03.1942 - Sentado à mesa: Floriano Gois, agente. Em pé, da esquerda: Contador, Américo Raul da Cunha Cerqueira, 2º, Jacinto Schüller, Casemiro Arpini e outros funcionários.	287
Figura 138Octacílio Rech, ex-Prefeito de Vacaria e candidato a Deputado Estadual em 1978.....	289
Figura 139Getúlio Marcantônio, Secretário da Agricultura do RS.	290
Figura 14023.07.1955 — Momento histórico para Vacaria: Assinatura da solução da questão do Pinhal, 10º Distrito, após 73 anos de trabalho, pelo Vice-Prefeito em exercício, Sr. Dinarte Fernandes da Fonseca, que aparece ao lado do Dr. Orlando Carlos da Cunha, Secretário da Agricultura, Juarez Pereira Luís, Álvaro Ingenfrig e Júlio Castilho de Azevedo, Empresário da Rodoviária.	292
Figura 14231.01.1945 — Bodas de Prata do sr. Dinarte Fernandes da Fonseca e D.Maria do Carmo (Miloca). Sentada, à esquerda - Ecléa, futura Dama do Estado; Iná. De pé, da esquerda: Clélia, Duglas, Célia, Lécia e Homero.....	296
Figura 141Prefeito Protásio Guazzelli, oficiais do 3º Batalhão Rodoviário, mais autoridades e povo, assistindo à Parada da Pátria, em 1964.	296
Figura 143O Imparcial, 12 de julho de 1915.....	311
Figura 144Imagem da Padroeira de Vacaria, Nossa Senhora da Oliveira, encontrada em 8/9/1971, por um escravo na Fazenda da família Inácia Vieira.	312
Figura 145MARAGATOS DE VACARIA NA REVOLUÇÃO DO TRINTA 313	
Figura 14610-03-1942 — Inauguração do Banco do Brasil, vendo-se ao centro o Prefeito Dorneles Filho e o 1º à direita, Casemiro Arpini, 1ª agente do Banco em Vacaria.	313
Figura 147PROFESSORES DO GRUPO ESCOLAR DE VACARIA - década de 1930.....	314
Figura 148NARCISO MACCARI, forte comerciante da Extrema, nas décadas de 1910 a 1930, foi um dos pioneiros do automóvel em Vacaria.	315
Figura 149LUCIANO CORRÊA e esposa D.Maria de Oliveira Santos Corrêa, vulto proeminente de Vacaria, agrimensor, comerciante, Suplente	

do Juizado Municipal em 1938, nomeado pelo Des. Sisínio Bastos; candidato a Prefeito pela coligação PL-PRP -PSD e PTB, várias vezes presidente do diretório municipal do Partido Libertador, várias vezes presidente da União Operária de Mútuo Socorro; recebeu em sua casa os políticos: Dr. Assis Brasil, Raul Pilla, Carlos Lacerda, Mem de Sá, Coelho de Sousa, Wilson Vargas e Pedro Simon. Seus filhos, todos formados em cursos superiores: José, Clóvis, Clódio e Luiz Carlos. Após haver fornecido precioso material para este livro, faleceu em 11-06-1978. 315

Figura 150General Firmino Pai Filho.....316





Figura 142O Imparcial, 12 de julho de 1915.



Figura 143 Imagem da Padroeira de Vacaria, Nossa Senhora da Oliveira, encontrada em 8/9/1971, por um escravo na Fazenda da família Inácia Vieira.



Figura 144MARAGATOS DE VACARIA NA REVOLUÇÃO DO TRINTA

Foto batida em Curitiba no dia 8 de novembro de 1930.

No centro, de chapéu, sentado: Major João Borges. Ao lado, de óculos: Capitão Geminiano. Outro lado: Cel. Emílio Carneiro Borges (Quitito)



Figura 14510-03-1942 — Inauguração do Banco do Brasil, vendo-se ao centro o Prefeito Dorneles Filho e o 1º à direita, Casemiro Arpini, 1ª agente do Banco em Vacaria.





Figura 146 PROFESSORES DO GRUPO ESCOLAR DE VACARIA - década de 1930.

Ao alto Prof. Fernandes de Oliveira. I fila da esquerda: Edith Chagas (diretora), Adélia Veppo, Luci Amaral dos Santos, Leda Broglio, Alice Camargo Dorneles, Amélia Azambuja Boamar, Severina Broglio...





Figura 147 NARCISO MACCARI, forte comerciante da Extrema, nas décadas de 1910 a 1930, foi um dos pioneiros do automóvel em Vacaria.



Figura 148 LUCIANO CORRÊA e esposa D. Maria de Oliveira Santos Corrêa, vulto proeminente de Vacaria, agrimensor, comerciante, Suplente do Juizado Municipal em 1938, nomeado pelo Des. Sisínio Bastos; candidato a Prefeito pela coligação PL-PRP -PSD e PTB, várias vezes presidente do diretório municipal do Partido Libertador, várias vezes presidente da União Operária de Mútuo Socorro; recebeu em sua casa os políticos: Dr. Assis Brasil, Raul Pilla, Carlos Lacerda, Mem de Sá, Coelho de Sousa, Wilson Vargas e Pedro Simon. Seus filhos, todos formados em cursos superiores: José, Clóvis, Clódio e Luiz Carlos. Após haver fornecido precioso material para este livro, faleceu em 11-06-1978.





Figura 149 General Firmino Pai Filho

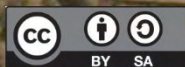


Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Arquivos da Prefeitura Municipal de Vacaria, da Cúria Diocesana, das Paróquias, dos Cartórios. Historiadores que forneceram dados: Dante de Laytano, Arthur Ferreira Filho, Sérgio da Costa Franco, Nívio Castellano, Mário Gardelin, Demétrio Dias de Moraes, Waldemar Luiz de Holleben, aos quais agradecemos.

Agradecemos ainda às pessoas que nos auxiliaram fornecendo dados, informações, material e fotografias, especialmente a: Lucídio Correia, Euclides da Fontoura Brito, Casemiro Arpini, Sesóstres Campos dos Santos, Cônego Luiz Lovatel, Pe. Frei Casimiro Zafonato, Pe. Frei Elói Rossetti, Pe. Evaldo Petry, Pe. Caetano Caon, Lauro de Oliveira Roveda, Flora Anello de Lemos, que nos cedeu todo o arquivo fotográfico do seu pai, o fotógrafo Fernando Anello, fotógrafo Dino Pessi, fotógrafo Rigotti, Maria Marin Subtil, Sebastião Kneipp Ramos, Maria Guerreiro Pinto, José Cláudio Righez, Maria Filomena Righez, Percival Teixeira Schüler, Ari Alves de Lima, Guilhermina Hoffmann dos Santos, Dinarte Nery dos Santos, Aldobrandino Dal Alba, Crescêndio Ferreira e filha Alaíde Amarante, Olga Gasparetto Delucchi, Rodolfo Bueno, Osvaldo Pioli Guerreiro, família de Oreste Broglio, Octacílio Rech, Miguel Ângelo Letti, Diva Pinto Guerreiro, João Mondadori, Dinarte Fernandes da Fonseca, Dr. José Walter Dolzan, Sueli Silva, Lenira Kramer Pinto, Prefeito Dr. Enore Mezzari e funcionários da Prefeitura, Bispo D. Henrique Gelain e funcionários da Cúria Diocesana, Nelson Trentin, Eugênio A. Marques, Idalécio Vitter Moreira, Gastão dos Santos, Pe. Geremias Urió, José Luiz Iteín e Dr. João Alfredo Acauã.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



978-85-8326-060-8